

# RC

Revista de Cultura  
Review of Culture

International Edition 75

Edição Internacional 2024



INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau











**REVISTA DE CULTURA · REVIEW OF CULTURE**  
**Edição Internacional · International Edition 75**  
**2024**

**EDIÇÃO**  
**Publisher**

INSTITUTO CULTURAL  
DO GOVERNO DA REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU  
Cultural Affairs Bureau  
Government of the Macao Special Administrative Region  
Praça do Tap Seac, Edifício do Instituto Cultural, Macau, China  
Tel: (853) 2836 6866  
Website: www.icm.gov.mo

**DIRECÇÃO EDITORIAL**  
**Editorial Director**

Leong Wai Man

**EDITOR PRINCIPAL**  
**Chief Editor**

Lam Iok Fong, Agnes  
Lam Weng Na

**EDITOR CONSULTIVO**  
**Consulting Editor**

Paul A. Van Dyke

**CONSELHO EDITORIAL**  
**Editorial Board**

Ana Margarida Nunes  
Glenn Timmermans  
Mário Pinharanda-Nunes  
Tim Simpson

**EDITOR EXECUTIVO**  
**Executive Editor**

Wong Hio Iong, Aléxis

**REVISÃO DE TEXTO**  
**Proofreading**

Lei Chi Fong, Tony  
Xie Han Yu, Luís

**DIRECTOR DE ARTE**  
**Art Editor**

Lou Heng Ian, Natalie

**SECRETARIADO EDITORIAL**  
**Editorial Secretary**

Lei Tan Tong, Kose

**REDACÇÃO E SECRETARIADO**  
**Editorial Office**

CENTRO DE ESTUDOS DE MACAU, UNIVERSIDADE DE MACAU  
Centre for Macau Studies, University of Macau  
Sala G025, Edifício Cultural (E34), Universidade de Macau  
Avenida da Universidade, Taipa, Macau, China  
Tel: (853) 8822 8131  
(853) 8822 8130  
Fax: (853) 2886 0009  
Website: cms.um.edu.mo  
Email: cms.rc@um.edu.mo

**IMPRESSÃO**  
**Printed by**

Tipografia Welfare Lda.  
ISSN 1682-1106  
eISSN 3006-4880 (PDF)

**PREÇO**

**Price**  
MOP 150

**RC**  
Revista de Cultura

é uma revista académica comprometida com a troca de opiniões e diferentes pontos de vista no que concerne à história e à cultura de Macau. Fundada em 1987, a RC incentiva os estudos nesta área, ao mesmo tempo que examina o profundo impacto das características tradicionais chinesas e explora a singularidade de Macau, região onde se funde a cultura chinesa e a ocidental, com o objectivo final de promover o intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente.

A RC recebe diversas contribuições e as opiniões e posições defendidas e expressas nos artigos, são da inteira responsabilidade dos autores e não se podem confundir com a diversidade e o pluralismo da linha editorial da RC nem tão pouco reflectem a perspectiva da revista ou dos seus membros.

Recomendamos que os leitores consultem ambas as edições, a chinesa e a internacional, pois cobrem uma ampla variedade de tópicos com artigos distintos.

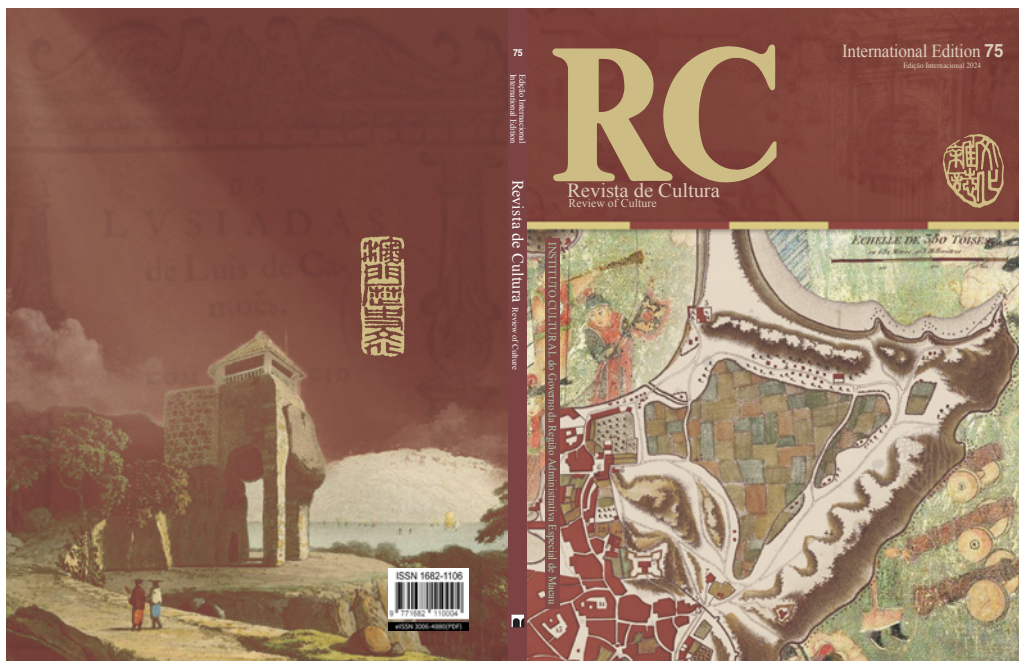
**RC**  
Revista de Cultura

is an academic journal committed to exchanging views and opinions in relation to history and culture. Founded in 1987, *RC* has been encouraging the studies on the history and culture of Macao, while also examining the profound impact of traditional Chinese culture and exploring the uniqueness of Macao and its history in the compatibility of Chinese and Western cultures, with the ultimate goal to promote the interchange between the East and the West.

*RC* welcomes contributions from different perspectives for the purpose of academic exchange. Opinions expressed in the articles belong to the authors and do not represent the point of view of *RC*.

*RC* is published in Chinese and International editions which cover a wide variety of topics. We highly recommend both editions to you for both reference and collection purposes.





Design da capa/Cover design by Lou Heng Ian, Natalie

O presente número inicia com dois artigos dedicados ao meio milénio do nascimento de Luís de Camões. A primeira investigação recai na influência intemporal da epopeia camonianiana, revelando a sua posição única na literatura portuguesa e a sua reinterpretação ao longo dos séculos. A segunda destaca o significado do Jardim e da Gruta de Camões na Macau do século XVIII, mostrando a sua posição como um marco cultural, através dos relatos de viajantes estrangeiros. No campo historiográfico são abordados múltiplos aspectos da história, da cultura e da sociedade de Macau que oferecem diversas perspectivas de interpretação. São apresentados temas como a Fundação de Canhões de Bocarro, um falso 'Príncipe de Macau' na França do século XVIII e a importância para a navegação da Wuzhudao e do Wuzhuyang. No capítulo seguinte, apresenta-se uma análise crítica sobre algumas propostas de planeamento urbano que não chegaram a ser construídas em Macau, sugerindo narrativas alternativas e possibilidades futuras de desenvolvimento urbano. A concluir a RCI, é elaborada a recensão do livro *Contos de Ou Mun* de António Correia.

The current issue starts with two articles dedicated to the half millennium of the birth of Luís de Camões. The first article explores the timeless influence of Camonian epic, revealing its unique position within Portuguese literature and its reinterpretation across centuries. The second one highlights the significance of the Camões Garden and Grotto in 18<sup>th</sup>-century Macao, demonstrating its position as a cultural landmark through foreign travellers' accounts. The second column delves into multiple aspects of Macao's rich history, culture, and society, offering diverse insights through historical, geographical, and ethnographic studies. Topics such as the Bocarro Cannon Foundry, a faked 'Prince of Macao' in 18<sup>th</sup>-century France, and the navigational significance of the Wuzhu Island and Wuzhu Sea are presented. In the field of architecture, a critical review of unbuilt urban planning proposals in Macao, suggesting alternative histories and future possibilities for urban development is presented. Concluding this issue with a book review on *Contos de Ou Mun* by António Correia.



# SUMÁRIO

## Contents



### MEIO MILÉNIO DE CAMÕES · HALF MILLENNIUM OF CAMÕES

- 06 SOBREVIDAS DA EPOPEIA CAMONIANA  
賈梅士史詩的存續  
Helena Carvalhão Buescu
- 18 DESCRIÇÕES E ICONOGRAFIA DO JARDIM E GRUTA DE CAMÕES NO SÉCULO XVIII  
18世紀賈梅士公園及洞穴的記述及圖像  
João F. O. Botas

### HISTORIOGRAFIA · HISTORIOGRAPHY

- 36 REVISITING THE BOCARRO CANNON FOUNDRY IN MACAO  
澳門博卡羅鑄炮廠再探析  
Geoffrey C. Gunn
- 58 'RODOLFO, DEO GRATIAS PRINCEPS AD MACAO': A FAKED PRINCE OF MACAO IN 18<sup>TH</sup>-CENTURY FRANCE  
'RODOLFO, DEO GRATIAS PRINCEPS AD MACAO': 十八世紀法國的一位假冒澳門王子  
Ivo Carneiro de Sousa
- 72 JAIME CORREA DO INSO, PORTUGUÊS, MILITAR, VIAJANTE E ORIENTALISTA, NOS INÍCIOS DO SÉC. XX  
JAIME CORREA DO INSO——20世紀初的葡萄牙人、軍人、旅行家兼東方學家  
Anabela Nunes Monteiro

### GEOGRAFIA · GEOGRAPHY

- 92 NEAR THE GREATER BAY AREA: THE WUZHU SEA 烏豬洋 AND WUZHU ISLAND 烏豬洲 (PULAU BABI)  
IN CHINESE AND PORTUGUESE SOURCES (C. 1400–1600)  
大灣區鄰近海域研究：約 1400至1600 年間中葡文獻中的烏豬洋和烏豬洲 (PULAU BABI)  
Roderich Ptak

### ARQUITECTURA · ARCHITECTURE

- 126 UNBUILT MACAO — A BRIEF HISTORY OF UNREALISED URBAN PLANNING PROPOSALS FOR MACAO  
尚未建構的澳門——未落實的澳門城市規劃提案簡史  
Thomas Daniell

### RECENSÃO · BOOK REVIEW

- 144 *CONTOS DE OU MUN* DE ANTÓNIO CORREIA  
郭棟樑著《澳門故事》書評  
Jorge Bruxo, Lurdes Escalera

### 162 RESUMOS

### 164 ABSTRACTS

### 168 CONVITE À SUBMISSÃO DE ARTIGOS

### 169 CALL FOR PAPERS









# Sobrevidas da Epopeia Camoniana

HELENA CARVALHÃO BUESCU\*

**RESUMO:** A epopeia camoniana revela um poder de atracção, quer centrípeto quer centrífugo, sem igual dentro da literatura portuguesa. Para ela convergem inúmeras experiências literárias, nomeadamente subsequentes à sua publicação, em 1572, sendo notável a sua capacidade de ser objecto de reapropriações, reescritas, e mesmo paródias. Este artigo ocupa-se de algumas instâncias dessa sobrevida histórica e simbólica do poema épico camoniano, dentro da literatura portuguesa, caracterizando-o como um caso único no quadro de uma longa história da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Os Lusíadas*; Luís de Camões; Modelo épico; Sobrevida; Cânone.

Esta reflexão em torno de Luís de Camões e a epopeia *Os Lusíadas* será o conceito de ‘sobrevida’ (*Überleben*), tal como o filósofo Walter Benjamin o elaborou. Benjamin pensou este conceito a propósito da actividade da tradução, e das transformações e apropriações que ela torna possíveis. Usou-o nomeadamente para contrariar a versão comum da tradução como ‘traição’ e como ‘perda’, portanto de algo que representaria uma falta e uma versão degenerativa de um ‘original’ que nunca poderia ser melhorado, nem mesmo igualado. Através do conceito de sobrevida, Walter Benjamin muito simplesmente apontava para algo extremamente significativo: existem obras que (pela tradução, mas também por outros procedimentos, aliás muito variados, como por exemplo as apropriações e as reescritas) fabricam a sua própria sobrevida, vencendo assim o tempo do imediatismo a que estavam ligadas

pela sua publicação original. Esta sobrevida (a que também podemos chamar transtemporalidade) assegura a certas obras a capacidade de vencer as amarras do tempo, lançando-as em direcção a um tempo longo que é aquele em que a sua memória e as transformações que ela permite perdurarão. É esta a sobrevida que aqui evocarei relativamente ao texto que, na literatura portuguesa, melhor a convoca e manifesta: *Os Lusíadas*. O facto de a epopeia camoniana ser o lugar geométrico de toda a literatura portuguesa (para trás da sua publicação, como depois dela, e até hoje) tem um valor e tem consequências que fazem parte da sua consideração textual e poética, ao mesmo tempo que prolongam a sombra (ou as diversas sombras) que projecta sobre autores posteriores como Padre António Vieira, Almeida Garrett, Antero de Quental, Cesário Verde, Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa, António Lobo

\* Helena Carvalhão Buescu é professora catedrática de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Europaea.

Helena Carvalhão Buescu is a professor of Comparative Literature at the School of Arts and Humanities, University of Lisbon. She is a member of the Lisbon Academy of Sciences and the Academia Europaea.



Antunes ou Gonçalves M. Tavares — para mencionar apenas alguns.

Isto desde logo tem de significar a importância simbólica que a epopeia camoniana assume na nossa percepção, hoje, do que é a história de Portugal e a literatura portuguesa. Por essa razão, temos ainda de sublinhar o facto de que estas representam um acesso ‘mediado’ ao passado, reconhecendo nele uma alteridade constitutiva. Por esta razão, impõe-se recuperar a ideia de perda de que antes falava, embora transformando a conotação negativa que usualmente tem numa conotação histórica cuja dignidade deve ser sublinhada. Na verdade, a ideia de ‘perda’, que Paul Ricoeur<sup>1</sup> sublinha como elemento constitutivo do carácter passado do passado, deve também ser reconhecida como algo que funda as diferentes formas sob que história e literatura se relacionam com o que, sendo passado histórico (isto é, sedimentado enquanto fenómeno histórico), é trazido pelo discurso para o presente da escrita e da leitura. Não espanta, pois, que específicas formas de idealização e (ou) nostalgia assombrem igualmente muito em especial várias representações literárias do passado histórico, tornando mais visível a forma como elas se perderam.

Ora, é precisamente isto que ocorre com *Os Lusíadas* e a forma como as suas sombras se prolongam até ao presente, representando outras tantas densidades históricas que nenhum outro texto como ele, em português, consegue alcançar. A epopeia *Os Lusíadas* tem de ser considerada, neste contexto, como o lugar geométrico em que a história de Portugal é condensada, interrogada e também profeticamente concebida. Na realidade, o texto camoniano é um dos altos lugares da nossa memória histórica, inscrita na literatura. Não é, pois, possível deixar de reservar a este texto o reconhecimento de um papel especial do ponto de vista quer literário quer histórico. Não apenas por aquilo que ele é, enquanto texto, e enquanto ‘lugar

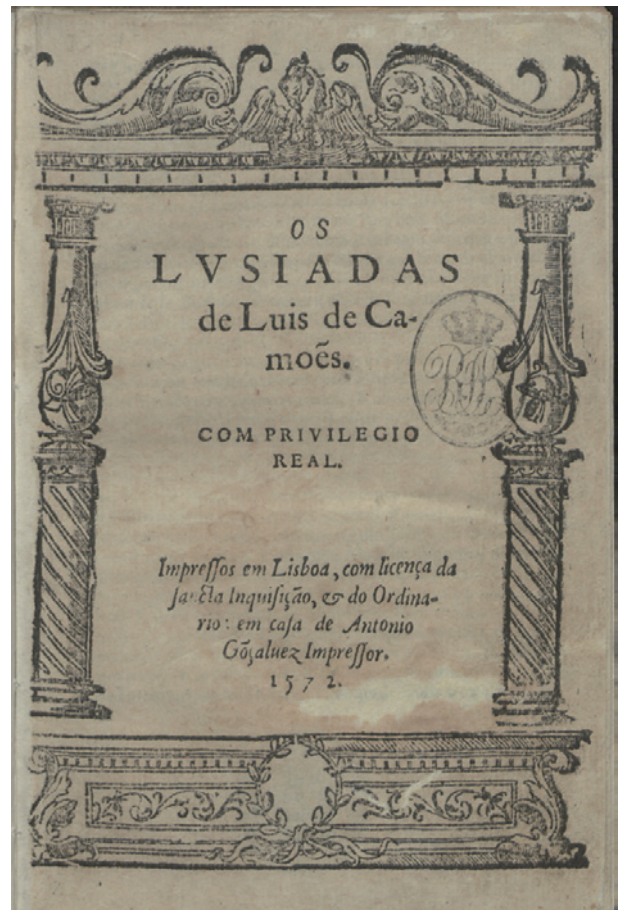


Fig. 1: Frontispício da edição de 1572 de *Os Lusíadas*. Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Os\\_Lusíadas.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Os_Lusíadas.jpg)

de memória’ (Pierre Nora) de um conjunto de saberes extraordinário, espécie de ‘*summa*’ que, na realidade, encontra no texto de Dante, *A Divina Comédia*, o seu modelo medieval: organização dos discursos e dos saberes históricos do mundo. Não apenas pelas inúmeras dimensões especificamente históricas que *Os Lusíadas* reflectem e que manifestam, e de que daremos como exemplo paradigmático o imaginário guerreiro e cavaleiresco que transporta a memória da fundação da nação para a escrita da expansão além-mar. Mas também pelas razões de *memória literária* que implicam que o texto camoniano constitui, desde a sua publicação, o lugar geométrico para que converge, de variadíssimas maneiras e com



## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

diversíssimas tonalidades axiológicas e de avaliação histórica, toda a história dos textos e das instituições literárias em Portugal e em português. Sejam claros. Uma forma inigualável (de facto inigualável) que *Os Lusíadas* têm de reflectir a história e serem eles mesmos história é o modo como representam o marco em função do qual nada do que virá ‘depois’ deles poderá ignorar que eles ali estão. *Os Lusíadas* são talvez o melhor exemplo, em Portugal, de algo que fica inscrito para que, depois dele, todos saibam que vêm *depois dele*.

Esta ‘sobrevida’ é uma condição transversal à história da nossa literatura e pontua o recurso a frequentes remissões para episódios, elementos e características que eles mobilizam. Para quem for lendo estas observações, terá já ficado clara a forma como nessa epopeia convergem ansiedades e expectativas anteriores, que brevemente recordaremos, e como dela partem as linhas de força que, de uma forma ou de outra, estruturam toda a literatura posterior — mas também muita da reflexão histórica posterior. No presente ensaio, destinado em primeira instância à memória de *Os Lusíadas* e à forma como a história de Portugal nela narrada ocupa lugar central, bem como à minha leitura, mais pessoal, do poema, sublinharei a forma como aquilo que a epopeia camoniana faz com a história de Portugal nela recontada ‘transita’ para os séculos seguintes, sofrendo alterações várias que, por isso mesmo, a transportam até ao nosso presente. Isto corresponde à convicção de que um dos modos de inscrição na história consiste não apenas na possibilidade de representar discursivamente o passado, o que muita da literatura conscientemente faz, mas também na capacidade que alguns textos, como *Os Lusíadas*, têm de se manifestarem eles mesmos como objectos históricos.

Assim, mesmo se naturalmente damos alguma atenção à forma como a epopeia de Camões reflecte uma narrativa ‘historiográfico-literária’ que

configura alguns dos episódios mais conhecidos da nossa história (caso paradigmático do episódio de Inês de Castro), darei particular atenção ao modo como o texto de Camões se prolonga na história e suscita revisitações muito diversas entre si, migrando assim para géneros, períodos e autores muito distantes, por vezes ao ponto de poderem surgir como seus antípodas: é esta a sua sobrevida mais digna, afinal. E é por esta razão que é um texto que nunca se cansa de regressar. Mas é precisamente o facto de *Os Lusíadas* representarem um eixo axiológico de toda a literatura portuguesa que não pode aqui deixar de ser considerado como um factor extraordinário, que nenhum outro texto consegue igualar. A sua importância não reside, pois, no facto de que todas as interpretações são coincidentes (até porque, como sabemos, não o foram antes, nem o são hoje). Mas, pelo contrário, no facto de que o imparável surgimento de novas interpretações, novas leituras, novas reescritas, novas respostas, dá conta da fecundidade histórica de algo que não pára de ser produzido a cada momento.

De um certo ponto de vista, *Os Lusíadas* podem ser considerados como um ponto nodal para que convergem antecipações e mesmo ansiedades anteriores: um texto com estas características e com estas dimensões não surge do nada, e é preciso que, além do génio individual que Camões indubitavelmente tinha e foi, houvesse uma atmosfera histórica que criasse condições para o seu surgimento: em primeiro lugar, pela consciência de que havia ‘matéria’ para o canto épico; em segundo lugar, pela tentativa de produzir uma interpretação da história de Portugal até aí que surgisse como legitimação simbólica (e até profética) da afinidade entre nação e expansão; em terceiro lugar, que valorizasse a forma épica, com as suas tradições clássicas (e em especial a tradição que remonta a Vergílio e ao seu papel na legitimação da Roma imperial), como modo apta a cantar tudo quanto era



## HALF MILLENNIUM OF CAMÕES



Fig. 2: Retrato de Camões. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Camoes\\_-\\_retrato\\_de\\_goa\\_2b.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Camoes_-_retrato_de_goa_2b.jpg)

necessário cantar. Este último aspecto é importante: ele situa *Os Lusíadas* no quadro de uma produção que os engloba, mas a eles não se limita. E esforços recentes têm vindo a situar a epopeia camoniana no quadro daquilo a que poderíamos chamar um ‘sistema épico’ em Portugal que traduz, afinal, a consciência ‘histórica’ de que só a epopeia ofereceria as condições adequadas a um canto extraordinário de uma matéria extraordinária. Os estudos que, a este respeito, Hélio Alves<sup>2</sup> tem vindo a fazer sublinham a importância do reconhecimento de

que Camões não apareceu sozinho, por muito que o mito camoniano posterior assim o tenha construído. A *vontade de epopeia* que ele traduz e efectivamente eleva ao mais alto grau é contemporânea de grande parte dos acontecimentos históricos a que dá voz.

A epopeia camoniana não surge pois do nada, mas de algo que pode exprimir-se como a necessidade (aliás renascentista) de fazer com que os *factos históricos* possam aceder à dignidade da *glória literária*. Este ‘topos’, que o próprio Camões utiliza no início da sua epopeia, recorda aos heróis do ‘fazer’ que eles não serão ninguém para o futuro se alguém os não associar ao ‘dizer’ e, sobretudo, ao ‘cantar’. O herói integral é, pois, aquele que combina acção e escrita, e Camões (que invoca por diversas vezes a sua dupla condição de guerreiro e poeta, ‘numa mão a espada, na outra a pena’) tem plena consciência da forma como é à Poesia que cabe dignificar a história.

É esta consciência da dignidade da epopeia que está na origem da escrita de *Os Lusíadas*, bem como da sua capacidade de atracção para os séculos e autores seguintes. Disto decorre, precisamente, a aura que tem e que agrega, em torno de si, transformações, apropriações, e reescritas que não cessam de acontecer. Por esta razão, defendo que a história das suas apropriações pertence à essência do que esta epopeia é, e daquilo que ela representa no quadro da literatura portuguesa.

Como mencionei, o sistema historiográfico no século XVI é uma chave essencial para compreender a epopeia camoniana. Fernão Lopes de Castanheda inaugura o que virá a ser a principal chave historiográfica até meados do século XVII, claramente focada na expansão imperial e em particular na expansão asiática permitida pela descoberta do caminho marítimo para a Índia.<sup>3</sup> Este é um ponto que não pode deixar de ser enfatizado, visto ter conexões directas com a dimensão heróica que a narrativa historiográfica elaborará, nomeadamente com João de Barros,

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

Diogo do Couto, e Gaspar Correia. Ora, como atrás disse, a epopeia camoniana está também ela focada na representação heróica que o modelo épico proporciona, e podemos assim falar também de um sistema heróico que, no século XVI, contribuirá para a compreensão do lugar que a epopeia camoniana irá ocupar. Lembremos em particular o nome de Jerónimo Corte Real, quer com a sua epopeia centrada sobre a Índia e Diu, quer com aquela outra que se ocupa em especial do naufrágio e da tragédia que se abate sobre Manuel da Sousa Sepúlveda e da sua família — uma estranha epopeia, centrada afinal sobre o reverso da conquista heróica.

Mas muito do que acontece na representação literária e simbólica da nação depois da era das viagens de descobrimento decorre do desequilíbrio, que Eduardo Lourenço não se cansou de sublinhar em toda a sua obra, entre as aspirações imperiais de Portugal, que assumem proporções claramente excessivas, e a realidade de um país com estreitos limites geopolíticos. Ora, esta desproporção faz também parte integrante, como veremos, da matéria épica que é cantada por Camões — o que dá a *Os Lusíadas* uma tonalidade complexa e mesmo contraditória proporcionando, por isso mesmo, uma leitura enriquecedora, que nunca parece estar perfeita. Neste sentido, gostaria de tomar *Os Lusíadas* como um sintoma desta tensão histórica entre, por um lado, a épica e o passado heróico da nação portuguesa, a que dão corpo exploradores e descobridores; e, por outro lado, o fechamento dessas mesmas possibilidades já no presente contemporâneo de Luís de Camões, com um Portugal em vias de ser subsumido pelo império espanhol, de que se libertará, 60 anos depois, sem nunca mais voltar a conhecer qualquer tipo de verdadeira energia expansionista.

Ora, *Os Lusíadas* concentram dentro de si o fulcro em que a história de Portugal é incorporada, interrogada, e profeticamente concebida. Na



Fig. 3: Chegada dos portugueses à Índia, em 1498. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vascodagama.JPG>

verdade, o texto camoniano é um dos momentos mais altos (se não o mais alto) da nossa memória histórica, moldada em termos literários. Neste sentido, não pode deixar de ocupar um lugar especial na história e na literatura portuguesas.

Darei apenas alguns exemplos, apanhando alguns dos nomes que já antes mencionei. Por



## HALF MILLENNIUM OF CAMÕES

exemplo, nos 50 anos que sucederam à catástrofe relacionada com o Grande Terramoto de Lisboa, em 1755, com a destruição de grande parte da cidade de Lisboa e a perda de dezenas, senão centenas, de milhares de vidas, surgem três poemas épicos sobre o desastre, numa apropriação equívoca do posicionamento heróico para afinal descrever a narração da catástrofe experienciada. No início do século XIX, o passado histórico e literário serve aos Românticos, e a Almeida Garrett em especial, para reflectirem sobre o seu próprio presente histórico, sobre as suas contradições, e para imaginar uma possibilidade de futuro que pudesse estar de acordo com o ideário liberal que partilhavam. É isto que Garrett deixa escrito no seu poema narrativo (e proto-épico) *Camões* (1825): ao usar o formato do poema camoniano, ao colocar Camões como protagonista, ao fazer do seu poema a matéria dos próprios *Lusíadas*, Almeida Garrett afirma simultaneamente o poeta romântico como o campeão dos direitos civis e da liberdade (questão tão mais pertinente quanto nos lembrarmos de que Garrett era ele mesmo um exilado político no momento da redacção e da publicação do seu poema). As 4 edições que este poema conheceu, em vida de Garrett (1825, 1839, 1844 e 1854 — ano da morte de Garrett) atestam a convicção do seu autor de que este poema não é um mero episódio de ‘juenília’, mas pelo contrário um texto que, iniciado na juventude de Almeida Garrett (nascido em 1799), o acompanha ao longo de toda a sua vida, sofrendo transformações e enriquecimentos significativos, ao ponto de ser também um texto dos seus anos mais maduros, capaz aliás de dar conta das transformações literárias e políticas da trajectória garrettiana.

A estrutura do poema *Camões* segue a estrutura de *Os Lusíadas*, com a divisão em dez Cantos, como com outros elementos característicos da epopeia, como a invocação inicial (se bem que neste caso endereçada a uma entidade romântica,

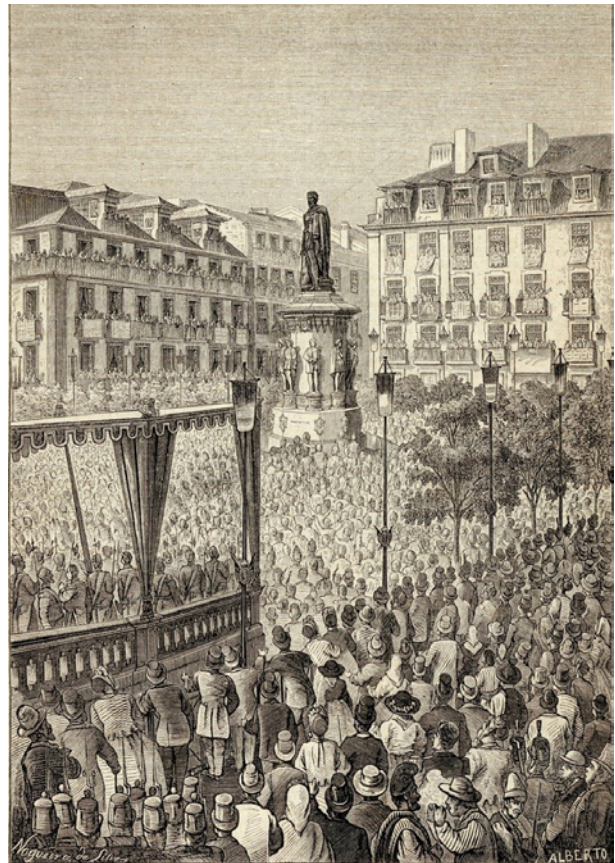


Fig. 4: Inauguração do monumento a Luís de Camões, em Lisboa, Portugal, a 9 de Outubro de 1867. Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inauguração\\_do\\_monumento\\_a\\_Luiz\\_de\\_Camões\\_-\\_Archivo\\_Pittoresco\\_\(Tomo\\_X,\\_n.º\\_28\).png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inauguração_do_monumento_a_Luiz_de_Camões_-_Archivo_Pittoresco_(Tomo_X,_n.º_28).png)

a ‘Saudade’). Temos ainda o início *in medias res*, bem como *flashbacks* e antecipações análogos aos que Camões utilizara no seu poema. No poema garrettiano encontramos também a paradoxal consciência de que a escrita da epopeia e o fim de Portugal coincidem, o que transforma a glória épica no seu mesmo monumento póstumo. O Adamastor do poema garrettiano, que pode (e deve) ser visto como uma metáfora do seu criador, Luís de Camões, é uma das principais figuras do poema, capaz de se igualar a Prometeu ou Fausto, os românticos heróis da revolta humana. Esta figuração do Adamastor será essencial para compreendermos análoga figuração que recebe por exemplo em Fernando Pessoa, onde

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

o espectro e a ameaça do *Miglior Fabbro*, o poeta Camões, assombram a produção pessoana, em *Mensagem* mas não só.

A figuração garrettiana passará para a Geração de 70, e em particular para Oliveira Martins, que por sua vez a deixará como herança ao século XX (e.g., António Sérgio). Oliveira Martins analisará *Os Lusíadas* como um ‘poema póstumo da nacionalidade’, cavando ainda mais fundo a associação entre a narrativa encomiástica e heróica da expansão imperial e a sua dimensão ‘melancólica’, que os estudos pós-coloniais, entretanto vieram reconhecer.<sup>4</sup>

Em graus e de formas diferentes, podemos compreender como esta dimensão paradoxal se encontra vertida em poemas como *Camões*, de Garrett; em obras historiográficas como a de Oliveira Martins; ou em *Mensagem*, de Fernando Pessoa. E é ainda esta mesma dimensão que nos permite compreender obras contemporâneas como as de António Lobo Antunes (herdeiro desse ‘poema póstumo’ para o Portugal coevo, como veremos), ou de Gonçalo M. Tavares, que insistem na contaminação de ambas as dimensões, a heróica e a anti-heróica — contaminação que, insisto, existiu desde o início das representações literárias do projecto imperial.

Deveremos também reconhecer a sombra camoniana, bem ainda a sombra do modelo épico, como particularmente aptas a dar conta das contradições simbólicas de Portugal como nação, no poeta Cesário Verde (*O Sentimento dum Ocidental*), ou num outro seu contemporâneo, Gomes Leal (*A Fome de Camões*), ambos poemas de registo épico publicados aquando do terceiro centenário da morte de Camões em 1880. Camões torna-se em ambos estes poemas um miserável homem moderno, ao mesmo tempo que um homem melancólico, no qual os tempos modernos não se reflectem como tempos de energia e fazimento, mas como tempos de

perda, muito à maneira da tradição baudelairiana. Camões transforma-se aqui, e muito literalmente, num ‘homem com fome’, que a sua pátria não sabe reconhecer nem respeitar: fome do passado, tanto quanto do futuro. Na geração seguinte, Guerra Junqueiro (*A Pátria*, 1896), Teixeira de Pascoaes (*Marânus*, 1912), e Fernando Pessoa (*Mensagem*, 1934) oferecem reescritas do poema épico, embora com estratégias literárias e até políticas divergentes (respectivamente republicanismo; saudosismo; e intuítos filosóficos e literários).

Mais tarde, Jorge de Sena ou Sophia de Mello Breyner insistirão na representação da figura de Camões como uma consciência ética da humanidade, que será particularmente activa na poesia e na narrativa de Vasco Graça-Moura: em todos eles, Camões configura um forte paradigma de escolha da liberdade, em detrimento da violência política. Neste quadro, deve haver lugar especial à menção a Herberto Helder (que fala de *Os Lusíadas* como ‘um poema lírico, secreto, espiritual’), para quem a sua ‘máquina lírica’ acaba por representar uma reescrita da ‘máquina do mundo’ do poema camoniano; a António Lobo Antunes (*As Naus*, 1985) e Armando Silva Carvalho (*O Amante Japonês*, 2008), em que um carro japonês se torna o tópico de uma paródia da epopeia; ou, claro está, o heterónimo pessoano Álvaro de Campos (*Ao Volante do Chevrolet pela Estrada de Sintra*, 1928), bem como Gonçalo Tavares (*Viagem à Índia*, 2010). Estas menções não esgotam o surgimento da epopeia camoniana na literatura portuguesa contemporânea, bem pelo contrário. Frederico Lourenço ou Mário Cláudio atestam bem a diversidade e a profundidade da memória da epopeia camoniana nos dias de hoje.

De todos os mencionados, gostaria de me debruçar com um pouco mais de pendor analítico sobre duas obras. Em primeiro lugar, *As Naus*, o romance de António Lobo Antunes, em que cumpre sublinhar a convergência de duas linhas



## HALF MILLENNIUM OF CAMÕES

historicamente distintas, os séculos XV/XVI, por um lado, e o século XX, por outro, com a narrativa centrada sobre os ‘retornados’, o regresso pós-colonial daqueles que foram, também, verdadeiras vítimas do momento de viragem que foi o contraste entre um Portugal imperial e um outro pós-imperial. Uma das personagens principais é ‘um homem chamado Luís’, que parece ter pedido direito ao nome que o identifica na História e pelo qual todos o conhecemos (Camões), escrevendo o seu poema épico em oitavas num café no centro de Lisboa (como o que Pessoa também fez). Era aliás esta personagem que, de acordo com o próprio Lobo Antunes, estava destinada a ser, como em *Os Lusíadas*, o narrador do romance. Em segundo lugar, Gonçalo M. Tavares, em que a escrita da epopeia (formalmente análoga à de Camões), *Uma Viagem à Índia*, converge para o clímax contido nos dois últimos cantos: como em Camões, embora tingido de uma paleta de cores simbólicas totalmente diferente, em resposta à Ilha do Amor camoniana. Pelo contrário, a inversão utópica da ilha camoniana desemboca numa reescrita irónica e paródica do ‘nostos’ (o regresso do herói da sua viagem perfeita) utilizado por Camões. Este desvio central, efectuado por Gonçalo M. Tavares, é acentuado pela cuidadosa correspondência formal existente entre a obra de Tavares e a de Camões, como o seguimento fiel do número de Cantos e até de estâncias por Canto, ou a memória dos seus episódios centrais, como o Adamastor e a Ilha do Amor.

No que segue, gostaria de seguir muito em particular a figura central da epopeia camoniana, a saber precisamente o seu Adamastor. Para tal, seguirei ainda um outro lastro, mais pessoal, relativo ao poema de Camões.

Começo por recordar, a propósito, curiosíssimas palavras que Oliveira Martins, por ocasião do tricentenário de Camões, a 10 de Junho de 1880, escreveu: ‘No dia de hoje Camões é ao mesmo

tempo uma infinidade de tipos para a infinidade de criaturas arrastadas pelo entusiasmo do Centenário. Para o ateu, é o ateu; para o republicano, é uma espécie de Catão. O próprio petroleiro será capaz de achar no poeta um precursor; da mesma forma que o erudito descobre um Camões *scholar*, e o reaccionário se acha retratado no amor do trono e do altar. O estouvado cria um Camões brigão; e o pacato e honrado mercador descrevê-lo-á homem de sereno porte, gestos medidos, bom filho, bom esposo, bom pai, económico, sabendo governar a vida, e capaz de ganhar dinheiro: um génio! Bem diverso destes poetas de agora.’<sup>5</sup>

As palavras e as irónicas observações de Oliveira Martins são, *cum grano salis*, reveladoras da forma como Luís de Camões e a sua magnífica epopeia serviram, têm servido, não apenas distintos propósitos, mas mesmo propósitos antagónicos. Bastaria isto para manifestar a força simbólica que a sua figura e o seu poema têm na construção da ideia de país que temos e somos, como entre outros Vítor Aguiar e Silva e Eduardo Lourenço sabiamente demonstraram. Seja como for, Camões tem sido de forma constante o lugar de certezas, de confrontos e de dúvidas retrospectivas — entre as quais, na contemporaneidade, maximamente a sua significativa ausência da galeria de notáveis sobre que a *Mensagem* pessoana se constrói. Confronte-se o que a este respeito Eduardo Lourenço afirmou, no seu ensaio *Camões e Pessoa*<sup>6</sup> — embora possamos acrescentar que ele não é a única figura emblemática rasurada de *Mensagem*: Inês de Castro também o é — e isto faz do poema pessoano afinal um poema com costuras. Esta ausência maior permite que a figura e a sombra de Camões sejam assimiladas ao ‘monstro pesadélico’ (Helder Macedo dixit) do Mostrengo/Adamastor, para quem entende que a existência de Camões foi uma profunda contrariedade com que Pessoa teve de se defrontar: com 24 anos apenas, Pessoa publica um ensaio em *A Águia*, de 1912,

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

sobre ‘A Nova Poesia Portuguesa’, anunciando ‘o grande Poeta proximamente vindouro’, o ‘Supra-Camões’, imitando Garcia de Resende no Prólogo ao *Cancioneiro Geral* e imitando também, aliás, o próprio Camões em diversos lugares de *Os Lusíadas*.

Por meu lado, tentarei não escolher nenhum dos Camões acima descritos por Oliveira Martins, nem o figurar e deter na assombrção adamastoriana que compreensivelmente Fernando Pessoa exprime.

O que me atraiu desde o início em *Os Lusíadas* foi uma *outra história* que, além da épica, nele li em filigrana. Uma história que, mesmo sendo profundamente ‘descontínua’, não deixa de estar bem presente. A que o Poeta inscreve ao longo do Poema, como representação de si, e da forma como subtilmente se manifesta como uma forma de consciência subjectiva e pessoal (de outro modo lírica, mais contemplativa e sobretudo mais meditativa) num poema que canonicamente se entende como épico (e o é) — por aqui voltaríamos às argutas observações de Herberto Helder sobre *Os Lusíadas* como um poema lírico e espiritual, que também o é.

Para tal, comecemos por observar alguns enquadramentos:

- Jorge de Sena mencionava ‘a originalíssima irrupção, no plano da criação épica, do valor intrínseco e precário da vida humana como tal’.<sup>7</sup>
- Luís Sousa Rebelo analisou o humanismo cívico em Camões, associando o tema tipicamente camoniano do ‘desconcerto do mundo’ ao fundo ‘deceptivo’ que minaria também o tecido épico de *Os Lusíadas*.
- Oliveira Martins escrevia que ‘Camões escreveu um poema que foi um epitáfio, porque a sociedade que cantou acabou com ele. *Os Lusíadas* consagram as obras dos heróis’.<sup>8</sup> Esta leitura do poema por Oliveira Martins seria o terreno fértil em que se

implantaria a complexidade de leituras, sobretudo contraditórias, do Portugal presente e futuro, que os finais do século XIX e o início do século XX veriam surgir, das várias formas de decadentismo às ideologias políticas mais ou menos assertivamente republicanas, até às vanguardas que encontram na *Mensagem*, como vimos, simultaneamente o seu expoente e ‘ponto de fuga’.

- Eduardo Lourenço, no livro *Portugal como Destino* (1999), classifica a visão de Oliveira Martins de *Os Lusíadas* como uma ‘prova póstuma de nacionalidade’,<sup>9</sup> sendo que é ‘póstuma’ a palavra-chave no contexto.
- E o mesmo Sena afirmava: ‘Se recordarmos que o momento histórico é já o do regresso trágico da epopeia qual a amarga meditação moral do épico o comprovaria, caso a história não o soubesse há muito — o êxito de *Os Lusíadas*, como poema épico, é um êxito, *por contradição*, de uma obra de último recurso’.<sup>10</sup> O ‘êxito’ de *Os Lusíadas*, que não a obra ela mesma, é pois para Sena ‘uma contradição’, ou seja, um problema. Reservemos esta ideia, que como vemos é afinal partilhada, em maior ou menor grau, por todos os nomes que referi (além de muitos outros, evidentemente, com particular destaque para Aguiar e Silva e Eduardo Lourenço).

Sem querer subscrever este modo que é, em Oliveira Martins, exclusivamente elegíaco do Poema (e que de qualquer modo contraria a polaridade também exclusivamente solar e apoteótica de outro regime de leituras, no qual muitos de nós foram ainda educados), lerei algumas das intervenções directas camonianas (sobretudo as não-mediadas por outras figuras, como o Gama) como a *inscrição de uma história de auto-reflexividade no Poema*. Trata-se de uma meditação lírica e filosófica que atravessa o poema épico e subtende uma meditação



## HALF MILLENNIUM OF CAMÕES

pessoal que é independente dos ‘episódios líricos’ eles mesmos.

Esta meditação leva de uma tonalidade ‘inicial’ preferencialmente sentida sob o modo da ‘tuba canora e belicosa’ e de um canto épico ancorado na consciência da glória (quer dos feitos heróicos, quer do próprio Poeta que os cantou) à tonalidade ‘final’ sombria e melancólica, onde a descrença e a amargura marcam presença. O percurso não é feito em passos lineares e irreversíveis. Mas a atmosfera vai gradualmente mudando ao longo do Poema, de modo a que a exortação final do Canto X a Dom Sebastião (145–156) pode legitimamente ser interpretada como a mais desencantada das respostas à Dedicatória que, nas estrofes 6 a 18 do Canto I, abre o poema.

Ora, é a construção da *diferença entre estas duas* exortações a Dom Sebastião que gostaria aqui de seguir.

Deste ponto de vista, o meu primeiro ponto passa por sublinhar *a sombra indelével* que projecta sobre o poema o gigante Adamastor, como *grande figura melancólica* que responde, ponto por ponto, ao da figura representada na gravura de Albrecht Dürer. Depois do Canto V, e do *epicentro* que o Adamastor nele constitui (o episódio decorre entre as estrofes 37 e 60, num total de 100 para este Canto), não será possível regressar a uma sonoridade ‘apenas’ gloriosa, tingida que foi pela figura da ‘melancolia’ e de uma *morte tornada impossível*, que é o mito a que desde Prometeu o humano a si mesmo se condena. Adamastor é o ponto de viragem simultaneamente geográfico, simbólico e poético, verdadeiro centro axial — em torno do qual todo o Poema gira — o que não é dizer pouco, porque esta notação altera a própria matéria épica do poema, dando-lhe uma diferente tonalidade (lírica e espiritual?). Mas o Adamastor pode também ser lido como a corporização daquela consciência melancólica de que o Poema não mais se conseguirá libertar, nem

mesmo (*et pour cause*) na fruição erótica e utópica da Ilha do Amor, no Canto IX.

Aguiar e Silva falou da forma como duas grandes Canções (IX e X) camonianas reflectiam o grande tema maneirista da melancolia.<sup>11</sup> Na minha visão do poema, a sombra de Adamastor, uma vez introduzida no tecido épico, não mais o deixará, ‘oculto e grande Cabo’ (V, 50 — no possível centro geométrico do poema). Ele será, também, o centro axial da leitura melancólica da epopeia como um lugar da perda mais total, aparentemente coincidindo com a explosão da sua tuba heróica. Não espanta, neste contexto, que *Os Lusíadas* terminem com o reconhecimento de tudo quanto se esperou ganhar — e afinal se foi perdendo:

*Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
Dua austera, apagada e vil tristeza.*<sup>12</sup> RC



## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

### NOTAS

- 1 Paul Ricoeur, *La Mémoire, L'Histoire, L'Oubli* (Paris: Seuil, 2000).
- 2 Hélio J. S. Alves, *Camões, Corte-Real e o Sistema da Epopeia Quinhentista* (Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2001).
- 3 Feyta per Fernão Lopez de Castanheda, *Historia do Descobrimento & Conquista da Índia pelos Portugueses* (Coimbra: Iohão da Barreyra & Iohão Aluarez, empresores del Rey na mesma universidade, 1551).
- 4 Paul Gilroy, *Postcolonial Melancholia* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2005).
- 5 Oliveira Martins, "Prólogo," em *Camões* (Lisboa: Guimarães Editores, 1952), 9.
- 6 Eduardo Lourenço, "Camões e Pessoa," em *Poesia e Metafísica* (Lisboa: Sá da Costa, 1983).
- 7 Jorge de Sena, "A Poesia de Camões — Ensaio de Revelação da Dialéctica Camoniana," em *Da Poesia Portuguesa* (Lisboa: Ática, 1959), 49.
- 8 Martins, "Prólogo," 11.
- 9 Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino, Seguido de Mitologia da Saudade* (Lisboa: Gradiva, 1999), 151.
- 10 Sena, "A Poesia de Camões," 47.
- 11 Vítor Aguiar e Silva, "As Canções da Melancolia: Aspectos do Maneirismo de Camões," em *Camões: Labirintos e Fascínios* (Lisboa: Cotovia, 1994).
- 12 Luis de Camões, *Os Lusíadas* (Lisboa: Casa de Antonio Góçalvez, 1572), Canto X. Biblioteca Nacional de Portugal, cota digitalizado: CAM-1-P, <https://purl.pt/14997>.

### BIBLIOGRAFIA

- Alves, Hélio J. S. *Camões, Corte-Real e o Sistema da Epopeia Quinhentista*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2001.
- Camões, Luis de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Casa de Antonio Góçalvez, 1572. <https://purl.pt/14997>.
- Castanheda, Feyta per Fernão Lopez de. *Historia do Descobrimento & Conquista da Índia pelos Portugueses*. Coimbra: Iohão da Barreyra & Iohão Aluarez, empresores del Rey na mesma universidade, 1551.
- Gilroy, Paul. *Postcolonial Melancholia*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2005.
- Lourenço, Eduardo. "Camões e Pessoa." Em *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Portugal como Destino, Seguido de Mitologia da Saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- Martins, Oliveira. "Prólogo." Em *Camões*, 7–14. Lisboa: Guimarães Editores, 1952.
- Ricoeur, Paul. *La Mémoire, L'Histoire, L'Oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- Sena, Jorge de. "A Poesia de Camões — Ensaio de Revelação da Dialéctica Camoniana." Em *Da Poesia Portuguesa*, 31–76. Lisboa: Ática, 1959.
- Silva, Vítor Aguiar e. "As Canções da Melancolia: Aspectos do Maneirismo de Camões." Em *Camões: Labirintos e Fascínios*, 209–228. Lisboa: Cotovia, 1994.







奇詩大興立碑傳世

才德超人因妒被難



# Descrições e Iconografia do Jardim e Gruta de Camões no Século XVIII

JOÃO F. O. BOTAS\*

**RESUMO:** Neste artigo proponho mostrar como a notoriedade da obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões está na origem do surgimento em Macau do primeiro local de homenagem ao poeta português através dos relatos dos viajantes estrangeiros que rumaram à China no século XVIII com objectivos comerciais ou diplomáticos. Quando a publicação de livros era ainda diminuta e as limitações técnicas apenas permitiam a inserção de poucas ilustrações, no entanto, a descrição e iconografia da Gruta de Camões são presença constante nestas publicações e tornam-se o primeiro símbolo de Macau além-fronteiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camões; Gruta de Camões; Viagem; Iconografia; Macau.

## INTRODUÇÃO

Com a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama em 1498 o Ocidente e o Oriente passam a estar ligados. Nas viagens que se seguiram, ainda mais para leste, comerciantes e missionários foram os protagonistas das primeiras trocas comerciais e de conhecimento. Serão estes aventureiros os responsáveis pela construção no imaginário colectivo ocidental — em textos, mapas e desenhos — de como eram paragens tão distantes como o ‘muito grande reino da China’, expressão utilizada pelo português Duarte Barbosa (c. 1480–1521) num dos primeiros grandes relatos de viagens do século XVI.<sup>1</sup> Em meados desse século já há muito que os portugueses navegavam na costa do Sul da China, perto do que viria a ser Macau. O Frei

dominicano Gaspar da Cruz, que em 1555 esteve em Cantão, escreve no *Tratado das Coisas da China* que o capitão-mor, Leonel de Sousa:

*Assentou com os chinas que pagariam seus direitos e que lhes deixassem fazer suas fazendas nos seus portos. E de então para cá as fazem em Cantão, que é o primeiro porto da China; e ali acodem os chinas com suas sedas e almíscar, que são as fazendas principais que na China fazem os portugueses. Ali têm portos seguros onde estão quietos, sem risco e sem inquietar ninguém.*<sup>2</sup>

Pela Índia andou também Luís Vaz de Camões (1524–1580). Pertencente à pequena nobreza

\* João F. O. Botas, jornalista e autor de vários livros sobre a história de Macau. É autor do blogue *Macau Antigo*.

*João F. O. Botas, journalist and the author of a series of books about the history of Macao. He is the author of the blog Macau Antigo.*



estudou literatura e filosofia em Coimbra. As paixões não correspondidas e as rixas frequentes valeram-lhe vários desterros. O primeiro foi passado em Ceuta onde perdeu o olho direito em combate. O segundo foi na localidade portuguesa de Constância, entre 1547 e 1550, por ofensas a uma dama da corte. Regressado a Lisboa, foi detido em 1552 depois de uma rixa com um funcionário da corte. Consta que terá sido perdoado, mas foi para a Índia. Segundo alguns autores, terá sido por essa altura que compôs o primeiro canto de *Os Lusíadas* ao mesmo tempo que participou em várias batalhas. Daqui viajou para Macau na companhia do que viria a ser o capitão-mor da cidade, Pero Barreto Rolim, tendo os dois chegado em 1562. Algumas fontes indicam que em Macau Camões exerceu o cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes (uma versão contestada), tendo vivido no território até 1565, período em que terá escrito uma parte do poema épico. Publicado em 1572, *Os Lusíadas*, depressa se tornou conhecido a nível mundial com múltiplas traduções<sup>3</sup> cuja publicação iniciou-se logo no século XVI: castelhano (1580), latim (1622), inglês (1655), italiano (1658), francês (1735), holandês (1777), russo (1788), polaco (1790), alemão (1806), dinamarquês (1828), sueco (1839), húngaro (1865), etc. No ‘Canto X’ da obra encontram-se as mais óbvias referências a Macau, de onde partiam as naus do trato para o Japão:

*Inda outra muita terra se te esconde  
Até que venha o tempo de mostrar-se;  
Mas não deixes no mar as Ilhas onde  
A Natureza quis mais afamar-se:  
Esta, meia escondida, que responde  
De longe à China, donde vem buscar-se,  
É Japão, onde nasce a prata fina,  
Que ilustrada será co a Lei divina.<sup>4</sup>*

## OS ‘PENEDOS DE CAMÕES’

Tal como *Os Lusíadas*, também a vida de

Camões, torna-se motivo de interesse. Assim, não é de estranhar que desde muito cedo surja a curiosidade em conhecer um dos locais onde, segundo a tradição, o poeta escrevera parte da sua obra maior. Seja por motivos políticos, económicos ou religiosos, os primeiros ocidentais que rumavam à China tinham obrigatoriamente de passar primeiro por Macau, a única porta de entrada no Império do Meio. Nessa escala, o que viria a ficar conhecido primeiro como ‘penedos de Camões’ e depois por ‘Gruta de Camões’, torna-se local de visita obrigatória e passa a fazer parte da memória dos visitantes que depois a plasmam em livros e jornais, surgindo assim o primeiro local de homenagem ao poeta.

Na historiografia macaense uma das mais antigas referências ao nome Camões surge num inventário dos bens do Colégio de S. Paulo quando era reitor o Padre António Francisco Cardim (1596–1659), entre 1632 e 1636. No documento ‘Titulo dos Bens de Raiz deste Coll.<sup>o</sup> de Macao’<sup>5</sup> refere-se à existência dos ‘penedos de Camões’ junto ao ‘campo dos patanes’. Localizados num terreno propriedade da Companhia de Jesus, perto do Colégio de S. Paulo e da Igreja Mater Dei (Mãe de Deus em latim), os penedos (grandes rochedos) ficavam numa colina na parte norte da Península de Macau com vista sobre o Porto Interior e sobre Patane, uma das primeiras povoações da cidade, habitada por chineses. Em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos de Portugal e também de Macau. Desta forma a propriedade onde estavam os penedos passa para a posse do Leal Senado que a vende posteriormente. Cerca de 1770, há registo da construção no local de um edifício que viria a ficar conhecido por ‘Casa Garden’ numa alusão à abundante vegetação no cenário envolvente. A partir da segunda metade do século XIX são publicadas as primeiras ilustrações e descrições do local com designações como ‘Camoens Cave’, ‘Grotte du Camoens’, ‘Camoens Grotto’ e ‘Cave of Camoens’.

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

## DESCRIÇÕES NOS RELATOS DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

Com a proclamação em 1685 do édito imperial que declara a China (Cantão) aberta ao comércio com qualquer nação estrangeira, Macau perde o exclusivo desta actividade e a partir do início do século XVIII sucedem-se as viagens com fins políticos e comerciais, a título particular e oficial, oriundas de países como Inglaterra, Estados Unidos, França, Espanha, Holanda, etc. A evolução das técnicas de impressão no século XVIII fez com que muitos dos relatos destas viagens ficassem registados não só em livros como também em jornais, sobretudo na segunda metade desse século.<sup>6</sup> Nestas publicações, nas referências a Macau a alusão à Gruta de Camões é uma constante, não só em texto como também em ilustrações.

## RESIDENCE OF CAMOENS POR JOHN WEBBER

John Webber (1752–1793) foi o artista inglês integrado na terceira e última expedição de James Cook (1728–1779) ao serviço de Inglaterra. Na viagem iniciada em 1776 e terminada em 1780 o objectivo era descobrir uma ligação entre os oceanos Pacífico e Atlântico através do Mar Ártico. Nesta aventura participaram as embarcações *Resolution*, comandada por Cook, e *Discovery* pelo capitão Charles Clerke. Estiveram em Macau de 1 de Dezembro de 1779 a 13 de Janeiro de 1780 (após a morte de Cook a 14 de Fevereiro de 1779), numa escala para abastecimento que incluiu ainda uma ida a Cantão. A missão de Webber era registar os lugares, pessoas e eventos ao longo da viagem porque as ilustrações dariam uma ideia mais perfeita do que a que podia ser formada apenas a partir das descrições escritas. Em 1784 foi publicado em três volumes o relato oficial da viagem.<sup>7</sup> No terceiro volume estão as informações sobre a escala macaense, incluindo um mapa intitulado

*Sketch of Typa and Macao* e uma breve descrição do Jardim e Gruta de Camões:

[Tradução do autor] *Enquanto estávamos ancorados junto à Taipa, mostraram-me, num jardim pertencente a um senhor inglês de Macau, a rocha, sob a qual, segundo a tradição, o poeta Camões costumava sentar-se e compor os seus Lusíadas. É um grande arco, de pedra sólida, formando a entrada de uma gruta escavada no terreno atrás. A rocha é ofuscada por grandes árvores e oferece uma ampla e magnífica vista sobre o mar e as ilhas em redor.*<sup>8</sup>

Vários membros da expedição de Cook publicaram os seus relatos em livros no final do século XVIII e nos primeiros anos do século XIX. Nas edições ilustradas encontram-se duas representações de Macau, uma que mostra o Templo de A-Má numa perspectiva lateral e outra com uma vista panorâmica com a legenda ‘Vista de Macau, incluindo a residência de Camões, (poeta português) quando escreveu *Os Lusíadas*’.<sup>9</sup>

## SAMUEL SHAW E A ‘ENCANTADORA CASA DA HORTA’

Samuel Shaw (1754–1794) chegou à costa do Sul da China pela primeira vez em 1784 a bordo do *Empress of China*, o navio enviado pelo Governo dos Estados Unidos da América na primeira viagem àquelas paragens, tentando recuperar o tempo perdido para os ingleses estabelecidos desde os primeiros anos do século XVIII. Em 1787, Shaw tornou-se no primeiro representante diplomático dos EUA na China tendo vivido na região vários anos. No diário que escreveu durante esse período refere os jardins da ‘encantadora casa da horta’ que classifica como ‘paraíso terrestre’, célebre pelo facto de Camões ali ter escrito *Os Lusíadas*:



## HALF MILLENIUM OF CAMÕES



Fig. 1: View in Macao including the Residence of Camoens where he wrote his *Lusiad* (1788), John Webber. Biblioteca Nacional da Austrália, objecto de digitalização: 2099133.

[Tradução do autor] *Macau tem paisagens muito bonitas, uma das quais é demasiado notável para ser ignorada. É uma colina na costa ocidental da península e proporciona uma vista da cidade, do porto e das ilhas vizinhas. Ali está uma elegante casa com jardins, bastante extensos e criteriosamente dispostos, proporcionando um paraíso terrestre. O espaço tem sido ocupado por europeus e actualmente é a residência dos senhores Lance e Fitzhugh,<sup>10</sup> da Companhia Britânica das Índias Orientais, que ali têm gasto somas consideráveis e disposto o espaço ao seu gosto. É tão eminentemente encantadora que recebeu o nome de Casa da Horta ou Casa do Jardim. Os custos de manutenção são a razão pela qual nenhum dos mais abastados de Macau optou por comprar a propriedade. Uma circunstância que contribui para a celebridade deste jardim é que, num arco natural, formado por duas rochas, e uma terceira no topo, o célebre Camões escreveu Os Lusíadas, [...].<sup>11</sup>*

## A 'GROTE DU CAMOENS' NO MAPA DE GUIGNES

Nascido em Paris, Chrétien Louis Joseph de

Guignes (1759–1845) foi comerciante, diplomata e estudioso da cultura chinesa. Filho do sinólogo Joseph de Guignes, aprendeu chinês com o pai e viajou para a China em 1784, tendo vivido em vários locais do Sul do Continente Chinês durante quase 20 anos, nomeadamente em Macau, antes de regressar a França em 1801. No volume 3 de *Voyages à Peking, Manille et l'Île de France, faits dans l'intervalle des années 1784 à 1801*, Guignes refere-se à 'Casa do Horto'<sup>12</sup> como sendo o maior jardim de Macau onde fica localizado um rochedo que terá 'servido de retiro ao célebre Camões'.

[Tradução do autor] *Os jardins em Macau são raros e pequenos; só um é grande e guarnecido de árvores: é o da chamada Casa do Horto, há muito tempo ocupado por ingleses, que cultivam o terreno segundo o gosto do seu país. Fica neste jardim um rochedo que se diz ter servido de retiro ao célebre Camões, quando compunha os seus Lusíadas.<sup>13</sup>*

Na versão 'Atlas' (apenas gravuras) desta obra inclui-se um mapa — *Plan de la Ville de Macao* — onde se refere a localização da 'Grote du Camoens' (n.º 40 no mapa) junto à povoação de Patane (n.º 5 no mapa). É muito provavelmente o primeiro mapa a incluir uma referência à Gruta de Camões.

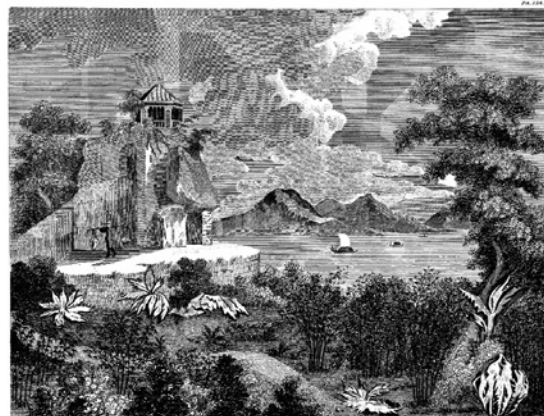
## CAMOENS' CAVE DE THOMAS E WILLIAM DANIELL

Thomas Daniell (1749–1840) era já um conceituado pintor quando, juntamente com o seu sobrinho e aprendiz do ofício William Daniell (1769–1837), de apenas 16 anos, conseguiram autorização da Companhia das Índias Orientais para se instalarem na Índia como pintores. Partiram de Inglaterra a 7 de Abril de 1785 a bordo do *Atlas* rumo à China, tendo chegado a Whampoa no final

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

de Agosto desse ano e vivido vários meses entre Cantão e Macau, produzindo inúmeros desenhos. De Macau partiram para Calcutá onde chegaram em 1786 e viveram cerca de uma década. No regresso a Inglaterra em 1794 — passaram novamente por Macau e Cantão — transformaram os esboços em pinturas a cores que depois foram usadas em vários livros, incluindo o *Oriental Scenery* publicado em 6 volumes entre 1795 e 1808 com mais de uma centena de ilustrações e o *A Picturesque Voyage to India; by the Way of China*, publicado em 10 volumes entre 1795 e 1810 e onde surge a Gruta de Camões (*Camoens' Cave*) com uma breve referência biográfica do poeta:

[Tradução do autor] *É encantador descobrir num canto remoto da Ásia um objecto como a Gruta de Camões, consagrada à memória do génio europeu. É bem sabido que o bardo aventureiro, tendo-se entregado com demasiada liberdade à sátira, foi desonrado por Francisco Barreto, vice-rei de Goa, e banido para Macau. A tradição ainda preserva alguns registos da sua residência. O visitante é conduzido ao topo da rocha por onde o poeta costumava caminhar e onde hoje se ergue uma casa de veraneio, com vista para o porto de Macau: mas foi nesta romântica gruta que teve o prazer de passar os seus dias e horas de lazer, esquecendo as dificuldades do passado e do presente no luxuoso exercício de sua imaginação. Seu exílio foi suavizado pela bondade que experimentou; e obteve uma nomeação lucrativa, que lhe permitiu em cinco anos realizar uma fortuna considerável: mas, como Spenser,<sup>14</sup> perdeu tudo num naufrágio; e finalmente regressou a Portugal tão pobre como o deixou. Morreu em Lisboa em 1679,<sup>15</sup> aos sessenta e dois anos.<sup>16</sup>*



The GROTTTO of CAMOENS.

Fig. 2: *The Grotto of Camoens*, Eyles Irwin (ca. 1793). Fonte: *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature of Asia*, vol.1 (Londres: Cadell & Davies, 1797–1800), 126.

## O 'OBSERVATOIRE' DE LA PÉROUSE

Jean-François de Galaup, Conde de La Pérouse (1741–1788) chegou a Macau a 3 de Janeiro de 1787 como comandante de uma expedição científica à volta do mundo ordenada pelo Rei de França, Luís XVI. Nos cerca de 30 dias que estiveram em Macau os membros da tripulação construíram um posto de observação num dos pontos mais elevados do Jardim de Camões, junto ao muro que delimitava a propriedade, com vista para o Porto Interior (miradouro que ainda hoje existe), 'onde efectuaram várias observações astronómicas',<sup>17</sup> bem como junto ao Convento de Santo Agostinho.<sup>18</sup>

## A EMBAIXADA DA COMPANHIA HOLANDESA DAS ÍNDIAS ORIENTAIS

Andreas Everardus van Braam Houckgeest (1739–1801) foi um comerciante holandês–americano que fez parte da embaixada à China da Companhia Holandesa das Índias Orientais em 1794/95. No regresso de Pequim passaram por Macau em Maio de 1795. O registo desta viagem foi publicado pelo próprio nos EUA em 1797 sob o título *Voyage de l'ambassade de la Compagnie*



## HALF MILLENIUM OF CAMÕES

*des Indes Orientales Hollandaises, vers l'empereur de la Chine, dans les années 1794 & 1795: Où se trouve la description de plusieurs parties de la Chine inconnues aux Européens, & que cette Ambassade à donné l'occasion de traverser.* No volume 2 da obra encontra-se uma descrição bastante pormenorizada do Jardim e Gruta de Camões indicando-se que o miradouro no topo da gruta foi construído em 1772:

[Tradução do autor] *Quase não há casas de tijolos em Macau porque são muito caras.*

*Quanto a particularidades da natureza, diferente das que relatei até agora de Macau, não há nenhuma excepto o Rochedo de Camões, este Virgílio de Portugal, que merece que me detenha um momento para falar dele. Este rochedo, de dimensões muito consideráveis, formado pela natureza tem duas rochas semelhantes que parecem formar uma porta ou passagem. Sob esta passagem encontramos um local agradável e fresco onde podemos sentar-nos e de onde temos uma vista encantadora primeiro de um pomar, e depois dele descobrimos campos de arroz que se estendem até à aldeia chinesa, Mongha, [...]*

*A base do Rochedo de Camões está assente numa colina alta e rodeada por árvores de grande porte, no fundo da qual existe uma espécie de vale com um amplo jardim, plantado com arbustos e árvores frutíferas e que depende de uma conhecida casa sob o nome de Caza de Horta (Casa de Jardim), que pela extensão da mesma é uma espécie de viveiro. Esta casa foi habitada durante vários anos por oficiais de alta patente da Companhia Britânica das Índias Orientais. A tradição assegura que foi neste local que*

*o famoso Camões completou o seu poema Os Lusíadas e, na verdade, a natureza do lugar e a localização são adequadas para despertar uma imaginação poética e animar a verve de um estudante das musas. Não há, portanto, nada nesta opinião que careça de plausibilidade e, pelo contrário, é muito natural pensar que esta obra de génio foi produzida num local ao qual a natureza já tinha dado um carácter extraordinário feito para inflamar o pensamento.*

*O proprietário da Caza de Horta mandou nivelar o cume redondo do Rochedo de Camões em 1772 e ali colocou uma cúpula hexagonal, aberta dos lados, formando um miradouro, nome justíssimo aos olhos de quem quer que seja e se deixe guiar pelo olhar no vasto horizonte.<sup>19</sup>*

### UMA RARA ILUSTRAÇÃO E DESCRIÇÃO POR EYLES IRWIN

Com um total de 3 volumes, *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature, of Asia*, foi editado por William Ouseley e publicado entre 1797 e 1800. Trata-se de uma compilação de artigos de vários autores. O texto sobre Macau intitula-se ‘*A Description of the Grotto of Camoens, at Macao, on the Coast of China; with a View. By Eyles Irwin, Esq. M. R. I. A. 1793*’.<sup>20</sup> Como o título indica, a ilustração e o texto são da autoria de Eyles Irwin (1751–1817) e datam de 1793. A imagem com a legenda ‘*The Grotto of Camoens*’ terá servido de inspiração a uma aguarela de William Alexander (1767–1816) que por sua vez a intitula *Camoens Grotto at Macao from a Chinese Drawing*, ou seja, admitindo que não era seu o original. A ilustração

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

de Eyles Irwin viria a ser usada, de forma parcial, no livro de 1820, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*, da autoria de John Adamson. Será que Irwin também se inspirou para a sua ilustração da gruta num ‘desenho chinês’? Certo é que estas duas ilustrações têm muitas semelhanças, não só em termos de perspectiva como também dos elementos presentes: figuras humanas chinesas (incluindo a vara usada aos ombros para transporte de mercadorias), embarcações típicas chinesas e as montanhas.

[Tradução do autor] *Os talentos e infortúnios do célebre Camões parecem ter sido de igual proporção pelo que é difícil dizer quais foram os mais notáveis. [...]*

*A gruta de Camões está agradavelmente situada na margem ocidental do promontório de Macau e fica voltada para o porto que a separa do continente. Este promontório é uma estreita faixa de terra cuja superfície pedregosa e árida só se torna habitável pelas brisas marítimas que sopram e amenizam o calor natural do clima. São poucas as árvores e a vegetação e concentram-se nos terrenos junto à gruta. Ao gosto e entusiasmo do Sr. William Fitzhugh, um dos antigos sobrecargas da Companhia em Cantão, existe um memorial à vida e obra do poeta permitindo ao público a oportunidade de prestar uma homenagem no seu santuário. A área de alguns hectares é única na sua diversidade e o local o mais romântico, tendo em conta a dimensão. [...] Ao centro fica o ponto mais elevado da colina, sobre a qual se ergue um conjunto de menires tendo no topo um templo, ao gosto chinês, que coroa a gruta de Camões. Esta é apenas uma escavação tendo na rocha abaixo um perfil do poeta desenhado na parede sendo este o único mérito da genialidade do lugar.*

*Nada pode ser mais bonito do que a vista deste local. Dos lados Este e Norte a colina proporciona abrigo, a Sul permite ver a cidade de Macau com as suas igrejas e fortalezas, e a Oeste temos a vista de ilhas verdejantes e uma costa arborizada e cultivada, delimitada pela majestosa Montanha, cuja forma piramidal e aspecto sombrio acrescentam grande charme a este cenário natural.<sup>21</sup>*

## MACAU NA PRIMEIRA VIAGEM DE PETER DOBELL À CHINA

Peter Dobell (1772–1852), marinheiro de origem irlandesa, visitou várias vezes o Sul da China, incluindo Macau, entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Deixou as memórias desses tempos no livro de 1830, *Travels in Kamtchatka and Siberia; with a Narrative of a Residence in China*, onde refere a ‘Caza de Horta’ como ‘um dos lugares mais românticos do mundo’. A primeira vez que esteve em Macau foi em 1798:

[Tradução do autor] *Quando visitei a China pela primeira vez, ainda não tinha visto nenhuma outra parte da Ásia. Foi no mês de Agosto de 1798 que o nosso navio ancorou a leste de Macau, perto do famoso rochedo da Pedra Branca. [...]*

*Um dos locais mais românticos do mundo é a Casa da Horta, sobranceira ao porto interior, que ficou famosa por ter uma gruta, onde Camões, o célebre poeta português, compôs o seu poema *Os Lusíadas*. O jardim foi cuidado por dois britânicos, o Sr. Drummond<sup>22</sup> e o Sr. Roberts, que muito se empenharam para o embelezar.<sup>23</sup>*

## A EMBAIXADA DE MACARTNEY

A primeira missão diplomática inglesa à



## HALF MILLENIUM OF CAMÕES



Fig. 3: *Camoens Grotto at Macao*, William Alexander (1793).

China foi ordenada em 1792 pelo Rei Jorge III (1738–1820) e entregue à liderança do experiente diplomata George Macartney (1737–1806). Tinha como objectivos a abertura de novos portos para os ingleses, o estabelecimento de uma embaixada permanente em Pequim, a cedência de uma pequena ilha para uso britânico ao longo da costa da China e a diminuição das restrições comerciais aos comerciantes britânicos em Cantão. Depois da chegada a Macau do navio *Lion* no final de 1792 a comitiva partiu em direcção a Pequim e a Jehol (Chengde) onde chega em Junho de 1793. No encontro com o imperador, Macartney recusou fazer o *kau-tau* (prostração) em frente ao Imperador Qianlong (1711–1799), uma falha nas regras apertadas do formalismo que ficou para a história como tendo originado a rejeição de todas as propostas inglesas em Outubro de 1793. O facto é que à China não interessava dar tratamento especial a nenhuma nação em particular como se

pode concluir da carta com a resposta do Imperador da China ao Rei de Inglaterra.<sup>24</sup> Não obstante o fracasso político, esta embaixada daria origem a uma vasta produção de iconografia sobre a China, ainda bastante desconhecida no Ocidente, e também sobre Macau, nomeadamente sobre o Jardim e Gruta de Camões, em textos, mapas, desenhos e pinturas.

Regressado da missão falhada em Pequim, Macartney chega a Macau a 17 de Janeiro de 1794 sendo recebido pelo governador. Após esta audiência ‘dirigiu-se à residência do Sr. Drummond, um dos altos funcionários da Companhia das Índias Orientais, onde Sua Senhoria residiu durante a sua estada neste local’.<sup>25</sup> O relato é de Aeneas Anderson no livro *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794; Containing the Various Circumstances of the Embassy; with Accounts of Customs and Manners of the Chinese; and a Description of the Country, Towns, Cities, &c. &c.*, publicado em 1795. Anderson era o criado/assistente pessoal de Macartney, incluindo guarda-roupa e objectos pessoais. O seu testemunho inclui uma descrição do edifício então arrendado por Drummond:

[Tradução do autor] *A residência de Lord Macartney é um dos locais mais bonitos que a imaginação pode conceber. Era pequena, mas construída à maneira inglesa e rodeada de áreas de lazer com uma extensão considerável, com uma bela apresentação proporcionando pontos de observação e sombra. A vista que proporciona combina uma imagem encantadora de rio e mar, uma ilha com muita vegetação<sup>26</sup> e uma costa montanhosa.<sup>27</sup>*

## O RELATO OFICIAL DA EMBAIXADA DE MACARTNEY

George Leonard Staunton (1737–1801) foi o secretário oficial da embaixada e também o autor

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES



Fig. 4: Capa do livro *Nachricht von der Britischen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei* de J. C. Hüttner (Berlim: Vossische Buchhandlung, 1797).

do relato oficial da viagem no livro *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*. Publicado em 1797, inclui uma descrição da ‘Camoens’s Cave’:

[Tradução do autor] *Num conjunto de rochas reunidas provavelmente da mesma maneira, há uma caverna a meio da colina mais alta da vila chamada Gruta de Camões por, segundo a tradição corrente na povoação, o poeta português com esse nome tendo aqui residido bastante tempo, escreveu naquele local o seu célebre poema Os Lusíadas, [...]*

*Esta interessante gruta encontra-se agora no meio do jardim pertencente a uma casa onde ficaram hospedados em Macau o Embaixador e dois elementos da sua comitiva, a convite de um dos senhores da Companhia Britânica das Índias Orientais, que ali residia quando não era chamado a Cantão. Esta casa e jardim proporcionam vistas magníficas. No jardim nada foi negligenciado. Bastante diversificado, contém belos arbustos e árvores frutíferas crescendo em aparente irregularidade que parecem ter nascido de forma espontânea e natural. As caminhadas fazem-se pelas várias encostas, por entre arvoredos e sob penedos; e esses caminhos sinuosos dão uma maior dimensão a toda a propriedade.*<sup>28</sup>

Para além de um mapa de Macau, neste livro a única ilustração sobre o território é a Gruta de Camões, da autoria de William Alexander, um dos desenhadores da comitiva e o que mais ilustrou a gruta tendo produzido pelo menos cinco obras. Tem como legenda:

[Tradução do autor] *A Gruta de Camões em Macau, onde se diz que este poeta compôs o seu famoso poema Os Lusíadas: a coluna que parece sustentar a imensa rocha saliente é moderna e perfeitamente desnecessária, tendo a rocha ali estado pendurada durante séculos sem a ajuda do pilar.*<sup>29</sup>

## UM ALEMÃO NUMA EMBAIXADA INGLESA

O alemão Johann Christian Hüttner (1766–1847), depois de se formar na Universidade de Leipzig em 1791, foi viver para Inglaterra onde seria o tutor do filho de George Staunton que viria a ser o secretário da embaixada liderada por Lord Macartney. Hüttner seguiu na comitiva onde ficaria ainda encarregue de traduções para



## HALF MILLENIUM OF CAMÕES

latim, nomeadamente de ofícios e cartas primeiro traduzidos pelos padres ocidentais instalados na corte imperial chinesa. Entre 1792 e 1794, enquanto esteve na missão, Hüttner enviou cartas aos amigos na Alemanha onde relatou essa experiência. Esses registos seriam vendidos a um livreiro em Leipzig que logo em 1797 os publicaria num livro em alemão intitulado *Nachricht von der Brittischen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei* (Notícias da Viagem da Embaixada Britânica pela China e Parte da Tartária). Ainda que de forma sucinta, também Hüttner refere ‘o local preferido’ do poeta Camões.

[Tradução do autor] *O belo poema português, Os Lusíadas, que recentemente se tornou mais popular através da tradução inglesa de Mickle,<sup>30</sup> acompanhada de ricas notas, foi escrito em Macau por Camões. Ainda conhecemos o local preferido do poeta; escolheu a depressão numa rocha elevada, larga o suficiente para formar um local confortável. A vista daí domina várias pequenas ilhas, que formam um conjunto muito pitoresco ao nascer e pôr-do-sol quando o mar está calmo.*<sup>31</sup>

## JARDIM E GRUTA DE CAMÕES NO DIÁRIO DE MACARTNEY

Com 28 anos, John Barrow (1764–1848) fez parte da embaixada inglesa na qualidade de secretário pessoal de Macartney. Em 1804 publicou o seu testemunho da viagem no livro *Travels in China* (sem referências ao Jardim e à Gruta de Camões). O livro saiu antes da publicação da obra em 1808 que teve por base o diário de Macartney intitulado *An Embassy to China: Being the Journal Kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch'ien-Lung, 1793–1794*. No registo pessoal, o embaixador destaca a ‘esplêndida localização’ da sua residência enquanto esteve em Macau.

[Tradução do autor] *A maioria dos elementos da embaixada está alojada na feitoria inglesa. O meu alojamento fica numa casa na parte alta da cidade, arrendada pelo Sr. Drummond, que teve a gentileza de a ceder durante sua ausência. Tem uma esplêndida localização tendo ao lado um jardim romântico de dimensões consideráveis. A tradição local diz que foi antigamente a habitação do célebre Camões tendo aqui escrito seus Lusíadas.*

*É aqui que vamos ficar até que os navios que nos vão levar a casa, agora treze no total, estejam prontos para partir, o que se calcula que ocorrerá em menos de seis semanas, e então seguiremos, no Lion, que irá liderar a frota até Inglaterra.*<sup>32</sup>

## PLANTA DO JARDIM DE CAMÕES

O capitão Henry William Parish, do Royal Regiment of Artillery, foi um dos elementos da vasta comitiva de Macartney constituída por cerca de uma centena de pessoas. Para além de militar, Parish era também um exímio desenhador e fez um levantamento topográfico exaustivo do que chamou de Jardim de Camões. É muito provavelmente o primeiro trabalho do género sobre este espaço. A planta feita em aguarela intitula-se *Plan of Camões' Garden* numa escala em que uma polegada (2,5 cm) desenhada corresponde a 60 pés (18 metros) na realidade. A precisão com que esta planta foi elaborada pode ser atestada ao milímetro numa comparação com uma imagem de satélite do Jardim de Camões no século XXI. Na legenda da planta pode ler-se:

[Tradução do autor]

*A. Casa de veraneio sobre o Rochedo de Camões [pequena edificação/miradouro com acesso pedonal].*

# MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

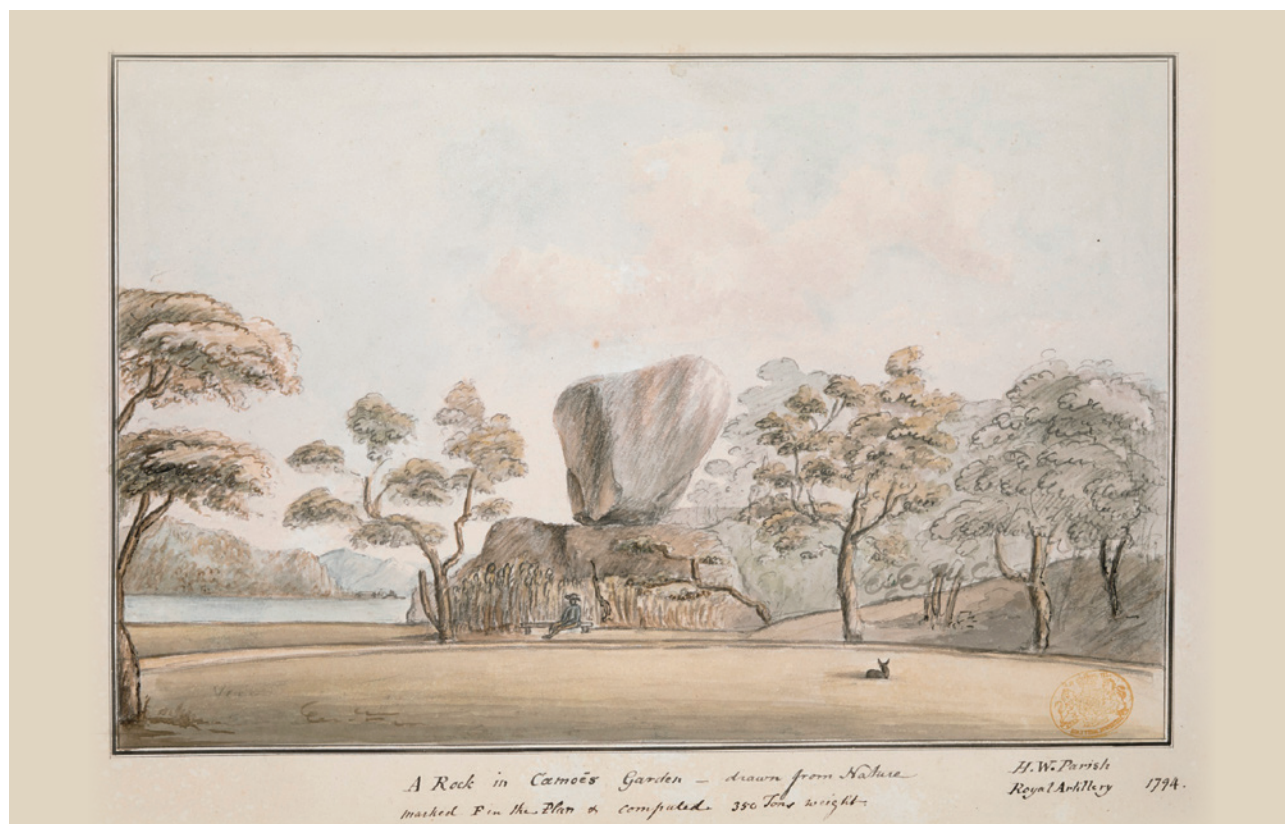


Fig. 5: *A Rock in Camões Garden — drawn from Nature marked F in the Plan & computed 350 Tons weight*, H. W. Parish, Royal Artillery (1794). Cortesia do Arquivo da Biblioteca Britânica.

*B. Assentos/Bancos no jardim. [4 no total]*

*C. Poços. [4 no total]*

*D. Casa de verão entrelaçada com arbustos.*

*E. Vigia de alvenaria bruta.*

*N.B. Os passeios em geral são sombreados por bambus e as árvores são impermeáveis à vista.*

*A. 27,4 metros mais alto que o ponto F.<sup>33</sup>*

Esta última nota é uma referência à altura da edificação no topo da gruta em comparação com outro local do jardim indicado noutro desenho com a letra F. O ponto F referido na planta remete para outra ilustração que tem como legenda: ‘*A Rock in Camões’ Garden — drawn from Nature marked F in the Plan & computed 350 Tons weight.*’ Ou seja,

‘Um rochedo no Jardim de Camões desenhado no local marcado com a letra F na Planta com o peso calculado de 350 toneladas’. Corresponde à zona onde está o Templo de Tou Tei (Deus da Terra).

A estrutura no topo da gruta, referida no ponto A, seria destruída em 1885 após a compra da propriedade pelo Governo de Macau. Num relatório assinado pelo director das Obras Públicas da Província de Macau e Timor, José Maria de Sousa Horta e Costa, de 1 de Julho de 1886 pode ler-se:

*Esta gruta formosíssima achava-se precedida por um portico de alvenaria, e tapada com uma grade de madeira, que a desfejavam bastante, e sobre ella levantava-se um kioske*





Fig. 6: View in Camoens' Garden at Macao, William Gomm (1794). Cortesia do Arquivo da Biblioteca Britânica.

*de pouco gosto e em máo estado. Tudo isto foi arrancado, conservando-se apenas a obra da natureza, devendo mais tarde este local ser devidamente adornado.*<sup>34</sup>

Para além de quatro bancos de jardim e quatro poços, na planta indica-se o ponto E. como sendo um ponto de vigia feito de alvenaria. Trata-se do miradouro construído para local de observações científicas da expedição francesa de Jean-François de Galaup realizada entre 1785 e 1788. Embora não seja referido na legenda, o edifício denominado 'Casa Garden' está desenhado do lado esquerdo da planta. Construído em c. 1770 estava inserido na propriedade adquirida em 1815 pelo comerciante português Manoel Pereira.<sup>35</sup> Note-se o pormenor de

estar assinalado um poço que ainda hoje existe no interior do edifício.

Na planta são ainda desenhadas inúmeras árvores e arbustos. David Stronach e John Haxton, os dois botânicos da comitiva de Macartney, elaboraram um inventário das espécies de plantas existentes no jardim<sup>36</sup> nos primeiros meses de 1794. Da lista, actualmente no espólio da Universidade Cornell (EUA), fazem parte árvores de grande porte, incluindo frutíferas, estas últimas típicas das hortas que os jesuítas cultivavam no território. No livro de 1979, *Guide to the Gardens of Britain & Europe*, as autoras Elizabeth Drury e Harriet Bridgeman indicam que quando James Drummond saiu de Macau levou consigo alguns exemplares de plantas do Jardim de Camões.<sup>37</sup>

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES



Fig. 7: *The Grotto of Camoens, Macao*, Thomas Allom (1843). Biblioteca Pública de Nova Iorque, Coleções Digitais, ID 1266598.

## O MISTÉRIO DO BUSTO

Embora o Monsenhor Manuel Teixeira em vários dos livros que publicou<sup>38</sup> refira que no relato oficial da embaixada de Macartney seja mencionado haver um busto de Camões na gruta, na verdade o que o monsenhor reproduziu foi o relato de uma outra embaixada inglesa, liderada por Lord Amherst. Realizada entre 1816 e 1817, também passou por Macau, nomeadamente a 23 de Janeiro de 1817, referindo-se um busto ‘mal executado’, o que terá sido a primeira versão do busto feita de argila por ‘artistas chineses’, segundo algumas fontes.<sup>39</sup> Este lapso/erro do Monsenhor M. Teixeira tem sido reproduzido por múltiplos autores e publicações até hoje. No entanto, os primeiros documentos que atestam de forma consistente a existência de um busto de Camões na dita gruta são do início do século XIX sendo o testemunho de Amherst muito provavelmente o primeiro. Na obra já referida da autoria de Eyles Irwin este não refere existir um busto, apenas ‘um perfil do poeta desenhado na rocha, sem nenhum mérito além de nos lembrar da genialidade do lugar’.<sup>40</sup> Diz ainda que quem tratava

do espaço, com ‘entusiasmo’, era William Fitzhugh (1757–1842),<sup>41</sup> arrendatário da propriedade desde pelo menos 1785 (anterior a James Drummond), também um alto funcionário (sobrecarga) da Companhia Britânica das Índias Orientais entre 1779 e 1787.

## PRIMEIROS REGISTOS ICONOGRÁFICOS

Eyles Irwin, John Webber, William Daniell, Thomas Daniell, William Alexander, H. W. Parish e William Gomm são alguns dos nomes que primeiro desenharam e pintaram a Gruta e Jardim de Camões em Macau. Têm em comum o facto de o terem feito na última década do século XVIII. De todos destaca-se William Alexander, da embaixada de Macartney, pela quantidade de obras que produziu, admitindo-se que se tenha desenhado a si próprio junto à gruta. Com 26 anos, era colega de William Gomm, também integrado na embaixada e autor de uma aguarela feita em Março de 1794 com a legenda ‘Vista de um jardim de lazer, em Macau, com um miradouro no topo de uma colina à esquerda e um banco rodeado de árvores e pedras no centro’.<sup>42</sup> Embora algumas das ilustrações destes autores tenham sido publicadas na época em livros, a maioria nunca foi e está hoje guardada em colecções particulares e institucionais, nomeadamente em museus no Reino Unido.

Uma das imagens mais conhecidas da Gruta de Camões, bem como de outras partes de Macau, é de meados do século XIX sendo o autor Thomas Allom (1804–1872). Até hoje não se encontraram provas de que este pintor e arquitecto inglês tenha estado na China ou em Macau. Na viagem mais longa que fez ficou-se pelo Médio Oriente, no que hoje corresponde à Turquia. As suas ilustrações seriam publicadas na obra de 1843, *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire*, com texto de George Newenham Wright (1794–1877), um reverendo que também não esteve na China. Ainda assim, os dois são





Fig. 8: *Camoens' Cave, Macao*. Fonte: Thomas Daniell e William Daniell, *A Picturesque Voyage to India by the Way of China* (Londres: Longman, Hurst, Rees, e Orme, 1810).

autores de uma das obras de referência sobre a China publicadas no século XIX. Para o imenso sucesso do livro também contribuiu o facto de ter sido editado em duas cidades: Londres e Paris. Como foram feitas então as ilustrações e o texto?

A resposta está na capa do livro onde pode ler-se ‘desenhado a partir de esboços originais e autênticos, por Thomas Allom’.<sup>43</sup> Ou seja, os autores tiveram por base relatos e desenhos produzidos por outrem nos últimos anos do século XVIII e nos primeiros do século XIX. No prefácio informa-se que algumas das obras consultadas eram da autoria do missionário alemão Karl Friedrich A. Gützlaff (1803–1851) — viveu em Hong Kong

e Macau tendo colaborado na tradução da Bíblia para chinês com Robert Morrison — e menciona-se que um ‘agradecimento adicional também é devido a Sir George Staunton pela permissão em copiar da sua bela colecção de desenhos chineses de artistas nativos’.<sup>44</sup> No caso da Gruta de Camões, as semelhanças entre os traços de Allom e os desenhos feitos no final do século XVIII por Eyles Irwin e William Alexander são notórias. O mais curioso nesta busca por saber quem primeiro desenhou a Gruta de Camões é que o próprio William Alexander na legenda manuscrita que incluiu na sua obra *Camoens Grotto* refere ter sido feita ‘a partir de um desenho chinês’.

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As múltiplas traduções de *Os Lusíadas* a partir do século XVI granjearam tamanha notoriedade a Luís de Camões que o seu nome passa a ser uma referência obrigatória nos relatos dos viajantes estrangeiros que nas viagens à China com fins comerciais ou diplomáticos tinham de fazer escala em Macau. Estes primeiros testemunhos em texto e iconografia foram plasmados em livros ao longo do século XVIII e estão na origem do surgimento em Macau da Gruta de Camões como primeiro local de homenagem ao poeta português que viveu no território durante algum tempo em meados do século XVI. Quando a publicação de livros era ainda diminuta e as limitações técnicas apenas permitiam a inserção de poucas ilustrações, a descrição e

iconografia da Gruta de Camões tornam-se também o primeiro símbolo de Macau além-fronteiras e são determinantes na construção da ‘imagem’ de Macau no imaginário colectivo ocidental na época.

Embora tenham sido artistas europeus os primeiros a registar e divulgar de forma massiva a Gruta de Camões no final do século XVIII, existe pelo menos uma indicação inequívoca de que já antes um artista chinês o tinha feito. Na transição do século XVIII para o século XIX o Templo de A-Má no Porto Interior e a baía da Praia Grande tornar-se-iam as imagens símbolo do território (em desenhos, pinturas e fotografias). No século XX a imagem simbólica de Macau passa a ser a fachada da Igreja Mater Dei anexa ao colégio jesuíta, vulgo Ruínas de S. Paulo. **RC**

## NOTAS

- 1 O título do manuscrito à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal: ‘Em Este Liuro Se Trata das Cousas e Partidas da India S[cilicet] da Conquista e Navegação del Rey Noso S[e] n[or] Descubertas tẽ o Anno de 1539’.
- 2 Gaspar da Cruz, *Tratado, as Cousas da China* 專著:中國情況, traduzido por Fan Weixin 范維信 (Macau: Museu Marítimo de Macau e Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, 1996), 135.
- 3 Ver capas das primeiras edições em “1ª Edições Noutras Línguas,” Biblioteca Nacional de Portugal, actualizado em 8 de Maio de 2012, <https://purl.pt/23700/1/all.htm>.
- 4 Luis de Camões, *Os Lusíadas* (Lisboa: Casa de Antonio Gócaluez, 1572), 182v, <https://purl.pt/14997>.
- 5 “Titulo dos Bens de Raiz deste Coll.º de Macao,” em Theophilo Braga, *Historia da Litteratura Portuguesa: Camões — Época, Vida e Obra* (Porto: Livraria Chardron, 1907), 612. “Tem mais o Coll.º humas moradas de casas no Campo de patanes junto ao cai[s] de Martis Lopez [...] r[e]dem de alugueres 160 pardaos. Tem mais o Coll.º duas buticas q rendem cada mez ambas 4 pardaos, [...] As cazas vendeo o P<sup>e</sup> Antonio Cardim, sendo Reitor deste Coll.º, por oito centos Pardaos a Gaspar Borges da Fonseca, os quaes 800 pardaos có mais 280 pardaos procedidos do chão do campo dos patanes aos PENEDOS DE CAMÕES, vendeo o dito P<sup>e</sup> Reitor pella dita contia.’ Ver ainda Jordão de Freitas, *Camões em Macau* (Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1911).
- 6 Almerindo Lessa refere que numa edição de Maio de 1786 um jornal inglês publicado em Paris *O Censor Universal* (cujo título correcto é *Le Censeur Universal Anglois*), publica uma carta de Macau onde se refere ‘um jardim, sobre rochas, no qual segundo a tradição do país, o famoso Camões ia sentar-se para escrever *Os Lusíadas*. É uma arcada muito alta, de uma só pedra servida de entrada a uma gruta cavada à flor da terra. No cimo da rocha, sombreado por árvores majestosas, encontra-se um pequeno templo, ao gosto chinês, de onde se dominam o porto, o mar, as ilhas vizinhas’. Almerindo Lessa, *Macau: Ensaios de Antropologia Portuguesa dos Trópicos* (Lisboa: Editora Internacional, 1996), 411–412.
- 7 James Cook e James King, *A Voyage to the Pacific Ocean. Undertaken, by the Command of His Majesty, for Making Discoveries in the Northern Hemisphere. To Determine the Position and Extent of the West Side of North America; Its Distance from Asia; and the Practicability of a Northern Passage to Europe. Performed under the Direction of Captains Cook, Clerke, and Gore, in His Majesty's Ships the Resolution and Discovery. In the Years 1776, 1777, 1778, 1779, and 1780*, 3 vols. (Londres: W. and A. Strahan, 1784).
- 8 Cook e King, *Voyage to the Pacific Ocean*, 3:441.



HALF MILLENIUM OF CAMÕES

- 9 James Webber, *Draftsman on Board the Resolution, Captain James Cooke, from the Year 1776 to 1780* (Lonres: Boydell and Company, 1808).
- 10 David Lance foi funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais em Cantão durante cerca de 15 anos. Em paralelo tinha uma sociedade com William Fitzhugh. No regresso a Inglaterra em 1789, Lance viria a casar com uma irmã de Fitzhugh.
- 11 Samuel Shaw e Josiah Quincy, *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author* (Boston: Wm. Crosby and H. P. Nichols, 1847), 247.
- 12 ‘Horto’ significa pequeno terreno onde se cultivam plantas de jardim.
- 13 Chrétien Louis Joseph de Guignes, *Voyages à Peking, Manille et l’Île de France, faits dans l’intervalle des années 1784 à 1801* (Paris: L’Imprimerie Impériale, 1808), 3:181.
- 14 Edmund Spenser (1552/1553–1599), poeta inglês e o autor de *The Faerie Queene*, poema épico de homenagem à Dinastia Tudor e à Rainha Isabel I de Inglaterra.
- 15 No dia 10 de Junho de 1580 (O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas).
- 16 Thomas Daniell e William Daniell, “Camoens’ Cave, Macao,” em *A Picturesque Voyage to India; by the Way of China* (Londres: Thomas Davison, 1810).
- 17 Beatriz Basto da Silva, *Cronologia da História de Macau* (Macau: Livros do Oriente, 2015), vol. 1, 316.
- 18 Jean-François de Galaup, *Voyage de La Pérouse Autour du Monde*, 4 vols. (Paris: L’Imprimerie de la République, 1797).
- 19 Andreas Everardus van Braam Houckgeest, *Voyage de l’ambassade de la Compagnie des Indes Orientales Hollandaises, vers l’empereur de la Chine, dans les années 1794 & 1795: Où se trouve la description de plusieurs parties de la Chine inconnues aux Européens, & que cette Ambassade a donné l’occasion de traverser* (Filadélfia: M. L. E. Moreau de Saint-Méry, 1798), 2:257–258.
- 20 Membro da Academia Real Irlandesa (M. R. I. A). De origem irlandesa, Eyles Irwin nasceu em Calcutá, mas estudou ainda jovem em Inglaterra. Poeta e escritor foi também funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais desde o início da década de 1790, vivendo entre Macau e Cantão durante um curto período nos primeiros anos dessa década. Dedicou um dos seus poemas (um soneto) à Gruta de Camões escrito a 13 de Maio de 1793. Intitulado ‘*To Camoens’ Grotto at Macao, on the Coast of China*’ e publicado em Novembro de 1794 na *The Gentleman’s Magazine* (p. 1035): ‘High-favored grot! that on the jutting verge/ Of old Carthay, in shades sequestered, placed,/ Saw, with the poet’s form, thy pavement graced,/ Studious, his lyre to epic heights to urge./ This be thy fame — not that the wreath, which age/ Weaves for thy region, with mysterious hands;/ Nor yet the achievements of the daring bands,/ Whose glory blazed, unrivaled, on the stage:/ Veiled is *her* pride! *their* sun is set in shame!/ But oft the pilgrim to this cell shall stray,/ Still find the Poet living in his lay,/ While taste and genius glow at CAMOENS’ name:/ Still, with thy votary, strew the sill with flowers,/ Their lot far happier own, but ah! less blest their powers!’
- 21 William Ouseley, ed., *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature, of Asia* (Londres: Cooper and Graham, 1797), 1:126, 128–129.
- 22 James Drummond (1767–1851) era o arrendatário da Casa Garden. Escocês, funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais em Cantão, primeiro como *supercargo* (sobrecarga/negociante) tendo chegado ao cargo de presidente, entre 1801 e 1807, ano em que regressou à Escócia.
- 23 Peter Dobell, *Travels in Kamtchatka and Siberia; with a Narrative of a Residence in China* (Londres: Henry Colburn and Richard Bentley, 1830), 2: 127, 134.
- 24 E. Backhouse e J. O. P. Bland, *Annals & Memoirs of the Court of Peking (From the 16<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> Century)* (Boston: Houghton Mifflin, 1914).
- 25 Aeneas Anderson, *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794; Containing the Various Circumstances of the Embassy; with Accounts of Customs and Manners of the Chinese; and a Description of the Country, Towns, Cities, &c. &c.* (Londres: J. Debrett, 1795), 389.
- 26 ‘Uma ilha com muita vegetação’: Ilha Verde.
- 27 ‘Uma costa montanhosa’: Ilha da Lapa. Anderson, *Narrative of the British Embassy*, 391–392.
- 28 George Leonard Staunton, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China; Including Cursory Observations Made, and Information Obtained, in Travelling through that Ancient Empire, and a Small Part of Chinese Tartary* (Londres: G. Nicol, 1797), 2:589–590.
- 29 Staunton, *Authentic Account*, 1:xxxiv.
- 30 William Julius Mickle (1734–1788), poeta escocês que traduziu para inglês *Os Lusíadas*, obra que lhe granjeou fama: *The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem.*
- 31 Johann Christian Hüttner, *Nachricht von der Britischen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei* (Berlim: Vossische Buchhandlung, 1797), 188–189.
- 32 George Macartney, *An Embassy to China: Being the Journal Kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch’ien-Lung, 1793–1794* (Londres: Longmans, 1963), 219.
- 33 Henry William Parish, cartógrafo, *Plan of Camões’ Garden*, 1794.
- 34 “Direcção das Obras Publicas da Provincia de Macau e Timor — Relatorio,” Suplemento ao *Boletim da Provincia de Macau*

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

- e Timor*, vol. 32, n.º 36, 14 de Setembro de 1886, 356.
- 35 Manoel Pereira (1757–1826), comerciante, chegou a Macau oriundo de Portugal em c. 1790.
- 36 Ray Desmond, *Dictionary of British & Irish Botanists and Horticulturists Including Plant Collectors, Flower Painters and Garden Designers* (Londres: Taylor & Francis; The Natural History Museum, 1994).
- 37 Elizabeth Drury e Harriet Bridgeman, *Guide to the Gardens of Britain & Europe* (Londres: Granada, 1979).
- 38 Manuel Teixeira, *Macau no Séc. XVIII* (Macau: Imprensa Nacional de Macau, 1984).
- 39 Henry Ellis, *Journal of the Proceedings of the Late Embassy to China; Comprising a Correct Narrative of the Public Transactions of the Embassy, of the Voyage to and from China, and of the Journey from the Mouth of the Pei-Ho to the Return to Canton* (Londres: John Murray, Albemarle-street, 1817), 428.
- 40 Ouseley, *Oriental Collections*, 1:129.
- 41 Ouseley, *Oriental Collections*, 1:128.
- 42 Legenda manuscrita. Muitos dos desenhos e aguarelas produzidos durante a embaixada de Macartney, nomeadamente por William Gomm e William Alexander, fazem parte dos espólios do *The British Museum* (Museu Britânico, Londres) e da *The British Library* (Biblioteca Nacional do Reino Unido, Londres).
- 43 Thomas Allom e G. N. Wright, *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire* (Londres: Fisher, Son, 1843).
- 44 G. N. Wright, prefácio a *China, in a Series of Views*.

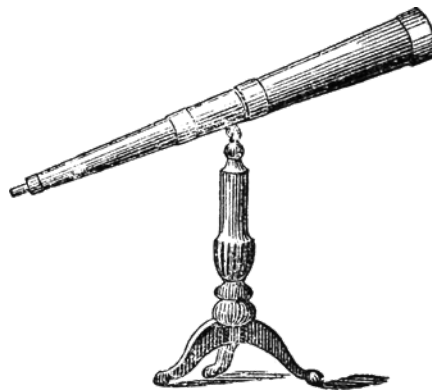
## BIBLIOGRAFIA

- Allom, Thomas, e G. N. Wright. *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire*. Londres: Fisher, Son, 1843.
- Anderson, Aeneas. *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794; Containing the Various Circumstances of the Embassy; with Accounts of Customs and Manners of the Chinese; and a Description of the Country, Towns, Cities, &c. &c.* Londres: J. Debrett, 1795.
- Backhouse, E., e J. O. P. Bland. *Annals & Memoirs of the Court of Peking (From the 16<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> Century)*. Boston: Houghton Mifflin, 1914.
- Biblioteca Nacional de Portugal. “1<sup>as</sup> Edições Noutras Línguas.” Atualizado em 8 de Maio de 2012. <https://purl.pt/23700/1/all.htm>.
- Braga, Theophilo. “Título dos Bens de Raiz deste Coll.º de Macao.” Em *Historia da Litteratura Portugueza: Camões — Epoca, Vida e Obra*, 612. Porto: Livraria Chardron, 1907.
- Camões, Luis de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Casa de Antonio Góçalvez, 1572. <https://purl.pt/14997>.
- Cook, James, e James King. *A Voyage to the Pacific Ocean. Undertaken, by the Command of His Majesty, for Making Discoveries in the Northern Hemisphere. To Determine the Position and Extent of the West Side of North America; Its Distance from Asia; and the Practicability of a Northern Passage to Europe. Performed under the Direction of Captains Cook, Clerke, and Gore, in His Majesty's Ships the Resolution and Discovery. In the Years 1776, 1777, 1778, 1779, and 1780*. 3 vols. Londres: W. and A. Strahan, 1784.
- Cruz, Gaspar da. *Tratado, as Cousas da China* 專著:中國情況. Traduzido por Fan Weixin 范維信. Macau: Museu Marítimo de Macau e Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, 1996.
- Daniell, Thomas, e William Daniell. “Camoens’ Cave, Macao.” Em *A Picturesque Voyage to India; by the Way of China*. Londres: Thomas Davison, 1810.
- Desmond, Ray. *Dictionary of British & Irish Botanists and Horticulturists Including Plant Collectors, Flower Painters and Garden Designers*. Londres: Taylor & Francis; The Natural History Museum, 1994.
- Dobell, Peter. *Travels in Kamtchatka and Siberia; with a Narrative of a Residence in China*. Vol. 2. Londres: Henry Colburn and Richard Bentley, 1830.
- Drury, Elizabeth, e Harriet Bridgeman. *Guide to the Gardens of Britain & Europe*. Londres: Granada, 1979.
- Ellis, Henry. *Journal of the Proceedings of the Late Embassy to China; Comprising a Correct Narrative of the Public Transactions of the Embassy, of the Voyage to and from China, and of the Journey from the Mouth of the Pei-Ho to the Return to Canton*. Londres: John Murray, Albemarle-street, 1817.
- Freitas, Jordão de. *Camões em Macau*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1911.
- Galaup, Jean-François de. *Voyage de La Pérouse Autour du Monde*. 4 vols. Paris: L’Imprimerie de la République, 1797.
- Guignes, Chrétien Louis Joseph de. *Voyages à Peking, Manille et l’Île*



## HALF MILLENIUM OF CAMÕES

- de France, faits dans l'intervalle des années 1784 à 1801.* Paris: L'Imprimerie Impériale, 1808.
- Houckgeest, Andreas Everardus van Braam. *Voyage de l'ambassade de la Compagnie des Indes Orientales Hollandaises, vers l'empereur de la Chine, dans les années 1794 & 1795: Où se trouve la description de plusieurs parties de la Chine inconnues aux Européens, & que cette Ambassade a donné l'occasion de traverser.* Vol. 2. Filadélfia: M. L. E. Moreau de Saint-Méry, 1798.
- Hüttner, Johann Christian. *Nachricht von der Brittischen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei.* Berlin: Vossische Buchhandlung, 1797.
- Irwin, Eyles. "To Camoens' Grotto at Macao, on the Coast of China." *The Gentleman's Magazine*, Novembro de 1794.
- Lessa, Almerindo. *Macau: Ensaios de Antropologia Portuguesa dos Trópicos.* Lisboa: Editora Internacional, 1996.
- Macartney, George. *An Embassy to China: Being the Journal Kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Chien-Lung, 1793-1794.* Londres: Longmans, 1963.
- Ouseley, William, ed. *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature, of Asia.* Vol. 1. Londres: Cooper and Graham, 1797.
- Shaw, Samuel, e Josiah Quincy. *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author.* Boston: Wm. Crosby and H. P. Nichols, 1847.
- Silva, Beatriz Basto da. *Cronologia da História de Macau.* Macau: Livros do Oriente, 2015.
- Staunton, George Leonard. *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China; Including Cursory Observations Made, and Information Obtained, in Travelling through that Ancient Empire, and a Small Part of Chinese Tartary.* Londres: G. Nicol, 1797.
- Teixeira, Manuel. *Macau no Séc. XVIII.* Macau: Imprensa Nacional de Macau, 1984.
- Webber, James. *Draftsman on Board the Resolution, Captain James Cooke, from the Year 1776 to 1780.* Londres: Boydell and Company, 1808.
- Wright, G. N. Prefácio a *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire.* Londres: Fisher, Son, 1843.



# Revisiting the Bocarro Cannon Foundry in Macao

GEOFFREY C. GUNN\*

---

**ABSTRACT:** Allowing that no additional ‘smoking gun’ document has come to light, this article seeks to revisit some of the early literature on the cannon foundry established in Macao (c. 1627–1650) by Manuel Tavares Bocarro to expose gaps in our understanding as well as to encourage further research in this area. In line with recent historiography, the article acknowledges technological exchange in weaponry across Eurasia as opposed to an absolute European priority from the sixteenth century. As argued, this is amply demonstrated by the Portuguese–Ming China technology exchange such as contracted in Macao. As also demonstrated, the exchange was not confined to China but extended also to Japan and Vietnam under the southern Nguyễn dynasty at their request.

**KEYWORDS:** Bocarro; Cannon foundry; Gunpowder; Technology exchange; Portuguese–Ming relations.

---

## INTRODUCTION

Although well attested in literature, as with the early writings of historian Charles Boxer, surprisingly, very little advance has been made over the decades in the study of Macao’s early seventeenth-century cannon foundry. More legendary than validated and standing outside of local archaeological research, our knowledge gaps extend to a deeper study of the technology employed in the production process in Macao including the sourcing of copper, iron, tin, and other key elements necessary to produce iron or bronze cannon, not to mention acquiring the associated elements to produce gunpowder. The Bocarro Cannon Foundry was established between c. 1627 and 1650 by Manuel Tavares Bocarro, a scion of the Bocarro family of cannon-makers

established in Old Goa in India (and with Tavares Bocarro going on to serve as Captain-General and Governor of Macao from 1654 to 1664), the period also coincided with existential threats to the *status quo* in Portuguese-administered Macao posed by Holland in mounting a series of albeit unsuccessful seaborne attacks on the city.<sup>1</sup> Stated another way, whereas in the past the Ming authorities had restrained the Portuguese from building defensive walls and positions, the new conjuncture led to close collaboration in defending Macao and even the empire in facing down armed attacks by the eventually victorious Manchus.

Located astride the historic Praia Grande (Nam Van) on the Macao Peninsula adjacent to the Bom Parto Fortress and the slope of Penha

---

\* Geoffrey C. Gunn is currently an adjunct professor at the Centre for Macau Studies of the University of Macau and emeritus professor at Nagasaki University in Japan.

Geoffrey C. Gunn é actualmente professor adjunto do Centro de Estudos de Macau da Universidade de Macau e professor emérito da Universidade de Nagasaki no Japão.



Fig. 1: Bilingual street signage as described by Padre Manuel Teixeira. Photo by author, Macao 2024.

Hill, the historical site has been identified in part with the space today occupied by a children's park. Known locally as Chunambeiro or Chunambo, a former source of lime collected from oyster shells, as registered by historian Manuel Teixeira,<sup>2</sup> the site also lent its name to a road still extant, namely Rua do Chunambeiro. With the Chinese characters 燒灰爐 (shaohuilu) denoting 'furnace place', it leads us to enquire as to exactly what kind of furnace, even though the sources and secondary literature are largely silent upon the technical aspects of smelting and casting, not to mention the procurement of gunpowder or its constituent ingredients and manufacture.

As well recorded, Chinese smelting techniques range back 4,000 years. Knowledge of the gunpowder mixture of sulphur, saltpetre, and carbon, dates from the ninth century. Famously, Mongol-era naval forces employing bombards and artillery (albeit not metal-barrelled weapons) mounted punitive raids off southwestern Japan in 1281 and Java in 1283, long before Europe mastered the technology.<sup>3</sup> As exposed by Joseph Needham,<sup>4</sup> there was a time lag of several centuries between the first appearance in China of cannons, bombs, and gunpowder weapons and their reception in Europe, and with many transmissions mediated through the Arabs or during the Mongol ascendancy.<sup>5</sup> With the first Portuguese

ships arriving off the coast of southern China (c. 1521–1522) also engaging in naval encounters in the Pearl River Delta, the foreign interlopers who were flushed from their success a decade earlier in capturing the Malacca emporium from its Islamic custodians were obviously curious as to the state of Chinese military technology, whether it was ahead or lagging.

As will be argued, recent historiography has moved towards acknowledgement of technological exchange across Asia as opposed to a sixteenth-century European priority such as entering much of the conventional literature. As Marie-Louise Haller-Fries has demonstrated in an extended essay,<sup>6</sup> reaching back to the Portuguese conquest of Goa in 1510, it is credible that the seaborne intruders also took on board certain innovations resulting from cooperation with indigenous and foreign craftsmen. That would include Indian, Ottoman, and Chinese casting technology innovation, depending upon location. The same author also draws attention to the cannon casting knowledge exchange with China in the Chunambeiro foundry, as well as signalling the seventeenth-century military technology exchange between Portugal and Ming China.

The question as to whether the Europeans had a military-technology advantage over other peoples of the world during the early modern period has also been raised by military historians. As Subrahmanyam and Parker announce in their survey of the European 'military revolution' as it played out in South, Southeast, and East Asia, '[t]he arrival of the Portuguese in the Indian Ocean with their armed vessels around 1500 had already made firearms an important feature in naval warfare there'.<sup>7</sup> Specifically, Tonio Andrade has focused on the so-called Sino-Portuguese War of 1521–1522 or naval encounters proximate Macao to examine this issue.<sup>8</sup> Noting that whereas in the first set of naval engagements of 1521, Portuguese artillery



## HISTORIOGRAFIA

was markedly superior but in the second set of engagements of 1522, Chinese artillery caused major damage to the Portuguese ships. He found that '[i]f there was still a gap in 1522, it was much smaller', suggesting that the Chinese quickly learned to counterbalance Portuguese firepower. In the case of China, he demonstrates, the rapid adoption of Western artillery continued through the ensuing decades as the Ming redesigned Portuguese-style guns — termed *folangi* or Frankish guns — and adapted them to their own needs.<sup>9</sup>

While there is no evidence that Chinese cannons were technologically inferior to those of the Portuguese, it would appear, however, that European mathematical knowledge associated with gunnery was indeed ahead of the Chinese practice, just as cannons and muskets captured from the Portuguese were closely examined. As Yin Xiaodong explains,<sup>10</sup> between 1506 and 1521 both the breech-loading cannon dubbed Frankish culverin and the musket were introduced in Guangdong and Fujian. They were then copied and manufactured locally using traditional technology. Early in the following century the more complex muzzle-loading or 'Western' cannon also made their appearance whether by capture or purchase. Especially Yin draws attention to the role of Jesuit missionaries in introducing cannon-making technology and knowledge of mathematics which were crucial to perfecting ballistic trajectory as with the use of the gunner's quadrant to determine the elevation of the cannon. Notably, in 1607 Matteo Ricci and his Chinese bureaucrat collaborator, Xu Guangqi (Paul Hsü Kuang-ch'i) interpreted Euclid's *Elements*, also revealing for the first time the relationship between geometry and firearms, a tradition carried on by German missionary Adam Schall von Bell and, in the service of the Qing Emperor Kangxi, by the Belgian, Ferdinand Verbiest.<sup>11</sup>

To be sure, the early modern period in world history — Europe in particular — saw fundamental changes in military ethos as with the introduction of the arquebus progressively embraced through the fifteenth and sixteenth centuries. Neither should we ignore Portuguese naval prowess especially as it entered the Indian Ocean successfully taking on Ottoman and other Islamic adversaries in a number of crucial encounters. As with Macao's historic Mount Fortress, a major feature of Portugal's seaborne 'expansion' was the construction of an arc of fortifications spanning the Indian and southern Atlantic oceans, important if we are to understand the use of artillery in defending conquests not only at the expense of local holders of power but also against European rivals, Holland in particular.<sup>12</sup>

We should look to some context as to the establishment of a sixteenth-century Portuguese 'priority'. As well noted by Brazilian military historian, Adler Homero Castro,<sup>13</sup> in the European Middle Ages, combat by foot or infantry or by horse as with cavalry was directly associated with the nobility. On the other hand, artillery was an activity that required technical knowledge in mathematics, metallurgy, and chemistry, and artillerymen and engineers were seen as members of the scientific arms (*armas científicas*). The Bocarro family of reputed crypto-Jewish Christian converts appeared to fit the mould. According to Teixeira, the Bocarro family were a dynasty of founders which began in Portuguese India in the last quarter of the sixteenth century, with the eldest member Francisco Dias Bocarro, mentioned in 1587.<sup>14</sup> He was succeeded by his son Pedro Dias and his grandson Manuel Tavares. In 1674, the last Bocarro, Jeronymo Tavares, was named literally a 'master of the artillery foundry of the state of India' (*mestre da fundição de artilharia do estado da Índia*). The main Portuguese gun foundry in India was at Old Goa and was for many years under the supervision of Pedro Dias.



Fig. 2: Azulejo painting of oyster harvesting scenes in Parque do Chunambeiro, the original location of oyster harvesting. Photo by author, Macao 2024.

As Boxer explained,<sup>15</sup> the Portuguese technology exchange in Asia was not confined to China but also to Japan with respect to the introduction of arquebuses, castle design as with adaptation of *donjons*, naval architecture and even in the training of a Japanese cadre in cannon manufacture at Nagasaki. Nguyễn Vietnam would also turn to Macao for practical assistance in acquiring cannon as well as their manufacture back home. Although no additional ‘smoking gun’ document has come to light on the Bocarro foundry in Macao, this article nevertheless revisits some of the early literature on the subject, as well as the Portuguese–Ming technology exchange to expose gaps in our understanding as well as to encourage further research in this area. The first section will discuss

the rationale behind the launching of a gun foundry in Macao, the second section addresses the supply of copper and gunpowder to the Macao foundry, the third section discusses Portuguese diplomacy with the Ming apropos of the building and arming of fortifications in the face of threats from the Dutch. In the absence of more concrete historical data, the fourth section turns to the historical evidence with surviving cannons, museums, and museology. To test this argument, we also extend the essay in the way of offering a synthetic account of Portuguese military exchanges with the Ming court to meet the threat of advancing Manchu forces. A conclusion will return to the premise as to the validity of the technological exchange argument as well as the validations of sources.

## HISTORIOGRAFIA

## 1. PRETEXT FOR THE FOUNDRY AND MACAO'S FORTIFICATIONS

While, as alluded, the Portuguese had earlier established a gun foundry in Old Goa in India, the procurement of Japanese copper became a matter of urgency in Macao following the first Dutch attacks upon the city commencing in 1601, as the Portuguese needed to strengthen their fortifications and to fortify them with cannons. Such a hitherto forbidden development had the express consent of the Ming, and local officials were well informed as to progressive advances in Macao's fortifications and the local manufacture of weaponry. More than that, as this essay will develop, without direct Ming support in the way of supply of expertise, manpower and vital elements in support of the furnace operation, the foundry could not have been established or maintained.

The pretext for the fortifications of Macao, including the need to cast cannons locally, with the Dutch seeking to enter the China trade directly, has been much panned in the literature going back to travel collections issued in the eighteenth century. Certainly, as Portuguese historian Jorge Graça points out, the development of fortifications in Macao progressed through stages in the early decades owing to the initial reluctance of the mandarins to accept any defence system in the city that could be used as a stage to threaten the mainland. Over Chinese objections, the first artillery batteries commenced to appear c. 1604 but not gaining sanction or momentum until after the major Dutch attack of 1622, especially under Governor D. Francisco de Mascarenhas (1623–1626), who took possession of the St. Paul's Fortress under the control of the Jesuits, and constructed the St. Francis and St. Tiago da Barra batteries, as well as fortifications on Penha Hill and at Guia, among other bulwarks and a connecting system of walls. It was likewise Governor Mascarenhas who

launched the Chunambeiro foundry for casting cannons.<sup>16</sup>

Through his study of published accounts including an archival source citing a Dutch commander, we owe it to Boxer for carefully situating Macao's vulnerability to Dutch attacks back to the first failed venture in 1601, repeated in 1604 and 1607, with a major multi-ship invasion on 24 June 1622.<sup>17</sup> As he explained, this was at a time when the Mount Fortress was only partly operative and, as known to the attacking Dutch, also at a moment when Portuguese military specialists were out of Macao assisting the Ming in their defence against the Manchu invasion. With a landing party of some 600 Dutch along with 200 ethnic auxiliaries, this was touch and go in an epochal campaign leading to major losses on the Dutch side and the winning of much 'face' for the Portuguese defenders in the eyes of the Ming. As Boxer alludes, the Portuguese victory also prevented the Dutch from gaining a monopoly on the Chinese and Japanese markets and undercut French and English rivals as well.<sup>18</sup>

According to Nuno Valdez dos Santos,<sup>19</sup> in taking cognisance of the Dutch threat to Macao, King Philip II issued a royal charter (*carta régia*) of 18 January 1607, to proceed with the construction of fortifications, albeit only commenced in 1612 owing to Chinese objection and other obstacles. While different versions of the role of the senior Bocarro and his son in Macao are entertained, as Santos asserts, Manuel arrived in Macao in mid-1625 first serving in the foundry as a young man. By 1626, he had already struck a cannon known as the *Peça dos mandarins*, going on in 1627 to create cannons named after the saints. Besides producing cannons used to strengthen Macao's defences, namely on the Mount Fortress, the Bocarro foundry also cast bells and statues, such as the bell dated 1633 in St. Lawrence's Church, the bell in the chapel adjacent to the Guia Lighthouse



## HISTORIOGRAPHY



Fig. 3: Diorama of the Bocarro foundry (on display in Macao Museum).

and likely some of the bronze statues at the Ruins of St. Paul's.

To add a contextualising element, Portugal's Dutch rivals likewise hosted a cannon foundry in Batavia. This they followed up in 1611 after setting up a trading house on the island of Hirado off the northwestern coast of Kyushu in Japan. There they began casting mortars and other weapons in large part to impress the Shogunate and to win their tenure at a moment when their Catholic rivals, Portugal, were being expelled along with missionaries. Cannon making was known in the archipelago even prior to the irruption of Europeans, including the Islamic outlier of Manila thanks to Ottoman and other transfers. However, under Spanish rule, Manila not only hosted a cannon foundry but was a supplier of cannon to Macao at least down until the end of the Union of Two Crowns (1580–1640). Still, as Boxer<sup>20</sup> contended, neither the Dutch cannons produced in Batavia nor in other locations in Asia reached the standard of excellence of the Bocarro products, although this is not to deny a general preference for cannons cast in Europe such as those frequently harvested from shipwrecks as with the Tokugawa in Japan and the Nguyễn court in Vietnam.

In the absence of specific sources as to the Bocarro foundry's setup, whether entirely along the lines of the Portuguese Goa foundry or whether hybrid or localised fitting the prevailing Ming technological prowess, we should evaluate accordingly.<sup>21</sup> One thing is for sure with respect to the smelting of ores and that would apply to copper ingots used in the construction of bronze cannons or pig iron used in the construction of iron cannons, was the axiom that no matter how rich the ore deposit (or the foundry in this case), it was useless without sufficient wood in the vicinity used to make charcoal. Such was spelt out in a book by Qu Dajun (1630–1696) on iron smelting in Guangdong. The Macao Peninsula lacked wood and we may take it for granted that charcoal supply for the Bocarro foundry was sourced to interior Guangdong and shipped downriver.<sup>22</sup>

With respect to copper supply, copper sourced from Japan sustained the Bocarro foundry at least until the final prohibition of the nearly century-long Portuguese trade with Japan. Although new sources of copper were tapped in Szechuan (Sichuan) and Yunnan under the Ming, still Japanese copper either arriving directly in Macao via the Portuguese ships or indirectly via the junk trade, made up for a deficit in local supply. More generally, demand for Japanese copper in China increased, just as the Ming switched from paper currency to minted copper coins.<sup>23</sup>

With early sources of iron arriving in Macao from Goa as ship ballast, rich sources of iron were also available locally. Specifically, Luoding County in Guangdong was a major local source of iron, supporting an array of small and large furnaces, some capable of producing 3 to 4 tonnes of pig iron a day. Accessible to the Luoding River flowing into the Xijiang (West River) and on to Foshan, such sources of iron would have been readily available to the Bocarro foundry.<sup>24</sup> For that matter, even modern

## HISTORIOGRAFIA

vessels could navigate as far as Wuchow (Wuzhou), 290 kilometres from the delta, smaller vessels as far as mineral-rich Nanning, 790 kilometres inland, and local or indigenous craft as far west as the Yunnan border, thus potentially tapping even more distant supplies of iron, copper and tin deposits together used in the production of bronze cannon.<sup>25</sup>

### 1.1 CANNONRY EXPERTISE/TECHNIQUE

While the basic design of European cannons may appear to be simple, namely an enclosed metal tube with a closed rear end with a small opening on its back from where the shot is made, as Brazilian military historian Adler Homero Castro explains, such a description is misleading because it does not take into consideration the technical demands involved in operating weapons.<sup>26</sup> Namely, if fired under highly elevated pressure it requires considerable technical or empirical knowledge to avoid explosion during usage (and there are multiple examples of such incidents including flawed cannon demonstrations by the Portuguese in Beijing or the Dutch in Japan). Likewise, he explains, the casting of the objects was also intricate, '[e]ach being an individual piece manufactured by using the lost wax (*cera perdida*) casting technique, where the mould is destroyed after the metal is molten, meaning they could not be mass produced'. Certainly, as discussed below, that appeared to be the hallmark of the Bocarro cannons, each carefully individualised, crafted, and embossed or welded with a distinct design or insignia. Finally, and if not obvious, they were very expensive to manufacture (and so required state or quasi-state patronage). As Needham mentions, we should also observe that a typical furnace site in Guangdong employed 200 furnace workers, 200 water carriers and charcoal procurers (aside from miners).<sup>27</sup> If so, then we cannot envisage the Bocarro foundry's operation without such manpower backup and supply chains reaching up

the West River as endorsed and facilitated by the local Ming authorities.

No less important for the establishment of a foundry in Macao would have been local Chinese experts in cannonry and foundry operations. This was first revealed by Boxer in 1938 referencing a contract entered into between the Governor of Macao, D. Francisco de Mascarenhas, and two Chinese artisans assigned to cast cannons in Macao.<sup>28</sup> They were named Quinquo and Hiaoxon (Haizon) in an article published by Braga.<sup>29</sup> Writing almost two decades later, as Boxer pointed out, the original contract with the specialists dated to October 1623 then still existed in Portuguese archives in Évora replete with original Chinese signatures.<sup>30</sup> As he elaborated, at the time there was also a demand for Chinese specialists to serve in the gun foundry in Goa noting as well that the art of casting iron was little practised in the Iberian countries. Accordingly, in 1626 two individuals were sent to Goa along with iron ore procured in China via Macao. The request by Goa for more Chinese specialists was repeated in March 1632 although the quality of the iron ore was also queried. It is important to note, as Boxer sets down, that these individuals were specialists in casting iron cannons and that the art of casting iron cannons in Macao originated from the Chinese side. On the other hand, the founding of bronze guns in Macao owed to Portuguese inception. But were the two named Chinese mere artisans or were they masters of casting? Were only two individuals contracted or were they accompanied by their entourages? Or were they joined by successors as the years progressed? More recently, Tonio Andrade has engaged in this issue, asserting that Ming innovations in adopting iron and bronze composite metal casting techniques were sufficiently effective to prompt the Portuguese to seek out Chinese gunsmiths for their cannon foundries in Goa, with technology transfer in mind.<sup>31</sup>

## HISTORIOGRAPHY

## 2. THE STRATEGIC MATERIALS

From its foundation in 1587 by the Portuguese and the Jesuits arriving from Macao, Nagasaki, located in the southwestern part of Kyushu in Japan, became a thriving port, especially in the silk-for-silver trade with Canton (Guangzhou) as the source of silk.<sup>32</sup> Until the Jesuits and the Portuguese were expelled in 1637–1642, the relationship was profoundly transformative both in Japan and Macao. First, the trade enriched Macao, or individuals in Macao, as it did in Japan. It brought waves of Japanese exiles to Macao and, crucially for the Portuguese, the silver used to pay the ground rent as demanded by the Ming.

### 2.1 COPPER AND TIN

While Japanese copper alongside silver may well have comprised an import into Macao from an early date on the part of the Portuguese as well as Chinese junk traders, it is not well documented. As Boxer revealed from his scrutiny of Portuguese documents, Japanese copper only formed an important item in the last years of the Macao–Japan trade and was directly connected with the Bocarro foundry.<sup>33</sup> Boxer's major source on copper imports into Macao is a lengthy document produced by the incoming Viceroy of Goa, D. Miguel de Noronha, Count of Linhares. According to a letter of 16 November 1629, a meeting of the Council of State decided to auction three Japan voyages to the highest bidder. The contract was duly given to Lopo Sarmiento de Carvalho on the condition that he delivered 1,200 *piculs* of Japanese copper at the end of each voyage at a set price (one *picul* equals to 60–64 kilograms). Owing to the conditions in Nagasaki relating to the debts owed by Portuguese merchants under the so-called financial bond system (*respondência*),<sup>34</sup> the first of Sarmiento's three ships would not arrive in Nagasaki until July 1632. In dispatches written by Sarmiento in December 1633,

he claimed to have brought back in full to Macao the two years of copper supply as contracted, leaving a surplus in Macao.<sup>35</sup> Altogether, as Boxer interprets, Sarmiento's voyage provided a total of 4,000 *piculs* of copper used to supply both the Bocarro foundry in Macao and Goa.<sup>36</sup> Still, with the Dutch running a blockade on the Strait of Malacca this was no easy matter. In the event, with a truce signed with the English in 1635, English shipping — notably the *London* — was used to freight Japanese copper and several of Bocarro's bronze cannons from Macao to Goa. As Boxer clarifies, Macao's cannon industry was so important that regaining access to Japanese copper was one of the chief objects of the (failed) official Portuguese embassy of 1647.<sup>37</sup> By this date, copper exports from Nagasaki began to dramatically expand to the benefit of the Chinese junk traders and the Dutch East India Company (VOC) merchants, albeit lost to the Portuguese.<sup>38</sup>

It is also worth noting that back to at least 1600, the cargo manifests of the Portuguese Great Ship to Japan also included the import of tin, an important ingredient in the bronzing of the cannon and with bronze, an alloy of copper and tin.<sup>39</sup> Still, we may assume that Malacca was a prime Portuguese source of tin up until the Dutch conquest of 1641, just as the Malay Peninsula has long been known for its tin deposits. But, as revealed by Japanese records of a Chinese voyage of 1685, even with the Dutch in control, junk traders continued sourcing tin from Malacca, variously touching ports in the Pearl River estuary, Xiamen, and Meizhou Island (northeast of Quanzhou) en route to Nagasaki.<sup>40</sup> Likewise, inland regions of China close to waterways made Macao accessible to Chinese sources of tin if required.

### 2.2 COPPER FROM VIETNAM

Historical sources also allude to copper from Vietnam being sent to Macao to produce cannons. At the beginning of the seventeenth century, the



## HISTORIOGRAFIA

southern Nguyễn with their capital in Huế sought to maintain its artillery superiority in defence against attacks mounted by northern Trịnh dynasty's rivals and with Vietnam standing out on mainland Southeast Asia for its relatively advanced casting technology along Chinese lines. In line with the above, it is known that in 1651 the Nguyễn sought to send copper to Macao so that the cannons could be manufactured there. Certainly, this fits the peak of production of the Bocarro cannon foundry. It also coincides with the period prior to the perfection of cannon casting techniques in local Nguyễn foundries such as those established at the imperial capital of Huế.<sup>41</sup> At issue for the Portuguese was not only the security of the Catholic missionaries, but also fierce competition with the Dutch who had also muscled in on trade with both the southern Nguyễn and the northern Trịnh.<sup>42</sup>

As exposed by the late Macao historian Benjamim Pires<sup>43</sup> citing a document sourced to the Ajuda archives in Lisbon, commencing during the monsoon of July–August 1651, Macao entered into contractual relations with the southern Nguyễn through the exchange of gifts. At the time, João de Sousa Pereira, Captain-General of Macao (1650–1654), wrote to Nguyễn Phúc Tận, the ruling Nguyễn Lord (1648–1687) who completed the conquest of the Champa Empire and whose reign also coincided with the end of the Nguyễn–Trịnh wars, requesting permission for the missionaries to reside in his kingdom. He also sent him a cannon as a gift. This was delivered by two Macao-based missionaries, Metello Sacanno and Pero Marques. In return, the king sent a gift to the captain-general and promised to accept the missionaries. At the same time, he wrote a letter to the Jesuit visitor Sebastião da Maia (1650–1651), in which he thanked him for his letter and gifts and offered him gifts in kind, also pledging to send copper to be cast into cannons. Specifically, he requested the captain-general to

have the cannons forged and delivered up to himself by the missionaries on their return journey. Only then would he sanction a permanent presence of the missionaries. First translated into Portuguese by the Jesuits in Macao, and subsequently rendered into English as it first appeared in *Review of Culture*, the royal document reads as follows:

*I, King of the Kingdom of Cochin-China, am writing this letter to the Captain-General of the City of Macau.*

[...]

*I am sending five thousand catties of copper. Trusting in your esteem, I ask you to have it cast into cannons. I will consider this a great favour which I will never forget because, although they could be cast in my land, I wish to have them cast in Macau due to the trust I place in you. [...]*

*You may have the guns I need cast to your liking, either large or small, provided that you use up all the copper. This favour will be as great as the mountains and shall remain in my heart like the waters that descend from the same slopes.*

[...]

*Written in the third year of my Reign on the twenty sixth day of the third Moon of the year sixteen hundred and fifty one.*<sup>44</sup>

As Pires relates, more requests for artillery from Macao followed. Still, the delay in shipping enraged Nguyễn Phúc Tận, leading him to take some reprisals against the Faifo (Hoi An)-based missionaries. In short time, Pero Marques made

## HISTORIOGRAPHY

letter contact with Macao and the requests were immediately met. In 1659, a ship belonging to João Vieira conveyed the heavy artillery to Annam with the missionaries' rights restored.<sup>45</sup>

While we may surmise that there was cross-border copper trade with Yunnan just as the copper deposits in that vast region were then being exploited, we cannot rule out that the provenance of the copper pledged by the Nguyễn monarch was Japan. Certainly, by this date, VOC's ships commanded sanctioned exports of Japanese copper including those struck as coins, a trade item in high demand in mainland Southeast Asia. Vietnamese sources also allude to the existence of a foundry in Huế headed by the Portuguese master cannon maker João da Cruz, with European methods of casting larger ordinance replacing local technology.<sup>46</sup> By the time Cruz died in 1682, the Nguyễn were producing most of their cannons locally and in large numbers.<sup>47</sup>

### 2.3 GUNPOWDER

As alluded, gunpowder was a Chinese invention produced from the three key elements of sulphur, saltpetre (potassium nitrate) and carbon (charcoal) only borrowed by Europeans in the Middle Ages. Still gunpowder production was subject to much experimentation as to the ratio of the ingredients employed. But we should also be cognisant that there was no one standard of charcoal. Rather, as modern research confirms, it was a major variable in gunpowder manufacture depending upon the type of wood and the production process, with harder woods optimum.<sup>48</sup> Citing a Chinese source dated 1584, Needham reveals not only that willow was the chosen charcoal in China but that the proportions to be used in the manufacture of gunpowder were, saltpetre 75.6 percent;<sup>49</sup> sulphur 10.6 percent; and charcoal 13.7 percent.<sup>50</sup> What this suggests is that a great deal of experimentation and adjustment

was implied in borrowing or copying European cannons and matching gunpowder mixes.<sup>51</sup> As acknowledged by Garrett, besides importing most of their gunpowder from their larger mill operation in Goa, a small gunpowder mill was also established in Macao (although this requires more research).<sup>52</sup>

Neither can we ignore the other ingredient used in gunpowder manufacture, namely saltpetre. According to Mascarenhas, the main source of saltpetre used in gunpowder manufacture in the Portuguese territories was the Indian Peninsula as traded at ports in Gujarat, Bengal, and Coromandel.<sup>53</sup> With charcoal universally available, as Sun points out, saltpetre played a more important role than sulphur and charcoal in the gunpowder formula especially as it had to be traded long distance.<sup>54</sup> Not only was saltpetre known in China from antiquity practically as naturally occurring, but it was also manufactured and widely traded. Besides China, Tokugawa Japan also produced saltpetre, with the industry growing exponentially after the introduction of European matchlock guns in 1542. This was especially the case during the rule of the Kaga domain in Gokayama, a mountainous area astride the Japan Sea on Honshu.<sup>55</sup> Intriguingly, as Petrucci has revealed, there was also a trade in saltpetre from Macao to Japan.<sup>56</sup> This is set out in a 1567 letter from the Otomo family of Bungo, a powerful warlord (*daimyo*) in northwestern Kyushu, known for purchasing weapons and gunpowder from the Portuguese, to Bishop Belchior Carneiro in Macao requesting a monopoly on the import of saltpetre from the city, at the rate of ten *piculs* a year. Again, this is little studied from a Macao perspective, and we know less about how the Portuguese sourced the key elements required to produce high-quality gunpowder, saltpetre included. Neither can we preclude that the Portuguese also looked to the Ming to supplement their stock of the black powder during critical junctures.

## HISTORIOGRAFIA

What then was the Portuguese state of knowledge of gunpowder production? With copper casting and working of great antiquity on the Iberian Peninsula, foundry technology was also well developed in early modern Portugal as was the production of gunpowder likely introduced by the Arabs in the thirteenth century or even earlier. According to the research conducted by Quintela, Cardoso and Mascarenhas,<sup>57</sup> the first known mention of gunpowder makers belongs to the reign of King Afonso V (1438–1481), as well as the first provisions for storing gunpowder, and with the first documented evidence of gunpowder factories in Portugal dating to the reign of King Manuel I (1495–1521). At the Barcarena plant in Lisbon, four gunpowder mills were finished in 1618. Each had an edge runner that moved on a bed around a vertical shaft, driven by an overshot wheel. In the first half of the sixteenth century there were known units in India as in Goa at Terreiro do Paço and Divar Island, and at Chaul and Bassein. In Brazil, the first manufacturing units were established in the major captaincies during the sixteenth century and installed at Salvador da Bahia and Rio de Janeiro in the following century. The Azores, Ceuta, Oman, and Macao would be added to the list. But the major operation in Asia was at Goa, built at the expense of the national treasury near Goa, in Panelim, during the government of Viceroy D. Francisco da Gama. It was finished in 1630 by Viceroy D. Miguel de Noronha, Count of Linhares and is often described as a derivative of its Barcarena ancestor. The output of this factory satisfactorily met the demands by all the Portuguese fortresses of eastern Africa and Asia as well as private requirements.<sup>58</sup>

Still, once the Portuguese had arrived in East Asia, they surely had to take stock of local technologies, especially those connecting with naval encounters and mounting coastal defences. With respect to sulphur, volcanic islands in the Ryukyu

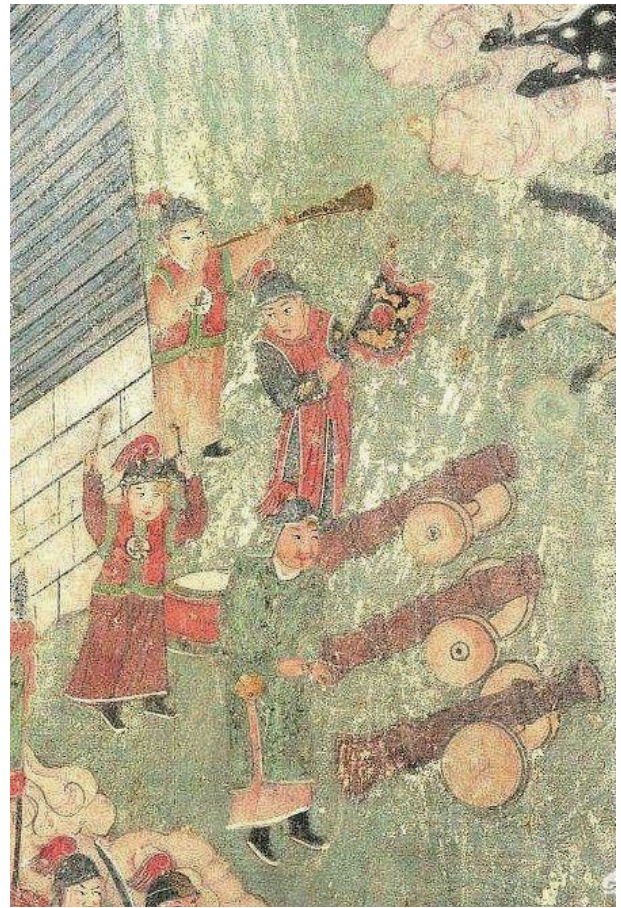


Fig. 4: Ming artillerymen from a mural in Yanqing District, Beijing. Wikimedia, [https://en.wikipedia.org/wiki/Gunpowder\\_weapons\\_in\\_the\\_Ming\\_dynasty](https://en.wikipedia.org/wiki/Gunpowder_weapons_in_the_Ming_dynasty).

Archipelago were one source tapped by Chinese traders dating back to the time of the Southern Song dynasty. According to Yamauchi's study of the sulphur trade between Japan and China in the Song and Yuan periods, Iojima (硫黄島), a volcanic island in the northern Ryukyu Archipelago, emerged as a major source, also connecting with Fujian.<sup>59</sup> As Yamauchi surmises, as an essential military material, the sulphur produced on the island may have played an important role in the initial stage of establishing political and economic relations between sovereign authorities in Ryukyu and the Ming dynasty. Solor offshore Timor in the eastern Indonesian Archipelago was another source of saltpetre and sulphur for



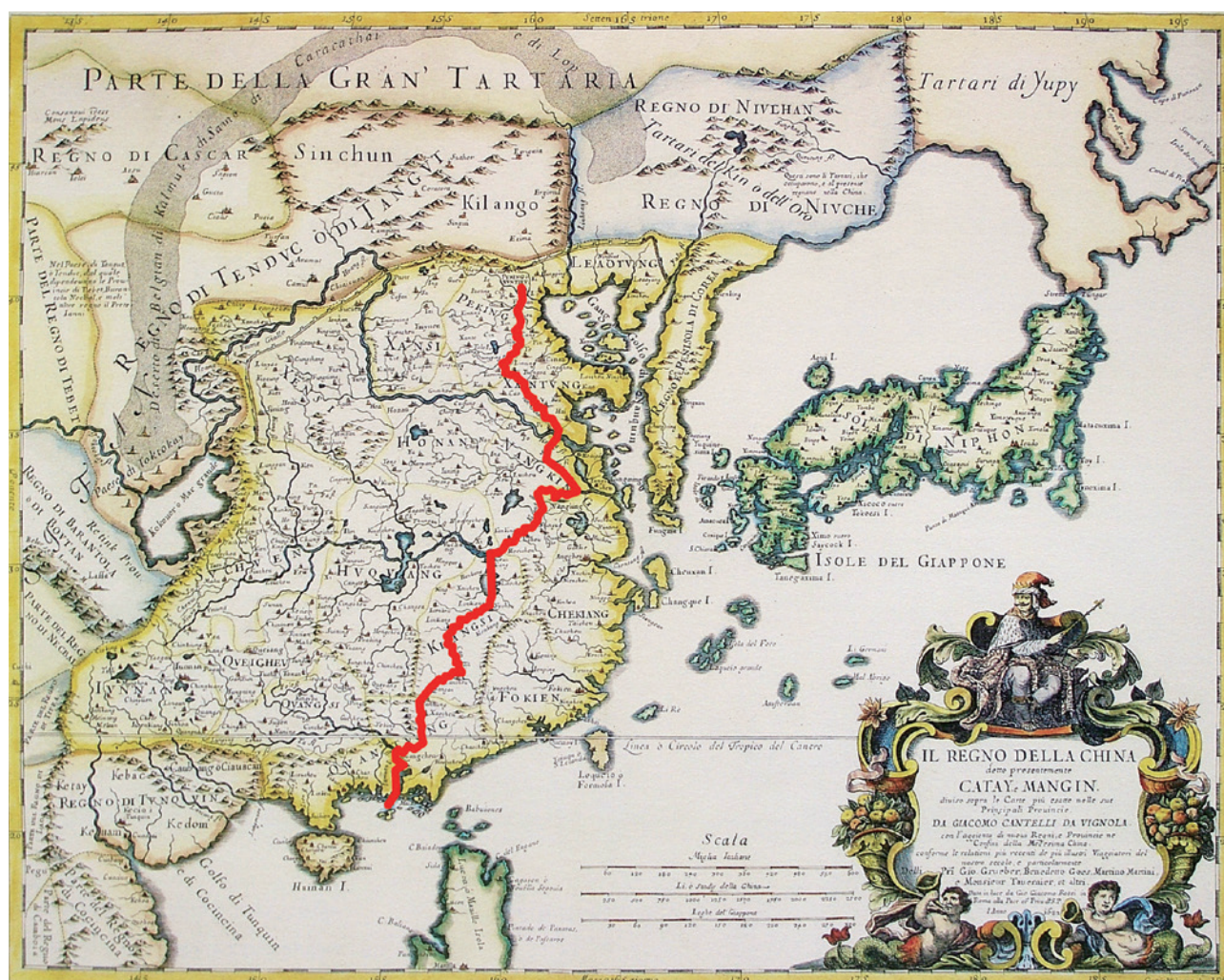


Fig. 5: Matteo Ricci's route from Macao to Beijing, more or less followed by Gonçalo Teixeira Correia in the 1620s and 1630s. Map by Giacomo Cantelli, Giovanni Giacomo de Rossi, 1682. Wikimedia, [https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Matteo\\_Ricci%27s\\_way\\_from\\_Macao\\_to\\_Beijing.jpg](https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Matteo_Ricci%27s_way_from_Macao_to_Beijing.jpg).

both the Portuguese and Chinese, at least until it was taken over by the Dutch.<sup>60</sup> Although less well documented, the Island of Java was also connected with China in the sulphur trade.

### 3. PORTUGUESE DIPLOMACY WITH THE MING

Besides the traffic in Bocarro's cannons across the maritime routes reaching the Indian Ocean littoral or even Europe, there is another dimension to the Macao foundry and cannonry expertise,

namely diplomacy. Importantly, as discussed below, with the Portuguese gaining a permanent foothold in Macao, the Ming would solicit direct assistance from Portuguese cannon experts especially when the dynasty came under threat from Manchu forces. Just why the Ming would turn to Portuguese cannons as opposed to their own developed over a long historical period is explained in an essay by António Graça Abreu, with recourse to Chinese texts.<sup>61</sup> As he explains, from the moment of the first Portuguese arrival on the coast of China, the Ming

HISTORIOGRAFIA

coastal defences were severely tested in various sea battles, leading to the capture of several Portuguese cannons. Closely studied, and duly impressed, the Ming looked to reinvigorate their coastal defences including cannonry, especially as China’s own precocious development of cannonry had stagnated over the centuries.

First made known to Europe by Portuguese missionary Álvaro Semedo in a book published in 1642, the City of Macao duly responded in 1630 by offering some 400 officers and regular soldiers. However, having made the arduous voyage as far as the provincial capital (Nanchang) of Jiangxi, they were informed that their services were no longer required.<sup>62</sup> Also drawing upon Semedo’s account, Boxer<sup>63</sup> was undoubtedly pioneering in placing Semedo into a historical perspective with his chronology of events (slightly edited) as reproduced below. Modern research mostly confirms these

events with the writings of Jorge M. dos Santos Alves<sup>64</sup> who asserts that Macao sent seven diplomatic missions to the Ming authorities between 1611 and 1633, including the one of 1611 seeking permission from the Guangdong provincial authorities to build fortifications in the city. Historian Michael Cooper<sup>65</sup> explains in some detail the dispatch of a mission at Chinese request from Macao in November 1628 bearing seven bronze and three iron cannons accompanied by João Rodrigues ‘the translator’. Under the command of artillery captain Gonçalo Teixeira Correia, the battle-tested party triumphantly entered Beijing in February 1630. There they received imperial support to request a follow-up mission from Macao as the Manchu threat was by no means diminished.

3.1 TIMELINE OF PORTUGUESE MILITARY MISSIONS IN SUPPORT OF THE MING

|                   |                                                                                                                                               |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1620              | Matteo Ricci’s Christian convert Xu Guangqi proposed using Portuguese cannons against the Tartars.                                            |
| 1621              | Four guns and bombardiers were sent from Macao (though the bombardiers were turned back).                                                     |
| 1623              | Board of War memorialised the Emperor to favour Portuguese gunners.                                                                           |
| 1624              | Seven Portuguese gunners arrived in the North, one of whom, João Correa, was killed in an accident.                                           |
| 1628–1630         | Expedition of Gonçalo Teixeira Correia and Antonio del Campo went from Macao to Nanchang, Jiangxi Province, where the majority was sent back. |
| 1631              | Teixeira died in the defence of Tengchow (Dengzhou).                                                                                          |
| 1643              | One cannon and four gunners were dispatched from Macao to Canton and Nanjing at the request of Cantonese provincial authorities.              |
| 1646              | Nicolas Ferreira and 300 men joined Southern Ming Emperor Yongli.                                                                             |
| 1647 (March–July) | Successful defence of Kweilin (Guilin) by Ferreira.                                                                                           |
| 1650 (November)   | Final Manchu capture of Canton. <sup>66</sup>                                                                                                 |

## HISTORIOGRAPHY

Boxer<sup>67</sup> is astute as well in acknowledging that, with their long traditions of cannonry, the Ming authorities looked to Macao not only for the physical cannons but to take advantage of the superior Portuguese knowledge of gunnery (and this is testified by the transmission of the science of ballistics such as introduced by the Jesuit interpreters).

## 4. THE HERITAGE

Writing from Macao during the war years, J. M. Braga<sup>68</sup> announced that among the hundreds of bronze and cast iron cannons produced in Macao, the vast majority had been lost in shipwrecks or melted down. He also recalled that, besides their use in the defence of Macao, a number of cannons produced in the Bocarro foundry were found being used in the actions against pirates on the China coast, sent as gifts to, variously, the Chinese emperors as well as the kings of Portugal, with others dispersed to Portuguese settlements in Africa and Brazil. Not only were the Bocarro cannons used against pirates, but occasionally pirates also used captured cannons in their battles.<sup>69</sup> As Boxer adds, during a later period, Portuguese settlements and outposts such as Solor, Flores and Timor were mainly supplied with cannons from Bocarro's gun foundry in Macao.<sup>70</sup>

As Braga<sup>71</sup> earlier pointed out, although specimens of Bocarro's cannons had been reported in various museums, there were then no examples extant in Macao. Today, the few surviving examples of these cannons are kept in the museums in South Africa, Oman, Lisbon, London, and Kagoshima in Japan. As bronze-worked cannons, they are impressive for their attention to aesthetic detail, and some are embossed with the coat of arms of the City of Macao. They are also renowned for their size (with some cannons weighing up to 3,026 kilograms and 3 metres long), not to mention their prowess that greatly attracted the interest of the Ming who

looked to mount their own defences and military campaigns.<sup>72</sup>

Notably, a bronze artefact cast by the Bocarro family's foundry in Macao was salvaged in May 1977 from the wreck site of the Portuguese galleon *Santíssimo Sacramento* which ran around near Schoenmakerskop in present-day South Africa on her maiden voyage in 1647. In that year the Portuguese galleons *Santíssimo Sacramento* and *Nossa Senhora da Atalaia do Pinheiro* departed from Goa with a cargo of Bocarro cannon which was intended as a gift from the Viceroy of India to John IV, the King of Portugal from 1640 to 1656. Weighing about 4 tonnes with a length of 3.7 metres, this cannon is one of the few remaining examples of its type in the world. It is decorated with the coat of arms of the Portuguese administration in Macao and the monogram of the Governor of Portuguese India.<sup>73</sup> Also to note, the National Museum of Oman holds a falconet — a kind of artillery piece that was very effective against infantry — that was made in 1643 in Macao by Bocarro. Inscribed are the words '*Viva el rei do Joao IV*' (Long live King John IV), the name '*Macau*', and the words '*encaza da polvra 1643*', referring to when the piece was made and the kind of ammunition it used. According to a press piece, a National Museum spokesperson described the weapon as 'richly decorated with acanthus leaves on the muzzle, barrel and breech, while the handles are designed to look like Chinese-style lions'.<sup>74</sup>

On the other hand, the Bocarro cannon curated in the Shoko Shuseikan Museum in Kagoshima is dedicated to the Shimazu clan heading up the Satsuma domain in southern Kyushu, and it is likely, as viewed by the author, a falconet, and not without aesthetic features. Although studied in some detail by Japanese researcher Muto Chozu<sup>75</sup> with black and white photographs, the enigmatic inscription on the cannon, namely '*De Ant Soares*



## HISTORIOGRAFIA



Fig. 6: *Si Jagur* Cannon at Fatahillah Square. Photo by CEphoto, Uwe Aranas. Wikimedia, [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jakarta\\_Indonesia\\_Si-Jagur-Cannon-at-Fatahillah-Square-03.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jakarta_Indonesia_Si-Jagur-Cannon-at-Fatahillah-Square-03.jpg).

*Vivas*’, was only deciphered by Boxer.<sup>76</sup> As revealed, the name corresponded to Antonio Soares Vivas, a Spanish officer and merchant based in Macao, who commissioned the Macao foundry to cast the cannon. With Boxer dating the cannon to c. 1630, he thus contradicted Muto’s assertion that it was acquired in a battle against a rival Christian *daimyo* during the previous century. While the provenance of the cannon thus remains obscure, we can believe that, in the hands of the powerful Shimazu clan, the cannon became an enduring local trophy.

Two Bocarro cannons survive in the British Royal Armoury collection, one in the Tower of London named *St. Ildefonso* and the other named *St. Lawrence* housed in Fort Nelson, Portsmouth. According to a British Royal Armoury description,

‘the *St. Ildefonso* cannon was returned to this country from China in 1842’ (following the capture by the British during the Opium War). Dated 1627, it is described as of large calibre containing a chambered bore. The piece’s name, *S. Tilafoco* (probably *St. Ildefonso*), is engraved at the muzzle. The arms of Portugal are displayed in relief with the cross of the Order of Christ surrounded by the inscription ‘*da cidade do nome de deos da China*’ (of the city of the name of the God of China). Below is a scroll bearing the name of the founder and the date ‘*Manoel Tavares Bocarro afes a 1627*’. As noted, the gun fired a stone shot weighing about 30 pounds. *St. Lawrence*, the larger of the two cannons, boasts a Portuguese coat of arms supported by angels, one raising aloft the cross and the other a disc-like object. Various

## HISTORIOGRAPHY

Chinese touches are noted on both cannons. The muzzle mouldings are heavier; the name of the gun engraved in front of the muzzle is ‘S. *Lovreco*’ (St. Lawrence).<sup>77</sup>

Rediscovered in the twentieth century, the *Si Jagur* cannon currently lodged in Fatahillah Square (Stadhuis Plein), the historical centre of Old Batavia (present-day Jakarta), was captured by the Dutch in the siege of Malacca. Esteemed for its potency, over the centuries it became a talisman for locals in Java — barren women especially — seeking its blessing. Made in 1625 by Bocarro in Macao, as described by a Jakarta History Museum website, it was smelted from 16 small cannons and weighs 3.5 tonnes. Emblem of the Bocarro metallurgical craft as much the sardonic temperament of that age, the breech end of the cannon features a finely crafted thumb wedged between two fingers, an obscene gesture used to insult enemies.<sup>78</sup> With some scores of these great bronze cannons produced in Macao, we can hazard that the value added to Japanese copper by the Bocarro foundry helped to capitalise and sustain the operation (although we know next to nothing about financing outside of the lucrative Japan trade). It is credible that specialists were sent from India to Macao to instruct and apprentice Chinese metalworkers.

## CONCLUSION

With the Bocarro cannon foundry as the focal point, this article has gone far in exploring the possibilities of Portuguese–Ming China exchanges in weapons technology. From the Portuguese side, such exchange included copper smelting technology, Portugal’s own prowess in mounting defensive positions as with the construction of the Mount Fortress, and the often-ignored Jesuit introduction of mathematical ballistics. We cannot conceive of a ‘military revolution’ on the China coast that could be comparable to the development in Europe. Simply,

back to the Song dynasty if not earlier, China was far ahead of Europe in pioneering the essential elements of smelting and casting cannons, not to mention the invention of gunpowder and its use in weaponry. In any case, some early naval skirmishes aside, the small European kingdom and the Central Kingdom were not at war with each other in the late Ming. Rather, circumstances drove them together, in the first instance in countering naval threats by Portugal’s European rivals upon China’s soft southern coast and, in the second instance, in confronting the no less threatening assault upon the Ming empire itself by the Manchu invaders ushering in a new dynasty, altogether tumultuous events which the Portuguese adroitly survived.

We should not be surprised that alongside the better-studied silk-for-silver trade engaging China with Japan and the America via the Spanish galleon system, stood substantive commerce in what today we would describe as war materials. In this distant age of so-called gunpowder empires, this commerce included, vitally, copper along with tin used in bronzing, secondarily iron ore, along with the essential ingredients to gunpowder manufacture. As this article has exposed, such procurement did not come easily and the sources range from the Japanese archipelago to the Indian subcontinent, to maritime Southeast Asia, just like the shipborne supply routes that were season-prone, hazardous, and wide open to attack by rivals. As revealed, the Bocarro foundry could not have operated without the supply chains that reached the neighbouring districts of China to keep the furnaces running with sources of wood or more likely charcoal, limestone, and other ingredients used in the smelting process, including local (China) sources of both iron and copper alongside the supplies arriving from Japan or Goa. Going beyond the supply of materials, we surmised that the Macao foundry with its preponderant Chinese workforce including foundry

## HISTORIOGRAFIA

specialists adopted elements of local technology as with furnace or even casting design, also in demand in Goa. It may only be cosmetic, but we cannot ignore that certain oriental or Chinese touches were incorporated into the cannon design that further helped to indigenise the weapons or make them more attractive to local clients.

Another dimension of the Bocarro foundry in Macao as highlighted by this article was the derivative character of the expertise transmitted via the parent Bocarro family in Goa, itself replicating the then state-of-the-art foundry technology and gunpowder mills established in Lisbon in the early seventeenth century. The art of gunnery was an associated skill and appears to have been well-tested in medieval Europe. While space precludes a discussion on cannonry advance in China ranging from bombardments wielded by Mongol attackers in Japan in the late thirteenth century or cannonry exchanges reaching Java or northern Vietnam in the same period, it is remarkable — although not thoroughly tested — that by the late Renaissance Europe and by mid-to-late Ming such parallelism from the opposite ends of Eurasia in weaponry and casting technology would exist such as that either side could draw upon the other in technological innovation or advance in the art of war. Such also fits the contention of Andrade that ‘likely that there was a global — or at least Eurasia-wide — process of gradual but consistent acceleration in military innovation during the early modern period, as societies came into sustained contact as never before in history’.<sup>79</sup>

As this article confirmed, the Bocarro cannon foundry was the single most important proto-industrial activity in Macao through the late Ming period and with its cannons traded widely across the region. Surprisingly though, local Macao archaeological research has largely failed to register evidence of the copper smelting and casting process,

which otherwise would add further evidence of this activity. However, as local Macao historian João Guedes lamented, the re-discovery, through archaeological research, would be an ‘impossible task’, as the evidence is forever lost under the foundations of buildings that began encroaching the Chunambeiro neighbourhood in the 1980s.<sup>80</sup> Dating from an earlier age, such buildings include the former premises of the Jardines & Matheson — a reference to the two-storey ‘Ricci building’ that nowadays houses the ‘Estrela do Mar’ school — overlooking a reclamation area that did not exist when the seventeenth-century cannon and bell maker worked in the area. **RC**

## ACKNOWLEDGEMENTS

The author acknowledges the early support offered by Paul B. Spooner in framing this article especially drawing upon his knowledge and interest in the subject and assistance in sourcing hard-to-locate materials. Likewise, he acknowledges the support offered by the Centre for Macau Studies as well as the staff of the University of Macau Library where the author conducted his initial research. He is also indebted to the regular staff of Nagasaki University Library, Muto Chozu Collection (and with Muto Chozu, a close collaborator with Charles Ralph Boxer).





## NOTES

- 1 See Nuno Valdez dos Santos, *Manuel Bocarro o Grande Fundidor* (Lisbon: Comissão de História Militar, 1981); Nuno Valdez dos Santos, "Manuel Bocarro, o Grande Fundidor," *Bulletin of the Centre for Maritime Studies of Macau*, no. 3 (1990): 15–102; and Gonçalo Couceiro, "Manuel Tavares Bocarro e a Casa de Fundação de Macau," *Revista Oriente*, no. 2 (April 2002): 111–118.
- 2 Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, *Ruas com Nomes Genéricos* (Macao: Imprensa Nacional, 1979), 313.
- 3 Wang Ling, "On the Invention and Use of Gunpowder and Firearms in China," *Isis* 37, no. 3/4 (July 1947): 160–178; Laichen Sun, "Military Technology Transfers from Ming China and the Emergence of Northern Mainland Southeast Asia (c. 1390–1527)," *Journal of Southeast Asian Studies* 34, no. 3 (October 2003): 497.
- 4 Joseph Needham, *Science and Civilisation in China*, vol. 5, pt. 7, *Military Technology; the Gunpowder Epic* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986), 179.
- 5 Anglophone readers are in debt to the writings of Joseph Needham, yet there is still much contestation as to technological advances and East–West exchanges in this complex area of research.
- 6 Marie-Louise Haller-Fries, "Exchanges in 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup>-Century Cannon Technology in Goa and Macao" (University of Zurich, 2015), [https://www.academia.edu/18427021/Exchanges\\_in\\_16th\\_and\\_17th\\_Century\\_Cannon\\_Technology\\_in\\_Goa\\_and\\_Macao](https://www.academia.edu/18427021/Exchanges_in_16th_and_17th_Century_Cannon_Technology_in_Goa_and_Macao).
- 7 Sanjay Subrahmanyam and Geoffrey Parker, "Arms and the Asian: Revisiting European Firearms and Their Place in Early Modern Asia," *Review of Culture* (International Edition), no. 26 (April 2008): 19.
- 8 Tonio Andrade, "Cannibals with Cannons: The Sino-Portuguese Clashes of 1521–1522 and the Early Chinese Adoption of Western Guns," *Journal of Early Modern History* 19, no. 4 (June 2015): 312; Tonio Andrade, "Cannibals with Cannons: The Sino-Portuguese Clashes of 1521–1522," in *The Gunpowder Age: China, Military Innovation, and the Rise of the West in World History* (Princeton: Princeton University Press, 2016), 124–134.
- 9 Andrade, "Cannibals with Cannons," 124–134.
- 10 Yin Xiaodong, "Western Cannons in China in the 16<sup>th</sup>–17<sup>th</sup> Centuries," *Icon* 14 (2008): 41–42.
- 11 Yin, "Western Cannons in China," 53.
- 12 Manuel T. Barata and Nuno Severiano Teixeira, eds., *Nova História Militar de Portugal*, 5 vols. (Lisbon: Círculo de Leitores, 2004).
- 13 Adler Homero Fonseca de Castro, "The Arts of Minerva: The Cannons of Museu Histórico Nacional," in *Pátio Epitácio Pessoa: Among Stones, Cannons and Arches* (Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2021), 53.
- 14 Manuel Teixeira, "Os Bocarras," in *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos* (Lisbon: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961), 5:359–384.
- 15 Charles R. Boxer, *Notes on Early European Military Influence in Japan (1543–1853)* (Tokyo: Transactions of the Asiatic Society of Japan, 1931), 4.
- 16 Jorge Graça, *The Fortifications of Macau: Their Design & History*, 2<sup>nd</sup> ed. (Macao: Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, 1984).
- 17 Charles R. Boxer, "The 24<sup>th</sup> of June 1622. A Portuguese Feat of Arms (Conclusion)," *Boletim da Agência Geral de Colónias* 2, no. 16 (October 1926): 239–247. Reprinted in Charles R. Boxer, *Estudos Para a História de Macau. Séculos XVI a XVIII*, 1.<sup>o</sup> tomo (Lisbon: Fundação Oriente, 1991), 43–56.
- 18 Boxer, "The 24<sup>th</sup> of June 1622," 56.
- 19 Santos, "Manuel Bocarro," 24–26.
- 20 Boxer, *Notes on Early European Military Influence*, 5.
- 21 See Santos, "Manuel Bocarro," 15–102; and Couceiro, "Manuel Tavares Bocarro," 111–118.
- 22 Joseph Needham and Donald B. Wagner, *Science and Civilisation in China*, vol. 5, pt. 11, *Ferrous Metallurgy* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008), 48.
- 23 Richard von Glahn, *Fountain of Fortune: Money and Monetary Policy in China, 1000–1700* (Berkeley: University of California Press, 1996); Geoffrey C. Gunn, *World Trade Systems of the East and the West: Nagasaki and the Asian Bullion Trade Networks* (Leiden: Brill, 2018), 203–234.
- 24 Needham and Wagner, *Ferrous Metallurgy*, 31.
- 25 Duarte Abecassis, "As Obras do Porto de Macau," *Anuário de Macau* (Macao: Imprensa Nacional de Macau, Ano 6, 1927), 79–80.
- 26 Castro, "The Arts of Minerva," 53.
- 27 Needham and Wagner, *Ferrous Metallurgy*, 31.
- 28 Charles R. Boxer, *A Derrota dos Holandeses em Macau no Ano de 1622: Subsídios Inéditos — Pontos Controversos, Informações Novas* (Macao: Escola Tipográfica de Orfanato, 1938), 4.
- 29 J. M. Braga, "Celebrated Gun-Foundry," *Renascimento* 1 (1943): 611–615.
- 30 Charles R. Boxer, "Asian Potentates and European Artillery in the 16<sup>th</sup>–18<sup>th</sup> Centuries: A Footnote to Gibson-Hill," *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society* 38, no. 2 (December 1965): 168.
- 31 Andrade, *The Gunpowder Age*, 202.
- 32 Charles R. Boxer, *The Great Ship from Amakon: Annals of*

## HISTORIOGRAFIA

- Macao and the Old Japan Trade, 1555–1640* (Lisbon: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1959), 1–19; Gunn, *World Trade Systems*, 73–98.
- 33 Boxer, *The Great Ship*, 8.
  - 34 See Charles R. Boxer, “Some Early Portuguese Bills of Lading, 1625–1708,” *Annals of the Nagasaki Higher Commercial School* 18, no. 1 (1937): 107–122.
  - 35 Boxer, *The Great Ship*, 132.
  - 36 Boxer, *The Great Ship*, 140.
  - 37 Boxer, *Notes on Early European Military Influence*, 6.
  - 38 George Bryan Souza, *The Survival of Empire: Portuguese Trade and Society in China and the South China Sea, 1630–1754* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986), 54.
  - 39 Boxer, *The Great Ship*, 140.
  - 40 But with Macao excluded from this ‘triangular’ trade under strict Japanese conditions forbidding Christian contamination, see Gunn, *World Trade Systems*, 151, 156–157.
  - 41 P. Chovet, “Les Urnes Dynastiques du Palais de Hué: Technique de la fabrication,” *Bulletin des Amis du Vieux Hué* (1914): 33–38.
  - 42 Boxer, “Asian Potentates,” 167.
  - 43 Benjamim Videira Pires, “D. João V’s Diplomatic Mission to Cochinchina,” *Review of Culture* (English Edition), no. 11–12 (September 1990–February 1991): 5–18.
  - 44 Pires, “D. João V’s Diplomatic Mission,” 5–18.
  - 45 Pires, “D. João V’s Diplomatic Mission,” 5–18.
  - 46 And with Cruz famous for bequeathing an inscription on a cannon dated 1664 which was dedicated to ‘Cochinchina, Champa and Cambodia’, see Alexei Volkov, “Evangelization, Politics, and Technology Transfer in 17<sup>th</sup>-Century Cochinchina: The Case of João da Cruz,” *History of Mathematical Sciences* (December 2012): 31–70, [https://doi.org/10.1142/9789814390446\\_0002](https://doi.org/10.1142/9789814390446_0002); Đinh Hoàng Trần, “Evangelization, Politics, and Technology Transfer in 17<sup>th</sup>-Century Cochinchina: The Case of João da Cruz,” *Conversations on Vietnam Development (CVD)*, accessed 7 February 2024, <https://cvdvn.net/2018/10/27/evangelization-politics-and-technology-transfer-in-17th-century-cochinchina-the-case-of-joao-da-cruz/>.
  - 47 Li Tana, *Nguyen Cochinchina: Southern Vietnam in the Seventeenth and Eighteenth Centuries* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998), 45.
  - 48 Brenda J. Buchanan, “Charcoal: ‘The Largest Single Variable in the Performance of Black Powder,’” *Icon* 14 (2008): 4, 14.
  - 49 Needham, *Military Technology; the Gunpowder Epic*, 358–359.
  - 50 Buchanan, “Charcoal,” 28, note 18.
  - 51 While Needham’s study of East–West transmissions of military technology has become an indispensable source, his discussions on Taoist alchemy and experimentation are considered by some as still not definitive on saltpetre and its provenance. See R. P. Multhauf, “Review of *Science and Civilisation in China*. Vol. 5: *Chemistry and Chemical Technology*. Pt. 7: *Military Technology; The Gunpowder Epic*. By Joseph Needham,” *Technology and Culture* 29, no. 4 (October 1988): 943–946, <https://doi.org/10.2307/3105070>.
  - 52 Richard J. Garrett, *The Defences of Macau: Forts, Ships and Weapons over 450 Years* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2010), 203–205.
  - 53 José Manuel de Mascarenhas, “Portuguese Overseas Gunpowder Factories, in Particular those of Goa (India) and Rio de Janeiro (Brazil),” in *Gunpowder, Explosives and the State: A Technological History*, ed. Brenda J. Buchanan (Aldershot: Ashgate Publishing, 2006), 184, 202.
  - 54 Sun Laichen, “Saltpetre Trade and Warfare in Early Modern Asia,” in *Offshore Asia: Maritime Interactions in Eastern Asia before Steamships*, ed. Fujita Kayoko, Momoki Shiro and Antony Reid (Singapore: ISEAS Publishing, 2013), 130.
  - 55 See Japan Tourism Agency, “Saltpetre Production in Gokayama,” accessed 4 January 2024, <https://www.mlit.go.jp/tagengo-db/en/R1-00116.html>.
  - 56 Maria Grazia Petrucci, “Pirates, Gunpowder, and Christianity in Late Sixteenth-Century Japan,” in *Elusive Pirates, Pervasive Smugglers: Violence and Clandestine Trade in the Greater China Seas*, ed. Robert J. Antony (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2010), 65–66.
  - 57 António C. Quintela, João Luís Cardoso, and José Manuel de Mascarenhas, “The Barcarena Gunpowder Factory: Its History and Technological Evolution between the Seventeenth and Twentieth Centuries,” in *Gunpowder, Explosives and the State: A Technological History*, ed. Brenda J. Buchanan (Aldershot: Ashgate Publishing, 2006), 123–125.
  - 58 Mascarenhas, “Portuguese Overseas Gunpowder Factories,” 183–205.
  - 59 Shinji Yamauchi, “The South Island Route and Sulfur Trade between Japan and China in the Song and Yuan Periods,” *Bulletin of the National Museum of Japanese History* 223 (March 2021): 253–284.
  - 60 Garrett, *The Defences of Macau*, 203–205; R. H. Barnes, “Avarice and Iniquity at the Solor Fort,” *Journal of the Humanities and Social Sciences of Southeast Asia* 143, no. 2/3 (January 1987): 208–236.
  - 61 António Graça de Abreu, “The Chinese, Gunpowder and the Portuguese,” *Review of Culture* (English Edition), no. 6 (1988): 32–40.
  - 62 First published in Spanish under the title *Imperio de la China*, this was followed by an English translation, namely, Alvarez Semedo, *The History of that Great and Renowned Monarchy of China. Wherein All the Particular Provinces Are Accurately Described: As Also the Dispositions, Manners, Learning, Lawes, Militia, Government, and Religion of the People. Together with*

# HISTORIOGRAPHY

- the *Traffick and Commodities of that Countrey* (London: E. Tyler, 1655), 104–105.
- 63 Boxer, *A Derrota dos Holandeses*, 7–8.
- 64 Jorge M. dos Santos Alves, “To Beijing: Macao’s Diplomacy with the Ming Dynasty (1600–1633),” in *Macao during the Ming Dynasty*, ed. Luís Filipe Barreto (Lisbon: Centro Científico e Cultural de Macau, 2009), 57–58.
- 65 Michael Cooper, *Rodrigues the Interpreter: An Early Jesuit in Japan and China* (New York: Weatherhill, 1974), 338–345.
- 66 Boxer, *A Derrota dos Holandeses*, 12–13; Cooper, *Rodrigues the Interpreter*, 338–345; Alves, “To Beijing,” 57–58. In particular, Alves cites Chinese sources as tracked or translated by Geoff Wade.
- 67 Boxer, *A Derrota dos Holandeses*, 3–4.
- 68 Braga, “Celebrated Gun-Foundry,” 612.
- 69 Petrucci, “Pirates, Gunpowder, and Christianity,” 59–72.
- 70 Boxer, “Asian Potentates,” 165.
- 71 Braga, “Celebrated Gun-Foundry,” 612.
- 72 See Santos, *Manuel Bocarro*, 15–102; Garrett, *The Defences of Macau*, 146–147.
- 73 Geoffrey Allen and David Allen, *The Guns of Sacramento* (London: Robin Garton, 1978), 13–16. And see an English translation of Santos, *Manuel Bocarro*, in João F. O. Botas, “O Canhão ‘Milagre’,” *Macao Antigo*, July 5, 2017, <http://macauantigo.blogspot.com/2017/07/o-canhao-milagre.html>.
- 74 Times News Service, “17<sup>th</sup> Century Portuguese Cannon a Blast at National Museum,” *Times of Oman*, 8 October 2018, <https://timesofoman.com/article/67170>.
- 75 Chozu Muto, “The ‘Madre de Deos’, the Portuguese Ship which Visited Nagasaki in 1607 and Her Gun,” *Boletim da Sociedade Luso-Japonesa* (June 1929): 29.
- 76 Boxer, *Notes on Early European Military Influence*, 27.
- 77 “Gun-Bronze Portuguese Cannon Perrier—1627,” Royal Armouries, accessed 2 February 2024, <https://royalarmouries.org/collection/object/object-24149>.
- 78 Jakarta History Museum, “Si Jagur Cannon,” Tetangga Exhibition, accessed 10 January 2024, <http://tetanggaexhibition.com/en/node/4>.
- 79 Andrade, “Cannibals with Cannons,” 316.
- 80 João Guedes, “Weapons of Yesteryear: Portuguese Cannon Foundries in Macao,” *Macao Magazine* (October 2011): 50–57.

## BIBLIOGRAPHY

- Abecassis, Duarte. “As Obras do Porto de Macau.” *Anuário de Macau*. Macao: Imprensa Nacional de Macau, Ano 6 (1927), 77–88.
- Abreu, António Graça de. “The Chinese, Gunpowder and the Portuguese.” *Review of Culture* (English Edition), no. 6 (1988): 32–40.
- Allen, Geoffrey, and David Allen. *The Guns of Sacramento*. London: Robin Garton, 1978.
- Alves, Jorge M. dos Santos. “To Beijing: Macao’s Diplomacy with the Ming Dynasty (1600–1633).” In *Macao during the Ming Dynasty*, edited by Luís Filipe Barreto, 56–67. Lisbon: Centro Científico e Cultural de Macau, 2009.
- Andrade, Tonio. “Cannibals with Cannons: The Sino-Portuguese Clashes of 1521–1522 and the Early Chinese Adoption of Western Guns.” *Journal of Early Modern History* 19, no. 4 (June 2015): 311–335.
- . *The Gunpowder Age: China, Military Innovation, and the Rise of the West in World History*. Princeton: Princeton University Press, 2016.
- Barata, Manuel T., and Nuno Severiano Teixeira, eds. *Nova História Militar de Portugal*. 5 vols. Lisbon: Círculo de Leitores, 2004.
- Barnes, R. H. “Avarice and Iniquity at the Solor Fort.” *Journal of the Humanities and Social Sciences of Southeast Asia* 143, no. 2/3 (January 1987): 208–236.
- Botas, João F. O. “O Canhão ‘Milagre’.” *Macao Antigo*, 5 July 2017, <http://macauantigo.blogspot.com/2017/07/o-canhao-milagre.html>.
- Boxer, Charles R. “The 24<sup>th</sup> of June 1622. A Portuguese Feat of Arms (Conclusion).” *Boletim da Agência Geral de Colónias* 2, no. 16 (October 1926): 239–247. Reprint, *Estudos Para a História de Macau. Séculos XVI a XVIII*, 1. o tomo. Lisbon: Fundação Oriente, 1991, 43–56.
- . “Asian Potentates and European Artillery in the 16<sup>th</sup>–18<sup>th</sup> Centuries: A Footnote to Gibson-Hill.” *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society* 38, no. 2 (December 1965): 156–172.
- . *A Derrota dos Holandeses em Macau no Ano de 1622: Subsídios Inéditos — Pontos Controvertidos, Informações Novas*. Macao: Escola Tipográfica de Orfanato, 1938.
- . *The Great Ship from Amacon: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640*. Lisbon: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1959.
- . *Notes on Early European Military Influence in Japan (1543-1853)*. Tokyo: Transactions of the Asiatic Society of Japan, 1931.
- . “Some Early Portuguese Bills of Lading, 1625–1708.” *Annals of the Nagasaki Higher Commercial School* 18,



## HISTORIOGRAFIA

- no. 1 (1937): 107–122.
- Braga, J. M. “Celebrated Gun-Foundry.” *Renascimento* 1 (1943): 611–615.
- Buchanan, Brenda J. “Charcoal: ‘The Largest Single Variable in the Performance of Black Powder.’” *Icon* 14 (2008): 3–29.
- Castro, Adler Homero Fonseca de. “The Arts of Minerva: The Cannons of Museu Histórico Nacional.” In *Pátio Epitácio Pessoa: Among Stones, Cannons and Arches*, 51–70. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2021.
- Chovet, P. “Les Urnes Dynastiques du Palais de Hué: Technique de la fabrication.” *Bulletin des Amis du Vieux Hué* (1914): 33–38.
- Cooper, Michael. *Rodrigues the Interpreter: An Early Jesuit in Japan and China*. New York: Weatherhill, 1974.
- Couceiro, Gonçalo. “Manuel Tavares Bocarro e a Casa de Fundação de Macau.” *Revista Oriente*, no. 2 (April 2002): 111–118.
- Garrett, Richard J. *The Defences of Macau: Forts, Ships and Weapons over 450 Years*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2010.
- Graça, Jorge. *The Fortifications of Macau: Their Design & History*. 2<sup>nd</sup> Edition. Macao: Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, 1984.
- Guedes, João. “Weapons of Yesteryear: Portuguese Cannon Foundries in Macao.” *Macao Magazine* (October 2011): 50–57.
- Gunn, Geoffrey C. *World Trade Systems of the East and the West: Nagasaki and the Asian Bullion Trade Networks*. Leiden: Brill, 2018.
- Haller-Fries, Marie-Louise. “Exchanges in 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> Century Cannon Technology in Goa and Macao.” University of Zurich, 2015. [https://www.academia.edu/18427021/Exchanges\\_in\\_16th\\_and\\_17th\\_Century\\_Cannon\\_Technology\\_in\\_Goa\\_and\\_Macao](https://www.academia.edu/18427021/Exchanges_in_16th_and_17th_Century_Cannon_Technology_in_Goa_and_Macao).
- Jakarta History Museum. “Si Jagur Cannon.” Tetangga Exhibition. Accessed 10 January 2024. <http://tetanggaexhibition.com/en/node/4>.
- Japan Tourism Agency. “Saltpeter Production in Gokayama.” Accessed 4 January 2024. <https://www.mlit.go.jp/tagengo-db/en/R1-00116.html>.
- Li, Tana. *Nguyen Cochinchina: Southern Vietnam in the Seventeenth and Eighteenth Centuries*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998.
- Mascarenhas, José Manuel de. “Portuguese Overseas Gunpowder Factories, in Particular those of Goa (India) and Rio de Janeiro (Brazil).” In *Gunpowder, Explosives and the State: A Technological History*, edited by Brenda J. Buchanan, 183–205. Aldershot: Ashgate Publishing, 2006.
- Multhau, R. P. “Review of *Science and Civilisation in China*. Vol. 5: *Chemistry and Chemical Technology*. Pt. 7: *Military Technology; The Gunpowder Epic*. By Joseph Needham.” *Technology and Culture* 29, no. 4 (October 1988): 943–946. <https://doi.org/10.2307/3105070>.
- Muto, Chozu. “The ‘Madre de Deos’, the Portuguese Ship which Visited Nagasaki in 1607 and Her Gun.” *Boletim da Sociedade Luso-Japonesa* (June 1929): 29.
- Needham, Joseph. *Science and Civilisation in China*. Vol. 5, pt. 7, *Military Technology; the Gunpowder Epic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- Needham, Joseph, and Donald B. Wagner. *Science and Civilisation in China*. Vol. 5, pt. 11, *Ferrous Metallurgy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- Petrucci, Maria Grazia. “Pirates, Gunpowder, and Christianity in Late Sixteenth-Century Japan.” In *Elusive Pirates, Pervasive Smugglers: Violence and Clandestine Trade in the Greater China Seas*, edited by Robert J. Antony, 59–72. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2010.
- Pires, Benjamim Videira. “D. João V’s Diplomatic Mission to Cochín-China.” *Review of Culture* (English Edition), no. 11–12 (September 1990–February 1991): 5–18.
- Quintela, António C., João Luís Cardoso, and José Manuel Mascarenhas. “The Barcarena Gunpowder Factory: Its History and Technological Evolution between the Seventeenth and Twentieth Centuries.” In *Gunpowder, Explosives and the State: A Technological History*, edited by Brenda J. Buchanan, 123–141. Aldershot: Ashgate Publishing, 2006.
- Royal Armouries. “Gun - Bronze Portuguese Cannon Perrier - 1627.” Accessed 2 February 2024. <https://royalarmouries.org/collection/object/object-24149>.
- Santos, Nuno Valdez dos. *Manuel Bocarro o Grande Fundidor*. Lisbon: Comissão de História Militar, 1981.
- \_\_\_\_\_. “Manuel Bocarro, o Grande Fundidor.” *Bulletin of the Centre for Maritime Studies of Macau*, no. 3 (1990): 15–102.
- Semedo, Alvarez. *The History of that Great and Renowned Monarchy of China. Wherein All the Particular Provinces Are Accurately Described: As Also the Dispositions, Manners, Learning, Lawes, Militia, Government, and Religion of the People. Together with the Traffick and Commodities of that Countrey*. London: E. Tyler, 1655.
- Souza, George Bryan. *The Survival of Empire: Portuguese Trade and Society in China and the South China Sea, 1630–1754*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- Subrahmanyam, Sanjay, and Geoffrey Parker. “Arms and the Asian: Revisiting European Firearms and Their Place in Early Modern Asia.” *Review of Culture* (International Edition), no. 26 (April 2008): 12–42.
- Sun, Laichen. “Military Technology Transfers from Ming China

# HISTORIOGRAPHY

- and the Emergence of Northern Mainland Southeast Asia (c. 1390–1527).” *Journal of Southeast Asian Studies* 34, no. 3 (October 2003): 495–517.
- . “Saltpetre Trade and Warfare in Early Modern Asia.” In *Offshore Asia: Maritime Interactions in Eastern Asia before Steamships*, edited by Fujita Kayoko, Momoki Shiro and Antony Reid, 130–184. Singapore: ISEAS Publishing, 2013.
- Teixeira, Manuel. “Os Bocarras.” In *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, vol. 5, 359–384. Lisbon: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.
- . *Toponímia de Macau*. Vol. 1, *Ruas com Nomes Genéricos*. Macao: Imprensa Nacional, 1979.
- Times News Service. “17<sup>th</sup> Century Portuguese Cannon a Blast at National Museum.” *Times of Oman*, 8 October 2018. <https://timesofoman.com/article/67170>.
- Trần, Đình Hoàn. “Evangelization, Politics, and Technology Transfer in 17<sup>th</sup>-Century Cochinchina: The Case of João da Cruz.” *Conversations on Vietnam Development* (CVD). Accessed 7 February 2024. <https://cvdvn.net/2018/10/27/evangelization-politics-and-technology-transfer-in-17th-century-cochinchina-the-case-of-joao-da-cruz/>.
- Volkov, Alexei. “Evangelization, Politics, and Technology Transfer in 17<sup>th</sup>-Century Cochinchina: The Case of João da Cruz.” *History of Mathematical Sciences* (December 2012): 31–70. [https://doi.org/10.1142/9789814390446\\_0002](https://doi.org/10.1142/9789814390446_0002).
- Von Glahn, Richard. *Fountain of Fortune: Money and Monetary Policy in China, 1000–1700*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- Wang, Ling. “On the Invention and Use of Gunpowder and Firearms in China.” *Isis* 37, no. 3/4 (July 1947): 160–178.
- Yamauchi, Shinji. “The South Island Route and Sulfur Trade between Japan and China in the Song and Yuan Periods.” *Bulletin of the National Museum of Japanese History* 223 (March 2021): 253–284.
- Yin, Xiaodong. “Western Cannons in China in the 16<sup>th</sup>–17<sup>th</sup> Centuries.” *Icon* 14 (2008): 41–61.



A collection of eighty views, maps, portraits and drawings illustrative of the Embassy sent to China under George, Earl of Macartney, in 1793. British Library, Topographical Collection of George III, Maps 8.Tab.C.8.

# ‘Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao’: A Faked Prince of Macao in 18<sup>th</sup>-Century France

IVO CARNEIRO DE SOUSA\*

---

**ABSTRACT:** On September 24, 1749, a ‘superb black man’, well dressed, speaking and writing French with surprising resourcefulness, was arrested in the port of Morlaix in Finisterre, often frequented by Breton corsairs. Arrested after a fight in a tavern in the city, the person was identified by the Morlaix police as someone wanted in several ports of Brittany for having left many unpaid bills and distributing counterfeit bills of debt and exchange. During the police interrogation, the defendant surprisingly identified himself as the ‘Prince of Macao’ and the elder son of its king, the ‘Grand Lord of Macao’. To the astonishment of the officials, he signed his statements with elegance as ‘Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao’. This article investigates this well-documented criminal case and then tries to understand the contexts and reasons for this strange falsification of a supposed ‘Prince of Macao’ in mid-18<sup>th</sup>-century France.

**KEYWORDS:** Rodolfo; Prince of Macao; Morlaix; French Brittany; Bicêtre Hospital-Prison; French East India Company.

---

A paper published in 1864 in the selected *Memories Read in the Sorbonne* by the professor and, later, director of the Faculty of Letters of Caen, Aristide Joly (1824–1893), presents a curious inventory of royal letters of justice conserved in his city archive, highlighting among other less vibrant criminal cases the singular dossier of ‘a black adventurer detained in Morlaix’, who, in the mid-18<sup>th</sup> century, claimed to be ‘the son of a prince of the East Indies and great Lord of Macao’.<sup>1</sup>

Very well documented but only briefly summarised by Joly, the historical case is remembered in much more detail on the front page of the *Journal des Débats Politiques et Littéraires*, dated August 16, 1923, displaying a text with the title ‘A Black Prince and the police in the 18<sup>th</sup> century’ signed by Étienne Dupont (1864–1928), local magistrate and historian of Caen.<sup>2</sup> Although following directly some of the historical sources referred to in Aristide Joly’s inventory, Dupont did not resist

---

\* Ivo Carneiro de Sousa holds a Ph.D. in Portuguese Culture and an Aggregation in History.

Ivo Carneiro de Sousa é doutorado em História e Cultura Portuguesa com Agregação em História pela Universidade do Porto.



turning the available documents' information into a colourful, creative narrative adapted to the curiosity preferences of hundreds of thousands of readers that followed daily one of the most popular Parisian French newspapers.<sup>3</sup>

Digesting Étienne Dupont's account, during 1749, a black man roamed the Brittany ports, seduced prostitutes, forgot to pay his bills, and deceived several traders with fake letters of exchange in Bordeaux, Bayonne, Rochefort, La Rochelle, Nantes, and Saint-Malo. Sometimes, the strange personage accounted that he was from the West Indies, where his parents had been wealthy planters; on other occasions, he claimed to be from the Ivory Coast or, more often, introduced himself as a 'prince' of the East Indies. Upon his arrival in Saint-Malo, he was lodged at the expense of some traders from Le Havre, to whom he paid with unvalued bills of exchange. During several days, he had been seen in Saint-Malo underworld, prowling, in the evening, from tavern to cabaret, often escaping from paying his arrears and even trying to live from the exploitation of local prostitutes. Endowed with unusual strength, he was occasionally involved in physical scuffles. It seems that one night, facing a hard fight in a cabaret with unloaders of the port, he received a tremendous blow on the mouth and lost a tooth. Later, he vanished from Saint-Malo after making several swindles and leaving behind countless faked letters of exchange and many debts.<sup>4</sup>

### THE ARREST: DOCUMENTS, HISTORY, AND SOME FICTION

The historical sources of the detention of this singular person are still preserved nowadays in the departmental archives of Calvados, in Caen, gathering five original documents produced by different French authorities between September 24, 1749, and March 18, 1750, including a detailed four-page hearing process.<sup>5</sup> The sources highlight a bizarre

historical adventurous case almost on the frontiers of a mythomaniac invention but are naturally not as fictionalised as in Dupont's newspaper short novel. On September 24, 1749, Rodolfo — as he signed his alleged name — was finally arrested in Morlaix, a well-known harbour bay in Finisterre in the 18<sup>th</sup> century as a shelter for Brittany corsairs and market for trading their lootings.<sup>6</sup> Eventually, getting drunk at La Harpe Couronnée, a tavern, and a lupanar on Quai de Léon, owned by an Irish, Thomas Martin, Rodolfo knocked down the owner after threatening him with his knife. The guard had difficulty getting hold of the 'superb black man' while the crowd gathering on the occasion witnessed him shouting loud, 'I am the Prince of Macao'. Incarcerated in the local prison, the police discovered a warrant pending on a person with his exact physical signs. The Morlaix police had been looking for someone like him for about a week and kept correspondence with the Saint-Malo judicial officers who suspected Rodolfo would not return to their city, where he had deceived shipowners, hoteliers, and innkeepers, leaving many debts that he afterwards justified not paying for 'being too noble to work'.<sup>7</sup>

After a night in jail, the culprit was presented to the 'exempt' — the police officer in charge of arrests — Georges François Moreau,<sup>8</sup> assisted by *maître* Guillaume Joseph Huon, the local notary, both confirming that the accused was able to speak and write in French, thus swearing to tell the truth and to sign his testimony. According to the four-page inquiry document, Rodolfo (always written Rodolphe by the clerk) was described as follows: 'man about 5 feet 3 inches (1.74m); slender waist, blackface, black eyes, slender legs; one tooth is missing in the upper jaw; crescent-shaped scar at the outer corner of the left eye; wart at the lower joint of the left index finger'.<sup>9</sup> This description matched very precisely the judicial warrant for a 'black crook' that the police had been searching from Bordeaux

## HISTORIOGRAFIA

to Saint-Malo, and the Morlaix police did not doubt that the said Rodolfo was the fugitive. The arrestation process also reported in detail that ‘he was dressed in an old coat of *camelot*, scarlet in color; a greenish jacket, known as the Marseille basin, festooned with white thread embroidery’.<sup>10</sup> Trying to simulate an aristocratic-alike look, the arrested also used ‘gray cloth panties that formed a double puff on his thighs; white woolen stockings; yellow square-toed shoes with steel buckles; a soft, sky-blue tie was tied around his neck; wearing a white shirt, and a soft, brown hat with a peacock feather’.<sup>11</sup>

Being asked about his ‘name, surname, age, profession, residence before his imprisonment’, he answered that ‘his name is Rodolphe, prince of Macao in the East Indies, son of the great Lord of Macao and aged twenty-five’; he also declared that he left Macao on the ‘Kings Day of 1746’ and that his ‘father and mother were still alive but did not want to see him anymore since he became Christian’; consequently, ‘he departed in the ship *Mettais Querquanny* and disembarked in Lisbon, Portugal, thus not having a fixed residence in the last years’.<sup>12</sup> Étienne Dupont published, without documental support, a much more vivid, imaginative narrative: Rodolfo was ‘raised in the palace of his ancestors, and he had met in one of his walks around Macao, a missionary who had converted him to Catholicism and who had administered to him, in great secrecy, the sacrament of baptism’. Unfortunately, ‘another blood prince, hoping to remove the *Dauphin* Rodolphe from the throne of Macao, denounced him to his father. The king was a devout Buddhist; furious at his son’s conversion, he ordered that his head be cut off, but the queen, his mother, made him escape, and he managed to embark for Portugal’. Rodolfo was able to leave Macao in disguise, taking ‘with him a thousand pounds of gold dust, a generous gift from his mother. After he arrived at Lisbon, he was princely treated there, but, for his part, he had

to incur great expenses, wishing to bear a name that was illustrious among the Indies. Too quickly, he threw his gold dust in the eyes of all, and to avoid the witnesses of his splendor feeling sorry for his misery, he went to France, hoping to meet there in Le Havre the rich Dutch merchants with whom he had been in contact at Batavia’. Unluckily, he hadn’t discovered them and resolved to go to Brittany, thinking confidently to find in this ‘good country, so pious, a welcome all the more sympathetic as he, Prince of Macao, had suffered and lost his crown for the love of Our Lord Jesus Christ’.<sup>13</sup>

Returning to the sources, in the following tough counter-interrogation transcribed extensively in the arresting file, Moreau started to ask the accused if he was aware of the reasons for his imprisonment. Rodolfo answered by stressing his complete surprise and ignorance: ‘he didn’t know why the Morlaix police arrested him’. Being inquired if he was the same person being searched in several ports of the ‘province’ for falsification of exchange letters, Rodolfo firmly denied it. Next, Moreau asked the suspect why the police had found on him a ‘passport in the name of Rodolphe Famard, 32 years old, profession navigator, born in Valenciennes to Jacques Famard and Elisabeth Bard’. The accused answered that he found the document on his arrival to France and, ‘being in complete misery, used it to hide his real name and try finding a position of Capitaine to which he couldn’t apply at only 22 years of age’.<sup>14</sup>

Georges Moreau subsequently confronted Rodolfo with seven other identity documents, including two passports written in Spanish, one of which, dated July 12, was signed by Mr. François de Bézabry, consul general at Rochefort. The warrant files identified these passports as being used by a ‘black to commit trickery in several French seaports’. The judicial documents also reported that this individual ‘had a broken tooth following a brawl

Fig. 1: The last few lines read: Rodolfo Deo Gratias princeps / ad Macao, Moreau / Exempt; ADC: C/430, "Détenition.": Ms. 1749, 24 septembre – Morlaix, fl. 4.

that took place in a cabaret in Saint-Malo' and used 'to carrying an olive wood cane with copper tip and eyelets'. Rodolfo recognised that he had lost a similar cane during his arrest at the La Harpe Couronnée. Still, he denied having falsified the referred identity documents that he legally acquired in order to 'depart to England or another foreign country, the reason for arriving Morlaix'.<sup>15</sup>

Despite all the evidence, from physical traits to several manipulated documents pointing to the same personal source, the indicted kept his testimony integrally, stressing that he was only telling the truth. Finally, on the interrogatory document, the signature affixed by the 'prince' to his declarations was very firm, elegant, and large enough to bring out his pretended high position: *Rodolfo, Deo gratias princeps ad Macao*. This signature occupying prominently the last folio of the process was in stark contrast to the humbler rubrics of (Georges François) 'Moreau, exempt', 'Moreau, exempt', and of the notary (Guillaume Joseph)

'Huon' (Fig. 1). Although the official historical arrest documentation ends up naturally with this set of signings, Étienne Dupont decided to impress the popular readers of the *Journal des Débats Politiques et Littéraires* with a textual extension that offers a satiric final dialogue, aiming to raise the claimed 'intellectual quality' of the Brittany police of the 18<sup>th</sup> century, one of the main objectives of an article that was intended to be amusing and burlesque.

Following this imaginative newspaper narrative again, after checking Rodolfo's grandiloquent signature, Moreau remarked that his Macao story was ridiculous:

[Translation by author] *The people of Macao are not black! And since when, please, has the prince heir to that country been called the Dauphin? I had believed, until now, that this title was only carried by the eldest son of His Majesty the King of France?*



## HISTORIOGRAFIA

*It is quite possible, retorted Rodolfo, since my father signed a treaty of alliance with His Majesty Louis the Fourteenth of the name in 1740.*

*Pardon, interrupted Mr. Moreau, His Majesty Louis the Great ceased to make the happiness of his people in 1715; the King of Macao could not deal with him twenty-five years after his death!*

*I am not here to receive lessons of History, remarked the Prince. What am I accused of?*

*Scams, stressed Moreau. You will explain yourself on this subject to the judicial authorities of Caen, who are demanding your presence.*

Returning, finally, to the ‘prince’ signature, Georges Moreau pointed out that Rodolfo made at least four mistakes in six words since he should have written: *Rodulphus, Dei gratia, princeps Macaoniensis*.

‘It is false, clarified Rodolfo, the good missionary who converted me always said after his meals: Deo gratias!’<sup>16</sup>

Despite this fictional dialogue transforming the documented case into a comic and folkloric account, the historical sources highlight that the pretended ‘Prince of Macao’ was definitively arrested and taken back to the bailiwick prison of Morlaix, where he stayed almost forgotten for months. On December 26, orders were given by the central royal government, for the transfer to Caen of the prisoner ‘accused of falsification of exchange letters that he presented to businessmen’.<sup>17</sup> Thereby, almost five months after the original arrest, a Mr. Urvoy de Royan, lieutenant of the constabulary of Rennes, informed the intendant of Caen on February 8, 1750 that the horsemen of Morlaix’s

brigade had just brought him the famous Rodolfo, known as ‘Prince of Macao’.<sup>18</sup> The prisoner and his documental process were received in Caen, but local officials noted that he was suffering from a venereal disease for which the city did not have an adequate hospital to ensure proper treatment. The Justice Minister, to whom a report was made, ordered on February 17, 1750, the transfer of *Rodolfo* to the royal hospital of the ‘contagious’ of Bicêtre, near Paris, a prison, hospital, and asylum for all kinds of delinquents, murderers, vagrants, crooks, pimps, syphilitics, and homosexuals.<sup>19</sup>

## IN BICÊTRE ASYLUM-HOSPITAL

One of the last local documents that survived the arresting process, dated March 17, 1750, is a detailed bill receipt of expenses handwritten by the prisoner in St. Germain at the end of his transfer from Caen to Paris-Bicêtre hospital. The authorities were informed that the voyage of about 200 km took five long days. The prisoner, between meals and overnight stays, spent 32 *sols* and 8 *deniers*: not really expensive, but not as well too cheap since the daily average salary in 1750 of a craftsman was 20 *sols*, an ordinary wine jug cost 15 *sols*, and an entire chicken was usually sold between 6 to 7 *sols*.<sup>20</sup> Much more impressive was again the wide signature at the end of the document: the meticulous ‘Rodolfo Deo Gratias princeps ad Macao’ stood even more magnificent with its grand initial and underlined with a vigorous decorated final trace suggesting a stylised writing plume. However, Rodolfo entered in Bicêtre officially as Rodolphe Barack Famard, since he had been identified in the epochal documentation of the former ‘Admiralty of Morlaix’, nowadays in the departmental archive of Calvados, in a process opened on September 22, 1749, two days before his arrest. In this document, ‘Rodolphe Famard, son of Jacques and Elisabeth Bart, born in Valenciennes, navigator of profession’, is accounted responsible

## HISTORIOGRAPHY

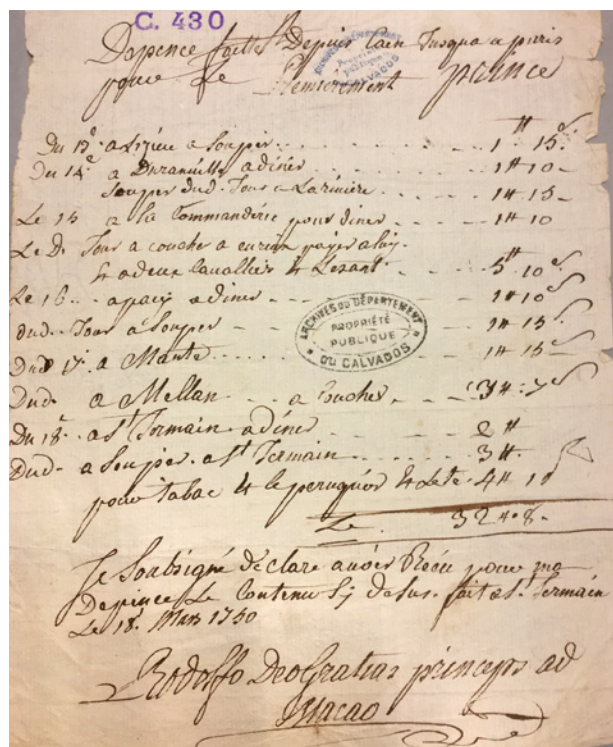


Fig. 2: The last few lines read: Rodolfo Deo Gratias princeps ad / Macao. ADC: Ms. 1750, March 18 – St. Germain, fl. 1.

for a tragic shipwreck near the 'bay of Valencia, in Spain'. This Famard, having that passport alleging an age of 32 years, was captain of a corsair ship of 200 tonnes and 22 cannons, *La Marie Rose*, gathering 40 men, seafaring from Constantinople (Istanbul was still called by its ancient Latin name) to Dunkirk, loaded with 'silk, coffee, wool, and outfits of the French ambassador'. Famard lost the ship and killed 14 sailors before he arrived in Saint-Malo and then vanished. In the margins of this document, someone wrote: 'declaration of Rodolphe Famard, since then calling himself Prince of Macao.'<sup>21</sup>

According to Dupont newspaper's overcoloured account, after arriving in Bicêtre, this strange 'Prince of Macao' was finally sent to the Bastille 'of the poor', where he disappeared forever.<sup>22</sup> It was not the case since he never went to the infamous prison and stayed only roughly ten months in

Bicêtre. The manuscript records of the prison, hospital, and asylum of Bicêtre in the 18<sup>th</sup> century are now part of the Bastille archive preserved in the Arsenal Library, a branch of the National Library in Paris. Despite this organisation, these are different archives from different institutions, although some incarcerated in Bicêtre which were considered more dangerous and violent, ended up being systematically transferred to the Bastille. Still, the majority, including common ill thieves, indigents, vagrants, defectors, panders, countless scammers, and many beggars' orphan adolescents, remained exclusively in the hospital asylum, normally from one to four years.<sup>23</sup>

The primary sources that, for the chronology of our Rodolfo case, are of interest to this investigation do not allow us to assess precise and continuous quantitative figures of prisoners and qualitative details about the internees. However, Rodolphe Barack Famard, or simply Barack, as recorded in the Bicêtre archive files, other than some brief references in general records and lists, has received a very rare individual dossier. For the first half of the 18<sup>th</sup> century, there are no more than two dozen preserved singular files mostly reserved for unique prisoners such as disgraced French aristocrats, high military traitors' officers, English spies, bizarre German barons, or fake Scottish surgeons, among others that arrived sick at Bicêtre, generally with venereal diseases.<sup>24</sup> Almost all these dossiers were opened to gather letters and supplications in favour of the prisoners, followed usually by systematic official negative replies.<sup>25</sup> Our 'prince of Macao' did not have anyone to write on his behalf, but he belonged to a very special category of 'exotic' inmates who attracted the fascination of the other prisoners and guards because of his peculiar physical appearance, merging dark colour skin with Arabic or Indian tall body characteristics, unusual strength, and eloquent ability to express himself in elegant

## HISTORIOGRAFIA

French, in addition to his continued insistence that he was indeed the prince of Macao.<sup>26</sup>

Under a cover simply written ‘Barack’, nowadays a well-known name of Arabic origin meaning ‘blessed’, the individual dossier of only five pages is more than enough along with the available records to fully understand the transitory passage of Rodolfo through Bicêtre.<sup>27</sup> Upon his arrival, the alleged *prince* was diagnosed by a ‘surgeon’ on March 19, 1750 with venereal syphilis, and was sent to one of the hospital wards where he received adequate medical treatment.<sup>28</sup> In the 1750s, the lessons of Jean Astruc prevailed in French medical practice based on his treatise *De Morbis Veneris*, published in 1736.<sup>29</sup> The book accurately describes syphilis, gonorrhea, and other venereal diseases, advanced treatments based on mercuric chloride pills known as calomel. These famous pills that lasted up to the late 19<sup>th</sup> century were probably effective since our fake Macanese prince left Bicêtre hale in January 1751, before being sent to the harbour of Lorient, and forced to embark in the trading vessels of the French Company of Indies.<sup>30</sup> Rodolfo’s arrest, incarceration, and final punishment through forced labour in the maritime trade campaigns of the French company, labelled as ‘doom to the galleys’, that would become, as we will see later, his last and fatal outcome, deserve some critical attention before any suggested historical interpretation of this Macao princely invention in mid-18<sup>th</sup> century France.

## WHY MACAO?

Despite their helpful information, all these criminal and hospital records do not produce any definite answer to the critical research question: why the forged identity of ‘Prince of Macao’? Was it related to Rodolfo’s maritime experience? Was he a captain, a corsair, or a simple sailor with former overseas activities in the Asian oceans? Unfortunately, the only documented seafaring

reference available, the odd shipwreck story of *La Marie Rose*, cannot document the question with evidence today and it is not easy to confirm from a critical historical perspective. Vessel disasters in Valencia Bay were rare, being much more frequent further south in the dangerous ‘Costa de les Rotes’, in the large maritime channel between Dénia and the island of Ibiza. There are nowadays more than one hundred identified shipwrecks in this area, including French sailboats in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries, but there is not any remote reference to *La Marie Rose*’s misfortune in Spanish archives or the documents produced by consuls of France in Valencia, usually mobilised for supporting trade activities in the region by exchanging cotton reexported from Marseille for wool and pass grape.<sup>31</sup> There is no documental remote clue either in the correspondence of the French ambassador in Constantinople from 1747 to 1754, Rolland Puchot, earl of ‘Des Alleurs’, testifying the alleged *La Marie Rose* trip carrying his outfits among other goods.<sup>32</sup> In contrast, there was countless corsair activity in the Eastern Mediterranean during the war of Austrian succession (1740–1748), gathering many French sailors, adventurers, and mercenaries without leaving documentary traces. Even if there is ‘veracity’ in the French vessel shipwreck under the alleged captain Rodolphe Barack Famard, it is difficult to find an immediate causal link with Macao: the trade intermediation functions of the Portuguese–Chinese enclave did not include the far away Mediterranean maritime economy of the 18<sup>th</sup> century.

Although it seems evident from the researched epochal sources that our Rodolfo was able to read and write in French to produce a detailed receipt of expenses and rubricate his invented signature, forge passports, or manufacture fake bills of exchange, it does not seem plausible that his arranged identity as the prince of Macao was inspired by any particular intellectual readings. It is worth mentioning that,



## HISTORIOGRAPHY

only between 1700 and 1747, at least 24 published textual memoirs described Macao to the curiosity of many French readers. If some of these texts, namely written by active missionaries in China, were not easily available to the general public, there was plenty of accessible information about Macao in at least 12 popular published dictionaries, mainly of geography, a much more cosmopolitan science in this period.<sup>33</sup> Some of these titles, such as the very popular *Dictionnaire Géographique Portatif*, organised by Jean Baptiste Ladvocat, published in 1747, were quite accessible and cheap in their small paperback formats. They teach everything essential to identify Macao: 'city built by the Portuguese with three large fortresses, a majority Chinese population, and a dual political system that included a governor sent from Portugal, strong municipal Macanese power, a Catholic bishop, and vigilant Chinese mandarins who, under the orders of the viceroy of Canton, sought to control the arrival of foreign trade vessels.'<sup>34</sup>

All the known texts from the first half of the 18<sup>th</sup> century, including those using the word colony, printed, plus manuscripts, or other documents, from official files to maps or iconography, ever represented Macao as a 'monarchic' territory of kings, princes, or 'grand lords'. Therefore, the police and judicial authorities of a busy trading and 'corsair' port like Morlaix would have no difficulty gathering credible information summary about Macao and immediately raising well-founded suspicions about Rodolfo's princely clumsy claims. Moreover, this abundant mid-18<sup>th</sup> century information has easily allowed Dupont's parodic prose to transform the diligent local 'inspector' Moreau into a personage as informed about Macao as a proficient Latinist, throwing the false Prince Rodolfo into the undisputed position of an accomplished scoundrel. The common petit-bourgeois Parisian readers of a very popular daily newspaper such as the *Journal*

*des Débats Politiques et Littéraires* would applaud Moreau's inquiry that unmasks the pretence of the Macao prince, certainly displaying a patronising or even xenophobic voyeuristic smile of moral convenience, plus admiration for the serious 18<sup>th</sup>-century action of the French provincial 'forces of order'. It is not necessary to explain at length that Joly and Dupont were interested in their works, typical of local amateur history, in extolling their city and the unique cultural region of maritime Brittany.

The repeated insistence of our libertine Rodolfo in passing through the ports of Brittany as a prince of Macao should be explained from a global historical perspective without the points of views and limits of local curiosity: were there many French vessels with traders, sailors, pilots, officers, and other naval workers who knew and visited Macao during the period of the adventures and incarceration of our extravagant 'prince'? Since the first maritime voyage that directly linked France to China via Macao in 1698, made by the sailing ship *Amphitrite*<sup>35</sup> to 1750, there were more than seventy French trade trips going to the seasonal Canton fairs, mostly seafaring from Lorient. They left us tens of logbooks, some memoirs and other documents.<sup>36</sup> This documentation clearly explains that once the vessels arrived at the maritime boundaries of the enclave, it was necessary to obtain trade authorisation from the city's Chinese and Portuguese authorities and an official pilot to make the complicated inland river trip up to the anchorage of Whampoa, which was the furthest point that foreign vessels were permitted to proceed when heading to the seasonal trade market in Guangzhou generally held between late July and early November. Upon their arrival in Whampoa, circa 20 km from Canton (nowadays part of the metropolis urban territory), foreign ships unloaded their cargo to small Chinese sampans that transported the goods

## HISTORIOGRAFIA

to the so-called 'fairs'. In Macao, it was also necessary to hire a 'buyer' (*comprador*), the head of a company mixing Chinese, Eurasians, and Portuguese, who was responsible for all supplies of ships, translation, and interpretation services, plus facilitating trade contacts and purchases in Canton. The vessels stopped again near Macao on their return to Europe after the Guangzhou market was closed, as it was the commercial and accounting services of very specialised companies in the city that did the labelling packaging, and bilingual or trilingual description of goods, including the identification of dozens of different types of tea or silk, also establishing international weights, volumes, and prices, in addition to resolving recurring commercial conflicts with bilingual legal services and arbitration.<sup>37</sup> On the way back, essential supplies, ranging from sails, rigging, food, clothing, and military artillery, were purchased in Macao for the long return journey to Europe. It is also documented that many of these French vessels, which usually saw part of their crew die during the long journey between Europe and China, purchased African and Asian slaves in Macao, especially from the islands of Timor, to fill their primary workforce.<sup>38</sup> Throughout the 18<sup>th</sup> century, these Macao services were indispensable for European foreign trade in the great southern Chinese city. This connection was significantly reinforced with the official opening of the so-called 'Canton system' in 1757 that wouldn't exist without the intermediation and services provided by Macao.<sup>39</sup>

It should also be clarified that these sizeable commercial European sailing ships were unable to dock in the very silted-up inner port of Macao, much less in the low bays, beaches, and piers of the peninsula, laying anchor in the natural harbour between the two islands of Taipa Grande and Taipa Pequena. Facing Macao, this harbour

provided adequate depth, sufficient protection against typhoons, and ship repair services. The many hundreds of French crew and sailors on these successive voyages until 1750 could barely see the silhouette of Macao from afar, a city they could only dream of since visits, usually fast, were only made by captains and their immediate mats. All the others could only indulge in lively exercises of imagination about the unique Portuguese–Chinese city, certainly feeling excited by the obligatory visit of the mandarins and officials from the Chinese Customs of Macao, the *hopu*, by 'compradores' and the numerous junks and *tankas* seafaring in the area. These numerous vessels, mixing work, fishing, transport, and housing, tried insistently every day to sell the most varied products, from food to cheap souvenirs such as fans, clothes, or jewellery imitations. They were also regarded with surprise for launching countless thunderous fireworks, from early morning to nightfall, to celebrate a good departure, arrival or deal, the deity of the day or the goddess A-Ma, the protector of the seafarers and fishermen of Macao and its neighbouring region. The French crews also heard noisy cannon shots fired from the Portuguese fortresses of Monte and Guia as foreign vessels arrived and departed, but they could hardly see the white flags of the Portuguese monarchy on their bastions. Hundreds of humble sailors returned to France without visiting the city they recalled by perceptions and stories. There were undoubtedly many shared oral accounts between the anecdote and the imagination about Canton and Macao among the French sailors who were there but without having seen more than a distant outline of the city.

Rodolfo's princely appropriation of Macao must have been suggested by the abundant and probably bizarre oral stories that circulated among these many French sailors, traders, and adventurers who, leaving mainly from the port of

## HISTORIOGRAPHY

Lorient, reached the end of a long voyage to trade in Guangzhou passing through Macao without ever, after all, setting foot in the two cities. They certainly heard vibrant reports from the ships' captains and officers about their visits to Macao since Guangzhou was closed to foreigners. The oral accounts of these lengthy and singular voyages were certainly transformed into fantastic, adventurous, and entertaining stories in the maritime culture of the ports of Brittany, where most of these seamen sailing to the Asian seas were recruited.

The fabulous invention of the false identity of 'Rodolfo' as the prince of Macao must be interpreted within these popular cultural practices that often-fuelled attitudes of boastfulness which was probably common among these seamen from the ports of Brittany who, between privateering and commerce, lived distant maritime adventures that they transformed into oral amusing and heroic stories with which they impressed 'virile' sailors' audiences and seduced women of 'easy' life. These adventurous accounts, merging live experiences and plenty of invented imagination, generated cases of folkloric and popular 'libertinage' and created some fabulous characters and heroic eccentricities. Rodolfo, or Rodolphe Barack Famard, was undoubtedly one of them. The criminal records that described him as a 'superb black man', fancy dressed, do not hide surprise and a certain admiration, while the Bicêtre hospital documents recall an exotic character represented in-between an 'Arabe' and a 'Hindu', revered by his fellow prisoners, and some jail guards, under that brief official identification of 'Barack', the 'prince of Macao'. However, his social and cultural identity is difficult to assert. The suggested identification as the 'son of Jacques and Elisabeth Bart from Valenciennes' lacks today in the available archives any remote documental evidence.

In contrast, its physical and cultural portrait can, with some effort, indicate a very little-studied

group of sailors and pilots with exceptional skills in navigation in the Indian Ocean who were mobilised by European trade since the end of the 15<sup>th</sup> century in the main ports of Mozambique, Kenya, Tanzania and, later, the islands of Mascarenes, Madagascar, and Comoros. There is no need to remember at length that Vasco da Gama recruited an Omanid Arab pilot in Malindi to reach in 1498 Calicut, in India, a process that most Portuguese captains sailing from Eastern Africa to India followed afterwards. Despite appearing late in this Indian Ocean trade, the French East India Company started the slave trade on the African coasts and islands in the second half of the 17<sup>th</sup> century with the systematic recruitment of free men, pilots, sailors, and other skilled workers. Can this process suggest a possible genealogy that includes a man with the anthropo-physical and vaguely cultural characteristics assigned to our Rodolfo?<sup>40</sup>

In any case, it seems evident that our would-be 'prince of Macao' was a man with enough knowledge and experience of sea travel to leave the Bicêtre prison hospital fast, probably cured and forcefully recruited for the French East India Company overseas trade. We do not know how many trips Rodolfo made and whether he was ever close to Macao on any of them, but his last and fatal maritime adventure is well documented. On March 7, 1758, he left Lorient on the sailing ship *Rôle de la Baleine* bound for Pondichéry, then the most important French commercial enclave in India. Rodolfo, always naturally spelled as Rodolphe, appears significantly as a 'sailors' bossman' at around 33 years of age. The vessel sailed from Brittany to Rio de Janeiro; from here, it went around the Cape of Good Hope, then made stops in the Mascarenes and Madagascar, heading towards Pondichéry, where English ships arrested it at sea. Imprisoned, possibly injured or ill again, Rodolfo was finally sent to the Fareham Navy



## HISTORIOGRAFIA

hospital near the port of Portsmouth, England. He died on February 12, 1763, certainly not yet 40 years old.<sup>41</sup> The life of Macao's strangest prince was over, fulfilling the statements he had made to the Morlaix police when he claimed that he had arrived at the city port to try to get to England.

His incredible story proved through a falsification between mythomania and libertinage that Macao was much more than a referential city of commerce in the 18<sup>th</sup> century to become a locus of exciting adventures and imagined exoticisms that reached the world of international maritime trade. **RC**

## NOTES

- 1 Aristide Joly, "Les Lettres de Cachet: dans la Généralité de Caen au XVIII<sup>e</sup> Siècle, d'Après des Documents Inédits," in *Mémoires Lus à la Sorbonne dans les Séances Extraordinaires du Comité Imperial des Travaux Historiques et des Sociétés Savantes* (Paris: Imprimerie Impériale, 1864), 424.
- 2 Étienne Dupont, "Un Prince Nègre et la Police au XVIII<sup>e</sup> Siècle," *Journal des Débats Politiques et Littéraires*, 135 année, no. 223 (Jeudi, 16 Août 1923): 1. This account with some textual arrangement was later republished in a later edition of Étienne Dupont, *Les Corsaires Chez Eux* (Morlaix: Coëtquen Editions, 2016), 117–122.
- 3 This is a well-known historical press title founded in 1789 by a printer named Baudouin, originally with the objective to follow and publicise the debates in the French National Assembly after the Revolution. Purchased in 1799 by the Bertin brothers — Louis-François Bertin (1766–1841) and his younger namesake Louis-François Bertin de Veaux (1771–1842) — it was renamed as *Journal de l'Empire*, and between 1814 and 1944 adopted finally this name of *Journal des Débats Politiques et Littéraires*. In the last years of the 19<sup>th</sup> century and the first two decades of the 20<sup>th</sup> century, the journal printed about one million daily copies. It was suppressed after the Liberation of Paris, in August 1944, accused of collaborationism (Dominique Kalifa and Philippe Régner, *La Civilisation du Journal. Histoire Culturelle et Littéraire de la Presse Française au XIX<sup>e</sup> Siècle* (Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011), 181–211.
- 4 Dupont, *Les Corsaires*, 118.
- 5 Archives du Département du Calvados (ADC), C/430 — "Détention de particuliers dans des maisons de force ou de correction: dossier Rodolphe Barak se prétendant prince de Macao, accusé d'avoir fait de fausses lettres de change qu'il a présentées à des négociants de Caen": Ms. 1749, September 24 — Morlaix, 4 fls.; Ms. 1749, December 26 — Versailles, 1 fl.; Ms. 1750, February 8 — Rennes, 1 fl.; Ms. 1750, February 17 — Versailles, 1 fl.; Ms. 1750, March 18 — St. Germain, 1 fl. (Caen: Henri Delesques, 1905).
- 6 Joachim Darsel, *Le Port de Morlaix et la Guerre de Course* (Morlaix: Le Bouquiniste, 2005); Jean-François Jacq, *L'Âge d'or des Corsaires (1643–1815): Morlaix, Paimpol, Bréhat, Binic* (Rennes: Éditions Apogée, 2011); André Lespagnol, *La Course Malouine au Temps de Louis XIV. Entre l'Argent et la Gloire* (Rennes: Éditions Apogée, 1995).
- 7 Dupont, *Les Corsaires*, 119.
- 8 In the primary archive documentation, the agent is identified simply as Georges Moreau, 'exempt of the constabulary of Morlaix', namely in several difficult processes from 1744–1745 involving traders, corsairs, riggers and sailors; See Archives Départementales Calvados (ADC), *Inventaire-Sommaire des Archives Départementales Antérieures à 1790. Amirauté de Morlaix* (Caen: Henri Delesques, 1905), 99–100; Moreau certainly made many enemies during these arrests and hearings since he was murdered in early 1751 by a certain Jean-Jacques Bouville sentenced on March 5, 'having his hand cut off and being hanged' (see ADC, *Inventaire-Sommaire*, 106).
- 9 ADC, C/430, Ms. 1749, September 24 — Morlaix, fl. 1.
- 10 ADC, C/430, Ms. 1749, September 24 — Morlaix, fl. 1.
- 11 ADC, C/430, Ms. 1749, September 24 — Morlaix, fl. 1.
- 12 ADC, C/430, Ms. 1749, September 24 — Morlaix, fls. 1–2.
- 13 Dupont, "Un Prince Nègre," 1; Darsel, *Le Port de Morlaix*, 185–186; Dupont, *Les Corsaires*, 119–120.
- 14 ADC, C/430, Ms. 1749, September 24 — Morlaix, fl. 2.
- 15 ADC, C/430, Ms. 1749, September 24 — Morlaix, fl. 3.
- 16 Dupont, "Un Prince Nègre," 1; Darsel, *Le Port de Morlaix*, 186; Dupont, *Les Corsaires*, 120–121.
- 17 ADC, C/430, Ms. 1749, December 26 — Versailles, fl. 1.
- 18 ADC, C/430, Ms. 1750, February 8 — Rennes, fl. 1.
- 19 ADC, C/430, Ms. 1750, February 17 — Versailles, fl. 1.
- 20 Michel Morineau, "Budgets Populaires en France au XVIII<sup>e</sup> Siècle," *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, vol. 50, no. 2 (1972): 221–223.
- 21 ADC, *Inventaire-Sommaire*, 78, n. 1.
- 22 Dupont, "Un Prince Nègre," 1; Dupont, *Les Corsaires*,

# HISTORIOGRAPHY

- 121–122.
- 23 Paul Bru, *Histoire de Bicêtre (Hospice – Prison – Asile) d'Après des Documents Historiques* (Paris: Aux Bureaux du Progrès – Lecrosnier et Babè, 1890), 25–33.
- 24 Bibliothèque Nationale de France (BNF): Manuscrits de la bibliothèque de l'Arsenal; Archives de la Bastille – Deuxième section, Prisonniers Dossiers Individuels (1700–1750), Ms. 11696, 11697, 11698.
- 25 BNF: Manuscrits de la bibliothèque — Deuxième section, Ms. 11697, fls. 30–167.
- 26 BNF: Manuscrits de la bibliothèque — Deuxième section, Ms. 12685, fls. 97–99.
- 27 BNF: Manuscrits de la bibliothèque — Deuxième section, Ms. 11697, fls. 70–75.
- 28 BNF: Manuscrits de la bibliothèque — Deuxième section, Ms. 11697, fl. 71.
- 29 Jean Astruc, *De Morbis Veneris Libri Sex. In Quibus Disseritur Tum de Origine, Propagatione & Contagione Horumque Affectuum in Genere: Tum de Ungulorum Natura, Aetologia & Therapeia* (Paris: Guillelmum Cavelier, 1736).
- 30 BNF: Manuscrits de la bibliothèque de l'Arsenal; Archives de la Bastille — Troisième section, Administration Intérieure de la Bastille et de quelques autres prisons. Bicêtre: documents divers concernant la prison de Bicêtre. Etats des prisonniers et documents divers (1741–1751), Ms. 12685, fl. 97.
- 31 Archivo Histórico Nacional (AHN): Estado, 613, Exp. 23: *Consulta sobre petición de Real Cédula de aprobación del nombramiento de Antonio Bremond como Vicecónsul de Francia en Valencia, expedido por el Cónsul de dicha nación en el reino de Valencia, Juan Bautista Gayot* (1749–08–06, Madrid); Manuel Perez García, “Les Échanges Transnationaux et la Circulation des Nouveaux Produits em Mediterranée Occidentale au XVIIIe Siècle,” *Histoire, Économie & Société*, 30e année, no. 1 (2011): 49.
- 32 Archives Nationales: Secrétariat d'État de la Marine, Bureau des Consuls: *Correspondance consulaire de l'ambassadeur de France à Constantinople, 1709–1790* — AE/B/I/386–AE/B/I/418.
- 33 Denis Martineau du Plessis, *Nouvelle Geographie, ou Description Exacte de l'Univers* (Amsterdam: Chez George Gallet, 1700), 350–351; Charles Maty, *Dictionnaire Géographique Universel* (Utrecht: François Halma and Guillaume van de Water, 1701), vol. II: 619; Louis Baudrand & Jean Gelé, *Dictionnaire Géographique et Historique* (Paris: Denys Du Puis, 1705), II, cc. 1055; M. Vaultier, *Le Grand Dictionnaire Historique, ou Le Mélange de l'Histoire Sacrée et Profane* (Paris: Denys Mariette, 1707), vol. III: 603; Thomas Corneille, *Dictionnaire Universel, Géographique et Historique* (Paris: Jean Baptiste Coignard, 1708), vol. II: 540; Louis-Ellies du Pin, *Le Grand Dictionnaire Historique, ou Le Mélange Curieux de l'Histoire Sacrée et Profane* (Amsterdam: P. Brunel; Leiden: S. Luchtmans & C. Haak; The Hage: P. Gosse; Utrecht: E. Néaulme, 1711), vol. VI: 4; Nicolas Lenglet du Fresnoy, *Méthode pour Étudier la Géographie dans Laquelle on Donne une Description Exacte de l'Univers Tirée des Meilleurs Auteurs et Formée sur les Observations des Messieurs de l'Academie Royale des Sciences* (Paris: Charles Estienne Hochereau, 1716), vol. II: 372–373; *Dictionnaire Universel François et Latin, Contenant la Signification et la Définition Tant des Mots de l'Une et de l'Autre Langue, Avec Leurs Différens Usages, que des Termes Propres de Chaque État & de Chaque Profession; la Description de Toutes les Choses Naturelles & Artificielles; Leurs Figures, Leurs Espèces, Leurs Usages, & Leur Propriétés; l'Explication de Tout Ce que Renferment les Sciences & les Arts, sois Libéraux ou Mécaniques* (Trévoux: F. Delaulne, H. Foucault and M. Clousier, 1721), vol. III: [M] col. 4; Charles Noblot, *Géographie Universelle, Historique et Chronologique, Ancienne et Moderne* (Paris: Chez Antoine-Claude Briasson, 1725), V, 1, 306, 317–318, 327; Jacques Savary des Bruslons and Philémon-Louis Savary, *Dictionnaire Universel de Commerce, Contenant Tout Ce qui Concerne le Commerce dans les Quatre Parties du Monde* (Amsterdam: Chez les Jansons, à Waesberge, 1726), vol. I: cols. 1186–1188; Abraham du Bois, *La Géographie Moderne, Naturelle, Historique et Politique, dans une Méthode Nouvelle et Aisée* (Leiden: Pierre Vander Aa, 1729), vol. III: 675–676, 710; Antoine-Augustin Bruzen de La Martinière, *Le Grand Dictionnaire Géographique et Critique* (The Hague: P. Gosse; Amsterdam: H. Uitwerf & F. Changuion; Rotterdam: Jean Daniel Beman, 1735), vol. V, II Partie: 2–3; Jean Baptiste Ladvocat, *Dictionnaire Géographique Portatif, ou Description de tous les Royaumes, Provinces, Villes, Patriarchats, Évêchés, Duchés, Comtés, Marquisats, Villes Impériales et Anseatiques, Ports, Forteresses, Citadelles, et Autres Lieux Considérables des Quatre Parties du Monde* (Paris: Chez les libraires associés, 1747), 415; Ivo Carneiro de Sousa, *Memórias, Viagens e Viajantes Franceses por Macau (1609–1900)* (Macao: Instituto Cultural, 2022), vol. I: 218–275.
- 34 Ladvocat, *Dictionnaire Géographique Portatif*, 415; Sousa, *Memórias, Viagens e Viajantes*, I: 274–275.
- 35 Paul Pelliot, “L'Origine des Relations de la France Avec la Chine. Le Premier Voyage de “l'Amphitrite” en Chine,” *Journal des Savants* (Decembre de 1928–Mars de 1929): 111; Sousa, *Memórias, Viagens e Viajantes*, I: 77.
- 36 The most recent research by Susan E. Schopp on *Sino-French Trade at Canton, 1698–1842* lists a significant number of maritime voyages from France to Canton, totalling 77 for the period between 1698 and 1750. These voyages, whether private or mainly under the *Compagnie des Indes*, were added by other 2 departing from Surat and 9 from Pondicherry, the French trade enclaves in India. See Susan E Schopp, *Sino-*

## HISTORIOGRAFIA

*French Trade at Canton, 1698–1842* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2020), 135–142. This study also inventories 55 manuscript ship logs from these voyages, some of which are repeated, most without information or very little detail on Macao (Schopp, *Sino-French Trade*, 166–167). The most important manuscript memories and the only singular known printed title from these voyages offering information and descriptions about the passage through Macao are published in Sousa, *Memórias, Viagens e Viajantes*, I: 201–277.

- 37 Ivo Carneiro de Sousa, “Macao’s Crucial Role in Defining the Greater Bay Area (1700–1842),” *Macao*, no. 10 (2023): 69–75.

- 38 Sousa, *Memórias, Viagens e Viajantes*, IV: 37–38.  
 39 Paul A. Van Dyke, *The Canton Trade. Life and Enterprise on the China Coast, 1700–1845* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2005), 143–160.  
 40 Olivier Fontaine, “Les Esclaves de Marine de la Compagnie des Indes e du Roi, de 1718 à 1790,” *Nouvelles Approches*, no. 7 (2010): 361–373.  
 41 Archive du Service Historique de la Défense à L’Orient (ASHDL): Fonds de la Compagnie Perpétuelle des Indes Orientale, 1P-196B-668, fl. 44.

## BIBLIOGRAPHY

## Archival Sources

Archive du Service Historique de la Défense à L’Orient (ASHDL): Fonds de la Compagnie Perpétuelle des Indes Orientale, 1P-196B-668, fl. 44.

Archives du Département du Calvados (ADC): C/430, “Détention de particuliers dans des maisons de force ou de correction: dossier Rodolphe Barak se prétendant prince de Macao, accusé d’avoir fait de fausses lettres de change qu’il a présentées à des négociants de Caen”, Ms. 1749, 24 septembre — Morlaix, 4 fls.; Ms. 1749, 26 décembre — Versailles, 1 fl.; Ms. 1750, 8 février — Rennes, 1 fl.; Ms. 1750, 17 février — Versailles, 1 fl.; Ms. 1750, 18 mars — St. Germain, 1 fl. *Inventaire-Sommaire des Archives Départementales Antérieures à 1790. Amirauté de Morlaix*. Caen: Henri Delesques, 1905.

Archives Nationales: Secrétariat d’État de la Marine, Bureau des Consuls, *Correspondance consulaire de l’ambassadeur de France à Constantinople, 1709-1790*, AE/B/1/386-AE/B/1/418.

Archivo Histórico Nacional (AHN): Estado, 613, Exp. 23, *Consulta sobre petición de Real Cédula de aprobación del nombramiento de Antonio Bremond como Vicecónsul de Francia en Valencia, expedido por el Cónsul de dicha nación en el reino de Valencia, Juan Bautista Gayot (1749–08–06, Madrid)*.

Bibliothèque Nationale de France (BNF): Manuscrits de la bibliothèque de l’Arsenal; Archives de la Bastille — Deuxième section, Prisonniers Dossiers Individuels (1700–1750), Ms. 11696, 11697, 11698 and Troisième section, Administration Intérieure de la Bastille et de quelques autres prisons. Bicêtre: documents divers concernant la prison de Bicêtre. Etats des prisonniers et documents divers (1741–1751), Ms. 12685, fl. 97;

*Arrêt du conseil d’état portant permission de vendre les étoffes arrivées de la Chine par le vaisseau L’Amphitrite*. Paris: Chez François Muguet, 1700, 1–4; *Relation d’un voyage en Chine consacré à la marquise de Maintenon*, Mss. CV–89.6.

## Printed Sources

Astruc, Jean. *De Morbis Veneris Libri Sex. In Quibus Disseritur Tum de Origine, Propagatione & Contagione Horum Tum de Ungulorum Natura, Aetiologia & Therapeia*. Paris: Guillelmum Cavelier, 1736.

Baudrand, Louis, and Jean Gelé. *Dictionnaire Géographique et Historique*. Paris: Denys du Puis, 1705.

Bru, Paul. *Histoire de Bicêtre (Hospice – Prison – Asile) d’Après des Documents Historiques*. Paris: Aux Bureaux du Progrès – Lecrosnier et Babè, 1890.

Bruzen de La Martinière, Antoine-Augustin. *Le Grand Dictionnaire Géographique et Critique*. The Hague: P. Gosse; Amsterdam: H. Uitwerf & F. Changuion; Rotterdam: Jean Daniel Beman, 1735.

Corneille, Thomas. *Dictionnaire Universel, Géographique et Historique*. Paris: Jean Baptiste Coignard, 1708.

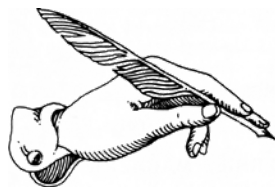
Darsel, Joachim. *Le Port de Morlaix et la Guerre de Course*. Morlaix: Le Bouquiniste, 2005.

*Dictionnaire Universel François et Latin, Contenant la Signification et la Définition Tant des Mots de l’Une et de l’Autre Langue, Avec Leurs Différens Usages, que des Termes Propres de Chaque État & de Chaque Profession; la Description de Toutes les Choses Naturelles & Artificielles; Leurs Figures, Leurs Espèces, Leurs Usages, & Leur Propriétés; l’Explication de Tout Ce que Renferment les Sciences & les Arts, sois Libéraux ou Mécaniques*.



## HISTORIOGRAPHY

- Trévoux: F. Delaulne, H. Foucault, and M. Clousier, 1721.
- Du Bois, Abraham. *La Géographie Moderne, Naturelle, Historique et Politique, dans une Méthode Nouvelle et Aisée*. Leiden: Pierre Vander Aa, 1729.
- Du Pin, Louis-Ellies. *Le Grand Dictionnaire Historique, ou Le Mélange Curieux de l'Histoire Sacrée et Profane*. Amsterdam: P. Brunel; Leiden: S. Luchtmans & C. Haak; The Hage: P. Gosse; Utrecht: E. Néaulme, 1711.
- Dupont, Étienne. *Les Corsaires Chez Eux*. Morlaix: Coëtquen Editions, 2016.
- . "Un Prince Nègre et la Police au XVIIIe Siècle." *Journal des Débats Politiques et Littéraires*, 135 année, no. 223 (Jeudi, 16 Août 1923): 1.
- Fontaine, Olivier. "Les Esclaves de Marine de la Compagnie des Indes e du Roi, de 1718 à 1790." *Nouvelles Approches*, no. 7 (2010): 361–373.
- Jacq, Jean-François. *L'Âge d'or des Corsaires (1643–1815): Morlaix, Païmpol, Bréhat, Binic*. Rennes: Éditions Apogée, 2011.
- Joly, Aristide. "Les Lettres de Cachet: Dans la Généralité de Caen au XVIIIe Siècle, d'Après des Documents Inédits." In *Mémoires lus à la Sorbonne dans les Séances Extraordinaires du Comité Imperial des Travaux Historiques et des Sociétés Savantes*. Paris: Imprimerie Impériale, 1864.
- Kalifa, Dominique, and Philippe Régnier. *La Civilisation du Journal. Histoire Culturelle et Littéraire de la Presse Française au xixe Siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011.
- Ladvocat, Jean Baptiste. *Dictionnaire Géographique Portatif, ou Description de tous les Royaumes, Provinces, Villes, Patriarchats, Évêchés, Duchés, Comtés, Marquisats, Villes Impériales et Anséatiques, Ports, Forteresses, Citadelles, et Autres Lieux Considérables des Quatre Parties du Monde*. Paris: Chez les libraires associés, 1747.
- Lenglet du Fresnoy, Nicolas. *Méthode pour Étudier la Géographie dans Laquelle on Donne une Description Exacte de l'Univers Tirée des Meilleurs Auteurs et Formée sur les Observations des Messieurs de l'Academie Royale des Sciences*. Paris: Charles Estienne Hochereau, 1716.
- Lespagnol, André. *La Course Malouine au Temps de Louis XIV. Entre l'Argent et la Gloire*. Rennes: Éditions Apogée, 1995.
- Martineau du Plessis, Denis. *Nouvelle Geographie, ou Description Exacte de l'Univers*. Amsterdam: Chez George Gallet, 1700.
- Maty, Charles. *Dictionnaire Géographique Universel*. Utrecht: François Halma & Guillaume van de Water, 1701.
- Morineau, Michel. "Budgets Populaires en France au XVIIIe Siècle." *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, vol. 50, no. 2 (1972): 221–223.
- Noblot, Charles. *Géographie Universelle, Historique et Chronologique, Ancienne et Moderne*. Paris: Chez Antoine-Claude Briasson, 1725.
- Pelliot, Paul. "L'Origine des Relations de la France Avec la Chine. Le Premier Voyage de "l'Amphitrite" en Chine." *Journal des Savants* (Decembre de 1928 – Mars de 1929): 110–125.
- Perez García, Manuel. "Les Échanges Transnationaux et la Circulation des Nouveaux Produits em Mediterranée Occidentale au XVIIIe Siècle." *Histoire, Économie & Société*, 30e année, no. 1 (2011): 39–55.
- Savary des Bruslons, Jacques, and Philémon-Louis Savary. *Dictionnaire Universel de Commerce, Contenant Tout Ce qui Concerne le Commerce dans les Quatre Parties du Monde*. Amsterdam: Chez les Jansons, à Waesberge, 1726.
- Schopp, Susan E. *Sino-French Trade at Canton, 1698–1842*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2020.
- Sousa, Ivo Carneiro de. "Macao's Crucial Role in Defining the Greater Bay Area (1700–1842)." *Macao*, no. 10 (2023): 69–75.
- . *Memórias, Viagens e Viajantes Franceses por Macau (1609–1900)*. Macao: Instituto Cultural, 2022.
- Van Dyke, Paul A. *The Canton Trade. Life and Enterprise on the China Coast, 1700–1845*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2005.
- Vaultier, M. *Le Grand Dictionnaire Historique, ou Le Mélange de l'Histoire Sacrée et Profane*. Paris: Denys Mariette, 1707.



# Jaime Correa do Inso, Português, Militar, Viajante e Orientalista, nos Inícios do Séc. XX

ANABELA NUNES MONTEIRO\*

---

**RESUMO:** Jaime Correa do Inso foi um oficial da Marinha Portuguesa, que viveu entre 1880 e 1967. Com larguíssima experiência em destacamentos além-mar, antes e depois da queda da monarquia e consequente implantação da República em Portugal, distinguiu-se por alguns escritos sobre o Oriente, nomeadamente Macau. Numa época onde se procurava saber mais das diferentes geografias lusas pelo mundo, a singeleza da prosa, aliada ao rigor descritivo do que observava, traduziu impressões elucidativas, enquanto português desconhecedor de hábitos e culturas orientais. Habilmente descritas, as suas análises conferem um testemunho primordial sobre a vida da então colónia lusa. Testemunho esse muito interessante, dado ser alguém exterior da realidade luso-chinesa, que observava, reflectia e concluía sobre aspectos culturais muito diferentes dos seus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jaime do Inso; Macau; Testemunhos; História; Séc. XX.

---

Jaime Correa do Inso (1880–1967) foi uma personalidade notável não apenas pela sua brilhante carreira ao serviço da Marinha Portuguesa, mas igualmente pelo seu espírito analítico, que o levou a observar e a registar o que lhe era oferecido ver nas múltiplas viagens que realizou a bordo de alguns importantes navios militares de Portugal. Nesse contexto, esteve na longínqua Macau — para os padrões da época — assim como em Hong Kong e em Timor, para além de Moçambique, Angola, Brasil, entre outros portos.

A sua insaciável curiosidade levou-o a ser aquilo

que podemos considerar um orientalista, corrente de pensamento surgida no séc. XVIII, ainda que se possa ser identificada e relacionada com a expansão portuguesa, havida muito antes da centúria referida. E orientalista porquê? Pela admiração, talvez mesmo paixão, com que via os hábitos e costumes do Oriente, fundamentalmente os sínicos, que o levava a escrever e a publicar as suas impressões para o público português. À sua maneira, e muito dentro da época em que viveu, emergiu como uma ponte cultural entre o Oriente misterioso, romântico e, muito desconhecido para os olhos dos europeus,

---

\* Anabela Nunes Monteiro, doutorada em Letras, área de História, na especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, pela Universidade de Coimbra.

*Anabela Nunes Monteiro holds a Ph.D. in History, specialising in the History of the Portuguese Discoveries and Expansion, from the University of Coimbra.*

reforçando o tal orientalismo que ganhou um novo fôlego a partir da segunda metade do século XIX. Olhos esses, ávidos de conhecer paragens e povos tão longínquos para Portugal.

Muito embora ele seja um homem da época colonial portuguesa dos inícios do séc. XX, não deixa de constituir a tal ponte acima indicada quando diz:

*A presença da nossa bandeira em Macau deve ser olhada com carinho por todos os chineses, porque ela não representa mais do que uma verdadeira tradição cheia de amizade, um amplexo da civilização ocidental que eles hoje tanto apreciam, sem um perigo, um significado deprimente de opressão ou de conquista, mas apenas uma saudação que vem, desde tempos remotos.*<sup>1</sup>

Apesar de não nos podermos esquecer que os seus escritos filtraram uma realidade, consoante a sua interpretação, os mesmos fortaleceram-no como uma testemunha credível de Macau, e até do Sul da China, e daí o interesse na análise da sua obra escrita. A designação de testemunha credível, ao que acrescentamos notável, explica-se devido ao facto algo singular (ainda que surgissem casos sensivelmente idênticos com o de Bento da França, 1859–1906, ou mesmo de Venceslau de Moraes, 1854–1929) de registar o que via, ao contrário de muitos outros militares que cumpriam os seus deveres em terras distantes, mas sem haver a preocupação de tentar compreender as vivências de uma cultura diferente da portuguesa ou mesmo da europeia. Para esses, impunha-se o cumprimento de ordens, o servir a Pátria e o regressar à mesma. Salvaguarda-se uma minoria que, por paixão/amor pelas mulheres da terra ou simplesmente, por sobrevivência económica, ali ficavam sem deixar qualquer registo escrito. Estamos, então, perante um caso de auscultação e registo de alentos de Macau,

por um estranho em geografias, hábitos e costumes orientais, mas verdadeiro apreciador do Oriente.

Num contexto de apuramento de momentos do passado, tal registo interpretativo interessa e até o consideramos fundamental para a construção da História de Macau. É a perspectiva de fora, alheia à vivência habitual do militar em questão e dos europeus da época, mas sem dúvida digna de nota. Muito visível na obra *Visões da China* o encantamento e deslumbramento pela atmosfera e cultura sínica na cidade portuguesa referida, chegando a dizer '[...] num contraste flagrante com a nossa imaginação e fantasia, não sei que têm, que de si exalam, que perturbam e fazem voltar aqueles que uma vez aqui estiveram'.<sup>2</sup> Obviamente, que é uma perspectiva limitadora, na medida em que o sujeito desconhece a mecânica das relações socioculturais, mas nem por isso destituída de valor na medida em que expressa a tal olhar de um exterior muito diferente. Pela divulgação da sua obra na época podemos compreender, num contexto mais lato, a provável reacção de um público português ávido de conhecimento asiático, muito dentro da corrente orientalista já referida.

Este homem cumpriu a sua incumbência militar com honra e mérito, de acordo com as avaliações dos superiores hierárquicos, sempre que enviado para novo posto. Dos seus registos emerge o sentido, como prática, de querer alcançar, enquadrar e perpetuar os pormenores de outras culturas. Não é de todo despropositado pensar que haveria alguma, se não mesmo muita, dificuldade em perceber o que via, mas tal não o impediu de dar com minúcia o testemunho fidedigno de um período que proporciona aquilo que poderemos hoje chamar subsídios para a construção da História de Macau. Logo, as suas anotações arcam uma dimensão rica e empenhada, numa primeira instância para seu registo pessoal, numa segunda para um vasto público. Sem esquecer que a China,



## HISTORIOGRAFIA

no imaginário português e europeu, era distante e sedutora, portanto apelativa para a alimentação dessa mesma ficção quimérica. Ou seja, existia uma percepção, ingénua na sua generalidade, que não invalida uma outra de aversão teimosa ao mundo sínico, na apreensão das suas diferenças com o nosso Ocidente. E mais, era comum, no quotidiano, os portugueses pensarem que havia sido no Oriente o início de um grande império, neste caso o português, ao qual não era alheia o apoio e intervenção da Igreja. Acrescentamos o facto de Portugal-Nação ter assumido uma responsabilidade civilizacional e religiosa, em terras longínquas e atrasadas, incultas ou mesmo apenas pagãs, no seu entender, junto das sociedades europeia em geral e portuguesa em particular. Tal ideia perpetuou-se através dos séculos e a compreensão do Oriente era percepcionado como a tal ficção quimérica, atrás referida.

E como ele próprio refere em *Visões da China*, no texto referente ao ano de 1928: ‘Entre nós, Macau e tudo quanto esta colónia se relaciona, é nebuloso, vago, desconhecido. Para ajudar, de certo modo, a desfazer este véu, e para frisar o quanto de delicado, e de vasta responsabilidade envolve o governo da pequena Macau, em confronto com muitas das nossas extensas regiões africanas, julgo útil deixar aqui arquivados estes ligeiros episódios que se ligam a uma época em que vivi em Macau’.<sup>3</sup> Mas igualmente era o dito estabelecimento luso uma fonte de preocupação para Inso, na medida que tinha consciência do valor da colónia para Portugal, como refere no discurso ‘Comunicações com as Colónias do Extremo-Oriente’ quando dizia: ‘O problema do Oriente português é complexo, melindroso, e erizado de espinhos mas, neste renascimento e anseio de hoje por uma expansão e forte unidade do Império, ele impõe-se à nossa consideração, e o primeiro passo a tomar, qual não a única, mas só daquela aqui nos interessa tratar, é a ligação directa

das colónias do Oriente com a metrópole sob a bandeira nacional.’<sup>4</sup>

Inso demonstra, através da sua obra, que não era ignorante sobre a realidade de Macau, tecendo críticas algo severas a Portugal, como o seu desconhecimento das importantes indústrias daquela colónia, bem como a ameaça constante da pirataria que assolava as ilhas da Taipa e Coloane. A título de exemplo, destacamos alguns casos de indústrias que ele se refere, como a importância da pesca, apresentando valores em toneladas do pescado, com a indicação específica do número da população marítima de 52.463 almas,<sup>5</sup> apoiado no censo de 1927, continuando com a do balichão e a do molho de ostras, ambas muito apreciadas na cozinha chinesa. E, genericamente, acrescenta ainda cordoarias, madeiras, conservas de peixe, azeite de amendoim, açúcar mascavado, pivetes com exportação para Singapura, Manila, Ceilão América, Inglaterra e França, panchões, fósforos, vinho chinês, tabaco, artefactos de malha, tecidos de algodão, descasque de arroz e até uma fábrica de cimentos,<sup>6</sup> localizada na Ilha Verde. Na elaboração desta comunicação é visível o cuidado do autor em recorrer a fontes oficiais, de forma a documentar com rigor as informações e preocupações críticas. Rigor esse sempre presente nos seus escritos, tornando os mesmos credíveis aos olhos do leitor.

De certa forma, Inso insere-se na lista de aventureiros e descobridores que, a partir dos finais do século XIX, se lançaram por África, como os portugueses Roberto Ivens (1850–1898), Hermenegildo Capelo (1841–1917), Alexandre Serpa Pinto (1846–1900) ou o escocês David Livingstone (1813–1873). Apesar do enquadramento histórico ser o mesmo, a situação de comandante destaca-se pela diferença. Os primeiros, aceitavam o encargo de ir à descoberta de terras e gentes, numa procura de recursos e conhecimentos para os seus patronos/países. Assumiam a incumbência militar

## HISTORIOGRAPHY

de reconhecimento do território e mapeamento de África, bem como o estudo das bacias hidrográficas do Zaire e do Zambeze. O último, Livingstone, como missionário e homem de fé, acabou igualmente com a indicação governamental inglesa de exploração de várias regiões do referido continente.

Nessa época, era premente para Portugal definir os seus territórios africanos, na sequência da Conferência de Berlim, em 1885. A questão do *Mapa Cor-de-Rosa*, que opôs Portugal e a Inglaterra na corrida pelas suas possessões coloniais africanas, culminou com o *Ultimatum* inglês a Portugal, em 1890. Se a primeira parte do séc. XIX foi marcada pelas lutas liberais e consolidação do liberalismo em Portugal, e numa boa parte da Europa, a segunda meia centúria, principalmente o último quartel do século, e os primeiros vinte anos do seguinte, representaram uma época de marcação incessante de posições estratégicas militares, numa crescente tensão, na sequência das necessidades económico-industriais, na Europa. A estes exploradores ainda podíamos juntar a obra notável do diplomata brasileiro Henrique Carlos Ribeiro Lisboa (1847–1920),<sup>7</sup> secretário da missão especial que o então Império do Brasil enviou à China, em 1880. O livro publicado em 1888, em Montevideo, considerava os ‘chins’ um povo respeitável com o qual se poderia aprender e ter relações comerciais e até políticas.<sup>8</sup> As suas descrições plasmadas pela curiosidade sentida pelo autor, acrescentaram uma análise de carácter antropológico que nos remete, sem grande esforço, para a obra geral de Inso. A grande diferença, sem contarmos com a realidade profissional e nacional de cada um deles, é que o brasileiro se focou mais na China (ainda que tenha escrito um capítulo sobre a colónia portuguesa), evidenciando a preocupação brasileira em promover a imigração chinesa, dada a falta de mão-de-obra no Brasil, e estabelecer relações de carácter económico com aquele país do Oriente.

Contudo, quem foi Jaime Correa do Inso? Não

é descabido proceder a uma análise das suas origens e do seu percurso militar, pois pode contribuir para uma explicação mais substantiva do seu trajecto literário.

Filho de José Correa do Inso e Francisca da Graça Mendes Farinha nasceu na Freguesia de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça, Concelho de Niza, no Distrito de Portalegre, localizado no Alto Alentejo e junto à fronteira com Espanha, no dia 12 de Outubro de 1880. Por circunstâncias da vida ou por vocação assentou praça, voluntariamente, a 11 de Agosto de 1898, ainda com dezassete anos, com o intuito de servir por doze anos, no Regimento de Infantaria n.º 22, criado naquela vila alentejana, em 1864.<sup>9</sup> Contudo, um ano depois, foi transferido para o serviço da Armada Portuguesa, tornando-se aspirante da Marinha, e definindo assim a sua verdadeira vocação profissional. A realização académica concretizou-se no Curso da Marinha, evidenciando já nessa época um talento inato para uma escrita clara, escorreita e de constante observação, que o iria distinguir ao longo da sua vida. Posto a posto, foi progredindo na carreira, destacando-se as importantes nomeações para servir na Divisão Naval do Atlântico Sul, a 19 de Agosto de 1907, um ano após o seu casamento, e na Estação Naval de Macau a 8 de Dezembro de 1910, já sob o comando das forças revolucionárias republicanas que governavam Portugal.

É nesta comissão de serviço que teve a sua segunda oportunidade de estar no Sul da China e em Timor, dado que já lá havia estado em 1903, por breve período na condição de guarda-marinha,<sup>10</sup> período esse que despertou o seu fascínio pela cidade do Santo Nome de Deus. Aliás, ele refere que logo após à sua chegada teve a oportunidade de assistir a uma cerimónia fúnebre chinesa, no Porto Interior, que o impressionou vivamente, pois não conseguiu estabelecer uma equivalência com o ritual religioso católico. Na sua descrição, interessante para o agora leitor da sua obra, revela

## HISTORIOGRAFIA



Fig. 1: Retrato de Jaime Correa do Inso. Fonte: <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2017/10/06/jaime-do-inso-o-marinheiro-escriptor-que-se-deixou-encantar-pelos-misterios-do-orient/>

uma profunda curiosidade e, sobretudo, espanto por aquilo que presenciava.<sup>11</sup>

Para melhor compreender a dimensão militar deste homem, não é por demais salientar os navios da Armada Portuguesa onde prestou serviço, uma lista bem longa da qual constam importantes embarcações que participaram em acontecimentos e viagens relevantes na História da Marinha e, por conseguinte, de Portugal. As de maior significado são: corveta *Duque da Terceira*; fragata *D. Fernando*; cruzador *Vasco da Gama*, cruzador *D. Carlos I*; cruzador *Adamastor*; navio depósito *Bartolomeu Dias*; corveta *Afonso de Albuquerque* e o navio *Pátria*. Este conjunto notável dos navios, corresponde às

inúmeras missões em que tomou parte um pouco por quatro continentes. Da lista, em que Jaime do Inso arrogou a sua missão, destacam-se, em 1903, o cruzador *Adamastor*, devido ao seu uso pelas forças republicanas, aquando da Revolução do 5 de Outubro de 1910, e o navio *Pátria* no qual chegou a comandante. Sobre esta canhoneira regista-se o seu embarque em 1904 e que sobre a qual publicará, em 1951, um artigo nos Anais de Marinha.<sup>12</sup>

Em inícios de 1905, o *Pátria* passou a estar integrado na Divisão Naval do Atlântico Sul, com base em Luanda, tendo sido enviado, durante cerca de nove meses, aos principais portos do Brasil. O grande mérito desta viagem é que foi o único navio de guerra nacional que subiu o Rio Amazonas, escalando Manaus, localizada na costa oeste do Rio Negro e que ainda hoje possui o maior porto flutuante do mundo, apoiando os estados do Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre e áreas do norte do Mato Grosso.

Com o triunfo da revolução republicana portuguesa, e já nos inícios de 1911, mais uma vez a bordo do *Pátria*, seguiu de urgência para reforçar a soberania de Portugal em Macau, visto estar a ter lugar na China a revolução republicana que ditou o fim do milenário Império Chinês, para além de haver a necessidade de marcar a posição de Portugal, junto das suas possessões coloniais, no âmbito do movimento revolucionário havido no país, um ano antes.

Esta sua segunda visita a Macau foi curta, já na qualidade de 2.º tenente, devido ao facto da situação em Timor se ter agravado, num conflito local de grande proporção, com a revolta de um dos mais poderosos chefes nativos. A situação não estava descansada para Portugal. As convulsões internas da China, devido à queda da monarquia imperial, destabilizavam Macau, gerando muito ansiedade e preocupação entre os residentes. Entre boatos, sempre comuns neste tipo de situações, e o



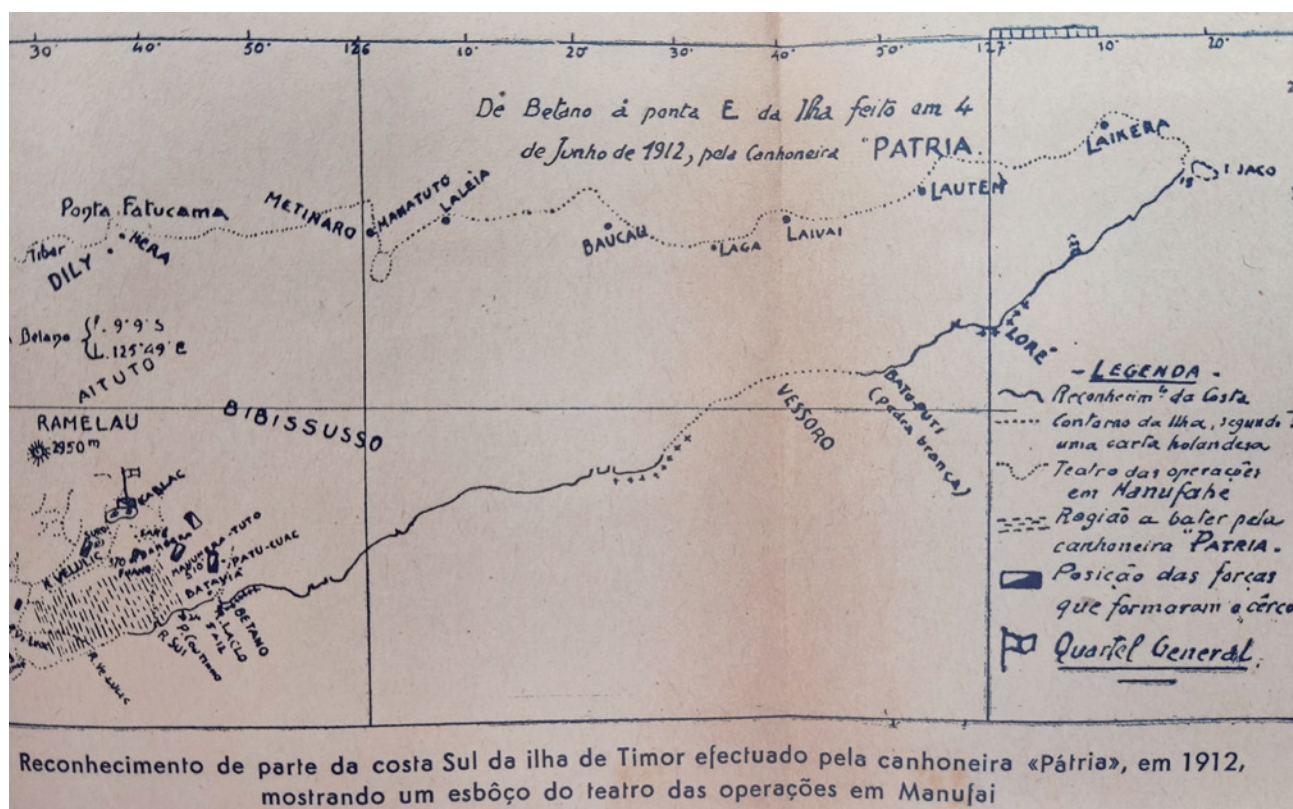


Fig. 2: Mapa de Timor, em Jaime Inso, *Timor-1912*, 112–113.

trabalho de Inso no *Pátria*, um garante muito eficaz na protecção dos portugueses em Macau, surgiu a dramática notícia que em Timor um chefe indígena havia trucidado um oficial, vários soldados e as suas famílias.

Nessa época já haviam chegado a Macau as forças expedicionárias enviadas da Índia e de Lourenço Marques, Moçambique, num total de 600 homens, com armas para qualquer eventualidade.<sup>13</sup> O governo português na colónia de Timor não dispunha de forças militares capazes de controlar a situação, e devido ao Portugal recém-republicano não dispor de contingente militar disponível na área, impôs-se a deslocação do *Pátria* à cidade de Díli, em Fevereiro de 1912.

*Timor-1912*, contém as memórias de Inso perante as convulsões e vicissitudes passadas nesse

território. Ao descrever a paisagem da ilha, descreve sumariamente a história da colónia portuguesa, manifestando o seu desassossego perante ao que estava a acontecer e, mais uma vez, espanto registado em 'como aqueles povos, tão próximos ainda do estado selvagem, respeitam a religião cristã'.<sup>14</sup> A obra é impressionante pelos detalhes que contém, tanto em relação ao armamento que os militares lusos dispunham, como dos sangrentos confrontos havidos ao qual se acrescenta a ameaça da malária que iria acometer Inso e os seus homens.<sup>15</sup> No meio da contenda, o *Pátria* recebeu um novo comandante a 16 de Abril, vindo da Índia, o capitão-tenente Gago Coutinho.<sup>16</sup> A difícil estada em Timor contou com a artilharia de bordo para apoio das forças terrestres, tendo Jaime do Inso e os seus marinheiros participado em terra não só

## HISTORIOGRAFIA

em várias acções de combate, como também na defesa de centros populacionais, nomeadamente de Baucau. A obra inclui uma foto da ilha de Timor, exemplificativa dos sítios por onde Inso passou.<sup>17</sup> Os confrontos duraram oito meses e, em Setembro, o nosso oficial pode regressar a Macau,<sup>18</sup> fazendo o percurso de regresso por Manila. Em 1912, havia cumprido cento e oitenta e nove dias integrado na campanha militar em Timor, segundo os registos militares. Interessante a expressão do comandante quando avistou Macau, que retrata bem como ele se sentia em relação àquela cidade: ‘E Timor? Timor! Um sonho, uma lembrança amarga, um pesadelo de cenários lindos que se desfez ao avistarmos de longe a torre branca, esfumada na névoa, do Farol da Guia, a marca serena da terra amiga — Macau!’<sup>19</sup>

A sua actuação durante aqueles longos oito meses valeu-lhe a atribuição de um louvor pelo Comandante da Estação Naval de Macau, enaltecendo a maneira zelosa e acertada como dirigiu a coluna da Marinha em Timor. À atribuição de este louvor associou-se o Ministro das Colónias por motivo dos bons serviços prestados de 29 de Junho a 25 de Julho de 1912, como comandante do destacamento da Marinha. Igualmente, foi condecorado com a medalha de prata atribuída por decreto de 24 de Fevereiro de 1919, seguida da condecoração de Ordem Militar de Avis, a 6 de Março de 1919.

Em Maio de 1913, pouco tempo antes do retorno, o cruzador *Adamastor* que se encontrava em Macau teve uma avaria, sendo socorrido pelo *Pátria*. E é nesse contexto que o capitão-de-fragata, João de Canto e Castro (1862–1934), futuro Presidente da República (sucedâneo a Sidónio Pais), é enviado para a cidade portuguesa com a missão de assumir o comando do referido cruzador.

A intervenção em Timor fragilizou a saúde do comandante, obrigando-o a um repouso forçado, mas essencial à sua sobrevivência, quando

regressou a Portugal. O dito repouso foi feito em zona campestre por dois meses aos 32 anos. Apesar da gravidade da malária, que o acometeu, de facto muito perigosa para os padrões clínicos da época, recuperou bem, de acordo com os registos no Livro Mestre, existente no Arquivo Central da Marinha de Lisboa.

Nos documentos oficiais, e no que lhe diz respeito, sobressaem os relatórios ou avaliações dos seus superiores hierárquicos que o classificam de ‘oficial zeloso, disciplinado, com aptidão para o comando, inteligente, com grandes conhecimentos’,<sup>20</sup> entre outros reconhecimentos que concorrem para uma personalidade honesta, digna e muito culta.

A sua folha de serviços refere que, a 30 de Junho de 1916, foi às cidades do Cabo e Durban, na África do Sul, local onde se encontrava quando o presidente português Sidónio Pais (1872–1918) foi assassinado, em Lisboa a 14 de Dezembro, tragédia cujos tumultos subsequentes lhe passaram ao lado, em virtude de ter seguido para Moçambique, regressando a Portugal apenas em Dezembro de 1919.

A 9 de Junho de 1923, com a patente de capitão-tenente, assumiu a capitania do porto de Vila Real de Santo António, cargo que deixou ao ser proposto para servir a Marinha Colonial de Macau. A sua partida para o Oriente deu-se em meados de 1926, com o posto de comandante do *Pátria*. Apesar de lá ter estado sensivelmente um ano, pois regressou a 15 de Março de 1927, o seu trabalho valeu-lhe condecorações meritórias, como a Cruz de Primeira Classe da Ordem de Mérito Naval de Espanha, pelos bons serviços prestados no resgate dos pilotos do voo Madrid–Manila, a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar, às quais se acrescentaram as Medalhas Comemorativas das Campanhas do Exército Português, Timor (1912–1913) e Moçambique (1915–1916), a Medalha da

Vitória e a Comenda da Ordem de Aviz. No seu extenso currículo de reconhecimentos oficiais, ainda figuram condecorações internacionais como o grau de Comendador da Ordem de Leopoldo, atribuída a 25 de Abril de 1931, pelo governo belga.

Inso foi promovido a capitão-de-fragata em 1935, regressando à Escola de Artilharia Naval, sediada na fragata *D. Fernando II e Glória*, com o posto de Comandante e, cumulativamente, Director da Escola, de Dezembro de 1937 a Abril de 1938, data em que a Junta de Saúde Naval o considerou incapaz para o serviço activo, sendo então mandado para a Reserva. Aos cinquenta e oito anos passou então à nova etapa da vida, com quarenta e um de carreira militar efectiva.

Paralelamente ao serviço a Portugal, com constantes afazeres profissionais subjacentes, havia toda uma vida privada que, aparentemente, foi feliz. Do seu casamento com Maria Amália, sua prima, natural da Freguesia do Socorro, em Lisboa, filha de Augusto Correa do Inso e Maria Isabel Correa do Inso resultaram três filhos: Jaime Augusto, nascido em 1915, quando ainda era 2.º tenente. Três anos depois, foi a vez de Álvaro vir ao mundo, ano em que assumiu o comando do cruzador *Adamastor* e, por fim, Maria Estela, nascida em 1914, mas que viria a falecer com nove anos.<sup>21</sup>

A Reserva não significou para si o descanso, pois aceitou a prestação de serviço na Secção de História do Estado Maior Naval, consolidando-se o reconhecimento oficial dos seus talentos académicos, atestados por palestras, conferências, publicações periódicas e outras de fôlego significativo que pautaram a sua vida na Marinha e pós-Marinha.

Muito antes da sua passagem à nova situação profissional, houve a preocupação de publicar regularmente as suas observações, a maior parte delas através de artigos e comunicações que, mais tarde, compilou em livros. Já em 1909, havia iniciado uma estreita colaboração com os Anais do Clube Militar



Fig. 3: Capa do livro *O Caminho do Oriente*.

Naval, a qual duraria mais de meio século, com 'Apontamentos sobre Movimentos Atmosféricos' em que determinava as regras práticas para os navios evitarem ciclones e, em 1910, publicou 'De Minimis... Deficiências Diversas da Armada que Devem Ser Remediadas: Uniformes, Material e Legislação', onde escreve: 'não será por demais que nos ocupemos d'algumas pequenas coisas que representam deficiências que será bom remediar.' Foi sempre um dos seus objectivos — Melhorar as coisas!

As recordações de Macau levaram Jaime do Inso a publicar, ainda em 1912, nos Anais do Clube 'Ecos de Macau. Guerra dos Piratas. A Batalha de



## HISTORIOGRAFIA

Lantau' e a proferir na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1913, a conferência 'Macau, a Jóia do Oriente'. Foram os seus dois primeiros trabalhos dos muitos, sempre de grande objectividade e rigor que, ao longo dos anos, iria fazer sobre o diminuto enclave português.

Em 1932, o seu livro *O Caminho do Oriente*,<sup>22</sup> foi premiado no Concurso de Literatura Colonial e, no ano seguinte, foi dada à estampa *Visões da China*,<sup>23</sup> uma colectânea de artigos publicados em órgãos de comunicação social de Portugal, Brasil e Macau e onde transcreveu uma série de cartas inéditas de Venceslau de Moraes (Lisboa 1854–Tokushima 1929) que este lhe tinha endereçado, desde 1913 até 1927, quando era Cônsul em Kobe, em Tokushima.

Moraes, igualmente oficial da Marinha, destacou-se entre os tais militares no início referidos que, ao assumir a direcção da Capitania do porto de Macau e ao tornar-se professor do Liceu dessa cidade desde a sua fundação, se radicou por lá, casando com uma mulher chinesa, Vong-Io-Chan (Atchan), de quem teve dois filhos. Contudo, a sua paixão foi o Japão, para onde se mudou casando com uma mulher local e, após o falecimento desta, com outra familiar. O seu ímpeto pela escrita, e pelas vivências asiáticas, fê-lo escrever vários livros. É de notar que Venceslau de Moraes não percorreu apenas terras asiáticas como Macau, Timor e Japão, pois ao serviço da Marinha esteve também em Moçambique, como guarda-marinha, num total de dez anos, como refere na carta dirigida a Inso, datada de Tokushima, a 15 de Abril de 1918.<sup>24</sup> O certo é que as suas informações concretizaram uma excelente fonte do conhecimento oriental nos cerca de trinta anos que viveu no Oriente. Daí que não seja para estranhar a ligação epistolar de Inso com Moraes. Embora o percurso não fosse igual, a atracção pelo Oriente fazia-se sentir entre estes dois homens, irmãos do mesmo ramo militar.

Em 1939, Inso é nomeado, por Despacho Ministerial, para prestar serviço na Secção de História do Estado Maior Naval e, nesse mesmo ano, é concluído, nos Anais do Clube, o seu trabalho *A Marinha Portuguesa na Grande Guerra*, cujos vários capítulos, que vinham a ser publicados desde 1937, descrevem a intervenção da Marinha no continente e ilhas, em Cabo Verde e em Moçambique, a actuação do Batalhão de Marinha em Angola, a aviação naval, o transporte de tropas e o serviço de comboios e para finalizar a participação da marinha mercante.

Na introdução desta obra, assume relevância a rigorosa metodologia utilizada na sua feitura e a ilação a que chegou: 'O que mais interessa, são os factos e esses procurámos autenticá-los com o máximo escrupulo, não nos poupando às mais fastidiosas buscas e recorrendo a informações de testemunhas presenciais. Duma forma geral, podemos concluir, do que adiante se lê, que a nossa Marinha fez face a todas as emergências da guerra, numas condições deploráveis e por vezes inacreditáveis'. Tal ideia encontra-se muitas vezes plasmada até aos anos setenta, onde vários militares projectam a preocupação e simultâneo interesse na divulgação das actividades da Marinha Portuguesa em cenários de guerra ou conflito, a maior parte das vezes em situações de grande precariedade. A fraca investigação nesta área de estudo constitui uma lacuna de grande importância para um melhor esclarecimento da intervenção de Portugal no mundo, através dos seus militares.

Embora não seja fácil dizer, destacam-se entre as suas publicações *Timor-1912*, trabalho que aparece com outras designações, pois foi apresentado parcialmente em conferências, mas publicado em livro com o título indicado. 'Macau, a mais antiga colónia europeia no Extremo Oriente', em 1929, tendo sido um trabalho apresentado na Exposição Portuguesa de Sevilha, *O Caminho do Oriente* (1932), *Visões da China* (1933), *China*

## HISTORIOGRAPHY

(1936), *A Marinha Portuguesa* (1937) e *Cenas da Vida de Macau* (1941) podem ser considerados os mais importantes títulos da sua bibliografia. Os artigos que redigiu para a *Revista Militar*<sup>25</sup> como *A Marinha e a Aviação em Macau*, datado de Maio–Junho de 1933, cujo conteúdo já havia apresentado na conferência da Sociedade de Geografia de Lisboa, na sessão de 13 de Março de 1933, explica o interesse na renovação da frota em Macau, bem como as tentativas de haver uma aviação, datando a primeira de 1922. A comunicação que foi publicada assume alguma relevância histórica, pois indica que Macau comprou dois aviões, oriundos de Manila, e para a sua actividade contaram com o apoio de um instrutor de voo americano,<sup>26</sup> projecto este que não teve continuidade no futuro. Só em 1927 volta a reanimação da aviação, tendo como o espaço de aeroporto *a baía Sul da Taipa, junto à praia da igreja, (...) sendo uma posição facilmente defensável*.<sup>27</sup>

Fará aqui sentido analisar as cinco obras referentes especificamente, à China e a Macau, onde se encontra plasmado o seu orientalismo, deixando as outras para uma outra oportunidade.

*O Caminho do Oriente* foi publicado numa época em que o Comandante Inso não era um principiante nem na Marinha (capitão-tenente), nem na escrita, numa edição de autor, com 1500 exemplares, tendo sido o prefácio redigido pelo Conde de Penha Garcia.

Foi alvo de uma segunda edição, pelo Instituto Cultural de Macau, em 1996. O seu conteúdo é, de facto muito interessante, pois não se trata de uma obra exclusiva de aspectos culturais sínicos, mas sim de um romance étnico–cultural. O objectivo de Inso foi mostrar uma visão panorâmica da vida colonial portuguesa, através de um enredo romântico ficcionado e em simultâneo registar hábitos chineses, aquilo que no orientalismo se considera o *eu* e o *outro*. O europeu/português ciente do seu conhecimento e hábitos culturais a

analisar/compreender o *outro*, oriental, diferente e misterioso, daqui resulta o encontro de duas culturas geográfica e culturalmente muito díspares, resultando na paixão e deslumbramento pela diferença.

Os dois personagens principais, Rodolfo Moreira, filho único, formado em Direito e Frazão Antunes, filho do auxiliar de Rodolfo, na firma do pai deste, Moreira e Antunes, Lda.,<sup>28</sup> embarcam numa deslocação entre Lisboa, percorrendo várias etapas, até Macau. A viagem não era recreativa, mas sim de natureza económica, pois queriam arranjar novos mercados, tendo como intuito salvar a pequena empresa de uma possível falência. A deslocação percorre a rota de Gibraltar, Messina (Sul de Itália), Port-Said (Egipto), Ceilão, Singapura, Hong Kong, entre os demais portos e regiões geográficas. Tal percurso mostra a projecção das grandes potências Inglaterra e França, estabelecendo um paralelismo com o decadente império português. A viagem assume, ao longo do romance, uma vertente aventureira, pelas pessoas que, entretanto, vão conhecendo, como pelas vicissitudes em que se envolvem.

Macau tinha todas as qualidades/características de satisfazer o imaginário português e europeu de uma China misteriosa e desconhecida. Inso até considera que quem ia para aquelas latitudes só lhe restava duas situações: ou não se adaptava e regressava a casa ou se adaptava, sem nunca mais abandonar ou esquecer aquelas terras, especialmente Macau.<sup>29</sup> A descrição entusiasta que faz da cidade que, aparentemente, seria sem grande significado no contexto oriental, reveste-se, para a personagem criada por Inso, como algo arrebatador, com peculiaridades interessantes. A descrição do bairro china ou *bazar* prima pelo exotismo do ambiente, da multidão, dos pregões, entre muitos detalhes, criando o efeito muito curioso de um misto de atracção e repulsa por ambos os amigos.<sup>30</sup> Atracção

## HISTORIOGRAFIA

pelo insólito do que viam, repulsa pela diferença ao que estavam habituados. A zona com casas de chá de jogo, fumatórios de ópio, restaurantes chineses, as Pi-pa-t'chais, a Rua da Felicidade, tudo constituía uma visão fabulosa.

O romance bem gizado e construído desfila hábitos e costumes chineses num contraponto com o que é português, muito embora reconhecendo a submissão de Portugal à poderosa China em termos culturais. Aliás, é interessante verificar que qualquer de um dos dois personagens, bem como o próprio narrador posicionam-se na perspectiva portuguesa/colonialista para tentarem compreender e explicar o que viam da outra cultura que muito desconheciam.

De facto, tal perspectiva que hoje com a globalização e facilidades de transporte pelo mundo já não se justifica, continua subjacente na maior parte dos viajantes que, ao deslocarem-se a outras partes do globo tentam sempre compreender o que vêem à luz da sua cultura, provocando, muitas vezes, um sorriso de complacência ou, mesmo sarcástico, de quem ouve e conhece o assunto. Citando Jiayi Yuan:

*[...] autor defende nele a fío a legitimidade de Portugal em Macau, propagando a importância de Macau para a restauração da grandeza antiga de Portugal, configurando a superioridade da civilização ocidental em comparação com a oriental, ao longo do aprofundamento do contacto das personagens portuguesas com o mundo chinês, em certas ocasiões, a autoridade de Portugal encontra desafios e até derrotas.*<sup>31</sup>

Nessa visão colonialista, muito arreigada na projecção do império português, já há muito a declinar, ressalta a tal visão de percurso marítimo do império que os próprios jornais da época subentendiam com orgulho. Como referia o *Diário de Notícias* a 5 de Junho de 1932:

*[...] Mas o mais interessante, é que o autor faz-nos embarcar em Lisboa e seguir com ele até Macau, dando-nos a conhecer os portos de escala dessa longa viagem. [...]. Igualmente, Jiayi Yuan, o livro tem tanto de instrutivo como interessante, sendo simultaneamente, um livro de descrições, costumes e indivíduos de um mundo muito diferente do nosso, colhidos no natural e, ao mesmo tempo, um livro de imaginação e fantasia. “O Caminho do Oriente”, observamos que, por um lado, utilizando, com frequência, a primeira pessoa do plural, o narrador evoca, constantemente, a grandeza passada do império colonial português e, por outro, ele nunca se esquece de demonstrar as condições reais enfrentadas por Portugal. Deste modo, percebemos que, no romance de Inso, se espelha a questão da “hiperidentidade portuguesa”.<sup>32</sup>*

Contudo, embora esteja subjacente na obra em geral a grandiosidade do decadente império português, Inso consegue dissociar a ideia de Portugal além-mar, reconhecendo em várias passagens, que, nessa época, havia já um sentimento de relegação para segundo plano, o que dissesse respeito ao Oriente. Identifica o povo chinês como sendo trabalhador, bem como a riqueza cultural da China. Porém, ressalva a interligação e conjugação dos esforços lusos e sínicos de conviverem, num misto de respeito e de reconhecimento, o orientalismo e respeito pela China, presença constante na sua obra.

O romance teve mérito suficiente para arrecadar o importante galardão, em 1931, no VI Concurso de Literatura Colonial de 1931, em *ex aequo* com o ‘Velo d’Oiro’, de Henrique Galvão e ‘Poetas e Prosadores’, de José Ferreira Martins.

O comandante Inso publicou *Visões da China* em Lisboa, em 1933, em edição de autor, com 406





Fig. 4: Capa do livro *Visões da China*.

páginas, com uma encadernação muito bonita onde não faltou a lombada de pele e papel de acordo com a época, num registo muito diferente do primeiro livro publicado. Desta feita, já não sob a forma de romance, mas antes uma observação detalhada disposta por capítulos, do tipo fascículos, que vão desde o ano de 1926 a 1932, bem como um outro final com as cartas escritas por Moraes para ele. Inso considerou ter sido o seu amigo o responsável pelo aparecimento da obra, chegando a dedicar-lhe um capítulo da mesma.<sup>33</sup>

De certa forma, a obra é uma continuação de *O Caminho do Oriente*, pois continua a mostrar aspectos específicos do Oriente, tema que ambos os oficiais da Marinha Portuguesa comungavam.

Vejamos o nível de descrição e minúcia que Inso imprime às suas anotações nesta obra:

*Ano Novo! Estamos no Porto Interior de Macau.*

*Bandeiras desfraldadas, pendões vermelhos de caracteres indecifráveis, ondulam nos mastros, antenas e popas das lorchas que vêm recolhendo aos centos.*

*Ligeiras, bolinando que é uma maravilha, manobram airosoas como garças, de popas altas, às dezenas, em espaços apertados, correndo a buscar o fundeadouro onde se alinham formando florestas arruadas, por onde circulam os vendilhões.*

*Os 'tan-tans' soam estrídulos, roucos, contando ao vento, enquanto os 'panhões' queimados espalham fumo e ruído de alegria no céu.*

*As mulheres acorrem, também, à manobra, os filhitos — os 'sai-kós' — às costas, presos com panos vermelhos e bordados, como vermelhas são as bordas que tocam os delgados mastaréus.*

*A paisagem, sob aqueles tons da China, com o vento a refrescar, todos os traços estranhos dêste quadro de um espantoso exotismo naval, são completados pelo recorte artístico e grave do templo famoso subindo em lanços pela encosta verdejante, que é o Pagode da Barra, ou 'Ma-Kok-Miu'.*

*Lá dentro, e por entre a ramaria, moram estranhas divindades mas, de todas elas, a mais querida pela gente do mar, é a deusa A-Ma que rem uma poética lenda.*

## HISTORIOGRAFIA

*Em tempos idos, um espírito bom precisou de vir à terra completar a purificação, e encarnou-se numa mulher que, um dia, pedia passagem a bordo de uns barcos a sair de Fo-Kien: todos lha negaram excepto um, o mais pobre, que lha concedeu.*

*Sobreveio enorme temporal, e enquanto os outros todos naufragaram, aquele viu as rochas abrirem-se nas águas para lhe darem passagem até que, livre de todos os perigos, abordou numa praia bonançosa onde a passageira indigente logo salta, e do cimo de umas pedras, com grande espanto da tripulação, é vista subir ao céu.*

*Fôra milagre!*

*No sítio onde ela abandonou este mundo de provações, lhe ergueram um templo onde a deusa se venera, — este templo é ‘Ma-Kok-Miu’.*

*Por isso, ainda hoje, aquela gente simples como é a gente do mar, festeja ruidosamente, pelo ano novo china, a passagem dos barcos pelo Pagode da Barra.<sup>34</sup>*

As suas anotações revelam alguns números interessantes, nomeadamente, a pujança dos portos de Macau, Taipa e Coloane que o autor discrimina, na página 22, mobilizando um total de navios, na ordem de 1130, entre embarcações de pesca, de carga e passageiros,<sup>35</sup> abrigando uma população flutuante na ordem de milhares, salientando assim que a colónia portuguesa era um importante entreposto na Província de Guangdong. Num discurso apaixonado lamenta que Portugal apenas evidencie o significado das colónias africanas, ficando Macau, ‘na sombra do esquecimento’.<sup>36</sup>



Fig. 5: Pavilhão de Macau na Exposição de Sevilha, em Jaime Inso, *Visões da China*, 380.

Para Inso, a importância da China junto do Ocidente era cada vez maior, não apenas pelas mercadorias orientais de grande interesse para a Europa, o caso da Grã-Bretanha ascendia a vários milhões,<sup>37</sup> mas igualmente em termos militares, num contexto já dos anos 30 e como consequência da I.ª Guerra Mundial.

Contudo, ao estabelecer uma comparação com os japoneses salienta a superioridade produtiva dos mesmos em relação aos chineses, mostrando ter conhecimentos factuais da zona oriental, opinião à qual não é alheia as conversas com Moraes. Inclusivamente, chega a estabelecer três países como os mais competitivos para aqumbarcar o comércio

## HISTORIOGRAPHY

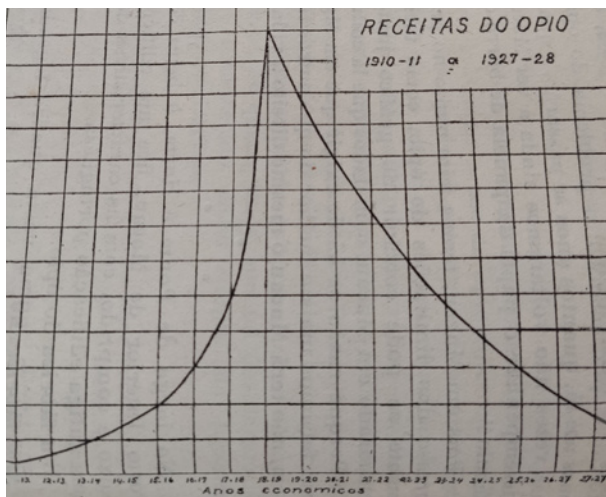


Fig. 6: Receitas do ópio (1910/11 a 1927/28), em Inso, *Visões da China*, 216.

com a China: Estados Unidos, Japão e Grã-Bretanha, menorizando o interesse e capacidade portuguesa nessa demanda.<sup>38</sup> Considera num segundo plano os interesses franceses e russos.

O Comendador Lou Lim Ioc, homem abastado e amigo dos portugueses, morador em Macau, cuja casa e jardins constituem hoje um dos grandes encantos e riqueza patrimonial da cidade é alvo de um capítulo do *Visões da China*. O homem em questão possuía grandes interesses comerciais pela China, bem como se lhe deveu a reconstrução do hospital chinês de Kiang Wu, tendo sido agraciado com a Comenda de Cristo,<sup>39</sup> em Maio de 1925. A propósito da morte do Comendador, o autor teceu muitas análises sobre crenças chinesas além-morte, algumas surpreendentes aos seus olhos.

Igualmente referiu a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, realizada em 1929, cuja representação de Macau, através de um pavilhão, tipo pagode,<sup>40</sup> consagrou-se por um êxito junto dos visitantes.

Os interesses económicos também não foram esquecidos na obra, principalmente aquele cuja receita era muito significativa: o ópio, cujo edifício fábrica se situava 'No largo de Ponte e Horta, à beira

do Porto Interior de Macau, fica um edifício baixo e comprido, com as características de uma antiga edificação portuguesa. É a fábrica do ópio'.<sup>41</sup> Chega mesmo a apresentar um gráfico das receitas desse produto, onde se infere terem sido os anos de 1918 e 1919, os anos de maior sucesso.<sup>42</sup>

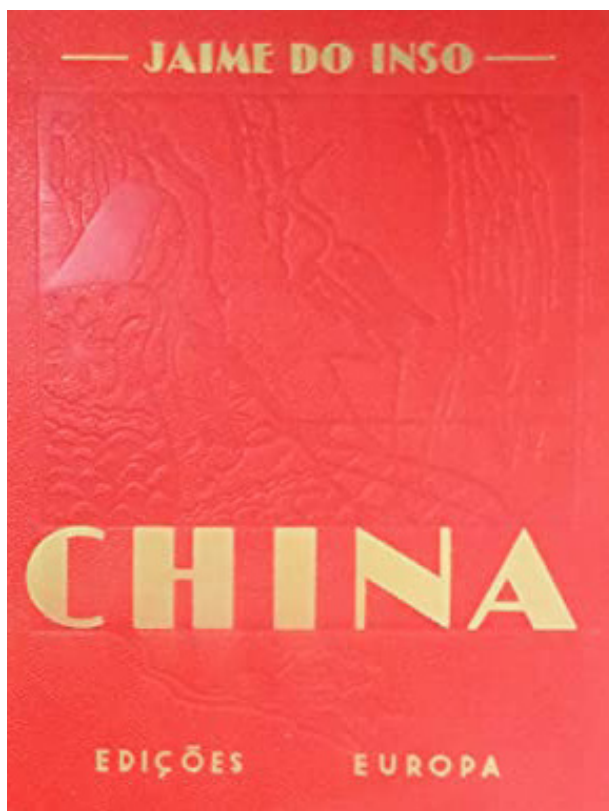
Em 1936, apenas três anos após *Visões da China*, publica *China*, obra de grande tamanho e muito ilustrada. Inicialmente, conheceu a luz do dia sob a forma de fascículos, 'constará de 12 tomos de 32 páginas, que serão publicados um cada mês, no formato de 30 x 22 cm, em papel couché inglês especialmente fabricado para esse fim'.<sup>43</sup>

A obra é constituída por três partes: *A China Antiga*, *A China Moderna e Macau*, *Jóia do Oriente*, descrevendo, detalhadamente, a História da China, a cultura, literatura, caligrafias, teatro, música, arte, língua com o quadro muito interessante de algumas comparações entre os caracteres antigos e modernos, conforme foto referente à página 140, religião, mitos, lendas, referindo o *I Ching*, ou *Livro das Transformações*,<sup>44</sup> descrições das mulheres chinesas e dos juncos... Nesta primeira parte aparece a expressão *O Caminho da China*, desde Port Said até Macau, onde se percebe que, neste estudo, recolheu muitas informações para a construção da referida obra. Inso chega a recuperar dados históricos anteriores a 1150 a.C., apoiando-se em diversas fontes, principalmente francesas e inglesas, mostrando um trabalho significativo de investigação sobre a China.

As questões políticas do *Império do Meio* são igualmente abordadas, pois estava a ser atacada pelo Japão, lugar onde Inso esteve em 1912.<sup>45</sup> A guerra interna, cujas tensões se faziam sentir desde 1911, devido à revolução realizada pelo movimento nacionalista, que derrubou a centenária dinastia Qing, chefiado por Sun Yat Sen, primeiro presidente provisório das Províncias Unidas da China e co-fundador do Kuomintang.<sup>46</sup> Aquilo que podemos



## HISTORIOGRAFIA

Fig. 7: Capa do livro *China*.

apelidar de Guerra Civil Chinesa e que teve períodos temporais intermitentes, de 1927 a 1937 e 1946 a 1949, aconteceu devido a antagonismos entre as forças nacionalistas e as comunistas. O clima de grande tensão teve a sua maior intensidade após a II.<sup>a</sup> Guerra Mundial, agudizando tensões e emergências de extremismos mesmo em outros países da Ásia. Em 1937, os japoneses invadiram a Manchúria e os confrontos internos diminuíram, face à emergência de enfrentar um inimigo comum. A situação sofreu um agravamento com a II.<sup>a</sup> Guerra Mundial, em virtude de os japoneses desenvolverem a expansão territorial, ligando-se à Alemanha Nazi.

Após o grande conflito internacional, a situação interna voltou a agravar-se. A República Popular da China foi proclamada a 1 de Outubro de 1949 e a vitória comunista completou-se quando

o governo nacionalista fugiu para Taiwan, em Dezembro daquele ano.<sup>47</sup>

A obra foi enriquecida com as biografias de Sun Yat Sen (1866–1925), que para além do relevante papel político que desempenhou foi o introdutor da medicina ocidental na China e em Macau, onde viveu de forma periódica, e de Chiang Kai-shek (1887–1975) presidente da China entre os períodos 1928–49, de forma intermitente, e de Taiwan entre 1950 e 1975. O nosso autor demonstra ter conhecimentos do que se passava na China, em termos políticos, como em termos de conhecimento de algumas figuras emblemáticas da revolução republicana e, mais tarde, comunista. Aliás, comparando as datas em que Sun Yat Sen permaneceu em Macau e as datas em que Inso esteve naquela cidade é um ‘talvez provável’, que se tivessem encontrado, sem grande certeza, visto não haver qualquer referência a esse contacto.

No entanto, já não deve ter tido a oportunidade de privar com o republicano e herói da Revolução de 5 de Outubro em Portugal, José Carlos da Maia (1878–1921), governador de Macau, entre 1914 e 1916. Figura histórica extraordinária, projectou obras muito importantes para aquela cidade, como a Avenida Almeida Ribeiro ‘A via estabeleceu, assim, a ligação entre a Praia Grande, onde funcionava o centro político e financeiro de Macau, e em que as elites portuguesa e macaense dominavam, com o Porto Interior, onde vivia a maior parte da comunidade chinesa’.<sup>48</sup> Muito embora este oficial da Marinha não tivesse ligação aparente com Inso, não deixa de ser relevante o facto de ambos terem tido um vínculo com Macau, com a China e o segundo, uma relação próxima de Sun Yat Sen.

A pirataria foi outro dos alvos do interesse do militar-escritor, pois constituiu um autêntico flagelo para o Sul da China e para Macau,<sup>49</sup> fazendo referência às suas três vertentes: cobrando taxas de passagem à navegação, fazendo raptos para



Fig. 8: Comparação entre a escrita chinesa antiga e a escrita chinesa moderna, em Jaime Inso, *China*, 140.

resgates e assaltando navios no alto-mar. Descreve com crueza as implicações para o raptado, o não pagamento do referido resgate, resultando num relato impressionante, com imagens de piratas (fotos da época) e desenhos de castigos infligidos aos salteadores, quando capturados. Aliás, Inso considera mesmo que a pirataria e o ópio fornecem informações que oscilam entre o romântico e o dramático,<sup>50</sup> numa perspectiva do ambiente envolvente, pois qualquer um destes temas daria como cenário para obras de ficção de mérito.

Na última parte da extensa obra, o autor dedicou a Macau, apelidando-a de *Jóia do Oriente*, onde descreve a dimensão da cidade, hábitos, costumes com várias fotografias desde o Leal Senado, Edifício dos Correios, Canídro de Macau, entre outros, para além de uma interessante sinopse da população de Macau.<sup>51</sup> A sua preocupação de compreender a lógica do outro é absolutamente

relevante nos seus escritos. Ao fazer as descrições, confere um entusiasmo pelos orientalismos, que aos seus olhos se comparava entre a escrita chinesa antiga e a escrita chinesa moderna, mas sempre apetecível.

Na continuação desta análise sumária de algumas das suas publicações, após a passagem à reforma, Inso publicou em 1941, *Cenas da Vida de Macau*, numa edição de *Os Cadernos Coloniais*, que constituem uma colecção com setenta livros, publicados pelas Edições Cosmos, entre os anos de 1920 e 1960, mas com especial relevância entre os anos de 1935 e 1941, 'Foram tratados diversos temas desde a história da colonização, figuras ligadas à colonização, política "ultramarina", aspectos étnicos, culturais e religiosos sobretudo do continente africano (somente um número dedicado a Macau, um ao Estado da Índia, 4 números referentes a Timor)'.<sup>52</sup> Os referidos cadernos de

## HISTORIOGRAFIA

formato reduzido (tipo livro de bolso) de 18 cm x 12 cm, tinham uma média de 40 páginas. A coleção terminou precisamente com o número 70, dedicado a Macau. A nota do editor (assinada em Fevereiro de 1941) publicada na página 37, refere duas razões que obrigaram a editora a ter de suspender a publicação: ‘a) O aumento enormíssimo do custo de artigos gráficos – papel e gravura, especialmente, e b) O desinteresse sempre crescente que, por parte do público, tem sido prestado a esta coleção.’ Esta obra mereceu uma reedição feliz, por parte do Instituto Cultural de Macau em 1997, com seis capítulos, nomeadamente: I — ‘A Caminho do Bazar’, II — ‘Os Bonzos Amarelos’, III — ‘O “Clu-Clu”’, IV — ‘Na Penumbra dos Pagodes’, V — ‘O Auto China’, VI — ‘Noites do Bazar’.

Muito embora esta publicação não acrescente

mais pormenores detalhados da vida em Macau, Jaime do Inso, com a sua obra dedicada a Macau e a outras áreas geográficas dessa parte do globo, provou ser uma testemunha fidedigna de uma época não tão documentada como qualquer investigador gostaria. Por vezes, a falta de fontes relevantes reduz a importância histórica de um tempo, pois não se pode colmatar os ‘vazios’ com conclusões imaginativas ou por simpatia. Daí que o autor e respectiva obra contribuam para um melhor esclarecimento histórico de uma terra pela qual se apaixonou, paixão essa subentendida na abordagem que fez, relativamente aos assuntos por si escolhidos. Numa análise mais global, até poderíamos concluir que se Portugal foi seu berço identitário, Macau foi a sua terra de coração e assim sendo, ele próprio estabeleceu uma ponte entre o Oriente e o Ocidente. **RC**

## NOTAS

- 1 Esta interessante frase de Inso foi igualmente citada por Salvador da Cunha Cordovil Horta e Costa, “Jaime Correia do Inso. Uma Vida Dedicada à Marinha e Encantada pelo Oriente” (dissertação de mestrado, Escola Naval, 2019), 67–68. Jaime Inso, “A China. Conferência Feita em 2 de Junho de 1930, pelo Sr. Comandante Jaime do Inso na Sociedade de Geografia de Lisboa,” Separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (Lisboa: Tipog. e Papelaria Carmona, s.d.), 30.
- 2 Jaime Inso, *Visões da China* (Lisboa: Tipografia Élite, 1933), 12.
- 3 Inso, *Visões da China*, 231.
- 4 Jaime Inso, “Comunicações com as Colónias do Extremo Oriente,” *Boletim Geral das Colónias*, ano XI, n.º 121, Julho de 1935, 35–38.
- 5 Jaime Inso, “Macau e as Suas Indústrias,” *Boletim Geral das Colónias*, n.º 86–87, 1932, 18–35.
- 6 Inso, “Macau e as Suas Indústrias,” 28–29.
- 7 Henrique Carlos Ribeiro Lisboa, *A China e os Chins Recordações de Viagem* (Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão / CHDD, 2016), [http://funag.gov.br/loja/download/1142-a\\_china\\_e\\_os\\_chins.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1142-a_china_e_os_chins.pdf).
- 8 “O Brasil Encontra o Extremo Oriente: A Missão Chinesa (1880),” Biblioteca Nacional Digital do Brasil, consultado a 28 de Agosto de 2023, <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-brasil-encontra-o-extremo-orienta-a-primeira-missao-brasileira-a-china-1880/nosso-primeiro-trabalho-sinologico-a-china-e-os-chins/>.
- 9 De acordo com o seu registo biográfico e profissional que se encontra no Arquivo Central da Marinha de Lisboa, Livros-Mestres F/194; I/142; M/19 e N/116.
- 10 Jaime Inso, *China* (Lisboa: Edições Europa, 1936), 187.
- 11 Inso, *China*, 188.
- 12 Jaime Inso, “A Canhoneira «Pátria»,” *Anais de Marinha*, n.º 18, Setembro–Dezembro de 1951.
- 13 Jaime Inso, *Timor-1912* (Lisboa: Edições Cosmos, 1939), 13.
- 14 Inso, *Timor-1912*, 82.
- 15 Inso, *Timor-1912*, 128.
- 16 Inso, *Timor-1912*, 90.
- 17 Inso, *Timor-1912*, 113.
- 18 Inso, *Timor-1912*, 215, 235.
- 19 Inso, “A Canhoneira,” 24.
- 20 ACML, Lisboa, CX 1413-3-2.
- 21 ACML, Lisboa, CX 1413-3-2.



## HISTORIOGRAPHY

- 22 Jaime Inso, *O Caminho do Oriente*, 1.<sup>a</sup> edição (Lisboa: Edição do Autor, 1932).
- 23 Jaime Inso, *Visões da China*, 1.<sup>a</sup> edição (Lisboa: Edição do Autor, 1933).
- 24 Inso, *Visões da China*, 402.
- 25 *Revista Militar*, 2.<sup>a</sup> época, ano LXXXV, Maio–Junho, n.º 5–6, 1933, Lisboa, 301–326.
- 26 *Revista Militar*, 319.
- 27 *Revista Militar*, 320.
- 28 Inso, *O Caminho*, 23.
- 29 Inso, *O Caminho*, 127.
- 30 Inso, *O Caminho*, 128.
- 31 Yuan Jiayi, “A China e Macau a partir de Duas ‘Navegações’ Portuguesas do Século XX: *O Caminho do Oriente* (1932) de Jaime do Inso e *Nocturno em Macau* (1991) de Maria Ondina Braga” (tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 2020), 35.
- 32 Yuan, “A China e Macau a partir de Duas ‘Navegações’ Portuguesas do Século XX,” 11.
- 33 Inso, *Visões da China*, 265–267.
- 34 Inso, *Visões da China*, 407.
- 35 Inso, *Visões da China*, corrigido na pg. 407.
- 36 Inso, *Visões da China*, 23.
- 37 Inso, *Visões da China*, 37.
- 38 Inso, *Visões da China*, 55 e seguintes.
- 39 Inso, *Visões da China*, 91.
- 40 Inso, *Visões da China*, 123 e seguintes.
- 41 Inso, *Visões da China*, 215–216.
- 42 Inso, *Visões da China*, 216.
- 43 António Aresta, “Recordando Jaime do Inso,” *Jornal Tribuna de Macau*, 17 de Maio de 2023.
- 44 Inso, *China*, 140–141.
- 45 Inso, *China*, 301.
- 46 “Revolução Chinesa,” Wikipedia, consultado a 23 de Maio de 2023, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Chinesa).
- 47 “A Guerra Civil Chinesa,” Wikipedia, consultado a 23 de Maio de 2023, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Civil\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Chinesa).
- 48 Andreia Sofia Silva, “Carlos da Maia, o Governador que Imaginou a San Ma Lou, Morreu Há 100 Anos,” *Hoje Macau*, 19 de Outubro de 2021.
- 49 Inso, *China*, 320.
- 50 Inso, *China*, 325.
- 51 Inso, *China*, 378.
- 52 “Leitura – ‘Cênas da Vida de Macau’,” *Nenotavaiconta*, 1 de Outubro de 2012.

## ARQUIVO

## Arquivo Central da Marinha de Lisboa (ACML):

Livros-Mestres F/194; I/142; M/19 e N/116.  
Lisboa, CX 1413-3-2.

## Biblioteca Central da Marinha de Lisboa (BCML):

Livros-Mestres F/194; I/142; M/19 e N/116.

## Biblioteca Nacional Digital do Brasil (BNDB):

“O Brasil Encontra o Extremo Oriente: A Missão Chinesa (1880).” Consultado a 28 de Agosto de 2023. <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-brasil-encontra-o-extremo-orienta-a-primeira-missao-brasileira-a-china-1880/nosso-primeiro-trabalho-sinologico-a-china-e-os-chins/>.

## BIBLIOGRAFIA

- Aresta, António. “Recordando Jaime do Inso.” *Jornal Tribuna de Macau*, 17 de Maio de 2023.
- Horta e Costa, Salvador da Cunha Cordovil. “Jaime Correia do Inso. Uma Vida Dedicada à Marinha e Encantada pelo Oriente.” Dissertação de mestrado, Escola Naval, 2019.
- Inso, Jaime. *O Caminho do Oriente*. 1.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Edição do Autor, 1932.
- \_\_\_\_\_. “A Canhoneira «Pátria».” *Anais de Marinha*, n.º 18, Setembro–Dezembro de 1951.
- \_\_\_\_\_. *China*. Lisboa: Edições Europa, 1936.
- \_\_\_\_\_. “A China. Conferência Feita em 2 de Junho de 1930, pelo Sr. Comandante Jaime do Inso na Sociedade de Geografia de Lisboa.” Separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Tipog. e Papellaria Carmona, s.d., 30.
- \_\_\_\_\_. “Comunicações com as Colónias do Extremo Oriente.”

## HISTORIOGRAFIA

- Boletim Geral das Colónias*, ano XI, n.º 121, Julho de 1935, 35–38.
- \_\_\_\_\_. “Macau e as Suas Indústrias.” *Boletim Geral das Colónias*, Ano VIII, n.º 86–87, Agosto–Setembro de 1932, 18–35.
- \_\_\_\_\_. *Timor-1912*. Lisboa: Edições Cosmos, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Visões da China*. Lisboa: Tipografia Élite, 1933.
- “Leitura – ‘Cênas da Vida de Macau’.” *Nenotavaicon*, 1 de Outubro de 2012.
- Lisboa, Henrique Carlos Ribeiro. *A China e os Chins Recordações de Viagem*. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão / CHDD, 2016. [http://funag.gov.br/loja/download/1142-a\\_china\\_e\\_os\\_chins.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1142-a_china_e_os_chins.pdf). Consultado a 28 de Agosto de 2023.
- Revista Militar*, 2.ª época, ano LXXXV, Maio-Junho, n.º 5–6, 1933, Lisboa, 301–326.
- Silva, Andreia Sofia. “Carlos da Maia, o Governador que Imaginou a San Ma Lou, Morreu Há 100 Anos.” *Hoje Macau*, 19 de Outubro de 2021.
- Wikipedia. “A Guerra Civil Chinesa.” Consultado a 23 de Maio de 2023. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Civil\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Chinesa).
- \_\_\_\_\_. “Revolução Chinesa.” Consultado a 23 de Maio de 2023. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Chinesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Chinesa).
- Yuan, Jiayi. “A China e Macau a partir de Duas ‘Navegações’ Portuguesas do Século XX: *O Caminho do Oriente* (1932) de Jaime do Inso e *Nocturno em Macau* (1991) de Maria Ondina Braga.” Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 2020.









# Near the Greater Bay Area: The Wuzhu Sea 烏豬洋 and Wuzhu Island 烏豬洲 (Pulau Babi) in Chinese and Portuguese Sources (c. 1400–1600)

RODERICH PTAK\*

**ABSTRACT:** In the age of sail, Wuzhu Island (烏豬島), to the east of Shangchuan (上川島), was a major point of orientation for ships proceeding back and forth between Southeast Asia and various locations along the shores of central Guangdong. There was no permanent settlement on Wuzhu, but the island provided water and Chinese sailors associated it with a protective deity. One part of the sea in the area around Wuzhu was called Wuzhuyang (烏豬洋). However, its precise extension and limits remain unknown. A third toponym, Wuzhumen (烏豬門), leads to further questions. The article discusses selected references to these places and various nearby islands recorded on maps and in nautical and other texts of the Ming period. It also considers additional spaces mentioned together with the Wuzhuyang. A further focus is on Portuguese sources. In these works, Wuzhu Island appears under a Malay name: Pulau Babi. The analysis of this material confirms the impression provided by Chinese texts and maps, namely that Wuzhu/Pulau Babi was an important landmark in nautical contexts.

**KEYWORDS:** The islands of central Guangdong; History of navigation; Traditional geography.

## 1. WUZHU ISLAND: ITS NAMES AND GEOGRAPHY

In the western section of the so-called ‘Greater Bay’ area one finds the two large islands called Shangchuandao (上川島) and Xiachuandao (下川島). Portuguese sources frequently refer to the first island as the Ilha de São João, while English

texts often call it St. John’s Island. The place is well-known: Jesuit Father Francisco Xavier died there in 1552 and it also served as a meeting area where Chinese and other merchants went to exchange their goods. Indeed, its commercial functions go back to much earlier times, as we know from Chinese books and maps. However, the present study is not on

\* Roderick Ptak holds a doctoral degree and habilitation in Sinology from the University of Heidelberg, Germany. He was the chair professor in Sinology of the Ludwig Maximilian University of Munich from 1994 to 2022.

*Roderick Ptak, doutorado e também doctor habilitatus em Sinologia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha. Foi professor catedrático de Sinologia na Universidade Ludwig-Maximilians, em Munique, de 1994 a 2022.*



Fig. 1: This section of the *Guangzhoufu zongtu* (《廣州府總圖》), a map of the early nineteenth century, may serve for orientation. One can easily recognise the islands dealt with in the present article, because they are quite accurately drawn. That is particularly true of Shangchuan, the second large place from the left, and of Wuzhu to its east, here marked in red. Further to the right, i.e., to the east, one sees Hebaodao (yellow arrow), Gaolandao (blue arrow), and Sanzaodao (white arrow). Macao, to the northeast of the latter, is not on the image. Source: *Aomen lishi ditu jingxuan*, 78 (map 47).

Shangchuan. It looks at a small island located circa 5 km to the east of the former and it also deals with the sea that bears its name.

Currently, the Chinese name of this small island is Wuzhuzhou (烏豬洲), literally ‘Black Pig Island’. In former times people also called it Wuzhudao (烏豬島) and Wuzhushan (烏豬山), and the sea adjacent to it Wuzhuyang (烏豬洋).<sup>1</sup> In some traditional sources the second character in these names appears as ‘豬’ or ‘猪’. The last form is very common and is now used in short character texts, while the short version for ‘豬’, namely ‘猪’, seems rare. The *pinyin* transcription of all these characters gives *zhu* (i.e., *chu* in Wade-Giles). In Cantonese they read *zyu* (according to the Jyutping system). The Hokkien versions are less uniform: ‘猪’ and ‘猪’ read *ti(r)*; ‘猪’ is transcribed as *chu* (Pe'h-ōe-jī system). Both the Hokkien and Cantonese readings may matter, because presumably in the ancient days it was mostly sailors from south Fujian and central Guangdong whose ships came to Wuzhuzhou and passed through the Wuzhuyang.

Although clear evidence for the Hokkien and Cantonese pronunciations of the above characters

in earlier periods is difficult to find, we may assume that they were interchangeable to some degree.<sup>2</sup> There are, in fact, several other toponyms, which suggest that all these graphs, including additional ones (for instance, *zhou* 洲, *zhou* 州, *zhu* 竺, and *zhu* 竹), were then used in liberal ways.<sup>3</sup> Nevertheless, as far as I can tell, there is no major study on this phenomenon that may have to do with different local naming traditions then current among the seafaring communities of South China.

Be that as it may, scholars tried to explain the name ‘Black Pig Island’ by telling readers that its shape would resemble a boar, hence its appellation. However, comparable explanations also appear in connection with other toponyms that contain the element ‘pig’.<sup>4</sup> Many of these explanations raise doubts. Moreover, the element ‘black’ (*wu* 烏) remains a mystery.

Old Portuguese sources do not seem to provide a name for the Wuzhuyang, and they also call Wuzhuzhou differently, namely Pulau Babi (various orthographs). This is a Malay toponym which simply means ‘Pig Island’. Although it does not carry the attribute ‘black’, one must certainly relate the sequence ‘Pulau Babi’ to the Chinese versions Wuzhuzhou/-dao/-shan. We shall return to the name issue in chapter 8.

Here it may suffice to state that one finds a parallel case near the east coast of the Malay Peninsula. This concerns the island now called Pulau Babi Besar (literally: ‘Great Pig Island’). Zhou Yunzhong proposed to link its name to a location which the famous *Zheng He Map* records as Xizhushan (西竹山). He suggested to replace the second character by ‘猪’. The adjusted Chinese version ‘西猪山’ would then mean ‘Western Pig Island’. Semantically this would come close to Pulau Babi Besar, but the issue is quite complicated, as I have shown elsewhere, and not everyone will accept Zhou’s suggestion.<sup>5</sup>

## GEOGRAFIA

The origin of the Malay name ‘Pulau Babi Besar’ also raises questions. According to various internet entries and modern works, there were wild pigs on the island, hence its name. As far as I can tell, zoology has not yet confirmed that view. According to a different story the island received its name because an angry fisherman had cursed his wife by calling her a ‘pig’. Again, sources of the medieval and early modern periods do not mention such a legend. In short, currently there are no clear explanations for the name ‘Pulau Babi Besar’, for its assumed Chinese names, and for the name Wuzhuzhou/-dao/-shan near Shangchuan.<sup>6</sup>

For the sake of simplicity, I shall now reduce the modern name Wuzhuzhou to Wuzhu (or Wuzhu Island), besides providing a few more geographical data. The approximate coordinates of that island are 21°36’N and 112°52’E. It has an east–west extension of circa 4 km; its widest north–south extension measures 2.2 km. There are many granite structures. In the eastern section of the island one peak rises to 236 metres. Some segments of the southern shore are steep; along the north side one finds several beaches with stones. Much of the island is covered with shrubs and small trees.<sup>7</sup> Chinese sources suggest that it remained uninhabited for ages, but fishing vessels went there, and itinerant merchants visited the island as well, at least from time to time. The island is also linked to a local deity, which will be discussed in chapter 8.

Furthermore, Wuzhu offered fresh water. Presumably, most visitors went ashore at its northern coast, which is less exposed to the sea. There is, in fact, a work of the Qing period which marks the space near the north side of Wuzhu as a kind of channel, or *men* (門). Its geographical position suggests that ships would often sail along that shore and then proceed to the broad space between Wuzhu and Shangchuandao.<sup>8</sup>

Given the explanations listed above, readers may wonder why one should write an article about a small place like Wuzhu, especially if this was an uninhabited and very unspectacular location in the vicinity of a large island known for its former role in commercial exchange. The reason is simple: both Chinese and Portuguese sources mention Wuzhu in navigational contexts. Typically, Chinese vessels approached or passed the island when proceeding from Fujian or central Guangdong in the general direction of Hainan, present-day Vietnam, and the Malay world. Portuguese sailors sighted Pulau Babi on the way from Melaka or Patani to Shangchuan and when going to the island which they called Lampacau (in Chinese usually Langbaijiao 浪白潛, but there are different orthographs in both Portuguese and Chinese texts). As is well known, besides the large island of Shangchuan, the latter also served as an international trading platform prior to the foundation of the Portuguese settlement on the southern half of the Macao Peninsula. Put differently, Wuzhu Island was an important point of orientation for travellers of various nations.

The above explains why Wuzhu and/or the sea space adjacent to it appear on Chinese maps and in so-called *zhenjing* (針經), or books on navigation, produced in the Ming period, and why one can find Pulau Babi in Portuguese sources of the sixteenth and seventeenth centuries. It is a selection of these Chinese and Portuguese references to both the island and the sea that will be investigated in the present article. This requires no models or theories. On the contrary, I shall limit myself to citing important material that records the relevant toponyms, while also throwing light on the adjacent areas. Where possible, the discussion will follow a rough chronological order. This includes works dated to the period circa 1400 to 1600; it does not include sources of the Qing era; these will only be cited in exceptional cases, for clarity’s sake.



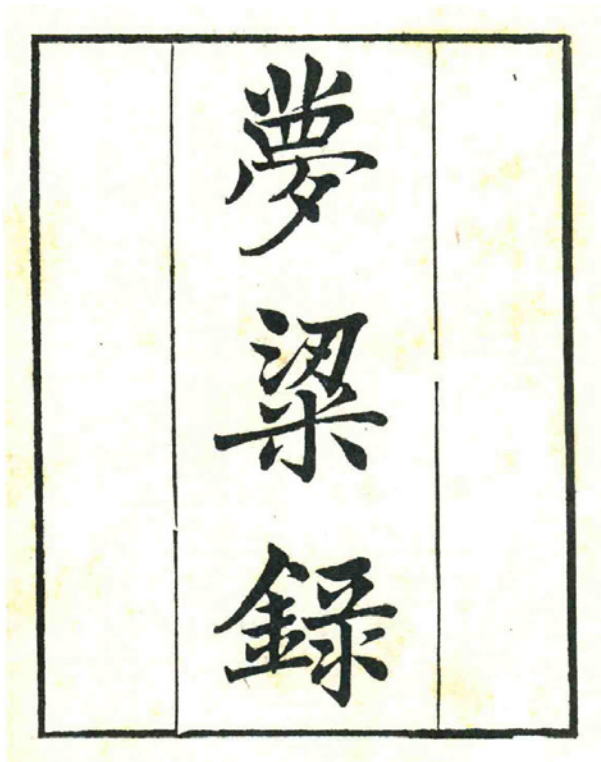


Fig. 2: Title page of *Meng liang lu*, from a Qing print.

Finally, as the discussion will show, the matter sounds simple, but there are many problems, mainly regarding the space then called Wuzhuyang. Not all questions lead to satisfactory answers; indeed, several points remain open. That is especially true for the presentation in chapters 2 and 3.

## 2. THE WUZHU SEA AND OTHER SPACES IN *MENG LIANG LU*

We shall begin our discussion by looking at *Meng liang lu* (《夢梁錄》) (completed in 1274) by Wu Zimu (吳自牧, fl. 1270). This source precedes the time frame set for the present article, but it is an important text and certainly one of the earliest books with a brief reference to the Wuzhuyang.<sup>9</sup> One of its entries records that people wishing to trade abroad, would leave Quanzhou (泉州) and sail through the Qizhouyang (七洲洋). The name

Qizhouyang usually points to the sea adjacent to the so-called Qizhou liedao (七洲列島), a small archipelago near the northeastern tip of Hainan and now under the administration of Wenchang County (文昌縣). There are many studies on these islands which appear in Portuguese sources under the Malay name Pulau Tujuh (different orthographs). Both the Chinese and the Malay versions mean ‘Seven Islands’.<sup>10</sup>

According to our text, the depth of the Qizhouyang measured more than 70 *zhang* (丈), i.e. approximately 200 metres, if one follows Han Zhenhua’s (1921–1993) suggestion.<sup>11</sup> Unfortunately, the text does not mention the exact location of the measurement. Han argued that besides referring to the area near Hainan’s northeastern tip, the name Qizhouyang also designated the sea extending towards the Xisha Islands (西沙群島) (Paracel Islands) in a broader sense. There is some dissent on the issue for various reasons, one being that traditional Chinese texts rarely allow us to precisely delimitate sea spaces.<sup>12</sup> Nevertheless, the depth of circa 200 metres suggests a location at some distance from Hainan.

*Meng liang lu* then continues by listing four spaces: ‘the Kunlun, Shamo, Shelong, and Wuzhu seas’ (崑崙、沙漠、蛇龍、烏豬等洋). Their sequence raises questions, as we shall see. Kunlunyang is the only exception. It stands for the sea near Pulau Condore (Con Son, Côn Sơn, Kunlun[dao/shan] 昆侖/崑崙[島/山], etc.). The latter is the main island of a small archipelago about 70 km away from the southeastern shore of present-day Vietnam.

The second toponym, Shamoyang, remains unclear. Huang Chunyan relates it to the name ‘沙磨洋’, also read *shamoyang*, which appears in a work by Fang Hui (方回, usually 1227–1307) where one finds the phrase ‘From Kunlunyang going to the Shamoyang...’ (自崑崙洋而放沙磨洋.....).<sup>13</sup>



names becomes irrelevant. The text would then be a condensed effort to create a new marvel.

However, one may as well argue that the sequence of names in *Meng liang lu* takes readers from north to south. The first name, Qizhouyang, relates to the area near Hainan and/or the Xisha qundao (西沙群島) (Paracel Islands). From there, going south, through the sea near Con Son, the Shamoyang (hidden reefs in the western section of the Nansha qundao?) and Shelongyang (near the Natunas and/or Northwest Kalimantan?), a ship would enter the Laut Natuna, unless it would change direction near Cape Datu and proceed towards the Balabac Strait. Clearly, in these cases, the name Wuzhuyang would not stand for a space adjacent to Wuzhu Island of Guangdong. Rather, one would have to search for it somewhere along the way to Java, or near the route along the north coast of Borneo, or even further to the east/southeast, in the Celebes Sea or the Moluccan zone. Such an arrangement might remind readers of the perilous whirls and waters in the South China Sea and/or the distant eastern spaces described in other sources.<sup>18</sup>

Be that as it may, Wu Zimu concludes his description by alluding to the fact that reefs and flat areas are dangerous zones. Therefore, people have a saying: '[When] you leave [China], be careful with the Qizhou; [when] returning, be careful with Kunlun' (去怕七洲，回怕崑崙). This saying appears in many later sources and is almost regularly quoted in research on China's maritime history. In sum, the reference to the Wuzhuyang in *Meng liang lu* seems to form part of a well-known larger context that mixes geographical details with fantastic elements.

### 3. WUZHUMEN IN THE ZHENG HE MAP

Standard geographies of the Song and Yuan periods do not seem to mention the Wuzhuyang and not the island called Wuzhuzhou/-shan/-dao.

Further references only occur in sources associated with the early fifteenth century and later periods. Therefore, in terms of chronology, we may now turn to the so-called *Zheng He hanghai tu* (《鄭和航海圖》), or *Zheng He Map*. The original version of this anonymous work is lost. Most scholars think that it was made during the early fifteenth century, at the time of Zheng He's voyages, and that some parts of it are based on earlier material. The extant copies of the map date to late Ming period. There are two such copies and they only differ in minor points. Nearly all modern studies dealing with the map are based on the version included in the collection *Wu bei zhi* (《武備志》) (1621). Here we shall look at one segment of the map, which shows the coast of central Guangdong and Hainan.<sup>19</sup>

The *Zheng He hanghai tu* is drawn from the mariner's point of view. One follows the principal sailing course, marked by a dotted line along the China coast, either in the direction of Southeast Asia and the Indian Ocean, or in the direction of Nanjing, then Ming-China's capital and the starting point of Zheng He's expeditions. Brief sailing instructions placed near that line provide the compass bearings which tell users how to reach a particular destination. Further instructions give the approximate sailing time/distance (measured in *geng* 更) between two or more locations.<sup>20</sup>

Clearly, the map is not drawn to scale. On the contrary, it is a long horizontal work, probably originally a scroll or a folded piece, that takes readers from one port or island to the next place, indicating the geographical position of important landmarks on starboard and port. The instructions recorded near the dotted lines enable us to identify most toponyms and even some of the unnamed locations.

On the illustration shown here, Xiangshan (香山) appears in the middle of the map, as a separate island, because in those days the area



## GEOGRAFIA

now called Zhuhai was not yet connected to the Guangdong mainland. Nantingshan (南停山) to the east of Xiangshan points to an island in the Wanshan liedao (萬山列島); now this island bears the name Da Wanshاندao (大萬山島).<sup>21</sup> However, for the present study the names (1) Dajin (大金), (2) Xiaojin (小金), (3) Lujing Gaolan (鹿頸高欄), and (4) Shangxiachuanshan (上下川山) are more significant. The current names of the first two are Dajindao (大襟島) and Xiaojindao (小襟島). The third location stands for two islands: Hebaodao (荷包島) and Gaolandao (高欄島); today a reclaimed area connects Gaolandao via Nanshuidao (南水島), formerly an island as well, with the mainland. The fourth name represents Shangchuandao and Xiachuandao. These two and several nearby islands form a separate archipelago known as the Chuanshan qundao (川山群島).<sup>22</sup>

All islands mentioned above (nos. 1 to 4) are to the southwest of old Xiangshan and/or Macao. The one closest to these two is not Dajindao, but Gaolandao. This means that on the map, all four names are somewhat misplaced. The other names in the area now belonging to the so-called Wanshan qundao (萬山群島) (not to be confused with the Wanshan liedao), i.e., to the islands currently administered by Zhuhai, are of no interest here.

The map is also imprecise regarding the position of the space which it calls Wuzhumen (烏猪門), literally 'Black Pig Gate', because that area appears to the south of the compound 'Shangxiachuanshan'. It seems that this 'gate' or *men* refers to a channel near the island of Wuzhu. We had mentioned such a channel in the introduction, but Ming sources rarely list the combination Wuzhumen, which makes it difficult to define its true geographical position. Moreover, Wuzhumen may not necessarily stand for a narrow passage; perhaps it marks a larger space or is even identical with the Wuzhuyang. Thus, the broad zone between

Wuzhu Island and Shangchuan is one candidate for its identification.<sup>23</sup>

The map poses further problems. The region near Xiangshan is drawn in a manner that suggests the existence of a 'vertical' north-south corridor along the west coast of that island all the way 'down' to Wuzhumen. This is an unacceptable simplification of the true geographical situation. In Ming times, several channels led from the area north of Xiangshan towards the south. Their exits are known as Yamen (厓門), Hutiaomen (虎跳門), and Modaomen (磨刀門). The first two led to the so-called Huangmaohai (黃茅海) and from there to the sea between Hebaodao and Dajindao. Going further south, one would reach the open ocean.<sup>24</sup> Shangchuan and Wuzhu Island are to the west of that zone; therefore, moving through the space between the latter two implied that a ship had to change direction near Dajindao or Xiaojindao. In short, if one identifies Wuzhumen with the space between Shangchuan and Wuzhu Island, then the conclusion must be that the map provides a very distorted image of the entire region.

Unfortunately, that also applies to other options. A second candidate for the area named Wuzhumen could be the open sea south of Wuzhu. We shall return to that space in the next chapter. A third option is the narrow area between Wuzhu Island and the two islets now called Zhouzai (洲仔) and Yindoupai (銀豆排), both near the north side of Wuzhu. However, whether pilots wished to steer a major vessel through this passage seems doubtful. One can also rule out a fourth possibility, i.e., to identify the toponym Wuzhumen with the so-called Weijiamen shuidao (圍夾門水道), another narrow channel, not near Wuzhu, but between Shangchuandao and the island known as Weijiadao (圍夾島).<sup>25</sup> To repeat the doubts mentioned above: not a single of these options is in line with what we see on the map.

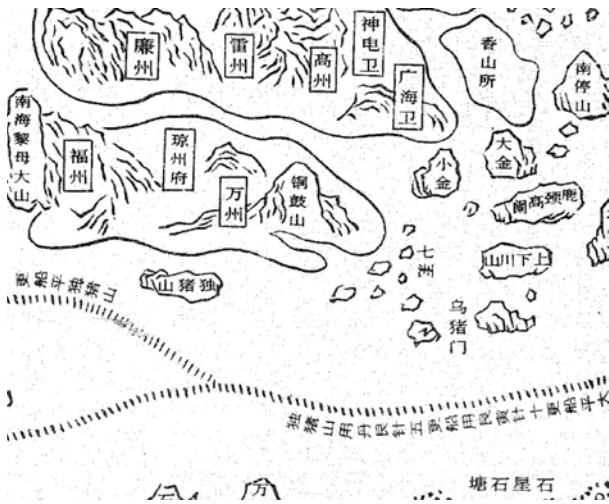


Fig. 4: Section of the *Zheng He hanghai tu*, enlarged. This shows one part of image 3. Under the Ming dynasty, Hainan was a prefecture called Qiongzhou (瓊州府). At the lower (southeastern) rim of the island one sees Duzhushan (獨猪山) (Tinhosa). The position of Wuzhumen seems to be at the outer end of a 'north–south channel' that leads through the islands called Dajin and Xiaojin and passes the Shangchuan–Xiachuan cluster on one side. As explained in the text, this makes little sense.

Finally, the *Zheng He hanghai tu* shows three islands near the name Wuzhumen: one to the left side (west?), one to its right (east?), and a small islet between 'Shangxiachuanshan' and the latter. This raises further questions. Should we identify two of these places with Weijiadao and Zhouzai, and one with Wuzhu? Is the entire set a vague reference to the small islets located between Shangchuandao and Xiachuandao (some of which also carry the character *zhu* 猪 in their current names)?<sup>26</sup> In terms of geographical position, these proposals make no sense. Also, both suggestions might imply that the name Wuzhumen denoted a group of islets, and not a sea space or passage. Certainly, there are further islands whose names end with *-men* (for instance, Jinmen 金門 or Quemoy), but this is a general toponymical problem that would require a separate study.

Another option is to argue that the compound 'Shangxiachuanshan' is placed on Xiachuan, while the large unnamed island below it represents Shangchuan, and the small one points to one or

several islets between the two 'Chuans'. In that case Wuzhu would be the island to the left of the name Wuzhumen. Such an arrangement, if turned counterclockwise by ninety degrees, would roughly echo the true geographical setting of the entire group, but not its correct position vis-à-vis the other nearby islands.

Finally, a different 'solution' would be to identify the three unnamed islands with Wuzhu, and with the rocks called Fanzai (帆仔) (also Dongxiaofanishi 東小帆石) and Dafanishi (大帆石) (also Dongdafanishi 東大帆石). The latter two are about 22 km to the southwest of Xiachuandao, in the sea.<sup>27</sup> Such a view might explain the 'proximity' of the entire set to the Hainan area.

Be that as it may, on the map, the dotted line or international sailing corridor connecting the provinces further north with the coast of modern Vietnam is drawn in such a way that it bypasses the island world of the Wanshan qundao and all locations mentioned above at their southern side. In other words, it leads directly from the area south of Wuzhumen, or the islands surrounding that name, to the Qizhou (七洲) near the northeastern section of Hainan. This probably means that Fanzai/Dafanishi appeared on starboard when a ship followed that line towards Qiongzhou (瓊州), as Hainan was then called. Yet, all that does not help us to decipher the geographical layout of the Wuzhu area on the map. Perhaps it is simply wrongly drawn.

Regarding the Qizhou, the map places these islands in a near-to-correct position, i.e., at the eastern edge of Hainan. Not too far from the coast, on the mainland of Hainan, one finds the name Tonggushan (銅鼓山). Normally that name, or Tongguling (銅鼓嶺), marks a small mountainous area near the coast, while Tonggujiao (銅鼓角) stands for a cape, about 3 km further south. The map also shows an inlet without giving its name. Probably this represents Qinglan'gang (清瀾港) and

## GEOGRAFIA

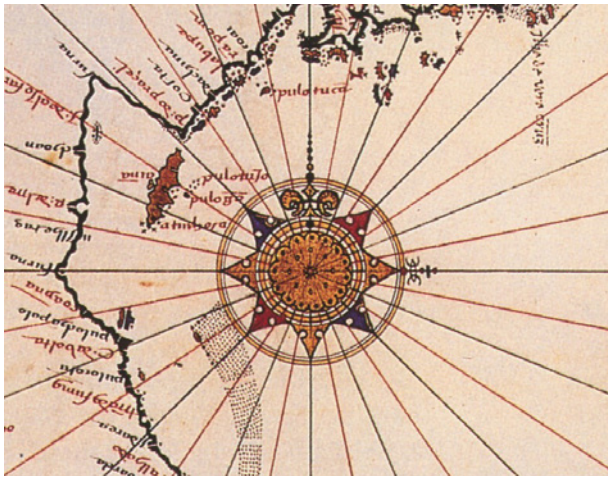


Fig. 5: Section of a map attributed to Gaspar Viegas, shown in many books. The red/brown island is Hainan. The Gulf of Tongking, near it, is drawn as triangular space. The name Hainan appears on the left side of the island, Tinhosa is placed at its lower end, and the 'Seven Islands', here called Pulotujo (for Pulau Tujuh), are to the right-hand side. The dotted zone along the coast of present-day Vietnam is a recurrent feature on early modern maps; it points to the many dangerous shoals and reefs in the South China Sea.

the area now called Bamengang/wan (八門港/灣). The land spit shown on the map would then be the area to the west side of the access channel which leads to the Bamengang or Bamen Bay.<sup>28</sup>

While these details pose no problems, one wonders why the map shows eight islands near the name Qizhou. Certainly, we may associate the one at the lower right end of that group with the Wuzhu region, or perhaps with the twin set of Fanzai/Dafanshi. This would then leave us with the correct number — seven islands. However, there is another possibility that one may think of: the famous map attributed to Gaspar Viegas, usually dated to 1537, shows seven dots next to the toponym Pulo Tujo (Pulau Tujuh). No doubt, this is a correct arrangement, but there is a slightly larger eighth location as well; it appears at the southern end of the 'Seven Islands' and bears the name Puloḡō. Other Iberian maps and Portuguese *roteiros* record similar names. Unfortunately, the identity of the place in question remains unclear because there is no (eighth) island in such a geographical position.

To solve the riddle, one may perhaps derive some (or all?) of these names from the Chinese toponym Tonggushan, but this is merely a vague suggestion, which I have discussed elsewhere.<sup>29</sup> At the same time, one may pose a very different question: Is the strange layout of the Wuzhu area on the *Zheng He Map* related to the one shown on the Viegas map? Are both versions rooted in one and the same 'regional model'? — Presently there is no answer to this question.

#### 4. EVENTS IN THE WUZHU SEA AND ITS SPATIAL EXTENSION

The Wuzhuyang appears in early Ming contexts. One event relates to the year 1373. In that year a vessel from Siam (Xianluo 暹羅) was on its way through the Wuzhu Sea. It was badly damaged in a storm but reached Hainan where local authorities assisted the crew. Some of the goods which the crew intended to submit as tribute gifts survived the disaster. This led to internal discussions because the emperor suspected that the men on board were private merchants and not tribute envoys. The details appear in several texts. There are two interesting points: some sources write Wuzhuyang '烏諸洋' in lieu of '烏豬(猪)洋'.<sup>30</sup> Secondly, on its way to China the ship had already entered the Wuzhuyang, i.e., the area east of the Qizhou, but obviously it drifted back to Hainan. This seems to suggest that mariners and scholars perceived the space then called Wuzhuyang as a large area which extended far towards the west. Of course, a different interpretation is possible as well. A literal reading of the sequence '烏諸洋' — 'All Wu/black Seas' or 'the 烏[豬洋] and other seas' — presupposes the existence of several spaces, with the Qizhouyang being one of them. This could mean that the ship met with disaster near the Qizhou, and not in the Wuzhu Sea. Be that as it may, we shall get back to the problem of '諸洋' in a different chapter.



Several other examples are of interest as well. One is a diplomatic mission headed by Shu Tong (舒瞳) and Wu Hui (吳惠). Its purpose was to confirm the status of a new ruler in Champa. The envoys left the Dongguan (東莞[莞]) region (on the east side of the Lingdingyang 伶仃洋) on the 23<sup>rd</sup> day of the 12<sup>th</sup> lunar month (3 February 1442), with the winter monsoon. The following day they passed through the Wuzhuyang. On the third day they went through the Qizhouyang (七洲[州]洋) and sighted Tonggushan from afar. The next day they reached Duzhushan (獨豬山) and saw Dazhoushan (大周山), again from a distance. One day later they came to the border of Jiaozhi (Jiaozhijie 交趾界), i.e., they entered the Gulf of Tongking, now called Beibuwan (北部灣).<sup>31</sup> All further details of the voyage by Shu Tong and Wu Hui are of no relevance to us, the main point being that their itinerary followed the principal sailing corridor from South China to the region of modern Vietnam. Furthermore, proceeding through the Wuzhuyang and the Qizhouyang took one day in each case; this seems to confirm our earlier assumption, namely that the Wuzhuyang was a major space.<sup>32</sup>

The third case relates to the year 1459. An official mission, led by Chen Jiayou (陳嘉猷, 1421–1467) and others, was on its way to Melaka with the aim of confirming a new ruler in office: Sultan Mansur Shah. On the way through the Wuzhuyang a storm caused damage to the ship(s) of the Chinese envoy, but Chen survived the disaster and the *Qinglan shouyusuo* (清瀾守御/禦[千戶]所) (battalion) stationed on Hainan took care of things. Fortunately, the imperial documents related to the enfeoffment were not lost; only the gifts had to be replaced.<sup>33</sup>

A further case is found in a *Ming shilu* entry dated 1501. It refers to a merchant who went to Java. ‘On reaching the Wuzhouyang (烏州洋) he and his crew met strong winds and they



Fig. 6: Right half of map showing Hainan. In the upper right corner, one sees the name Tongtongling. The round enclosure below it represents the Qinglan battalion, located near Qinglangang. The squared structure in the lower right corner stands for the central location of Wanzhou. Below it, on Hainan's mainland, is Duzhoushan (獨猪山). This is the island also known as Tinhosa; it should have been placed in the sea. The map dates from the early sixteenth century. Source: *Zhengde Qiongtai zhi*.

were blown to the territory of Dianbai County (電白縣). There he falsely claimed that he was [...] a tribute envoy from the country of Java', but local authorities in Guangdong found out the truth and he was punished.<sup>34</sup> Here, the name Wuzhouyang seems to stand for the 'standard' form Wuzhuyang (烏豬洋). Whether this implies that Wuzhu (Island) was at times called Wuzhou or perhaps even Wuzhou (烏洲), literally 'Black Island', remains an open point. Of course, the elements '州' and '諸' in the above names could simply be errors for *zhu* '豬' or '猪'.

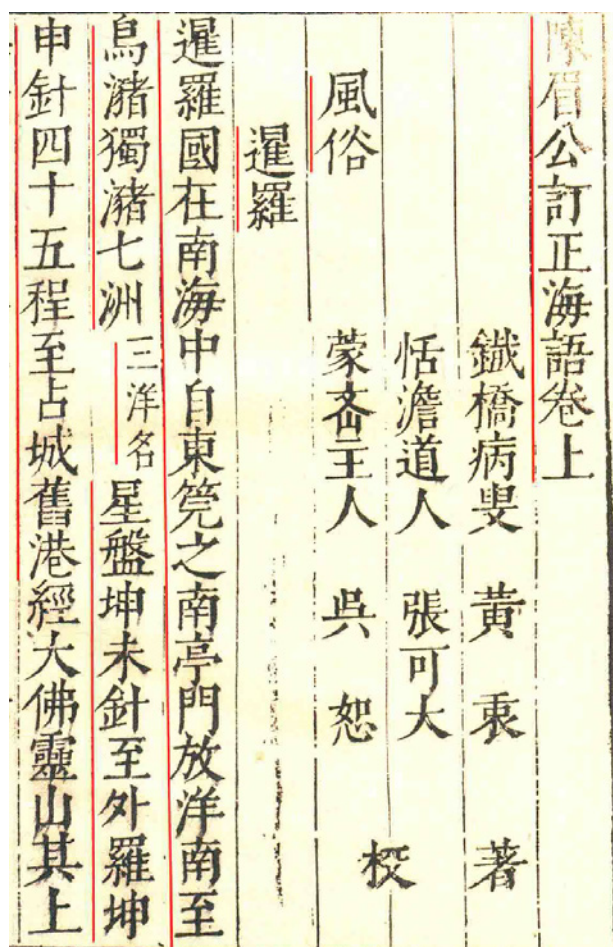


Fig. 7: Text excerpt from *Hai yu*. Chen Meigong/Chen Jiru (陳眉公/陳繼儒, 1558–1639) was a book collector. He contributed a copy of the *Hai yu* to one of several compilations which came out under his name. The image shows the first page of chapter 1 in the *Hai yu*. The parts relevant for our understanding of the sailing route from Nantingmen through several sea spaces towards Siam (and thereby also for the history of the islands in South China Sea) are marked with red lines. Source: *Nanhai zhudao tuji lu (gudai juan)*, 45.

Another aspect related to the entry of 1501 concerns the area to which the ship was blown: Dianbai. This county is far to the west of Shangchuan and Wuzhu Island. As in some of the previous cases, the text seems to suggest that people imagined the Wuzhuyang as a large space which extended over a substantial distance from east to west. Also, strong winds and currents could easily push a vessel from that area towards the Guangdong coast or, alternatively, towards Hainan.

Besides appearing in the context of natural disasters, the Wuzhuyang was an area associated with banditry and violence, especially during the sixteenth century. One example relates to the activities of the ‘sea robber’ (*haikou* 海寇) Wu Ping (吳平). In the 1560s, troops stationed in Guangdong defeated his group and he fled to Annan (安南), i.e., to the area of North Vietnam. The fighting, we also learn, took place at Yangjiang Wuzhuyang (陽江烏猪洋). It is not clear whether this refers to two hostile encounters, one in/near Yangjiang, the other on/near the Wuzhuyang, or whether we should understand the passage as a reference to just one incidence ‘in the Wuzhuyang near/of Yangjiang’.<sup>35</sup> No doubt, the second option would be in line with the above observations, namely that the Wuzhuyang extended far to the west. Yangjiang, one may add, is halfway between Wuzhu Island and Dianbai.

Additional evidence for the spatial extension of the Wuzhuyang comes from a very different source, namely Huang Zhong’s (黃衷) *Hai yu* (《海語》) (1536), already mentioned above. This book refers to the islands and coral reefs in the South China Sea. Here are three phrases relevant to the present study:<sup>36</sup>

*From Nantingmen in Dongguan [ships] proceed to the [open] ocean, [when going] south they reach Wuzhu, Duzhu and Qizhou.*  
自東莞之南亭門放洋，南至烏瀆、獨瀆、七洲。

(The Siku quanshu version of the text adds a small comment behind Qizhou: ‘Names of three seas’, or 三洋名.)

*The ‘Stone Embankment of Ten Thousand Miles’ (wanli shitang) extends to the east of the Wuzhu and Duzhu Seas; the humid winds*

*and gloomy scenery [make this area] appear different from the human world.*

萬里石塘在烏瀞、獨瀞二洋之東，陰風晦景不類人世。

*The ‘Long Sands of Ten Thousand Miles’ (wanli changsha) are to the southeast of the ‘Stone Embankment of Ten Thousand Miles’.*  
萬里長沙在萬里石塘東南。

The quotation starting with Nantingmen poses several questions. First, where was Nantingmen? The name could stand for a channel or sea space near Nantingshan (now: Da Wanshanda). One candidate is the narrow passage presently called Nanpingmen (南屏門), but that is highly debatable, as I have shown elsewhere.<sup>37</sup> Be that as it may, the issue is not important in the context of the present article; suffice it to note that Nantingmen is to the east of the Wuzhu area, somewhere in the island world of the Wanshan qundao. The second puzzle concerns the sequence of the seas: the expected sequence would be Wuzhuyang, thereafter Qizhouyang, and finally Duzhuyang (the sea near Duzhu Island/Tinhosa). So, then, did Huang Zhong commit an error? Furthermore, is the second quotation based on the same assumption, namely that the Wuzhuyang and Duzhuyang were adjacent to each other?<sup>38</sup> At this point, we may think of Han Zhenhua’s studies. He suggested that Chinese traditional sources applied the name Qizhouyang to three different areas, one of them being a large zone near the coast of modern Vietnam.<sup>39</sup> This might solve our problem: ships would pass through the Duzhuyang first before entering the waters between Southwest Hainan and the Vietnam coast. However, the *Hai yu* may not be consistent in the use of names; it provides yet another phrase in the context of the area near Vietnam: *qi yu qi gang* (七嶼七港).<sup>40</sup> This makes it difficult to interpret

the intended meaning of the three entries cited above.

The position and limits of the Wuzhuyang may matter for a different reason: the *Hai yu* places the *wanli shitang* to the east of both the Duzhu and Wuzhu seas. This suggests that these islands may stand for the Dongsha qundao (東沙群島) (Pratas Islands). The latter are to the southeast of Hong Kong and thereby to the east of the Wuzhuyang. Whether the sequence *wanli shitang* should also include the Zhongsha qundao (中沙群島) (Macclesfield Bank and Reefs) and/or other groups, is less easy to decide. It may depend on the extension of the reference areas, i.e., on the size of the three seas in question.<sup>41</sup>

What can we say in conclusion? From the disasters listed above and the entries in *Hai yu* we learn that scholars perceived the Wuzhuyang as a broad and dangerous zone. Probably some authors even thought that it was larger than the Qizhouyang near the ‘Seven Islands’, or they mixed up about both spaces. The version Wuzhuyang (烏諸洋) mentioned in the beginning of this chapter could be an argument for that. Han Zhenhua also referred the name Qizhouyang to an extended space in front of present-day Vietnam, or to the sea surrounding some of the island clusters and reefs in the Nanhai.<sup>42</sup> Finally, so far, the focus of our discussion was on the Wuzhuyang. The next chapter will be different in that regard; it will mostly deal with sources that mention the island.

## 5. NAVIGATIONAL TEXTS: *SHUNFENG XIANGSONG* AND *SIYI GUANGJI*

Our first source is the anonymous *Shunfeng xiangsong* (《順風相送》). Some entries in this book seem to date back to the early Ming period, others are of later origin. The first reference to consider here comes from a list of important locations along the western trade axis. The list records the water



## GEOGRAFIA

depth near certain places, their physical appearance, and other features relevant for navigation. Such texts form a subcategory of the *zhenjing* genre, and they usually have long titles which contain the characters *shanxing shuishi* (山形水勢).<sup>43</sup> Here we shall consider the entries on Nantingmen (南亭門), Wuzhushan (烏猪山), Qizhoushan (七州山), Qizhouyang (七州洋) and Duzhushan (獨猪山). No doubt, this sequence of names meets most readers' expectations. Although the text leaves out the name Wuzhuyang, that space seems implicitly present in the list; simply put, ships passed through the Wuzhu Sea first, only then would they reach the 'Seven Islands' and Hainan.<sup>44</sup>

Regarding the entry on Wuzhushan, three textual elements require brief comments. The first point concerns the phrase that directly follows the island's name. It starts with the remark '[i]n the sea where one measures a depth of 80 *tuo* ...' (洋中，打水八十托 ……). One *tuo* is the length of both arms outstretched, i.e., circa 5 *chi* (尺) (1.7 metres or more), as we know from other sources.<sup>45</sup> Therefore, we are looking at a depth of circa 140 metres. Although the *Shunfeng xiangsong* does not specify the exact location of the measurement, one can offer some general suggestions. About 2 km north of Wuzhu the water depth measures circa 20 metres, and about 3 km near its southern shore, the floor of the sea descends to levels below 30 or 35 metres. Hence, the measurement recorded in the text must point to a distant area in the open ocean. However, on most modern maps the isobath which marks a depth of circa 100 metres runs so far south of mainland Guangdong that it would have been impossible to see Wuzhu from such a distant point. This leads to three possible explanations: (1) The text records a wrong measurement. (2) Or we must reduce the length of the *tuo* and thus the depth. (3) Or we should disassociate the beginning of the phrase ('in the sea') from Wuzhu Island, especially

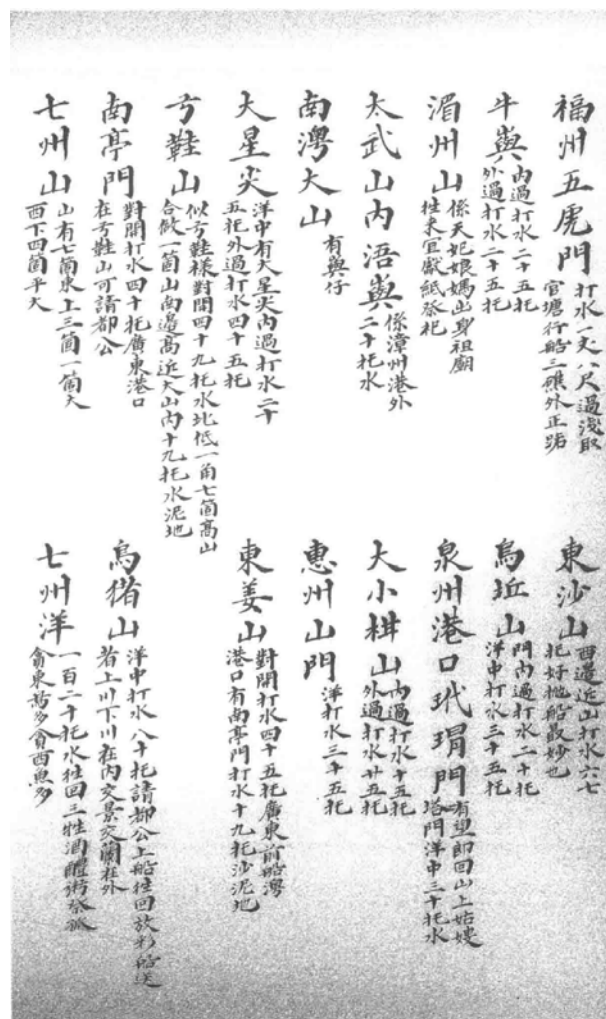


Fig. 8: Page from the *Shunfeng xiangsong* with entries on Nantingmen, Wuzhushan, Qizhoushan, Qizhouyang, etc. Source: "Shunfeng", 411.

because the text only has *yang* (洋), not Wuzhuyang. As we shall see below, in the last chapter, the third option is the most likely one. It clearly implies that the measurement was taken in a location far away from the island.<sup>46</sup>

The second point concerns a brief reference to a protective spirit or deity called Dugong. This spirit also appears in other contexts, and we shall return to it below, in chapter 8. Here it may suffice to state that religious rituals were performed in the area where the depth measured 80 *tuo*.

Finally, the entry on Wuzhushan ends with an ambiguous sentence: ‘Shangchuan [and] Xiachuan are inside, Jiaojing and Jiaolan are outside.’ (上川、下川在內，交景、交蘭在外。) Zhou Yunzhong suggested to identify Jiaojing with Lujing (鹿景). This seems to be the same location as Lujing (鹿頸) on the *Zheng He Map*.<sup>47</sup> In terms of phonetical analogy, we may then equate Jiaolan with Gaolan. Yet, both names cannot be found elsewhere in the *Shunfeng xiangsong* and I was also unable to locate them in other nautical texts of the Ming period. The expressions *zai nei* and *zai wai* (inner and outer [side]) pose further problems. They frequently appear in nautical literature. Here, one may be inclined to argue that they define the positions of all four islands relative to the position of Wuzhu, or the position of a ship passing through the area — in other words, that they would shed light on the ship’s route.<sup>48</sup> However, the extraordinary depth of the sea suggests that we are looking at a sailing course that bypassed all islands on their southern side; therefore the difference between *nei* and *wai* is questionable. A way out of this dilemma might be to relate the above phrase to the rituals in honour of Dugong. Perhaps the implicit idea is that Shangchuan and Xiachuan are within the area of Dugong’s protective services, while Lujing and Gaolan do not belong to that sphere.

Wuzhushan appears in four additional entries of the *Shunfeng xiangsong*. They describe two types of sailing courses. For convenience, I shall mark these entries with small letters. From the ones called (a) ‘Compass Route from Fujian to Jiaozhi’ (福建往交趾針路) and (b) ‘Compass Route from Taiwan [in Fujian] to Pahang’ (太武往彭坊針路), we learn that a ship would approach Wuzhushan from Dongjiangshan (東姜山). Dongjiangshan could be a place in the Dan’gan liedao (擔杆列島) or Jiapeng liedao (佳蓬列島), south of Hong Kong. The compass bearing for the itinerary

from Dongjiangshan to Wuzhushan is *kunwei* (坤未) (217.5°) in (a), and *dankun* (單坤) (225°) in (b). The distance/time is identical in both entries: 5 *geng* in each case. In (a) the onward journey leads to the Qizhoushan (七州山) and then to Limushan (黎母山). The latter stands for the mountainous area of Hainan. In clear weather this was an important point of orientation. One also finds the name, extended to Limu dashan (黎母大山), on the *Zheng He Map*. In (b), the ship proceeds to the Qizhouyang (七州洋) and thereafter to Duzhushan (獨猪山) (usually Tinhosa). Regarding the compass bearings and distances recorded for these onward journeys, there are only minor variations between (a) and (b).<sup>49</sup>

In the remaining entries — (c) ‘From Wuyu [near Xiamen] to Patani [and] Kelantan’ (浯嶼往大泥、吉蘭丹) and (d) ‘Compass Route from Guangdong to Melaka’ (廣東往磨六甲針路) — Nantingmen is the location from which ships would sail towards Wuzhushan. They would then continue their voyage to the Qizhouyang and Duzhushan (same orthographs as in [a] and [b]). The distances and directions are nearly identical and pose no problems.<sup>50</sup>

Our next source is the *Siyi guangji* of the early seventeenth century. It contains six entries which record the toponym Wuzhushan (烏猪山); four additional entries mention the Wuzhuyang. Two of these additional entries were quoted in the notes above: one in the context of a tribute mission to Champa, the other in the context of a textual passage taken from *Hai yu*. The latter, it will be remembered, provides the unusual name sequence ‘Wuzhu, Duzhu, Qizhou’.<sup>51</sup>

The remaining two entries in *Siyi guangji* with references to the Wuzhuyang bear the titles (e) ‘Compass Route from Guangzhou to Java’ (廣州往爪哇針位) and (f) ‘From Java back to Guangdong’ (爪哇回廣東). They contain

## GEOGRAFIA

the expected sequence of names: Nantingmen (南亭門), Wuzhuyang (烏猪洋), Qizhouyang (七洲洋), Wailuoshan (外羅山) (for the outbound voyage); and Wailuoshan, Duzhuyang, Qizhouyang (七州洋), Wuzhuyang (烏猪洋) (for the return trip).<sup>52</sup> Wailuoshan represents Culao Ré (now Lý Sơn or Lishan 李山) near the coast of central Vietnam. The distance from Nantingmen to the Wuzhuyang is calculated at 5 *geng*; the itinerary back to Nantingmen takes 7 *geng*. The difference of two *geng* seems acceptable; it may be due to weather conditions and currents, or perhaps it stems from the unclear spatial extension of the Wuzhuyang. The other segments of the total itineraries — Wuzhuyang to Qizhouyang to Wailuoshan, in (e); Wailuoshan to Duzhuyang to Qizhouyang to Wuzhuyang, in (f) — sum up to 40 *geng* in each direction.

We shall now look at the six entries in *Siyi guangji* which mention the island Wuzhushan. The text of the entry labelled (g) ‘Compass Course from Fujian to Annam’ (福建往安南國針路) is almost identical with text (a) in *Shunfeng xiangsong*. In each case the distance from Dongjiangshan to Wuzhushan amounts to 5 *geng* and the compass direction is *kunwei* (217.5°). There are minor variations for the onward voyage. According to entry (g), when sailing from Wuzhushan to the Qizhou (七洲), one must follow the direction *danshen* (單申) (240°), then one reaches these islands after 15 *geng*. In entry (a), the direction is *dankun* (225°) and the distance amounts to 13 *geng*. Finally, from Qizhou to the Limushan, the compass bearing is *danshen* in both entries. The title of the entry describing the return trip is incorrect: (h) ‘Compass Route from Annam back to Siam’ (安南國回暹羅針路). Moreover, the text is condensed to a few notes. The part relevant for us is the segment from Limushan to Wuzhushan; following the direction *chougen* (丑艮) (37.5°), it takes 20 *geng* to reach that island. This seems to be a very fast trip; so, probably the figure is wrong.<sup>53</sup>



Fig. 9: Segment of a map in the Biblioteca Nacional de Portugal, code D-90-r. The island in the lower left corner: Ilha dos Veados (Lujing/Niujiao/Hebaodao). From there towards the northeast: [Ilha] Meru (Ilha de Meros/Gaolandao), then Samecão (Sanzaodao), and the two Hengqin islands. To the north of Meru: Lampacao (Lang-baijiao/ao). Source of this frequently published map: <https://purl.pt/34512/2/>

The entry with the title (i) ‘Compass Directions [for the Itinerary] from Fujian to Champa’ (福建往占城針位) provides the ‘usual’ data for the segment Dongjiangshan to Wuzhushan (*kunwei*; 5 *geng*). From there, steering the same course, one reaches the Qizhou (七洲山) after 13 *geng*. The onward journey, again in the same direction, leads to Duzhushan, and the distance is given as 7 *geng*.<sup>54</sup>

Entries (j) ‘Compass Route from Guangdong to Siam’ (廣東往暹羅針路), (k) ‘Compass Route from Siam back to Guangdong’ (暹羅回廣東針路), and (l) ‘Compass Route from Anminzhen of Fujian to the Country Melaka’ (福建安民鎮往滿喇咖國針路) all provide data that are roughly compatible with the compass directions and distances recorded in the other entries. Some details are even the same. There is only one important addition in entry (j): when a ship proceeds from Nantingmen in the *kunwei* direction for 5 *geng*, Wuzhushan will appear on starboard (*mahubian* 馬戶邊).<sup>55</sup> Implicitly, that should also apply to the other entries which provide identical data for the itinerary from an eastern location to Wuzhushan. Simply put, ships passed the island on its southern side.<sup>56</sup>



We may now summarise the findings extracted from the entries listed above. First, whether a ship started its voyage to Wuzhushan from Dongjiangshan or Nantingmen made no difference; the compass directions and duration of that itinerary were nearly the same.<sup>57</sup> Second, the picture regarding the onward voyage seems less uniform. The same is true for the return voyage towards Wuzhushan. In some cases, one encounters unexpected variations. Third, the Wuzhuyang is no longer as important as it seems to have been in material pertaining to earlier periods. The *Siyi guangji* mentions this sea, but perhaps these references derive from sources of the past. Hence, we may pose two interesting questions, which, nevertheless, will remain unanswered: Was there a conceptual shift from the Wuzhu Sea to Wuzhu Island? Did the Wuzhu Sea lose its former position as a large space in favour of other entities?

## 6. PORTUGUESE SOURCES

In chapter 3, we had encountered several Chinese toponyms for locations along the Guangdong shore to the south and southwest of Xiangshan. For some of these toponyms one can find Portuguese equivalents on maps and in texts. A convenient starting point for our discussion is a map kept at the Biblioteca Nacional de Portugal. It bears no name and no date, and scholars usually refer to it under its code D-90-r. Probably it is a product of the early seventeenth century, but it could be of a later date as well.<sup>58</sup>

Here, the following names on this Portuguese map are of interest: (1) Ilha dos Veados (also Viados). This name, literally ‘Deer Island’, derives from the Chinese version Lujing (鹿頸) (‘Deer Neck’, on the *Zheng He Map*), also written ‘鹿脰’ (for example, in the *Jiajing Xiangshan xianzhi* 《嘉靖香山縣志》). A different name is Niujiaoshan (牛角山) (‘Oxhorn Island’). The island’s w-shaped form was compared to the horns of an ox or the

antlers of a deer; this explains its traditional Chinese names. Now it is called Hebaodao. (2) The Ilha (de) Meru, also Meros, is identical with the place called Gaolan (高蘭) on the *Zheng He Map*. There are several Chinese name versions such as Gaolan (皋蘭) (again in the *Jiajing Xiangshan xianzhi*). Today the island is connected to the mainland. One may add, its Chinese name has nothing to do with the element *meros/meru*. The latter (usually ‘antelope’, ‘deer’, ‘musk deer’) seems to have a Sanskrit root, but why the Portuguese decided to use such an appellation, remains unclear. Perhaps initially they confused both places, Veados and Meru(s), and to keep them apart, they invented these toponyms.<sup>59</sup> (3) We had already mentioned Lampacau. The map locates ‘Lampacau’ to the north of the Ilha Meru. It also shows several islands further to the east/northeast, most of which can be identified without difficulties. This includes the Hengqin islands, Coloane, Taipa, etc.

Turning from the Ilha dos Veados to the west and north, we find more names. (4) One island is called ‘Vasco (de) Faria’ (the first element also ‘Vasquo’ in other sources); it seems to represent Dajindao (大襟島) (Dajin 大金 on the *Zheng He hanghai tu*).<sup>60</sup> (5) The Ilha do Diabo (‘Devil Island’) is more difficult to identify. Perhaps the name comes from the small island known as Fanguizhou (番貴洲), or Fanguizhou (番鬼洲). The last version means ‘Foreign Devil Island’.<sup>61</sup> However, on the Portuguese map ‘Devil Island’ is a large place to the east of Dajindao/Vasco Faria, and not to its south. This could point to Damangdao (大忙島). In other words, perhaps the cartographer erroneously transferred the name ‘Devil Island’ to the latter. (6) The islands between the Ilha do Diabo and Lampacau should stand for some of the small places between Nanshuidao (i.e., the Lampacau area) and Damangdao or Dajindao. One may add, today Nanshuidao forms part of the mainland. In

## GEOGRAFIA

the olden days, there were two islands in this region: Lianwan (連灣) in the north, and Wenwan (文灣) in the south. The narrow corridor between them, along a diagonal line from present-day Xia Jinlong (下金龍) to Nanshuizhen (南水鎮), formed a flat anchorage.<sup>62</sup>

To the south of Vasco Faria, the Portuguese map shows (7) several islets arranged in three groups. These could represent, from north to south, Fanguizhou, Xiaojindao, and the cluster now called Sanbeijiudao (三杯酒島). (8) At a considerable distance from the latter, towards the southwest, there is Pulau Babi (Wuzhu), with an unnamed islet at its northeastern end. Probably the latter stands for Zhouzai near the northernmost point of Wuzhu. We had encountered that name above, in chapter 3. (9) To the southwest of Pulau Babi one sees a place called Sam João Verdadeyra, i.e., Shangchuan. Probably the addendum 'Verdadeyra' ('true') is to distinguish it either from Sanzaodao (三竈島) (to the east of Gaolan and now also part of the mainland) whose name certainly sounded similar in Portuguese ears, or from a nearby area.<sup>63</sup> (10) In the neighbourhood of 'True Shangchuan' one sees another major island; it appears to the north/northwest of Pulau Babi. The first part of its name is unclear, the second part must be 'SamCo', which could be a further transcription of the name Shangchuan. Probably in those days, the northern and southern halves of Shangchuan were still separated by the sea (which would explain two locations with a similar name element). Indeed, Shangchuan's central section is flat and has a width of only 1.5 to 3 km from east to west.<sup>64</sup> However, such topographical details are irrelevant to the present study.

Having embedded Pulau Babi into a larger panorama of islands, we may now turn to Portuguese *roteiros*. Most of the extant material dates from the seventeenth century, but many descriptions in the relevant sections are certainly valid for the sixteenth

century as well. Nevertheless, I shall limit my remarks to two examples. One passage comes from a *roteiro* that describes the route from Macassar on South Sulawesi to Macao in 1652. Here is a shortened version of the relevant parts:<sup>65</sup>

*[...] It (=Shangchuan) is a very long island, and there are five inlets in its middle [...] And from here, when running along the island towards the northeast, you will see a thick headland that protrudes into the sea. [...] When running along this island, you will see many crevices and white barriers. From here you will [also] see a round island called Pulau Babi [...] and the distance from Pulau Babi [back] to Shangchuan is 3 leagues. [...] This island is round, [but] one tip faces the southeast, the other the northeast, and there is one white barrier. Looking towards the north, you will see the island of Shangchuan, resembling a sail. And from here, one runs along Shangchuan Island towards the island [called] Vasco Faria. And when you get there, throw the plumb line, and [stay in areas] with 15 or 16 fathoms (braças), until you reach the islands near the bay between Vasco Faria and the Ilha de Viados.*

The 'five inlets' (*boqueirões*) in the middle of Shangchuan could refer to the flat and then still flooded (?) area between the different sections of the island. On the east side of Shangchuan are several so-called *zui* (嘴/咀) or small capes, as well as beaches and rocky segments, some in bright colours. The terms 'thick headland', 'crevices' and 'white barriers' (*ponta grossa*, *quebradas*, *barreiras brancas*) point to these parts. Regarding Pulau Babi, this is not a 'round' island, but it has two pointed ends. Looking northward, one sees one part of Shangchuan, then probably still a separate island, as was mentioned



Fig. 10: Segment of an anonymous map in the Biblioteca Nacional de Portugal, code D-90-r. Island in the lower left corner: Sam João (Shangchuan). In the middle: Pulau Babi (Wuzhudao).

earlier. The space between Vasco Faria and the Ilha de Viados should be the Huangmaohai area. In sum, by and large the description is in line with the setting provided by the old map discussed above.

There are many more references to Shangchuan in Portuguese *roteiros*. Here is a brief extract from another description:<sup>66</sup>

*Shangchuan Island is large and high [...] and to its southeast, three leagues away, is an island called Pulau Babi. Its length [measures] one league, and it has an islet to its northeast, and it is not very high, with only short shrubs.*

The text continues by referring to several islets further to the northeast, probably Sanbeijiudao and/or Xiaojindao, and by stating that Shangchuan would be at a little more than 21 degrees northern latitude. This is correct.<sup>67</sup> Moreover, the small island adjacent to Pulau Babi should be Zhouzai near its northernmost section.

Perhaps the most important message that one can derive from the entries cited above relates to the fact that Portuguese ships often sailed from Shangchuan via Wuzhu towards Dajindao,

whence they proceeded through the complicated island world north of Hebaodao, Gaolandao, and Sanzaodao in the direction of Macao. This means it was possible to reach Macao through a labyrinth of narrow channels from the west side. Indeed, prior to settling on the peninsula, Portuguese merchants would stay on Shangchuan or Lampacau, which was one of several locations along the intra-island route(s). When going to these islands became obsolete, captains often opted to follow a more direct route from Wuzhu to Macao; this was the corridor along the southern side of the island chain stretching from Hebaodao to Sanzaodao. In other words, Wuzhu or Pulau Babi was the starting point of several access routes leading to locations further east/northeast and thus an important landmark.

Chinese navigational texts provide a partly modified picture. There is a simple reason for that: much of the extant material echoes the sailing traditions of Hokkien merchants. Their ships often went directly from Southeast Asia to the ports of Fujian without coming close to the island belt of central Guangdong. That also applies to sailing in the other direction. Crew members on board of Fujianese vessels may not even have noticed Wuzhu and Shangchuan on a voyage from and to Southeast Asia. Certainly, pilots working for Hokkien merchants knew the importance of Wuzhu, but their ship usually remained at a respectable distance from that island.

## 7. SELECTED CHINESE MAPS OF THE SIXTEENTH CENTURY

Some Chinese coastal maps of the Ming period are wonderful tools for the study of islands, inlets, and channels in the Greater Bay Area; other maps contain many inaccuracies and have led to misunderstandings. Above we already discussed the relevant segments of the *Zheng He hanghai tu*. Here we shall look at selected works of the



## GEOGRAFIA

sixteenth century. The *Chou hai tu bian* and Zheng Kaiyang *zazhu* may serve as starting points. They contain several maps. One map, included in both works, bears the name *Guangdong yanhai shansha (tu)* (《廣東沿海山沙[圖]》). Regarding the central Guangdong area, it raises many questions. For instance, Xiachuan appears to the northeast of Shangchuan and there is a small island called Yashan (厓山) in a position where one would expect to find Wuzhu, whose name is missing. South of Yashan is Qishishan (奇石山), and to the southwest of Shangchuan one sees an island called Wanhushan (萬斛山). Furthermore, Xiangshan is the next island east of Xiachuan. Finally, the name Sanzaoshan (三竈山) is placed far to the east of Xiangshan, and there also is a location called Wuzhoushan (烏洲山) on the mainland, to the west of the Fenliuhai (分流海) (one of the spaces adjacent to the Shiqihai 石岐海), i.e., north of Xiangshan Island.<sup>68</sup>

A second map in the Zheng Kaiyang *zazhu*, which carries the title *Wanli haifang tu* (《萬里海防圖》), provides an equally confused panorama. Qizhushan (奇住山) (not Qishishan), Wanhushan and Yashan are in positions reminiscent of those found on the first map. Shangchuan and Xiachuan are absent. To the south of Xiangshan are the two Hengqin (橫琴) islands, which is correct, but Sanzao (三灶) (second character: short form) is again far to the east. Wuzhoushan, now written ‘烏州山’, appears near Shundexian (順德縣).<sup>69</sup>

The names Yashan, Qishi(zhu)shan, Wanhushan, and Wuzhoushan pose problems. To begin with, some modern maps show the name Yazhou (崖洲) near the southwestern tip of Wuzhu; this Yazhou seems to be a small reef.<sup>70</sup> One may be tempted to connect it to the name Yashan on the *Guangdong yanhai shansha (tu)*, arguing that it represented Wuzhu Island as a whole, but other sources do not support such a possibility. Nor would



Fig. 11: Segment from the *Guangdong yanhai shansha (tu)* in the *Chou hai tu bian*. It shows Wanhushan, Yashan, Qishishan, Shangchuan, Xiachuan, etc. Source: see note 68.

it make sense to assume that Yashan (厓山) was confused with Yashan (崖山) in the 崖門 area. The name Wuzhoushan to the north of Xiangshan has nothing to do with Wuzhu Island. Indeed, as was mentioned above, very often (quasi-)identical names refer to very different locations. Qishi(zhu)shan is another mystery. There is no major island south of Wuzhu/Shangchuan/Xiachuan; one only finds the rocky structures called Fanzai and Dafanshi (see chapter 3) at some distance in the sea. The sequence ‘Wanhushan’ appears in the text of the *Chou hai tu bian*, but little else can be said on it.<sup>71</sup>

Here we can turn to two other late Ming maps, which are much more informative. One of

them is in *Yue da ji* (《粵大記》); a very similar one called *Quan hai tu zhu* (《全海圖註》) exists separately. I shall look at the second piece which is of much better quality.<sup>72</sup> The *Quan hai tu zhu* shows Wuzhushan (烏豬山) in a correct position. To its west is Shangchuan. The latter seems to consist of several parts, but forms one entity, which suggests that the flat zone in its middle had then already become a connective element between the different island sections.

The *Quan hai tu zhu* records various names on Shangchuan, and a colophon tells us that ships could go there seeking shelter against storms. At the upper part (or southern section) of the island are Gaoguan (高冠) and Shisun (石筍); both stand for locations near the east coast of Shangchuan. In fact, even today there exist several toponyms with the sequence Gaoguan — a village, a mini-islet, a bay, and a cape.<sup>73</sup> Near the northern section, we see a block with five names: Sanzhoushan (三洲山), Nianyuwei (鮎魚尾), Xikengcun (西坑村), Beikengcun (北坑村), and Chawan (茶灣). To the left (east) of this block are Tudiwan (土地灣) and Qinglantou (青欄頭), and in the sea, north of Shangchuan, is Sanzhou'ao (三洲澳). Most of these names are easily identified. Here are some examples: Sanzhou'ao, the last toponym, points to Sanzhouwan (三洲灣) (or Sanzhougang 三洲港), a major bay along the northwest side of Shangchuan. The combination Sanzhoushan represents a set of three small islets in that bay.<sup>74</sup> Xikengcun is a village near the modern reservoir called Xikeng shuiku (西坑水庫). To its west one finds several names with the element Nianyu. Chawan marks a bay on the east side of Shangchuan, and there also exists a village of that name. Qinglantou (now written 青欄頭) refers to the northeastern tip of Shangchuan. There are also two reefs: Qinglan shangpai (青欄上排) and Qinglan xiapai (青欄下排).<sup>75</sup>

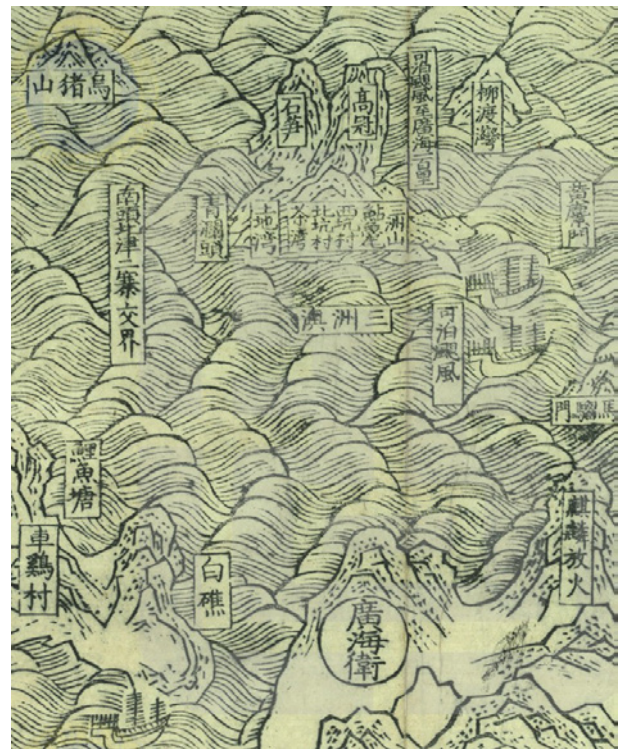


Fig. 12: Section of the *Quan hai tu zhu* showing Wuzhushan and Shangchuan. Source: “*Quan hai tu zhu*” *yanjiu*. Separate addendum with folded maps.

To the east of Wuzhushan, the map shows Zhushilu (猪屎輪, literally ‘Pig Excrement Pulley’). To the northwest of the latter and thus to the northeast of Wuzhushan, one finds Dajinshan (大金山) (i.e., 大襟山). The position of the latter is correct, but Zhushilu remains unclear. It could point to one of the islets south of Dajinshan (for example, Sanbeijiu). At the same time, its strange name makes one think of the rocky structure called Shuaizhou (甩洲), which is near Wuzhu’s southern coast and thus in a different position.<sup>76</sup> Nevertheless, the meaning of the sequence Shuaizhou — ‘Discarded Island’ — seems to be in line with the meaning of Zhushilu.

To the east of Zhushilu and thereby to the east of Wuzhushan the map records an island with two peaks and the names of two bays: Niujiawan (牛角灣) and Hebaowan (荷包灣) (both *wan* in



## GEOGRAFIA



Fig. 13: Section of the *Quan hai tu zhu* showing Hebaowan, Niujiawwan, Dajinshan, Yamen, and Zhushilu.

short form). These bays are on the north side of the island. A short text vaguely suggests that ships sailing with or still waiting for a southwestern breeze would moor there (泊西南風). Interestingly, the bay called Hebaowan is placed along the eastern section of the island's north coast. Today that name still exists, but people use it for the western part of the northern shore. As was mentioned, the island itself now bears the name Hebaodao.

The name Niujiawwan reminds of the older island name Niujiashan, which we had encountered as well. Furthermore, the *Quan hai tu zhu* records another, even earlier appellation: Lujing. However, it places the latter near the county called Shunde, i.e., much further to the north. This could suggest a shift of toponyms during the mid or late sixteenth century: the version Lujing was transferred to a new place, therefore it became necessary to call the island differently: Niujiashan. Also, perhaps the last form derived from the name of a bay. One may

add, several such toponymical shifts have been identified in the literature.<sup>77</sup> Be that as it may, the Portuguese kept the old version 'Ilha dos Veados', based on the sequence Lujing. The invention of the Portuguese toponym may thus go back to the mid-sixteenth century or to an even earlier period.

The *Quan hai tu zhu* also shows Gaolanshan (高欄山) and next to it one finds Sanzao Island. On the west side of that island, one sees the name '烏沙頭'. The map in *Yue da ji* provides identical information. Although the topography of Sanzao underwent dramatic changes, one can still find the sequence Wusha on modern maps. Presumably, it is related to another toponym: Wushahai (烏沙海) (also Wushayang 烏沙洋). According to some Ming sources, the name Wushahai marked the sea near Sanzao Island.<sup>78</sup> Without doubt, the Wushahai was close to the Wuzhuyang and perhaps both spaces shared an imagined border. Indeed, the fact that the first character in their names is identical leads to several questions: Did all authors make a sharp distinction between these two entities? Are there cases where the Wushahai or Wushayang replaced the Wuzhuyang?<sup>79</sup> Also, above we had encountered the name (or sequence) Wuzhuyang (烏諸洋). Could it be that this rare combination comprised several seas, including the two spaces starting with *wu*? — Unfortunately, these questions, as so many others, must be left open for lack of evidence.

## 8. THE DUGONG SPIRIT

The final chapter leads to a religious phenomenon. Several texts mention a local deity called Dugong (都公). One source is the *Dongxiyang kao* (《東西洋考》) (prefaces 1617, 1618). It presents short entries on important islands and other locations along the route leading to Hainan and Southeast Asia. These entries include brief notes on Nantingmen (南亭門), Wuzhushan



(烏豬山) and Qizhoushan (七州山)/Qizhouyang (七州洋) — in that order. The one on Nantingmen refers to a depth of 47 *tuo* in an unspecified location. Moreover, following the *dankun* direction (225°) one would reach Wuzhushan. The entry on that island says a temple on it would be dedicated to Dugong. It then continues:<sup>80</sup>

(1) When ships enter the [open] sea, [sailors] bow [to the deity] from afar and perform rituals; they [politely] ask this deity [for assistance], offering sacrifice. (2) Upon returning, they [gratefully] send coloured boats to the deity. (3) In the sea one measures a depth of 80 *tuo*. (4) Steering 240° for 13 *geng*, one reaches the Qizhou Islands.

舶過海中，具儀遙拜，請其神祀之。回，用彩船送神。洋中打水八十托。用單申針十三更，取七州山。

This text is important for several reasons. First, it seems to suggest that, during the outbound voyage, religious ceremonies in honour of Dugong were performed in a location at quite some distance from Wuzhu Island. Second, most likely phrase (3), starting with *yang zhong* (in the sea), must be linked to the preceding sentence (phrase 2). In that case the boat ceremony was conducted in an area where the depth measured 80 *tuo*. By contrast, a version combining (3) and (4) — ‘[From/near the area] where the depth is 80 *tuo*, one reaches the Qizhou Islands after 13 *geng*...’ — would make no sense. The reason is simple: phrase (3) cannot refer to the outbound voyage because several other entries cited above, in chapter 5, define the total distance from Wuzhu to the ‘Seven Islands’ as 13 *geng*, just as our text. Clearly, a water depth of 80 *tuo* would only be encountered after travelling for some time through the open sea; consequently, the remaining



Fig. 14: Section of the *Quan hai tu zhu* showing Gaolan, Sanzao with Wushatou, etc. At the lower margin: Guangzhou, the provincial capital. In the lower left corner: Shunde. Near it Lujing.

distance from the point of measurement to the Qizhou would be less than 13 *geng*. Third, if (2) and (3) form one element, then the ceremony arranged during the return voyage, just as the rituals performed during the outbound itinerary, took place in a zone with deep water, possibly in an area that was much closer to the Qizhou or Hainan than to Wuzhu. Fourth, that said, the impression prevails that the *shanxing shuishi* entry in *Shunfeng xiangsong* (quoted above, in chapter 5) might be incomplete and misleading.

However, the *Shunfeng xiangsong* contains a second entry, which we had not yet discussed. This is the entry on Nantingmen. The explanatory text suggests that it was possible to call the Dugong spirit



details, but these details leave many questions open. This mainly concerns the spatial extension of the Wuzhuyang and the geographical position of a related toponym, Wuzhumen. Nevertheless, it became clear that both the Wuzhu Sea and Wuzhu Island were important entities in navigational contexts. Evidently both the Chinese and Portuguese considered the island as an important landmark. In the age of sail at least three possible routes led from that area towards Lampacau and/or early Macao. By contrast, most Chinese vessels departing from locations in the Wanshan qundao must have bypassed the island on its southern side, possibly even at some distance. Apparently, that was also the case when ships travelled back in the other direction, especially towards Fujian.

Of course, the role of Wuzhu Island in navigational contexts only becomes clear when one looks at data related to the insular world into which the ‘Black Pig Island’ was embedded. Both Chinese and Portuguese sources suggest that. Therefore, it was necessary to briefly deal with such places as Shangchuan, Hebaodao, Gaolandao, etc. Another issue is possible name shifts. Essentially, the Chinese

name of Pulau Babi remained unaltered, while certain nearby locations went through toponymical changes. In view of these circumstances, one may perhaps argue that ‘toponymical continuity’ serves as an indicator for a stable perception of a location and its principal functions, in this case of Pulau Babi’s role as a point of orientation. If that is acceptable, then we may say that Wuzhu’s role was a *longue durée* phenomenon. However, regarding the name sequence *wuzhu* as such, its origin remains in the dark. Furthermore, the Malay name used by the Portuguese seems to derive from the Chinese version, but a thorough analysis of toponyms with graphs now pronounced *zhul/zhou* — that includes different versions of the toponym Wuzhuyang — remains to be done.

Finally, sources from the mid-seventeenth century and later periods provide further information, although not necessarily of a different type and quality. This concerns nautical works such as the *Zhinan zhengfa*, as well as dozens of other texts and maps, both in Chinese and European languages. However, that should be the topic of a different study. **RC**

## NOTES

- 1 There is a second Wuzhudao near the Fujian coast. It is to the northwest of the large island known as Pingtandao (平潭島). According to some sources, the sea near this Wuzhudao was also called Wuzhuyang. See, for example, Du Zhen, *Yue Min xunshi jilüe* (Siku quanshu ed.), j. 5, 44b.
- 2 See Roderich Ptak, “Possible and Confirmed References to Pulau Aur and the Seribu Islands in Chinese Sources (c. 1150–1550),” to appear in *Journal of Asian History* (2024), ch. 7.
- 3 See Roderich Ptak, “A Note on Dazhoudao 大洲島 / Tinhosa (c. 1000–1550),” *Journal of Asian History* 56, no. 1/2 (2022): esp. 62–63.
- 4 See, for example, Guangdongsheng diming weiyuanhui bangongshi, ed., *Guangdongsheng haiyu dimingzhi*

- (Guangzhou: Guangdongsheng ditu chubanshe, 1989; henceforth *GDSHYDMZ*), 52 (Shanzhuwan 山豬灣), 171 (Shanzhuzhou 山豬洲 and Shanzhuweidao 山豬尾島).
- 5 Zhou Yunzhong, *Zheng He xia Xiyang xin kao* (Beijing: Zhongguo shehui kexue chubanshe, 2013), 181; Ptak, “Possible and Confirmed References to Pulau Aur,” chap. 7 and n. 69 there.
- 6 Ptak, “Possible and Confirmed References to Pulau Aur,” chap. 7 and n. 69 there.
- 7 For a brief description of the island, see *GDSHYDMZ*, 166.
- 8 Chen Jiarong, Zhu Jianqiu et al., eds., *Zhongguo lidai hailu zhenjing*, 2 vols. (Guangzhou: Guangdong keji chubanshe, 2016; henceforth *LDHL*), I, 596, text and illustration. However, the text is difficult to understand and the combination Xiacun (下村) in it remains unidentified.



# GEOGRAFIA

- 9 Wu Zimu, *Meng liang lu* (Xuejin Taoyuan ed., in Baibu congshu jicheng), j. 12, 15a–b. There are different translations of the book title: the character *liang* ‘梁’ (sorghum) is similar to *liang* ‘梁’ in the name of the former Song capital Bianliang (汴梁). Hence, ‘Dreaming of the Former Capital’ is one suggestion, ‘Dreaming of Sorghum’ is another version. Many modern works quote Wu Zimu’s book. For citations and discussions see, for example, LDHL, I, 90; Li Caixia, *Nanhai zhudao: Lishi shijian biannian* (Beijing: Shehui kexue wenxian chubanshe, 2017), 88; Guojia tushuguan Zhongguo bianjiang wenxian yanjiu zhongxin, ed., *Nanhai zhudao tuji lu*, 3 vols. (Beijing: Guojia tushuguan chubanshe, 2016), *Gudai juan* 古代卷, 30–31; Liu Yijie, “Shunfeng xiangsong” *yanjiu* (Dalian: Dalian haishi daxue chubanshe, 2017), 33, 342. Some more details are, for example, in Wang Dayuan, *Daoyi zhilüe jiaoshi*, ed. Su Jiqing (Beijing: Zhonghua shuju, 1981), 218, 221–222 n. 4 and 5 (comments by Su). For a Japanese translation of *Meng liang lu*, see Umehara Kaoru, ed., *Muryōroku: Nansō Rin’an hanjōki*, 3 vols. (Tokyo: Heibonsha, 2000).
- 10 Shimao Minoru, “Nana su yōni kansuru oboegaki,” *Keiō gijyuku daigaku gengo bunka kenkyūjo kiyō* 46 (2015): 402–414.
- 11 Han Zhenhua, “Qizhouyang kao,” in *Nanhai zhudao shidi lunzheng*, ed. Xie Fang, Qian Jiang and Chen Jiarong (Hong Kong: Centre of Asian Studies, 2003; henceforth *NHZZ*), 100, 107 (table with references to the depth of the sea in different contexts and sources), 108 and 111.
- 12 For a critical article, see Xu Panqing, An Junli, and Cao Shuji, “Hangxian yu licheng: Wenchang Qizhouyang yu Xisha Qizhouyang de dili weizhi,” *Zhongguo lishi dili luncong*, no. 1 (2022), 15–28, 43 (also [http://iqh.ruc.edu.cn/zglsdlyj/lsdl\\_dmxyd/dmyj/e71f511523fc4a18bc1b367e6bb5f079.htm](http://iqh.ruc.edu.cn/zglsdlyj/lsdl_dmxyd/dmyj/e71f511523fc4a18bc1b367e6bb5f079.htm); accessed 15 May 2024).
- 13 Fang Hui, *Tongjiang ji* (Siku quanshu), j. 5, 18a (entry “Ping Guawa lu bu” 平瓜哇露布); Huang Chunyan, “Song Yuan haiyang zhishi zhong de ‘hai’ yu ‘yang,’” *Academic Monthly* 52, no. 3 (2020): 184.
- 14 For the unidentified names, see Wang, *Daoyi zhilüe jiaoshi*, 64 (text), 67–68 n. 9 and 11 (proposals by Su Jiqing).
- 15 This would be in line with some of the arguments presented, for example, by Han Zhenhua. See the following of his articles in *NHZZ*: “Nansha qundao shidi yanjiu zhaji,” esp. 208–209; “Songdai de Xisha qundao yu Nansha qundao,” esp. 298–300; “Song Yuan shiqi youguan Nansha qundao de shidi yanjiu,” esp. 306. For the concept of *shamo* (and the Gobi) in Chinese geography, recently also Elke Papelitzky, “Sand, Water, and Stars: Chinese Mapping of the Gobi and Taklamakan Deserts,” *T’oung Pao* 107, no. 3–4 (2021): 376–416.
- 16 Details in Roderich Ptak, “Sailing near the Natuna Islands and West Kalimantan: Notes on the ‘Zheng He Map’ and Some Ming ‘Rutters,’” *Archipel* 101 (2021): 85–129. See also Han, “Songdai de Xisha qundao yu Nansha qundao,” 300.
- 17 Huang, “Song Yuan,” quoting from Hong Gua (Kuo/Shi), *Panzhou wenji* 盤洲文集. See the Sibū congkan chubian ed. of this twelfth-century work, j. 66, 431 (upper block; entry “She fan zhi yu” 設蕃致語).
- 18 See esp. Zhou Qufei, *Lingwai dai da jiaozhu*, ed. Yang Wuquan (Beijing: Zhonghua shuju, 1999), j. 1, 36–37; j. 2, 74–76; j. 3, 111–113; Wang, *Daoyi zhilüe jiaoshi*, 318–321.
- 19 See Haijun haiyang cehui yanjiusuo, and Dalian haiyun xueyuan hanghaishi yanjiushi, eds., *Xinbian Zheng He hanghai tuji* (Beijing: Renmin jiaotong chubanshe, 1988; henceforth *ZHHHTJ*), 40–43 (segment of map, and explanation of toponyms). This modern edition is based on the map in *Wu bei zhi*.
- 20 Several authors discuss the *geng* concept. One recent example is in Liu, “Shunfeng,” see esp. 317–331.
- 21 See Roderich Ptak, “Chinese Navigation near the Coast of Central Guangdong: Nantingshan and Nantingmen in Ming Times,” *Monumenta Serica* 68, no. 2 (2020): esp. 341. In some texts, the second character in Nantingshan appears as *ting* (亭).
- 22 For additional details, see Zhou Yunzhong, “‘Zheng He hanghai tu’ Min Yue bufen xin kao,” *Review of Culture* (Chinese Edition), no. 75 (2010): 97–108, and his *Zheng He xia Xiyang xin kao*, 138–140. Zhou correctly remarks that some sources write Gaolan (皋蘭), while Lujing appears as Lujing (鹿脛). See, for example, Deng Qian (prep.), *Jiajing Xiangshan xianzhi*, ed. Huang Zuo (Beijing: Shumu wenxian chubanshe, 1991), j. 1, 17b (p. 302). Zhou also mentions a late Ming map which gives the name Lujiaozhou (鹿角洲), literally ‘Deer Horn Island’; on the map the island is indeed drawn that way. The map is in *Cangwu zongdu junmen zhi*. For a modern edition of that work, see Ying Jia, *Cangwu zongdu junmen zhi*, rev. Ling Yunyi and Liu Yaohui, ed. Zhao Kesheng and Li Ran (Changsha: Yuelu shushe, 2015). We shall return to this island below, in the context of Portuguese sources. Finally, one must be careful with the name Lujing in the Xiangshan chronicle; see Wang Ting, “Mingdai Xiangshan lu hai xingshi yu Aomen kaifu,” *Zhongguo lishi dili yanjiu* 1 (2005): 212 (map), 216. Wang identifies Lujing(zhou) (鹿脛[洲]) with a location near the northern rim of Xiangshan County. See also Yang Xunling, “‘Quan hai tu zhu’ Aomen ji qi yi xi bufen diming kao,” in “*Quan hai tu zhu*” *yanjiu*, ed. Jin Guoping and Yang Xunling (Macao: Macao Foundation, 2020), 238. Yang refers to Lujing (鹿脛) on the late Ming map called *Quan hai tu zhu* (《四海圖註》); this seems to be the same location. On that

- map one also finds the name Niujiaowan (牛角湾) (last character: short form). As will be explained later, a name with the sequence Niujiao became another appellation for Lujing near Gaolan.
- 23 ZHHHTJ, 40–41, 43. More details in Roderich Ptak, “References to the Coral Islands in Huang Zhong’s *Hai yu* 海語,” *Ming Qing yanjiu* 23 (2019): 43–44 and n. 6. Han Zhenhua also suggested that Wuzhumen (and Wuzhuyang) would be the space between Wuzhu and Shangchuan; see his “Songdai de Xisha qundao yu Nansha qundao,” 299.
  - 24 For a useful sketch of the assumed topography of this area in earlier times, see Zhou Zhenhe and Lin Hong, “Zaoqi Xifang ditu zhong Aomen diming yu biao zhu fangwei de mituan,” *Journal of Macau Studies* 82, no. 3 (2016): 66.
  - 25 For brief descriptions of Weizhoudao, Zhouzai, and Yindoupai, see, for example, *GDSHYDMZ*, 166–167.
  - 26 See *GDSHYDMZ*, 171 (Shanzhuzhou 山豬洲 and Shanzhuweidao 山豬尾島). Another place, Shanzhuwan (山豬灣) (‘Mountain Pig Bay’), is on the west side of Mangzhou (莽洲); see 52, 172. For all these locations on a modern map, see there, 478–479, C1+C3.
  - 27 Both structures should not be confused with Da/Xiaoxifanishi (大/小西帆石), to the southeast of Hailingdao (海陵島). See *GDSHYDMZ*, 173, 175 (texts), 478 F 8, 483 D 6 (maps).
  - 28 See, for example, Zhou Yunzhong, “Lianjie Nanhai zhudao de Hainan yao gang shi kao,” *Zhongguo gangkou bowuguan guankan zhuanji* 4, suppl. 1 (2017): 42–44. Also see Zhou’s *Zheng He xia Xiyang xukao* (New Taipei City: Huamulan wenhua shiye youxian gongsi, 2019), 124–129. Typical entries on Tonggushan are in Tang Zhou, comp., *Zhengde Qiong tai zhi*, ed. Peng Jingzhong, 2 vols. (Haikou: Hainan chubanshe, 2006), I, j. 5, 101–102 (with references to earlier material), and Dai Jing, *Guangdong tongzhi chugao*, comp. Zhang Yue, j. 2, 25a (unspecified copy).
  - 29 See Roderich Ptak, “Questions Related to Selected Malay, Chinese and Portuguese Names of Islands along the Sailing Corridor from Johor to Macau (15<sup>th</sup> to 17<sup>th</sup> Centuries),” conference paper, La Sapienza, Rome, July 2024. See also Han, “Qizhouyang kao,” 118–120. Han refers to another Tonggushan/Tonggujiao in the Yongle qundao (永樂群島); this island group forms part of the Xisha qundao. Furthermore, there is a possible link between this place and the location called ‘Paxo’ in some Portuguese sources. For Paxo, see, for example, Han Zhenhua, “Shiliu shiji qianqi Putaoya jizai shang youguan Xisha qundao guishu Zhongguo de ji tiao ziliao kaoding,” in *NHZZ*, esp. 359–360.
  - 30 See, for example, *Ming shilu* (《明實錄》), 133 vols. (Taipei: Zhongyang yanjiuyuan lishi yuyan yanjiusuo, 1961–1966; henceforth *MSL*), Taizu, j. 88, 4b–5a (IV, 1564–1565); Geoff Wade’s translation on <https://epress.nus.edu.sg/msl/reign/hong-wu/year-7-month-3-day-27> (9 May 1374). This entry refers to the disaster of 1373; it contains the sequence ‘烏諸洋’. The same version appears in Huang Zuo, *Jiajing Guangdong tongzhi*, 4 vols. (Hong Kong: Dadong tushu gongsi, 1977), IV, j. 66, 46b (p. 1771). For a brief discussion see, for example, Zhou Xin, “14–15 shiji Guangzhou ‘bokou’ zhidu yanjin yu Nanhai haiyang wangluo bianqian,” in *Xue hai yang fan yijiazi: Guangdongsheng shehui kexue yuan lishi yu Sun Zhongshan yanjiusuo (Haiyangshi yanjiu zhongxin) chengli liushi zhounian jinian wenji*, ed. Li Qingxin (Beijing: Kexue chubanshe, 2019), 275–276.
  - 31 See *LDHL*, I, 205–206, 324, referring to two Ming texts. See Yan Congjian, *Shuyu Zhouzi lu*, ed. Yu Sili (Beijing: Zhonghua shuju, 2000), j. 7, 253–255, and Shen Maoshang, *Siyi guangji*, 16 vols. (Nanjing: Guoli zhongyang tushuguan, 1947; henceforth *SYGJ*), ce 100, 815b. On the *SYGJ* (shortly after 1600), see Elke Papelitzky, “An Introduction to the *Siyi guangji* 四夷廣記,” *Crossroads: Studies on the History of Exchange Relations in the East Asian World* 11 (2015): 85–95. More on this work and the *Shuyu Zhouzi lu* (1574) is in Elke Papelitzky, *Writing World History in Late Ming China and the Perception of Maritime Asia* (Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2020), esp. 25–27, 30–31, 41–42, 44–45. We know the name of the chief ambassador, Shu Tong, from an entry in *MSL* (Yingzong), j. 81, 5b–6a (XXV, 1618–1619). See Wade’s translation under [www.epress.nus.edu.sg/msl/reign/zheng-tong/year-6-month-7-day-12](https://epress.nus.edu.sg/msl/reign/zheng-tong/year-6-month-7-day-12) (29 July 1441). Later sources also refer to the mission by Shu and Wu. One example is found in Gu Zuyu, *Du shi fangyu jiyao*, ed. He Cijun and Shi Hejin, 12 vols. (Beijing: Zhonghua shuju, 2008), IX, j. 101, 4605. For discussions, see Zhou, “14–15 shiji Guangzhou ‘bokou’ zhidu,” 284–286; Li Woteng (pseudonym), *Bei niuqu de Nanhai shi: Ershi shiji qian de Nan Zhongguo hai* (Taipei: Wunan tushu chubangufen youxian gongsi, 2016), 122–126 (however, this study is tendentious); Ptak, “A Note on Dazhoudao,” 66–67. As explained in my article, the name Duzhushan normally stands for Tinhosa near the Hainan coast, but in the case presented here it could point to the small island called Bai’andao (白鞍島); Dazhoushan might then be Tinhosa.
  - 32 Ming sources provide no details regarding the precise extension of the Wuzhuyang. Han Zhenhua frequently refers to that space, but he cannot solve this problem and other questions related to it.
  - 33 Zhang Tingyu et al., *Ming shi*, 28 vols. (Beijing: Zhonghua shuju, 1974), j. 325, 8418; *MSL* (Yingzong), j. 304, 2a; j. 306, 5a–b; j. 326, 4a–b (XXXVII, 6425, 6451–6452, 6729–6730), and Wade’s translations on <https://epress.nus.edu.sg/msl/reign/tian-shun/year-3-month-6-day-8>, <https://epress.nus.edu.sg/msl/reign/tian-shun/year-3-month-8-day-17> and

## GEOGRAFIA

- <https://epress.nus.edu.sg/msl/reign/tian-shun/year-5-month-3-day-17> (entries for 7 July 1459, 13 September 1459, 27 April 1461). Many modern works deal with diplomatic exchange between China and Melaka; see, for example, Geoff Wade, “Melaka in Ming Dynasty Texts,” in *Southeast Asia-China Interactions. Reprint of Articles from the Journal of the Malaysian Branch, Royal Asiatic Society*, ed. Geoff Wade (Kuala Lumpur: The Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society, 2007), 360 (the article originally appeared in vol. 70.1 [1997] of the journal).
- 34 *MSL* (Xiaozong), j. 172, 3a–b (LVIII, 3127–3128), and translation quoted from Wade <https://epress.nus.edu.sg/msl/reign/hong-zhi/year-14-month-3-day-4> (22 March 1501).
  - 35 *Ming shi*, j. 212, 5610; *MSL* (Shizong), j. 557, 1a (XCI, 8953), and Wade, <https://epress.nus.edu.sg/msl/reign/jia-jing/year-45-month-4-day-1> (20 April 1566). For a study on Wu Ping, see Chen Chunsheng, “16 shiji Min Yue jiaojie diyu haishang huodong renqun de tezhi — yi Wu Ping de yanjiu wei zhongxin,” *Haiyangshi yanjiu* 1 (2010): esp. 145.
  - 36 Ptak, “References to the Coral Islands,” 41, 42, 46. The first quotation appears verbatim in later sources. One example is found in *Wanli Guangdong tongzhi* (《萬歷廣東通志》), j. 70. See Yang, “‘Quan hai tu zhu’ Aomen,” 233 and n. 1 there.
  - 37 Ptak, “Chinese Navigation,” esp. 345, 348. The article also refers to the administrative panorama involving Dongguan and Xiangshan. Further details are in Yang, “‘Quan hai tu zhu’ Aomen,” 233–234.
  - 38 In another edition of the *Hai yu*, one finds the sequence ‘烏瀆二洋’, i.e., ‘獨瀆’ is left out. See Liu Yijie, “Nanhai haidao chutan,” *Nanhai xuekan* 5, no. 4 (2019): 79–80. Liu bases his discussion on the text without Duzhu. This leads to different results. See also Ptak, “References to the Coral Islands,” 41. For different editions of the *Hai yu*, one may consult Elke Papelitzky, “Editing, Circulating, and Reading Huang Zhong’s *Hai yu* 海語: A Case Study in the History of Reading and the Circulation of Knowledge in Ming and Qing China,” *Ming Qing yanjiu* 23 (2019): 1–38.
  - 39 Han, for example, “Qizhouyang kao,” esp. 106–107. Han also comments on the *Hai yu* and analyses the compass directions given in various sources that refer to sailing via the Wuzhu area to the ‘Seven Islands’ and beyond. See esp. 125–126 (table) in his article. See also Ptak, “Chinese Navigation,” 348–349 and n. 21 there. In an entry called “From Dongguan in Guangdong to Siam” (廣東東莞縣至暹羅鍼路), the *SYGJ* describes a sailing route with the same sequence of names that one finds in *Hai yu* (Wuzhu, Duzhu, Qizhou). See *SYGJ*, ce 101, 839b; *LDHL*, I, 325; Zheng Hesheng and Zheng Yijun, *Zheng He xia Xiyang ziliao huibian*, vol. 1 (Ji’nan: Qi Lu shushe, 1980; henceforth *ZHZLHB*), 321. For discussions, see Ptak, “Chinese Navigation,” 350–351 and n. 32–33 there, as well as Li, *Bei niuqu de Nanhai shi*, esp. 159, 161, 163. However, Li arrives at different conclusions.
  - 40 For the sequence of seas in the *Hai yu* and the difficulty of interpreting them correctly, see also Ptak, “References to the Coral Islands,” esp. 41–42, 43–47, 49–50. Furthermore, see, for example, Chen Hongyu, “Zaoqi Nanhai hanglu yu dao jiao zhi faxian,” *Guoli zhengzhi daxue lishi xuebao* 39 (2013): esp. 64, 70. However, Chen does not solve the ‘philological’ problems of the textual passages in question.
  - 41 A further toponym, Shitanghai (石塘海), refers to the sea which extends from Wanzhou (萬州) to the east. See, for example, Zhang Xie, *Dongxiyang kao*, ed. Xie Fang (Beijing: Zhonghua shuju, 1981), j. 9, 172. This source (prefaces 1617/1618) quotes from an earlier chronicle. Several authors discussed or cited the relevant passage. See, for example, Han, “Qizhouyang kao,” 121. Also, the term/name *shitang* (石堂/塘) appears in many works. One source is the *Zheng He Map*. See *ZHHHTJ*, 40. For references to earlier periods, one may consult the *Song huiyao jigao* (《宋會要輯稿》) and other texts. See Guo Shengbo, ed., *Song huiyao jigao. Fanyi dao shi* (Chengdu: Sichuan daxue chubanshe, 2014), *fanyi* 蕃夷 part 3, 219–220, 268. See also Guojia tushuguan, *Nanhai zhudao tuji lu (gudai juan)*, 32–35. In most cases, this term/name stands for the Xisha qundao. However, there are different interpretations as well, depending on the relevant contexts. Scholars like Han Zhenhua and Li Woteng discussed all the details, but their opinions vary substantially.
  - 42 Han Zhenhua also summarised the typical features of that sea. One section looks at the risks associated with travelling through the area. See his “Qizhouyang kao,” 111–114.
  - 43 For a broad discussion of the *shanxing shuishi* category (this includes illustrated manuals showing the essential features of specific islands), see Liu, “*Shunfeng*,” ch. 3.4.
  - 44 For the relevant parts in *Shunfeng xiangsong*, see Xiang Da, ed., *Liang zhong haidao zhenjing* (Beijing: Zhonghua shuju, 2000; henceforth *SFXS*), 32–33; *LDHL*, I, 285; Liu, “*Shunfeng*,” 280, 411, 522.
  - 45 For the length of a *tuo*, see, for example, Michel Didier (ed., trans., notes), *Mémoire sur les royaumes indigènes des terres d’Occident* 西域番國志, *Mémoire sur les royaumes indigènes des mers d’Occident* 西洋番國志 (Paris: Les Belles Lettres, 2022), 160.
  - 46 Han, “Qizhouyang kao,” also discusses measurements. See esp. 124. Indirectly, his findings confirm that a depth of 80 *tuo* takes us to a location far away from Guangdong’s coastal belt.
  - 47 Zhou, *Zheng He xia Xiyang xin kao*, 139. Xiang Da, in *SFXS*, 33, provides no explanations. The same applies to Li, *Bei niuqu de Nanhai shi*, 153.



- 48 Luís Jorge Rodrigues Semedo de Matos, *Roteiros e Rotas Portuguesas do Oriente nos Séculos XVI e XVII* (Lisbon: Centro Científico e Cultural de Macau; Fundação Jorge Álvares, 2018), 166, uses a map of Jacques-Nicolas Bellin (18<sup>th</sup> century) to reconstruct three possible sailing corridors between Macao and Shangchuan. The shortest course from there (or from an island in the southern sections of the Wanshan qundao) to the Wuzhu area is the one marked as route 3 in his book.
- 49 *SFXS*, 49, 54; *LDHL*, I, 291, 293; Liu, “*Shunfeng*”, 196–197, 210, 424, 435, 530, 532. For the Limushan (now called Wuzhishan 五指山), see, for example, *ZHHHTJ*, 40, 43; Zhou, *Zheng He xia Xiyang xin kao*, 140. The location of Dongjiangshan remains unclear. In some cases, it may even stand for an island in the Po Toi group south of Hong Kong Island. See the discussion in Roderich Ptak, “The Dan’gan and Jiapeng Archipelagos (South of Hong Kong) in Chinese Maps and Nautical Works of the Ming Period,” to appear in the proceedings of an international conference held in the Academia de Marinha, Lisbon, 2023. A very similar itinerary appears in Deng Zhong’s (鄧鍾) *Annan tuzhi* (《安南圖志》) (after 1592). See *LDHL*, I, 279, and again Liu, “*Shunfeng*”, 197. The *Annan tuzhi* relies on earlier material drawn from Zheng Kaiyang zazhu (《鄭開陽雜著》) and *Chou hai tu bian* (《籌海圖編》) (we shall return to these two below). The *SFXS* also describes the return voyage from Jiaozhi to Fujian. See there, 49. This entry mentions Duzhushan, but not Wuzhushan. Liu, “*Shunfeng*”, 198–199, argues that the text would be wrong; we should replace Duzhushan by Wuzhushan.
- 50 *SFXS*, 53, 55; *LDHL*, I, 293, 294; Liu, “*Shunfeng*”, 207–208, 212, 432, 436–437, 532, 533. The *SFXS* also contains an entry for the return voyage from Patani to China. This entry mentions the names Dongjiangshan and Nantingmen, in that sequence, which leads to various questions. See Ptak, “Chinese Navigation,” 350.
- 51 See notes 31 and 39 above.
- 52 *SYGJ*, ce 101, 881a, 882b; *LDHL*, I, 328, 329; *ZHZLHB*, 314, 315.
- 53 *SYGJ*, ce 100, 787a and 788a; *LDHL*, I, 323; *ZHZLHB*, 310. See also, for example, Li, *Bei niuqu de Nanhai shi*, 160.
- 54 *SYGJ*, ce 100, 832a; *LDHL*, I, 324; *ZHZLHB*, 313. See also, for example, Li, *Bei niuqu de Nanhai shi*, 160–161.
- 55 *SYGJ*, ce 101, 849a, 850b, 899a; *LDHL*, I, 325, 326, 331; *ZHZLHB*, 317, 321–322. See also Li, *Bei niuqu de Nanhai shi*, 161–162.
- 56 As stated above, in note 48, Matos explained that different coastal sailing routes led towards the area of Wuzhu and Shangchuan.
- 57 Certain other sources confirm this as well. One example is found in Zhang, *Dongxiyang kao*, j. 9, 172, under Nantingmen.
- 58 For this map, see <https://purl.pt/34512/2/> (accessed 24 April 2024). A related map (code D-89-r), kept in the same collection, also records several names, but many of them are difficult to decipher. Moreover, regarding the area in question, this map provides little that goes beyond the information one can extract from the other map. For further information (and/or related maps, mostly of later origin), see Shi Cunlong, “Pu ren chulai di ‘Maoyidao’ huo ‘Tunmendao’ ying shi Nantoudao zai kao,” *Review of Culture* (Chinese Edition), no. 54 (2005): 187; Matos, *Roteiros*, 166; Zhou and Lin, “Zaoqi Xifang ditu zhong Aomen diming,” 89 (map by Pierre Duval, 1672: Pula Babe); Yang, “‘Quan hai tu zhu’ Aomen,” 221–222.
- 59 For Hebaodao and Gaolan, see, for example, Zhao Lilin, “Hebaodao de lishi gaikuang,” *Zhuhai wenshi* 11 (1999?): 84–85; Zhou, *Zheng He xia Xiyang xin kao*, 138–140; Yang, “‘Quan hai tu zhu’ Aomen,” 237. For the sources, see *ZHHHTJ*, 40, 43; *Jiajing Xiangshan xianzhi*, j. 1, 17b (p. 302). For *meros*, see Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols. (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919–1921), II, 50.
- 60 Matos, *Roteiros*, 169 n. 404, also identified Vasco Faria with Dajindao.
- 61 *GDSHYDMZ*, 163, 477 (map).
- 62 Many authors discussed this and the position of Lampacau. Examples are in Wang, “Mingdai Xiangshan,” esp. 212 (map), 214; Stephen Tseng-Hsin Chang, *Ming ji dongnan Zhongguo de haishang huodong* (Taipei: Zhongguo xueshu zhuzuo jiangzhu weiyuanhui, 1988), 305–313; and his “From Malabar to Macau: The Portuguese in China during the Sixteenth Century. A Synthesis of Early Luso-Chinese Sources” (PhD diss., University of Reading, 2002), 281–285, and maps in the appendix. An early source recording Lianwan and Wenwan is the *Jiajing Xiangshan xianzhi*. See there, j. 1, 17b (p. 302).
- 63 For an early article on Sanzaio Island, see Liang Zhenxing and Wen Liping, “Sanzaodao jianshi,” *Zhuhai wenshi* 5 (1987): 63–73.
- 64 For a simple modern map showing topographical changes in the Shangchuan area, see <https://zh-cn.topographic-map.com/map-9v7t5k/%E4%B8%8A%E5%B7%9D%E5%B2%9B/> (accessed 9 May 2024). The map suggests that, originally, Shangchuan consisted of three major components. The third part, at its western side, could be the unnamed island to the northwest of ‘True Shangchuan’. Later European maps are different. They show Shangchuan as one ‘integrated’ area. See the references above, in note 58.

# GEOGRAFIA

- 65 Matos, *Roteiros*, 452–453 (fol. 139v of the *Códice Castelo Melhor*).
- 66 Matos, *Roteiros*, 299–300 (fol. 95v of the *Códice do Cadaval*).
- 67 Several old texts refer to the latitude of Shangchuan and to distances involving that island, the Ilha dos Veados, and other nearby places. See, for example, Pierre-Yves Manguin, *Les Portugais sur les côtes du Viêt-nam et du Campā. Étude sur les routes maritimes et les relations commerciales, d'après les sources portugaises (XVIe, XVIIe, XVIIIe siècles)* (Paris: École française d'Extrême-Orient, 1972), esp. 77, 78, 260, 261.
- 68 Hu Zongxian, *Chou hai tu bian* (Siku quanshu), Guangdong part 6 of the map, i.e. 7b, and part 7, i.e. 8a (p. 584.8); Zheng Ruozeng, *Zheng Kaiyang zazhu* (Siku quanshu; henceforth ZKYZZ), Guangdong part 7; i.e. j. 1, 7a–b (p. 584.447). In later sources, some toponyms are written differently. For instance, the famous coastal map in *Aomen jilüe* (《澳門記略》) has Mazhushan (馬猪山) in lieu of Wuzhoushan. Until today, the element ‘Shiqi’ survived in several names. See Guangdongsheng jingu diming cidian bianzuan weiyuanhui, ed., *Guangdongsheng jingu diming cidian* (Shanghai: Shanghai cishu chubanshe, 1991; henceforth GDSJGDMCD), 379–383. The *Guangdong yanhai shansha (tu)* is also in Mao Yuanyi, *Wu bei zhi*, 22 vols. (Taipei: Huashi chubanshe, 1984), j. 210, 3b–14a, here esp. 9a–b. It was reprinted in several modern books. See, for example, Fang Kun, Wang Ying, and Liang Chunhui, eds., *Zhongguo yanhai jiangyu lishi tulu: Nanhai juan* (Hefei: Huangshan shushe, 2016), 74–109.
- 69 ZKYZZ, j. 8, 2a–b (p. 584.622).
- 70 GDSHYDMZ, 310 (text), 479 (map).
- 71 Many Ming maps show Yamen and Yashan (崖山). One example is the *Quan Guang haitu* (《全廣海圖》) in *Cangwu zongdu junmen zhi*, j. 5. Several authors mention this map. See, for instance, Chang, *Ming ji*, 314, and *From Malabar to Macau*, 295. For Wanhushan, see Hu, *Chou hai tu bian*, j. 3, 23a (p. 584.88), and Tang Kaijian, “Zhong Pu guanxi de qidian: Shang, Xiachuan dao Tamão xin kao,” in *Aomen kaifu chuqishi yanjiu*, by the same author (Beijing: Zhonghua shuju, 1999), 10. However, the pair Yashan (崖山)/Qishi(zhu)shan also appears in texts. See, for example, *Guangdong tongzhi chugao*, j. 1, 19b.
- 72 There are several editions of the *Yue da ji*. Here I only mention one edition: Guo Fei, *Yue da ji* (Beijing: Shumu wenxian chubanshe, 1990; Riben cang Zhongguo hanjian difangzhi congkan). The relevant sections of the map appear in many articles. See, for example, Guo Yanbing, “Langbai’ao diaocha yu kaozheng,” *Review of Culture* (Chinese Edition), no. 101 (2017): esp. 54, map 4. There are two near-to-identical versions of the *Quan hai tu zhu*. Both are available in the form of a separate addendum to the magnificent collection by Jin Guoping and Yang Xunling, eds., “*Quan hai tu zhu*” *yanjiu* (Macao: Macao Foundation, 2020).
- 73 GDSHYDMZ, 479 B + C 5; GDSJGDMCD, 413 (map), 422.
- 74 GDSHYDMZ, 48, 479 B 5. See also under Sanzhouxu (三洲圩), GDSJGDMCD, 422.
- 75 GDSHYDMZ, 479 A 6, B 5, and relevant textual entries.
- 76 GDSHYDMZ, 166, 479 C 6.
- 77 For toponymical shifts, see, for example, the relevant sections in Lu Yanzhao, *Ming Qing Lingdingyang quyu haifang dili yanjiu* (Beijing: Renmin ribao chubanshe, 2014). For Niujiaowan and Hebaowan, see also Yang, “‘Quan hai tu zhu’ Aomen,” 237.
- 78 For the *Yue da ji* map, see, for example, Chang, *Ming ji*, 289, and *From Malabar to Macau*, 297. The *Jiajing Xiangshan xianzhi*, j. 1, 18b (p. 302), and *Jiajing Guangdong tongzhi*, I, j. 13, 28b (p. 328), place the Wushahai to the east of Sanzao. Later chronicles also mention the Wushahai. See, for example, Hao Yulin et al., *Yongzheng Guangdong tongzhi* (Siku quanshu), j. 10, 34a. Several modern authors quote the relevant passage from the Xiangshan chronicle, but they rarely discuss the geographical setting. See, for example, Huang Xiaodong, *Zhuhai jianshi* (Beijing: Shehui kexue wenxian chubanshe, 2011), 94. Both the *Guangdong yanhai shansha (tu)* and the *Wanli haifang tu* locate the name Wushayang to the west of Sanzao (for these maps, see notes 68 and 69 above). Moreover, on these maps, the position of the ‘Sanzao/Wushayang’ duo appears very far to the east of Xiangshan, which makes no sense.
- 79 On a map in *Cangwu zongdu junmen zhi*, one sees the name Wuzhushan (烏猪山) and much further to the east, south of Dajinshan, there is the Wuzhuyang (烏猪洋). See Chang, *Ming ji*, 287. Gu, *Du shi fangyu jiyao*, IX, j. 101, 4605 and 4611, mentions both the Wushahai and the Wuzhuyang, but in different contexts. In each case the relevant passage goes back to earlier information. See also note 31 above (mission of Shu Tong and Wu Hui).
- 80 For the entries on Nantingmen, Wuzhushan and Qizhoushan/Qizhouyang, see, for example, Zhang, *Dongxiyang kao*, j. 9, 172; LDHL, I, 348. Several authors cite these entries. However, they rarely looked at the details.
- 81 SFXS, 32–33; Ptak, “Chinese Navigation,” 356–357. See also the discussion of Gongxie in Ptak, “The Dan’gan and Jiapeng Archipelagos”. Interestingly, the entry on Nantingmen in SFXS starts with a measurement of 40 *tuo*, the one on Wuzhushan begins with 80 *tuo*. Do the numbers bear a symbolic meaning in association with Dugong? By contrast, the *Dongxiyang kao* entry on Nantingmen gives 47 *tuo* and omits a reference to Dugong. The anonymous *Zhinan zhengfa* (《指南正法》) of the Qing period records

45 *tuo* and refers to Dugong in its entry on Nantingmen; its entry on Wuzhushan repeats the phrase starting with ‘洋中’, but Dugong is not mentioned. See Xiang, *Liang zhong haidao zhenjing*, 116–117. A song, quoted in *SFXS*, 47, also refers to a boat ceremony near a location along the shore of Vietnam.

- 82 For some of this, see Ptak, “Chinese Navigation,” 357. The inscription appears in many modern works; see, for example, *ZHZLHB*, 44. See also Li Yukun and Li Xiumei, “Lüe lun Bo (zhou) ren de zongjiao huodong,” in *Ren hai xiang yi: Zhongguo ren de haiyang shijie*, ed. Shanghai Zhongguo hanghai bowuguan etc. (Shanghai: Shanghai guji chubanshe, 2014), 67, 71; Liu, “*Shunfeng*,” 316. For additional information on protective deities and ceremonies held during voyages through the Nanhai, see Li Qingxin, “Hainan Xiongdi xinyang ji qi zai Dongnanya de chuanbo,” *Haiyangshi yanjiu* 10 (2017): 459–505. See also Chen

Qingmao, “Ju yang han yu man zheng fan, dao an chu chun zhuo xia shan — Dashan heshang ji qi ‘Haiwai jishi’ zhi hanghai shu xie,” *Journal of Humanities and Social Science* 3, no. 8 (2019): esp. 87–88 and notes there. Chen deals with Dashan’s (大汕) travels; this relates to the Qing period.

- 83 See, for example, Ptak, “Chinese Navigation,” 357. Also Ptak, “Questions Related to Selected Names.”
- 84 See, for example, Ma Guohua 馬國華, “Shangchuandao yingkeshi de laili 上川島迎客石的來歷,” 2017, <https://www.cdadaa.com/Mobile/News/Info-2647.html>; Shen Peng 申鵬, “Taishan bowuguan li jianzheng ‘haisi wenhua’ 台山博物館裏見證‘海絲文化’,” [http://www.cnts.gov.cn/zfgzbm/swghdlytyj/zwgk/zfxgkml/gzdt/content/post\\_708348.html](http://www.cnts.gov.cn/zfgzbm/swghdlytyj/zwgk/zfxgkml/gzdt/content/post_708348.html) (both accessed on 15 May 2024, but not listed in the bibliography). Regarding Zhang Baozai, he appears in many studies on piracy, notably in several works by Robert J. Antony, again not listed here.

## BIBLIOGRAPHY

### Traditional Chinese Sources (listed by titles)

- Cangwu zongdu junmen zhi* 蒼梧總督軍門志, by Ying Jia 應檣, revised by Ling Yunyi 凌雲翼 and Liu Yaohui 劉堯誨, edited by Zhao Kesheng 趙克生 and Li Ran 李燃. Changsha: Yuelu shushe, 2015.
- Chou hai tu bian* 籌海圖編, by Hu Zongxian 胡宗憲 (Siku quanshu 四庫全書).
- Daoyi zhilüe jiaoshi* 島夷誌略校釋, by Wang Dayuan 汪大淵, edited by Su Jiqing 蘇繼楨. Beijing: Zhonghua shuju, 1981.
- Dongxiyang kao* 東西洋考, by Zhang Xie 張燮, edited by Xie Fang 謝方. Beijing: Zhonghua shuju, 1981.
- Du shi fangyu jiyao* 讀史方輿紀要, by Gu Zuyu 顧祖禹, edited by He Cijun 賀次君 and Shi Hejin 施和金. 12 vols. Beijing: Zhonghua shuju, 2008 (Zhongguo gudai dili zongzhi congkan 中國古代地理總志叢刊).
- Guangdong tongzhi chugao* 廣東通志初稿, by Dai Jing 戴璟, compiled by Zhang Yue 張岳; <https://nx.shuge.org/wl/?id=UTYnCJ91Tu7Uf0XNpsG8Wv8C8aVahO48&mode=list&download=1> (unspecified copy; 20 April 2022).
- Jiajing Guangdong tongzhi* 嘉靖廣東通志, by Huang Zuo 黃佐. 4 vols. Hong Kong: Dadong tushu gongsi, 1977.
- Jiajing Xiangshan xianzhi* 嘉靖香山縣志, prepared by Deng Qian 鄧遷, edited by Huang Zuo 黃佐. Beijing: Shumu wenxian chubanshe, 1991 (Ribencang Zhongguo hanjian difangzhi congkan 日本藏中國罕見地方志叢刊).

- Liang zhong haidao zhenjing* 兩種海道針經, edited by Xiang Da 向達. Beijing: Zhonghua shuju, 2000.
- Lingwai dai da jiaozhu* 嶺外代答校注, by Zhou Qufei 周去非, edited by Yang Wuquan 楊武泉. Beijing: Zhonghua shuju, 1999.
- Meng liang lu* 夢梁錄, by Wu Zimu 吳自牧 (Xuejin Taoyuan 學津討原, in Baibu congshu jicheng 白布叢書集成).
- Ming shi* 明史, by Zhang Tingyu 張廷玉 et al. 28 vols. Beijing: Zhonghua shuju, 1974.
- Ming shilu* 明實錄 (*MSL*). 133 vols. Taipei: Zhongyang yanjiuyuan lishi yuyan yanjiusuo, 1961–1966.
- Panzhou wenji* 盤洲文集, by Hong Gua (Kuo/Shi) 洪适 (適) (Sibu congkan chubian 四部叢刊初編).
- Shunfeng xiangsong* 順風相送 (*SFXS*) (See *Liang zhong haidao zhenjing*).
- Shuyu zhousi lu* 殊域周咨錄, by Yan Congjian 嚴從簡, edited by Yu Sili 余思黎. Beijing: Zhonghua shuju, 2000.
- Siyi guangji* 四夷廣記 (*SYGJ*), by Shen Maoshang 慎懋賞. 16 vols. Nanjing: Guoli zhongyang tushuguan, 1947 (Xuanlantang congshu xujì 玄覽堂叢書續集).
- Song huiyao jigao*. *Fanyi dao shi* 宋會要輯稿. 蕃夷道釋, edited by Guo Shengbo 郭聲波. Chengdu: Sichuan daxue chubanshe, 2014.
- Tongjiang ji* 桐江集, by Fang Hui 方回 (Siku quan shu 四庫全書).
- Wu bei zhi* 武備志, by Mao Yuanyi 茅元儀. 22 vols. Taipei: Huashi chubanshe, 1984.



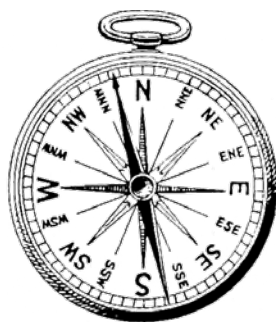
## GEOGRAFIA

- Xinbian Zheng He hanghai tuji* 新編鄭和航海圖集 (ZHHHTJ), edited by Haijun haiyang cehui yanjiusuo 海軍海洋測繪研究所 and Dalian haiyun xueyuan hanghaishi yanjiushi 大連海運學院航海史研究室. Beijing: Renmin jiaotong chubanshe, 1988.
- Yongzheng Guangdong tongzhi* 雍正廣東通志, by Hao Yulin 郝玉麟 et al. (Siku quanshu 四庫全書; <https://www.kanripo.org/text/KR2k0053/010>; 18 May 2024).
- Yue da ji* 粵大記, by Guo Fei 郭裴. Beijing: Shumu wenxian chubanshe, 1990 (Ribei cang Zhongguo hanjian difangzhi congkan 日本藏中國罕見地方志叢刊).
- Yue Min xunshi jilue* 粵閩巡視紀略, by Du Zhen 杜臻 (Siku quanshu 四庫全書; see also <https://www.kanripo.org/text/KR2g0059/005#1a>; 15 May 2024).
- Zheng Kaiyang zazhu* 鄭開陽雜著 (ZKYZZ), by Zheng Ruozeng 鄭若曾 (Siku quanshu 四庫全書).
- Zhengde Qiong tai zhi* 正德瓊台志, compiled by Tang Zhou 唐胄, edited by Peng Jingzhong 彭靜中. 2 vols. Haikou: Hainan chubanshe, 2006 (Hainan difangzhi congkan 海南地方志叢刊).
- Zhinan zhengfa* 指南正法 (See *Liang zhong haidao zhenjing*).
- Modern Studies, Translations, and Anthologies**
- Chang, Stephen Tseng-Hsin 張增信. "From Malabar to Macau: The Portuguese in China during the Sixteenth Century. A Synthesis of Early Luso-Chinese Sources." PhD diss., University of Reading, 2002.
- . *Ming ji dongnan Zhongguo de haishang huodong* 明季東南中國的海上活動. Taipei: Zhongguo xueshu zhuzuo jiangzhu weiyuanhui, 1988.
- Chen, Chunsheng 陳春聲. "16 shiji Min Yue jiaojie diyu haishang huodong renqun de tezhi — yi Wu Ping de yanjiu wei zhongxin 16世紀閩粵交界地域海上活動人群的特質——以吳平的研究為中心." *Haiyangshi yanjiu* 海洋史研究 1 (2010): 129–152.
- Chen, Hongyu 陳鴻瑜. "Zaoqi Nanhai hanglu yu daojiao zhi faxian 早期南海航路與島礁之發現." *Guoli zhengzhi daxue lishi xuebao* 國立政治大學歷史學報 39 (2013): 25–92.
- Chen, Jiarong 陳佳榮, and Zhu Jianqiu 朱鑒秋 et al., eds. *Zhongguo lidai bailu zhenjing* 中國歷代海路針經 (LDHL). 2 vols. Guangzhou: Guangdong keji chubanshe, 2016.
- Chen, Qingmao (Ching-Mau Chen) 陳清茂. "Ju yang han yu man zheng fan, dao an chu chun zhao xia shan — Dashan heshang ji qi 'Haiwai jishi' zhi hanghai shu xie 巨洋寒雨滿征帆，到岸初春著夏衫——大汕和尚及其《海外紀事》之航海書寫." *Journal of Humanities and Social Science* 3, no. 8 (2019): 61–100.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919–1921.
- Didier, Michel, ed. *Mémoire sur les royaumes indigènes des terres d'Occident* 西域番國志, *Mémoire sur les royaumes indigènes des mers d'Occident* 西洋番國志. Paris: Les Belles Lettres, 2022.
- Fang, Kun 方堃, Wang Ying 王穎, and Liang Chunhui 梁春暉, eds. *Zhongguo yanhai jiangyu lishi tulu: Nanhai juan* 中國沿海疆域歷史圖錄：南海卷. Hefei: Huangshan shushe, 2016 (The impressum also gives 2017).
- Guangdongsheng diming weiyuanhui bangongshi 廣東省地名委員會辦公室, ed. *Guangdongsheng haiyu dimingzhi* 廣東省海域地名志 (GDSHYDMZ). Guangzhou: Guangdongsheng ditu chubanshe, 1989.
- Guangdongsheng jingu diming cidian bianzuan weiyuanhui 廣東省今古地名詞典編纂委員會, ed. *Guangdongsheng jingu diming cidian* 廣東省今古地名詞典 (GDSJGDMCD). Shanghai: Shanghai cishu chubanshe, 1991.
- Guo, Yanbing 郭雁冰. "Langbai'ao diaocha yu kaozheng 浪白澳調查與考證." *Review of Culture* (Chinese Edition), no. 101 (2017): 50–73.
- Guojia tushuguan Zhongguo bianjiang wenxian yanjiu zhongxin 國家圖書館中國邊疆文獻研究中心, ed. *Nanhai zhudao tuji lu* 南海諸島圖籍錄. 3 vols. Beijing: Guojia tushuguan chubanshe, 2016.
- Han, Zhenhua 韓振華. *Nanhai zhudao shidi lunzheng* 南海諸島史地論證 (NHZD), edited by Xie Fang 謝方, Qian Jiang 錢江, and Chen Jiarong 陳佳榮. Hong Kong: Centre of Asian Studies, 2003.
- . "Nansha qundao shidi yanjiu zhaji 南沙群島史地研究札記." In *NHZD*, 205–226.
- . "Qizhouyang kao 七洲洋考." In *NHZD*, 99–142.
- . "Shiliu shiji qianqi Putaoya jizai shang youguan Xisha qundao guishu Zhongguo de ji tiao ziliao kaoding 十六世紀前期葡萄牙記載上有關西沙群島歸屬中國的幾條資料考訂." In *NHZD*, 354–368.
- . "Song Yuan shiqi youguan Nansha qundao de shidi yanjiu 宋元時期有關南沙群島的史地研究." In *NHZD*, 302–314.
- . "Songdai de Xisha qundao yu Nansha qundao 宋代的西沙群島與南沙群島." In *NHZD*, 293–301.
- Huang, Chunyan 黃純艷. "Song Yuan haiyang zhishi zhong de 'hai' yu 'yang' 宋元海洋知識中的‘海’與‘洋’." *Academic Monthly* 52, no. 3 (2020): 155–166, 184.
- Huang, Xiaodong 黃曉東. *Zhubai jianshi* 珠海簡史. Beijing: Shehui kexue wenxian chubanshe, 2011.
- Jin, Guoping 金國平, and Yang Xunling 楊迅凌, eds. "Quan hai tu zhu" yanjiu 《全海圖註》研究. Macao: Macao Foundation, 2020.
- Li, Caixia 李彩霞. *Nanhai zhudao: Lishi shijian biannian* 南海諸島：歷史事件編年. Beijing: Shehui kexue wenxian chubanshe, 2017.

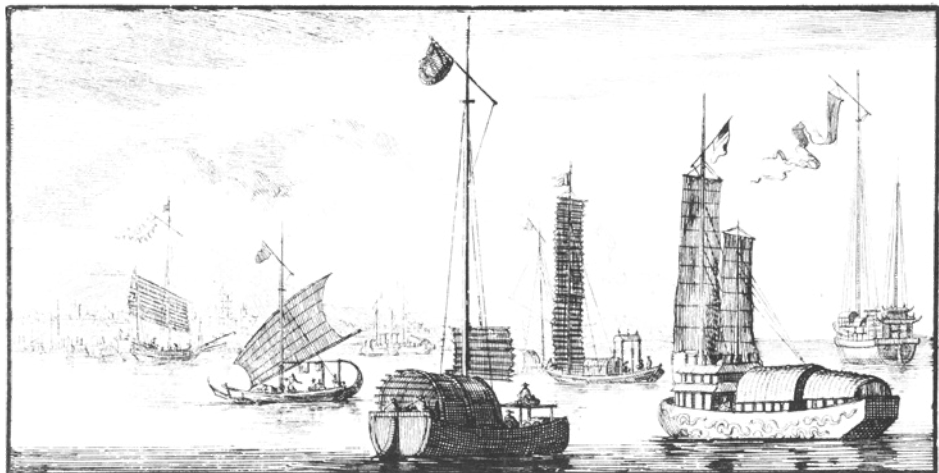
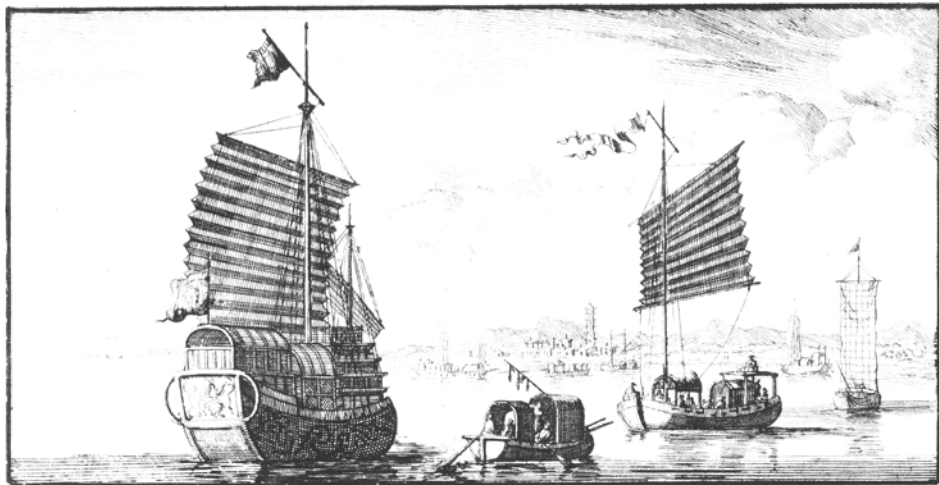
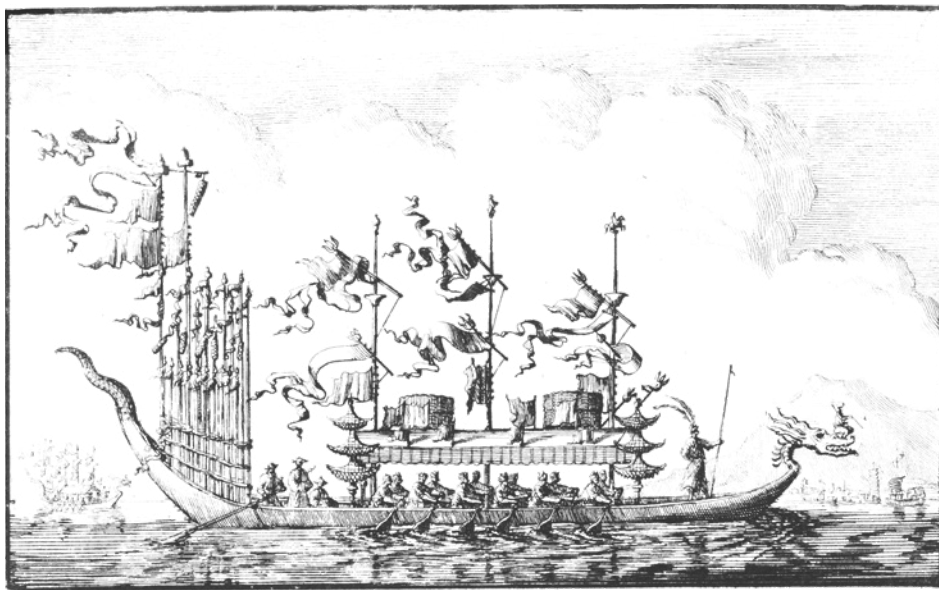
- Li, Qingxin 李慶新. “Hainan Xiongdi xinyang ji qi zai Dongnanya de chuanbo 海南兄弟信仰及其在東南亞的傳播.” *Haiyangshi yanjiu* 海洋史研究 10 (2017): 459–505.
- Li, Woteng 黎蝸藤. *Bei niuqu de Nanhai shi: Ershi shiji qian de Nan Zhongguo hai* 被扭曲的南海史：二十世紀前的南中國海. Taipei: Wunan tushu chubanshe gufen youxian gongsi, 2016.
- Li, Yukun 李玉昆, and Li Xiumei 李秀梅. “Lue lun Bo (zhou) ren de zongjiao huodong 略論舶(舟)人的宗教活動.” In *Ren hai xiang yi: Zhongguo ren de haiyang shijie* 人海相依：中國人的海洋世界, edited by Shanghai Zhongguo hanghai bowuguan 上海中國航海博物館 etc., 61–77. Shanghai: Shanghai guji chubanshe, 2014.
- Liang, Zhenxing 梁振興, and Wen Liping 溫立平. “Sanzaodao jianshi 三竈島簡史.” *Zhubai wenshi* 珠海文史 5 (1987): 63–73.
- Liu, Yijie 劉義傑. “Nanhai haidao chutan 南海海道初探.” *Nanhai xuekan* 南海學刊 5, no. 4 (2019): 66–83.
- . “*Shunfeng xiangsong*” *yanjiu* 《順風相送》研究. Dalian: Dalian haishi daxue chubanshe, 2017.
- Lu, Yanzhao 魯延召. *Ming Qing Lingdingyang quyue haifang dili yanjiu* 明清伶仃洋區域海防地理研究. Beijing: Renmin ribao chubanshe, 2014.
- Manguin, Pierre-Yves. *Les Portugais sur les côtes du Viêt-nam et du Campā. Étude sur les routes maritimes et les relations commerciales, d’après les sources portugaises (XVIe, XVIIe, XVIIIe siècles)*. Paris: École française d’Extrême-Orient, 1972.
- Matos, Luís Jorge Rodrigues Semedo de. *Roteiros e Rotas Portuguesas do Oriente nos Séculos XVI e XVII*. Lisbon: Centro Científico e Cultural de Macau; Fundação Jorge Álvares, 2018.
- Papelitzky, Elke. “Editing, Circulating, and Reading Huang Zhong’s *Hai yu* 海語: A Case Study in the History of Reading and the Circulation of Knowledge in Ming and Qing China.” *Ming Qing yanjiu* 明清研究 23 (2019): 1–38.
- . “An Introduction to the *Siyi guangji* 四夷廣記.” *Crossroads: Studies on the History of Exchange Relations in the East Asian World* 11 (2015): 85–95.
- . “Sand, Water, and Stars: Chinese Mapping of the Gobi and Taklamakan Deserts.” *T’oung Pao* 通報 107, no. 3–4 (2021): 376–416.
- . *Writing World History in Late Ming China and the Perception of Maritime Asia*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2020.
- Ptak, Roderich. “Chinese Navigation near the Coast of Central Guangdong: Nantingshan and Nantingmen in Ming Times.” *Monumenta Serica* 68, no. 2 (2020): 339–367.
- . “The Dan’gan and Jiapeng Archipelagos (South of Hong Kong) in Chinese Maps and Nautical Works of the Ming Period.” To appear in the proceedings of a conference held in the Academia de Marinha, Lisbon, 2023.
- . “A Note on Dazhoudao 大洲島 / Tinhosa (c. 1000–1550).” *Journal of Asian History* 56, no. 1/2 (2022): 53–98.
- . “Possible and Confirmed References to Pulau Aur and the Seribuat Islands in Chinese Sources (c. 1150–1550).” To appear in *Journal of Asian History* (2024).
- . “Questions Related to Selected Malay, Chinese and Portuguese Names of Islands along the Sailing Corridor from Johor to Macau (15<sup>th</sup> to 17<sup>th</sup> Centuries).” Conference paper, La Sapienza, Rome, July 2024.
- . “References to the Coral Islands in Huang Zhong’s *Hai yu* 海語.” *Ming Qing yanjiu* 明清研究 23 (2019): 39–72.
- . “Sailing near the Natuna Islands and West Kalimantan: Notes on the ‘Zheng He Map’ and Some Ming ‘Rutters’.” *Archipel* 101 (2021): 85–129.
- Shi, Cunlong 施存龍. “Pu ren chulai di ‘Maoyidao’ huo ‘Tunmendao’ ying shi Nantoudao zai kao 葡人初來地‘貿易島’或‘屯門島’應是南頭島再考.” *Review of Culture* (Chinese Edition), no. 54 (2005): 173–203.
- Shimao, Minoru 嶋尾稔. “Nana su yōni kansuru oboegaki 七洲洋に関する覚書.” *Keiō gijuku daigaku gengo bunka kenkyūjo kiyō* 慶應義塾大學言語文化研究所紀要 46 (2015): 391–418 (also [https://www1.doshisha.ac.jp/~rc-scs/shimao\\_m/nanasyuyou.pdf](https://www1.doshisha.ac.jp/~rc-scs/shimao_m/nanasyuyou.pdf); 15 May 2024).
- Tang, Kaijian 湯開建. “Zhong Pu guanxi de qidian: Shang, Xiachuan dao Tamão xin kao 中葡關係的起點：上、下川島 Tamão 新考.” In *Aomen kaifu chugishi yanjiu* 澳門開埠初期史研究, by Tang Kaijian, 1–26. Beijing: Zhonghua shuju, 1999.
- Umehara, Kaoru 梅原郁, ed. *Muryōroku: Nansō Rin’an hanjōki* 夢梁錄：南宋臨安繁昌記. 3 vols. Tokyo: Heibonsha, 2000.
- Wade, Geoff. “Melaka in Ming Dynasty Texts.” In *Southeast Asia-China Interactions. Reprint of Articles from the Journal of the Malaysian Branch, Royal Asiatic Society*, edited by Geoff Wade, 327–366. Kuala Lumpur: The Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society, 2007.
- . “Southeast Asia in the Ming Shi-Lu.” Accessed 23 May 2024. <https://epress.nus.edu.sg/msl/>.
- Wang, Ting 王頌. “Mingdai Xiangshan lu hai xingshi yu Aomen kaifu 明代香山陸海形勢與澳門開埠.” *Zhongguo lishi dili yanjiu* 中國歷史地理研究 1 (2005): 207–226.
- Xu, Panqing 許盤清, An Junli 安俊麗, and Cao Shuji 曹樹基. “Hangxian yu licheng: Wenchang Qizhouyang yu

## GEOGRAFIA

- Xisha Qizhouyang de dili weizhi 航線與里程:文昌七洲洋與西沙七洲洋的地理位置.” *Zhongguo lishi dili luncong* 中國歷史地理論叢, no. 1 (2022): 15–28, 43 (also [http://iqh.ruc.edu.cn/zglsdlyj/lSDL\\_dmxyd/dmyj/e71f511523fc4a18bc1b367e6bb5f079.htm](http://iqh.ruc.edu.cn/zglsdlyj/lSDL_dmxyd/dmyj/e71f511523fc4a18bc1b367e6bb5f079.htm); 15 May 2024).
- Yang, Xunling 楊迅凌. “‘Quan hai tu zhu’ Aomen ji qi yi xi bufen diming kao《全海圖註》澳門及其以西部分地名考.” In “*Quan hai tu zhu*” *yanjiu*《全海圖註》研究, edited by Jin Guoping 金國平 and Yang Xunling 楊迅凌, 176–239. Macao: Macao Foundation, 2020.
- Zhao, Lilin 趙立林. “Hebaodao de lishi gaikuang 荷包島的歷史概況.” *Zhubai wenshi* 珠海文史 11 (1999?): 84–89.
- Zheng, Hesheng 鄭鶴聲, and Zheng Yijun 鄭一鈞. *Zheng He xia Xiyang ziliao huibian* 鄭和下西洋資料匯編 (ZHXLHB). Vol. 1. Ji’nan: Qi Lu shushe, 1980.
- Zhongguo di yi lishi dang’anguan 中國第一歷史檔案館, ed. *Aomen lishi ditu jingxuan* 澳門歷史地圖精選. Beijing: Huawen chubanshe, 2000.
- Zhou, Xin 周鑫. “14–15 shiji Guangzhou ‘bokou’ zhidu yanjin yu Nanhai haiyang wangluo bianqian 14–15世紀廣州「泊口」制度演進與南海海洋網絡變遷.” In *Xue hai yang fan yijiazi: Guangdongsheng shehui kexue yuan lishi yu Sun Zhongshan yanjiusuo (Haiyangshi yanjiu zhongxin) chengli liushi zhounian jinian wenji* 學海揚帆一甲子:廣東省社會科學院歷史與孫中山研究所(海洋史研究中心)成立六十周年紀念文集, edited by Li Qingxin 李慶新, 272–292. Beijing: Kexue chubanshe, 2019.
- Zhou, Yunzhong 周運中. “Lianjie Nanhai zhudao de Hainan yao gang shi kao 聯結南海諸島的海南要港史考.” *Zhongguo gangkou bowuguan guankan zhuanji* 中國港口博物館館刊專輯 4, suppl. 1 (2017): 41–52.
- . “‘Zheng He hanghai tu’ Min Yue bufen xin kao《鄭和航海圖》閩粵部分新考.” *Review of Culture* (Chinese Edition), no. 75 (2010): 97–108.
- . *Zheng He xia Xiyang xin kao* 鄭和下西洋新考. Beijing: Zhongguo shehui kexue chubanshe, 2013.
- . *Zheng He xia Xiyang xukao* 鄭和下西洋續考. New Taipei City: Huamulan wenhua shiye youxian gongsi, 2019.
- Zhou, Zhenhe 周振鶴, and Lin Hong 林宏. “Zaoqi Xifang ditu zhong Aomen diming yu biao zhu fangwei de mituan 早期西方地圖中澳門地名與標注方位的謎團.” *Journal of Macau Studies* 82, no. 3 (2016): 58–97.







# Unbuilt Macao — A Brief History of Unrealised Urban Planning Proposals for Macao

THOMAS DANIELL\*

---

**ABSTRACT:** More than half of the territory of Macao is land reclaimed from the sea. The majority of this growth took place during the twentieth century, but even now Macao continues to expand incrementally into the surrounding waters. Each reclamation is effectively a *tabula rasa* — a ‘blank slate’ with no existing buildings or infrastructure — that allows the reimagining of what a contemporary city might be. This includes quantifiable decisions about street organisation, building volumes, and infrastructural links, but also entails consideration of qualitative effects: degrees of freedom, constraint, coherence, complexity, legibility, permeability, interiority, intimacy, and mystery, the synergistic relationships between different areas, and the types of urban lifestyles thereby enabled and engendered. The cumulative result is a patchwork of contiguous yet discontinuous urban fragments, each one a manifestation of contemporaneous ideas about desirable city design. And for every project built, there have been many more unbuilt proposals. Collectively, these delineate an alternative history, or histories, of Macao: an array of phantom Macao that show what might have been and suggest what might still be possible.

**KEYWORDS:** Urban planning; Macao architecture; Land reclamation.

---

## ZONA DE ATERROS DO PORTO EXTERIOR (ZAPE)

The first significant reclamation project was for the area known as ZAPE (Zona de Aterros do Porto Exterior), which originated in studies for dredging and reclamation carried out in the late nineteenth century. Portuguese engineer Adolfo Ferreira Loureiro (1836–1911) elaborated a series of major restructuring plans for the Inner Harbour

(Porto Interior) on the west side of the peninsula, but these were always dismissed as being too expensive.<sup>1</sup> He was, however, able to initiate a series of small sea walls and landfills to straighten the ragged coastline. Work was interrupted by the First World War, then in 1919 Hugo de Lacerda (1860–1944) was put in charge of the newly established *Missão de Melhoramento dos Portos de Macau* (Office for the Improvement of Macao’s Harbour). Lacerda

---

\* Thomas Daniell is a professor of Architectural History, Theory, and Criticism at Kyoto University, Japan. Previously, he was the head of the Department of Architecture and Design at the University of Saint Joseph, Macao.

Thomas Daniell é professor de História, Teoria e Crítica da Arquitectura na Universidade de Quioto, Japão. Foi director do Departamento de Arquitectura e Design da Universidade de São José, Macau.

was a visionary who devised and published a series of proposals for vast, transformative reclamations, most of which were unbuilt.<sup>2</sup> He saw this as more than a technical challenge, linking improvements of the port to improvements in the morals of Macao citizens, giving particular concern to limiting the growth of gambling. At the Lisbon conference on colonial projects (1930), Lacerda posed a rhetorical question:

[Translation by author] *How can we relate the improvement of ports with the morality of habits? [...] it's easy to explain! Macao, albeit exaggeratedly, has been considered a land of vice in the Far East, the oriental Monaco; the decline in port activities and the need for colonial income have given some justification to its detractors. The improvements in the ports are also aimed at amending that detrimental aspect of the Portuguese reputation. Considering the other side of this question, or in other words, considering the influence of a decrease in gambling, one is led to admit here, what is also a general rule – vice is opposed to dignified work; in places where gambling is a major activity, behaviours that deviate from the straight path are frequent. And so it can be truly asserted that a full improvement of the port of Macao can only happen when, perhaps, instead of encouragement there is repression of the vices, with priority given to gambling. A port competing for such a desideratum will in turn benefit from its practical effects.*<sup>3</sup>

Lacerda made good progress on the creation of Patane Port in the Inner Harbour but ran into insurmountable problems with silting and disputes over the extent of Portuguese territorial control (the border between Macao and the Chinese mainland had not yet been clearly defined), so he decided

to initiate a hugely ambitious project for an Outer Harbour (Porto Exterior) on the east side of the peninsula, facing onto the Pearl River Delta. A diplomatic agreement was made with the Chinese authorities in 1920, and dredging began in 1921. The Netherlands Harbour Works Company took about five million cubic metres of sludge from the riverbed, which was transformed into 125 hectares of new land that straightened and widened the eastern seaboard of Macao for the new port facilities.<sup>4</sup> The Outer Harbour was inaugurated on 26 August 1926, following which Lacerda and others produced various masterplans for the new land. Over the following decades, official maps show ZAPE covered with different patterns of streets and building lots, but these were all optimistic fantasies; contemporaneous photos reveal that the area stayed largely unbuilt until the 1980s. During the 1940s and 1950s, it was appropriated for makeshift dwellings and vegetable gardens by immigrants and refugees from the mainland, who mostly arrived during the World War II or fleeing Mao Zedong's reform campaigns.<sup>5</sup> Ultimately, ZAPE never became the intended international trading hub, though it was for a while the site of a landing pier for Pan Am seaplanes.

In 1962, the government established a planning department that comprised five architects, notably the young Manuel Vicente (1934–2013), who was to have a profound impact on later developments. Under the direction of Vicente and Leopoldo de Almeida,<sup>6</sup> the planning department produced a layout for the ZAPE area and part of Praia Grande. Submitted in late 1963, it comprises a street grid and array of building volumes, including an area allocated for a casino–hotel development approximately where the Hotel Lisboa Macau is located today. In 1966, Macao's gambling monopoly was granted to entrepreneur Stanley Ho and his new company Sociedade de Turismo e Diversões



## ARQUITECTURA

de Macau (STDM), partly due to his promise to evict the squatters then occupying the prime land of ZAPE and develop it following the masterplan. However, the entire situation was thrown into turmoil by what is known as the 123 Incident. On 3 December 1966, anti-government riots, inspired by the Cultural Revolution, led to the departure of many Portuguese (including Manuel Vicente, who went on to study at the University of Pennsylvania under Louis Kahn and Robert Venturi<sup>7</sup> thereby absorbing a mixture of geometric monumentality and postmodern symbolism that would later become the predominant architectural style of Macao).

Nonetheless, STDM quickly started construction on the Hotel Lisboa Macau to the design of Hong Kong-based architect Eric Cumine (1905–2002). Born in Shanghai, with Scottish–Chinese ancestry, Cumine was a graduate of the London Architecture Academy. By the time the hotel was completed, in 1970, a few adjacent buildings and streets had been implemented following the ZAPE masterplan. STDM then commissioned Cumine to make some revisions to the masterplan, including large-scale sports facilities and a temporary bull-fighting arena.

Eduardo Tavares da Silva, an ex-military engineer who was to become a central figure in many of these developments, arrived in Macao in 1969 and established an independent office that inherited several projects that had been postponed due to the 123 Incident. Taking the initiative to produce a masterplan for the entirety of Macao (which the Portuguese Overseas Ministry had long been promising but failing to do), Tavares set up a branch office with architects Maria João Eloi and Jorge Graça, then invited Portuguese architect Tomás Taveira to visit Macao and produce a study for urban development strategies at a fee of 80,000 patacas, a huge sum at the time.<sup>8</sup> Submitted to the governor in 1973, it contained only text, no drawings, but

included a proposal for a new university campus and the establishment of new business districts on the islands of Taipa and Coloane, in an attempt to decentralise Macao. This was immediately shelved, but Hong Kong-based architect Tao Ho was commissioned by the government to renovate the historic Dom Pedro V Theatre, so Tavares invited him to make preservation proposals for twelve other sites in Macao. Indeed, Tavares was actively trying to internationalise Macao's architectural culture. Tao Ho introduced Tavares to British architect Richard Rogers, and they took him on a tour of Macao to discuss future possibilities, but that also led to nothing.

At the request of Stanley Ho, Jon Prescott (1925–1995), a Hong Kong-based British architect, produced a new ZAPE masterplan in 1979, overseen from his Macao branch office led by Portuguese architect Eduardo Lima Soares (1945–2012).<sup>9</sup> Extending from the hotel to the reservoir, it comprised a street layout and regulations for building height, density, function, and morphology — mainly enormous commercial podiums supporting residential towers. None of this was implemented, though it had some influence on the areas later allotted for parks and public facilities, such as the Macao Forum. The plan also included a tunnel through Guia Hill, which was eventually completed in the 1990s.

Following the arrival of Portuguese architect Carlos Couto in 1981 to lead the government's urban planning department, the Prescott plan was revised by Eduardo Flores with the assistance of American architect Peter Seidel, both of whom were then working for Prescott. They retained the basic street layout but sliced through the podiums to create colonnade-lined pedestrian streets set at slight diagonals to the main grid, with some irregularities to preserve existing trees that they considered worth saving. They also proposed a hierarchy of building

## ARCHITECTURE

heights rather than the existing 76-degree setback regulation (which had been copied from Hong Kong). Most of these ideas were rejected by the government, which settled on a more conservative plan, but in any case, none of the ZAPE plans were ever gazetted in the *Boletim Oficial*, so they had no legal status. Building permits continued to be issued for projects that contravened the guidelines.<sup>10</sup> Once it became clear that the shops along the colonnaded pedestrian streets were not commercially successful (at first, anyway), developers simply refused to include them. Those colonnades that had been built were legally required to be decorative, not structural: as the reclaimed land continued to settle, the columns began to detach from the ground, leaving them visibly hanging from the cantilevered eaves above.

By the 1980s, the horticulture had mostly disappeared from ZAPE. A few more hotels were constructed by STDM, but they were unable to relocate the remaining squatters to clear all the land for development. The government and STDM procrastinated until Tavares went to the Guia Lighthouse and took panoramic photos of the entire ZAPE area, showing the extent of squatter dwellings and vegetable gardens. He gave copies to the government (recommending that existing squatter dwellings be catalogued and any new ones be demolished), to Chinese community leader Ho Yin, and Stanley Ho. More land was cleared, but even so, STDM held on to most of the empty sites in anticipation of rising prices, causing developers to demand real estate elsewhere. At the same time, the Secretary of Education was complaining about the lack of funding for schools, so Tavares (appointed by the governor to the Macao Legislative Assembly between 1979 and 1983) handed him a map of the Macao Peninsula on which he had scribbled dollar signs in the water adjacent to ZAPE, and declared that far more reclamation would be needed

to expand the territory and bring in more money. The government began producing plans for huge platforms of new land extending around the entire eastern coast. Jon Prescott, sponsored by Goodyear Investors, produced a proposal titled ‘Macau New Town’ for an area approximately where NAPE is located today, but containing mostly cultural facilities, and British practice GMW Architects (working for an unknown developer) designed a ‘New Bridge Neighbourhood’ of linked modernist slabs adjacent to the Hotel Lisboa Macau. None of these plans were implemented, but they no doubt inspired the increasingly ambitious proposals that were to follow.

### AREIA PRETA AND NOVOS ATERROS DO PORTO EXTERIOR (NAPE)

In 1975, Eduardo Tavares, on his own initiative, produced a model for the reclamation and development of Areia Preta, in the northeast of the peninsula, using a grid similar to historical Iberian cities. He presented it to the governor as an industrial and commercial centre that would foster entrepreneurial activities, modelled on Singapore. Tavares later took him on a tour of Singapore to show the intended outcome. The governor was sufficiently impressed to appoint four architects (Manuel Vicente, José Maneiras, Nuno Jorge, and José Pereira Chan) to design a masterplan for Areia Preta. It was summarily rejected by the investor, China Resources, a mainland corporation with offices in Hong Kong, because it contained more space for roads and plazas than buildings. They appointed British planning office Binnie and Partners to produce a new masterplan, which was approved but cancelled after the governor’s departure to Portugal. China Resources then abandoned the project, and the Areia Preta development was restarted by the new governor (Almeida e Costa) with a new investor (China Construction). In 1982, under the direction

## ARQUITECTURA



Fig. 1: Early sketch of NAPE and Praia Grande by Alvaro Siza (1983). Courtesy of P&T Group.

of Almeida e Costa, Carlos Couto, and Direcção dos Serviços de Solos, Obras Públicas e Transportes (DSSOPT, Land and Urban Construction Bureau) director Barreiros Cardoso, Areia Preta became one of the four government-sponsored international tenders: Avenida de Almeida Ribeiro (the historical centre), Areia Preta, Praia Grande, and NAPE.

Ten teams were invited to make submissions for NAPE, a development adjacent to ZAPE that was to contain a mixture of residential, commercial, social, cultural, and leisure facilities. The third prize was awarded to O.BS Arquitectos, the office of António Bruno Soares and Irene Ó. From 1978 to 1980 Bruno Soares worked in the department of public works, and O.BS had been involved

in the heritage committee, so their NAPE plan emphasised reconciliation of the contradictions between preservation and development. With reference to historical Portuguese cities, the central idea was to metaphorically ‘mirror’ places in the Macao Peninsula — street networks, public squares, building volumes, and so on — though in most cases the reflections were also enlargements because the older areas had not been designed for automobiles. The plan was ordered by a central axis and some secondary axes with many green areas, including most of the waterfront. The scale and layout of blocks were adjusted to create view shafts, particularly to allow visibility of the Fortress Mount and the Guia Lighthouse when arriving by sea.



## ARCHITECTURE



Fig. 2: First proposal for NAPE, Ferry Terminal, and Areia Preta (1984). Courtesy of P&T Group.

The second prize went to Manuel Vicente and Paulo Sanmarful. Their project was also a response to the existing situation, a sampling of elements from the traditional urban fabric of Macao and elsewhere in an attempt to create variety and diversity. With characteristic wit, Vicente spelled out ‘MACAU’ in the shapes of a cluster of buildings in a corner of the plan, the sloping roofs allowing them to be ‘read’ from the street.

The first prize went to an international team that named themselves Strategic Planning Group, coordinated by Tavares and comprising Palmer & Turner (architecture), Euroconsult (territorial analysis), Deloitte Haskins & Sells (real estate consulting), Maunsell Consultants Asia, Collier

Petty Chartered Surveyors, and Gabinete de Estudos Técnicos (infrastructural services). Strategic Planning Group also won the tenders for Avenida de Almeida Ribeiro and Areia Preta. Though these designs were implemented, they underwent radical changes between the 1982 tenders and the final approved versions.

The director of Palmer & Turner (now known as P&T Group) was Japanese–Canadian architect James Kinoshita, but Eduardo Tavares convinced him to bring in Álvaro Siza Vieira as a design consultant. Already an internationally noted architect, Siza was only ten years away from winning the Pritzker Prize, the highest award in the field of architecture. Having received Kinoshita’s approval, Tavares then went to Portugal to convince Siza to come to Macao. He agreed, with the proviso that he would be accompanied by Fernando Távora (1923–2005), his former professor and an expert on dealing with historical contexts, as well as the young Portuguese architects António Madureira and Eduardo Souto de Moura (the latter also a future Pritzker winner).

The Avenida de Almeida Ribeiro tender focused on heritage preservation and adaptive reuse of old buildings, partly because a construction boom (largely a consequence of increasing investment from China) was causing so many of them to be demolished. Távora focused on the heritage areas while Siza focused on the new expansions, but they engaged in productive discussions throughout. In fact, the principles of Siza’s large-scale urban proposals were based upon Távora’s typological and morphological analyses of the existing small-scale situation.<sup>11</sup>

Siza made many visits to Macao, during which he made sketches of the essential features of the urban fabric and the geography. While back in Portugal, he continued to draw from memory. Siza was then interested in traditional Chinese paintings and landscapes as expressions of human interventions in nature, such as terraced rice paddies, and his early

## ARQUITECTURA

sketches suggest a symbiosis of artificial structures and natural topography.

The basic design was set during an initial brainstorming session with the entire team. Siza proposed geometric platforms on the water, separated from the existing city by canals to preserve the profile of the coastline. His precedents were Iberian but not necessarily Portuguese. Though Portuguese colonial cities were typically located in steep, rugged territory and incorporated existing natural elements, as does Macao, Siza was being asked to design new urban areas on open, flat land. On a recent trip to South America, he had been impressed by Spanish colonial cities from the sixteenth century (contemporaneous with the Portuguese founding of Macao), which were typically set on open, flat land, and used precise rules for the street grid, invariably 144m square, and the distribution of activities. This same model had been used for the reconstruction of Lisbon after the 1755 earthquake and in Ildefons Cerdà's plan for the extension of Barcelona in 1859. Siza believed that the scale of the Iberian grid enabled a balance of specificity versus neutrality that had easily absorbed programmatic changes over the centuries. His reference was a newly published book<sup>12</sup> on Spanish colonial cities, provided to him by Eduardo Tavares.

Siza proposed very wide boulevards, and his sketches tested the effects of clashes between the regular grid and existing natural or artificial elements, thereby giving rise to what he called 'Small Broadways' (alluding to the superimposition of the diagonal line of Broadway on the orthogonal grid of Manhattan). Siza also made studies of the balance between the street grid and the eclectic architecture it would surely have to accommodate. In Távora's words, 'the force of form overcomes the uncertainties of the program'.<sup>13</sup> Asserting that Hong Kong Island can accommodate far higher buildings than Macao because the mountain backdrop is correspondingly

higher (Hong Kong's Victoria Peak is 554m above sea level, but the highest point in Macao is Guia Hill, only about 90m above sea level), Siza proposed height limits to avoid obscuring the hills.

Areia Preta is near an orthogonal grid expansion carried out in the 1940s, so the Strategic Planning Group developed a system of roads set on a 144m grid, with each building occupying a 120m square. The maximum site coverage was set at 75% and the maximum depth of the building volumes at 18 metres, thereby defining the minimum dimensions of the inner courtyards, of which 50% of the area was to be green space with direct access from the street. Though the project was similar to Tavares's proposal in 1975, the buildings were converted to mostly residential use.

Adjacent to the hotels and casinos of ZAPE, Siza proposed rectangular blocks with chamfered corners, 144m x 60m, which he considered to be a better fit for the dimensions of the new land and the greater programmatic variety it would contain, also allowing the possibility of covering an entire block with a single building. A height limit of 22 metres was set by calculating the quantity of floor area that had to be provided. Some grid sections were to be green areas, notably for the continuation of the ZAPE park (Comendador Ho Yin Garden) with a new linear strip (Dr. Carlos d'Assumpção Park) reaching the waterfront. The ferry terminal was designed as a long platform on piles, projecting at an angle that would give approaching ferries a direct view of Guia Hill and the lighthouse. Between NAPE and Areia Preta, in the approximate location of the current ferry terminal, there was to be a square platform for luxury housing and a recreational marina.

When the finalised NAPE plan was presented to the government in the summer of 1984, it met protests from the public and harsh criticism from many other architects, particularly those in the circle

## ARCHITECTURE

of Manuel Vicente (who publicly condemned it as a ‘Tibetan village’). The buildings and boulevards were considered too large for Macao, and the repetitive grid was too rigid, lacking the diversity of urban spaces purportedly appropriate to local life. Many of the architects in the P&T Group team privately agreed with these assessments of Siza’s design.

Nonetheless, the project was approved and the government awarded the tender for the first phase of reclamation in 1985. Stanley Ho then complained that two of his ZAPE hotels, set adjacent to each end of NAPE (the Lisboa and the Mandarin, now called the Artyzen Grand Lapa), would have their views blocked, and more importantly, their *feng shui* disrupted. He demanded that both ends of the projected reclamation be sliced away, making it more or less square. Intimidated by (or complicit with) Ho’s political and financial influence, the government requested a review of the plan at the reduced size, which was carried out by AisaConsult and submitted in 1987.

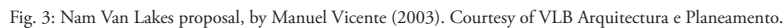
At P&T Group, the project was now being led by Portuguese architect Miguel Campina Ferreira, who arrived in Macao in 1984. He adjusted the first phase of construction to fit this revised area, leaving open the possibility of a second phase of reclamation that would return it to the original size.

Initially, NAPE land parcels had been sold at fixed prices, but after the reclamation began they were put up for auction. Prices escalated immediately, and speculators started to make absurd profits. The Chinese company in charge of the reclamation work had been given ownership of some of the blocks as partial compensation, and they began to ask for changes to the rules. Firstly, they insisted on raising the height limit, claiming that 22m-high buildings would not be commercially viable. Secondly, they asserted that Siza’s typology of perimeter slabs around street-level courtyards was inappropriate for the local market and asked to build the more

usual model of apartment towers atop podiums containing shops and car parking (in truth, they wanted all the regulations revoked, leaving open land to develop as they liked). The government saw the huge investment potential of NAPE and demanded the architects to find a solution that would provide more floor area, initiating a second review of the plan in 1989. Siza was against increasing the height of the buildings, but Campina argued that it was the only way to save the essence of the original project — that is, the grid and outdoor spaces. They grudgingly started to revise the plan, with Campina focused on the buildings and Siza on the public areas. Though NAPE was intended to introduce a new architectural and urban typology for Macao, Campina’s compromise entailed keeping the street layout while allowing the buildings to conform to existing Macao laws. This revealed the Achilles heel of Siza’s plan: the 24m-wide boulevards combined with the 76-degree setback regulation permitted the buildings legally to rise as high as 80m. Campina lifted the courtyards from street level to the tops of three-storey podiums and divided the perimeter buildings into two types: U-shaped residential slabs and rectangular commercial towers. The developers were still dissatisfied but no longer had grounds for complaint.

Even this huge increase in floor area was not enough. On the Christmas Eve in 1990, Campina received a phone call from a government official demanding that an entire extra row of buildings be added along the southern edge, replacing Siza’s broad waterfront park. Campina replied that he was not going to act based on a phone call and asked for the request in writing. He was informed that this phone call was all he would receive, and it was non-negotiable. The next day Campina wrote a letter setting out the changes as he understood them, which he faxed to the government for confirmation and Siza for approval. The extra row of buildings





## PRAIA GRANDE

proposed to develop the stretch of Praia Grande between Boa Vista Hotel and Hotel Lisboa Macau, enclosing the bay with a tropical garden that sloped down to a new lake containing artificial islands, and lining the waterfront with cafes and boutiques. The government tender in 1982 asked only for the creation of a new freshwater lake, which is all that Strategic Planning Group proposed, thereby losing the tender to Manuel Vicente, whose design comprised a complex curvilinear geometry with many areas allocated for buildings. Upheavals in the government over the following years led to the cancellation of the entire Praia Grande project, but the sudden increase in land prices in the late 1980s revived interest in further expanding the waterfront. Under pressure from Ma Man Kei (1919–2014), a politician and entrepreneur with interests in the construction industry, the Macao government

## ARCHITECTURE

decided not to revive the Manuel Vicente project and instead opened a new tender for Praia Grande. This time the competition was won by P&T Group, working on behalf of Ma Man Kei. But a few days after the results were publicly announced, the project was suddenly and without explanation reassigned to Manuel Vicente, who was working on behalf of Stanley Ho. With STDM gaining the rights to develop the new land at Praia Grande, the *feng shui* problems at NAPE miraculously disappeared, and Ho gave his approval for NAPE to revert to its original size, with the proviso that STDM must also be given the rights to the extra land.

This triggered further conflict between Vicente and Siza. For Siza, the extra strip of land at the west edge of NAPE was merely the restoration of the original NAPE plan, whereas for Vicente it was a new development area under his jurisdiction. Vicente made several proposals for alternative street and block layouts, but finally, the government stepped in and determined that, though STDM owned the land, they had to follow the Siza grid. Vicente's plan for the rest of Praia Grande was published in the *Boletim Oficial* to put it unequivocally at STDM's disposal. As a pretext to make this seem part of a general government strategy and not favouritism toward a particular individual or group, the NAPE and Areia Preta plans were published in the *Boletim Oficial* at the same time.

A public-private entity called the Nam Van Lakes Corporation was established to administer development in Praia Grande, but the area languished for years. In 2003, Vicente was asked again to revise the design. Now working in a partnership with Rui Leão and Carlotta Bruni as VLB Arquitectura e Planeamento, he produced Nam Van Square adjacent to Macao Tower (designed by New Zealand architect Gordon Moller), as well as an urban park under the third bridge, which included an unbuilt proposal for a Dragon Boat viewing stand.

Eduardo Tavares, together with Peter Cookson Smith of URBIS, continued to make unsolicited, optimistic proposals for all of these areas, including a marina beside NAPE and a festival market near Praia Grande, neither of which were built, but ultimately inspired the creation of the Fisherman's Wharf tourist development, designed by Carlos Couto. Tavares also proposed four new islands between the peninsula and Taipa: an 'arts' island, an 'ecology' island, a 'spirituality' island (subdivided into four islets for Christianity, Buddhism, Hinduism, and a meditation centre), and an island for conventions and exhibitions, all of which remained unbuilt.

In 2001, with the imminent expiry of Stanley Ho's casino monopoly, the government decided that the bidding for gaming concessions would be opened to international corporations. Provisional licenses were issued to Las Vegas Sands, MGM, and Wynn in 2002, with the remaining unbuilt areas in NAPE proposed as the best locations for new casinos. That year Sheldon Adelson, chairman of the Las Vegas Sands Corporation, visited Macao together with Las Vegas architect Paul Steelman. They were shown the triangular stretch of the open water between the two roads at the east edge of NAPE, and Adelson immediately told Steelman he wanted a casino there within a year. Steelman was a little slow: though he and his colleague Steve Anderson produced the concept plans and renderings in one week, it was a full 16 months later that the Sands Macao opened, sitting on deep piles but contiguous with the reclaimed land of NAPE.

At the west side of NAPE, STDM built placeholder sheds on the 12 plots defined by the Siza street grid, but in 2004 these were consolidated into two huge lots. STDM leased one to MGM for a casino development under the control of Stanley Ho's daughter Pansy and sold the other to Steve Wynn for USD900 million. Over the next few years, the NAPE masterplan regulations (in terms of



## ARQUITECTURA



Fig. 4: COTAI model by Eduardo Lima Soares (1992). Courtesy of Eduardo Lima Soares.

scale and programme) were repeatedly contravened by the constructions of the Wynn (2006), MGM (2007), StarWorld (2007) and L'Arc (2009) casinos. In response to public outcry, the government simply repealed the masterplan, then symbolically ended the autonomy of NAPE by refilling the canal dividing it from ZAPE, turning it into a long, thin public park called Jardim das Artes.

#### COTAI (ATERROS TAIPA-COLOANE)

The other major reclamation project initiated in the 1990s was Cotai, six square kilometres of new territory that merged the islands of Taipa and Coloane into a single landmass. The islands were first physically connected in 1968 by a two-kilometre-long causeway called the Estrada do Istmo (Isthmus Road), which was widened over the decades into a multilane highway. In 1989, Eduardo Tavares asked Campina and P&T Group to design a landfill between Taipa and Coloane that included a new institution he called Macao Institute of Technology (MIT). Nothing immediately came

of this, though the MIT plan might be seen as the precursor to Macau University of Science and Technology (MUST). In 1992 the government launched a tender overseen by the newly established Gabinete para o Apoio ao Desenvolvimento dos Aterros Taipa-Coloane (GADA) to select the team that would plan a new town named Nova Cidade de Cotai, intended to hold 150,000 residents. Second place went to Manuel Vicente, but the winner was a team led by Eduardo Lima Soares, which included his former employer Jon Prescott and the engineers of AsiaConsult. Prescott was the main driver of the design, and all the drawings were done in his office, coordinated by his employee Mário Neves.

After an initial presentation to the government, which requested substantial revisions, the final design was submitted in 1994. The scale model shows mainly podium-tower typologies, with car parking located underground. To the east is an infrastructural zone incorporating the airport, which was then under construction, a new passenger ferry terminal, and a container port. A strip of parkland



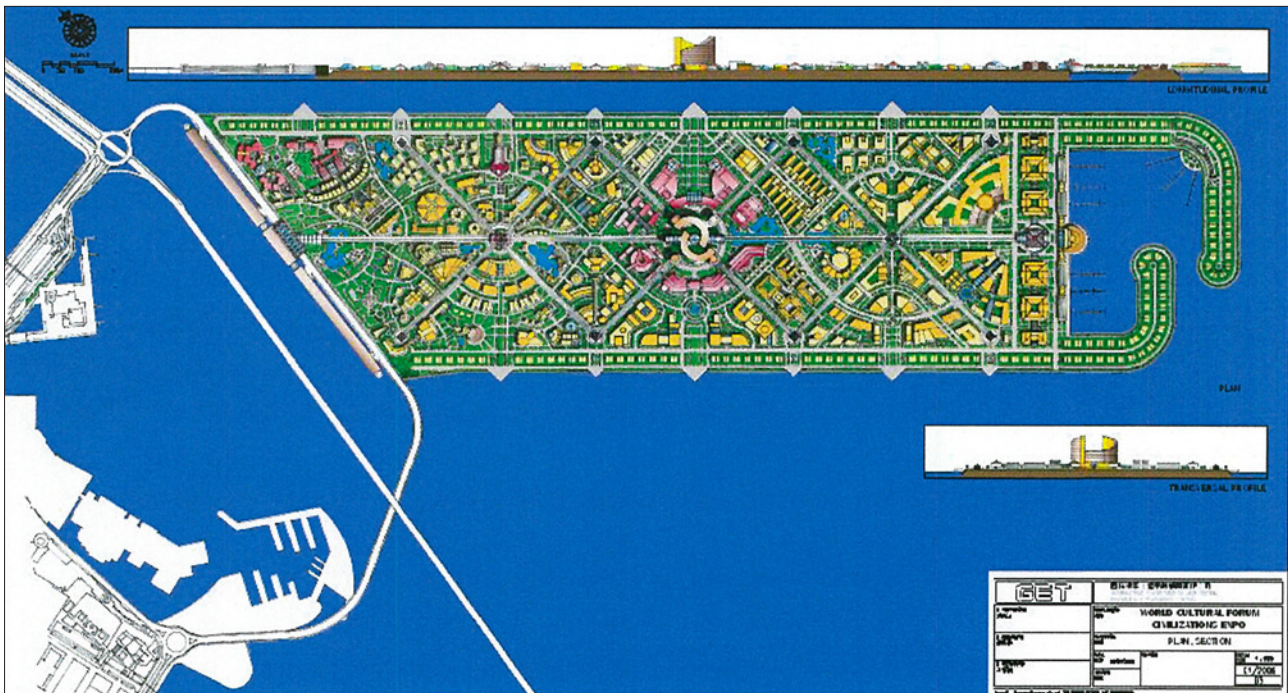


Fig. 5: Eduardo Tavares/GET and Peter Cookson Smith/URBIS, World Cultural Forum Civilizations Expo proposal (2005). Courtesy of Eduardo Tavares.

separates this from the central zone, which contains relatively large building volumes for housing and retail. To the north are smaller building volumes and another green area adjoining Taipa. Lima Soares also proposed renovating five early-twentieth-century houses on Taipa's Avenida da Praia (which was carried out in 1999, to the design of architect Maria José de Freitas). To the west, adjacent to the Lotus Flower Bridge linking Cotai to Hengqin Island, there was to be a tourist complex named 'Mega City', which contained a hotel and convention hall, a theatre, a swimming pool, a golf course and tennis courts, not to mention an artificial ski slope and an artificial beach.

For the inauguration of Macau Airport in 1995, Portuguese President Mário Soares made a state visit, during which Stanley Ho took the opportunity to present him a scale model of his scheme for Cotai: a leisure zone containing ten hotels, an exhibition centre, and a theme park.

However, an official government publication in 1999 continued to endorse the Lima Soares plan:

[Translation by author] *The dynamic development of the territory imposes the need to develop, in a planned way, new urban spaces that not only meet future urban needs but also allow the implantation of the collective equipment required for the qualification of the social level of the population and that cannot be accommodated by the geographical configuration of the territory. [...] The inter-island area of Taipa-Coloane is the only one in the territory that has the configuration of local characteristics and location of facilities necessary for landfills to satisfy those purposes.*<sup>15</sup>

Nonetheless, after the handover in 1999, the new SAR government began to think about turning Cotai into a casino–resort destination. On 18 July

## ARQUITECTURA

2001, Ao Man Long, Secretary for Transport and Public Works (later incarcerated for corruption), announced a revision of the Cotai masterplan to be overseen by engineer António José Castanheira Lourenço, head of Gabinete para o Desenvolvimento de Infra-estruturas (GDI, successor to GADA). The design team — Eddy Wong (Eddie Wong and Associates), Luís Sá Machado (Machado Perry & Bragança, Arquitectos), and AsiaConsult — completed the revised plan in six months. Similar to the way in which NAPE had been modified, secondary roads were erased to create larger lots for integrated resorts. Most of the housing was cancelled, and the planned hospital relocated to Coloane, with the revised plan justified in a government publication in 2001:

[Translation by author] *The basic concepts of this reformulation are led by a perspective of sustained growth in the Macao SAR economy, through a process of outsourcing with a strong investment in tourism, public works, transport, and infrastructure, meeting needs in terms of education, social, sporting, cultural and leisure facilities, and investing in environmental and landscape protection to permit a good quality of life for the population of the Macao SAR.*<sup>16</sup>

The government presented this new plan to the international gaming licensees, but the only one that shows serious interest was Las Vegas Sands. Having decided on the location of the Sands casino in NAPE, Sheldon Adelson visited the swampy surroundings of the Estrada do Istmo and envisaged a magnificent avenue lined with luxury hotels and casinos, to be known as the Cotai Strip in explicit homage to the Las Vegas Strip. He commissioned US architects Skidmore, Owings & Merrill (SOM) to produce a masterplan in collaboration with

landscape architect EDAW (EDAW was purchased by AECOM Design + Planning in 2005, and fully merged in 2009). Locally, the work was coordinated by Campina, who was now working at MPS, a company he cofounded in 1998. As well as guidelines for building volumes and setbacks, the masterplan emphasised the provision of outdoor public spaces for movement, based on the (mistaken) assumption that visitors would enjoy walking along the strip. There were to be three major public spaces: Water Park, Tropical Garden and Grand Falls, but none were built. In 2007, The Venetian was the first Cotai casino to open, but it turned out to be the only one that followed the guidelines.

In 2005, just as the Cotai reclamation was completed and the Cotai Strip was beginning to take shape, Eduardo Tavares proposed a World Cultural Forum on an enormous strip of land extending into the Pearl River Delta, just north of NAPE. Conceived as a microcosm of human civilisation, the masterplan was a utopian diagram of East meeting West, and a deeply optimistic statement about what Macao might have been. Needless to say, it remains unbuilt.

## MIRAGE CITY

*A map of the world that does not include Utopia is not worth even glancing at, for it leaves out the one country at which Humanity is always landing. And when Humanity lands there, it looks out, and, seeing a better country, sets sail. Progress is the realisation of Utopias.*

Oscar Wilde<sup>17</sup>

In the mid-1990s, at the same time as NAPE was being built and Cotai was being conceived, Japanese architect Arata Isozaki was commissioned by the municipal government of Zhuhai (the Special Economic Zone of Mainland China that borders

## ARCHITECTURE

Macao) to produce a masterplan that would turn the southern part of Hengqin Island into a centre for international exchange. After visiting the site, Isozaki decided instead to propose reclaiming a new island off the coast, which he titled ‘Mirage City’ and described as ‘a Utopia, because a city on the sea evokes a world detached from contemporary political institutions and social conventions’.<sup>18</sup> He intended to avoid a rigid masterplan, instead using a process of discontinuous layering in which each successive intervention reinforces or dilutes the preceding ones.

The elliptical shape and main axes of the island were established using *feng shui* principles and connected with Hengqin Island by two bridges in the configuration shown in the frontispiece of Thomas More’s *Utopia* (1518). The layout of Beijing’s Forbidden City was superimposed on the island’s north–south axis to suggest a central business district. Isozaki also experimented with primitive parametric software, superimposing a web of vectors to create a layout of streets and plazas, and using a genetic algorithm to generate a pattern of building density. His architectural prototypes drew on principles and prototypes he found in China, including traditional typologies of circular and rectangular courtyard housing, and even houseboats.

Isozaki attempted to complicate or attenuate his authorship in various ways. For example, he superimposed the *Campo Marzio of Ancient Rome* (1762), drawn by eighteenth-century Italian printmaker Giovanni Battista Piranesi (1720–1778), on the island to subdivide it into building lots on which 48 international architects were invited to place their designs. He also produced an exhibition in which 12 guest architects and artists were commissioned to produce their masterplans on duplicates of Isozaki’s model, while visitors were encouraged to physically modify another model in the gallery.

The project was never implemented (Isozaki departed once it became clear that he was expected to find investors as well as design the project), though the profile of the island is included in *21<sup>st</sup> Century Macau City Planning Guideline Study*, an independently produced document supervised by Chinese engineer Chui Sai Peng (head of Chui and Associates) and Zhao Bingshi (Dean of City Planning at Tsinghua University).<sup>19</sup> Chui himself produced multiple proposals for southern Hengqin Island, but following an international competition, the commission was given to Australian architecture office Hassell. The design comprises a set of interconnected islands (the basic planning principle is that every point should be no more than five minutes away from the waterfront) totalling 17 square kilometres of business and resort zones. Land reclamation was expected to be completed in about five years, and the rest of the plan was to have been executed incrementally, but again it remains unbuilt.

## INCONCLUSION

[Translation by author] *It’s almost a theme park in the city. [...] I think Macao is a super-stimulating place. One turns a corner and is in another world, moving from the centre to the suburbs.*

Manuel Vicente<sup>20</sup>

This research arose out of a fascination with the special, if not unique, characteristics of Macao, which dates to my first visit to the region. In 1996, three years before the handover of Macao, I travelled across the Pearl River Delta, starting from Hong Kong, moving up through Shenzhen to Guangzhou, then down the other coast to Zhuhai and across the border into Macao. NAPE was then under construction, and it was an astounding sight: a new urban district taking shape on the water.



## ARQUITECTURA

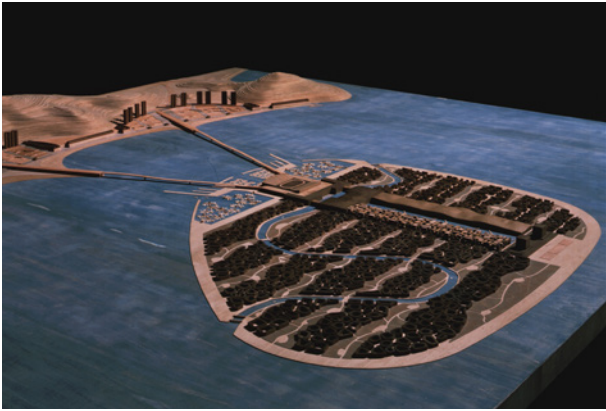


Fig. 6: Mirage City model by Arata Isozaki (1995). Courtesy of Arata Isozaki Atelier.

The level of ambition, and the money available to realise that ambition, immediately showed me that Macao could be a laboratory for radical experiments in urban design, literally based on the constant creation of new land. Witnessing the compromises and unfulfilled hopes for NAPE, and seeing the various proposals for the development of new landfills over the following decade eventually led to tracing their history back to the earliest days of Portuguese settlement in Macao.

Rather than a layered accumulation of buildings and public spaces within a defined territory, the growth of Macao over its five-century history has seen it gradually expanding into the Pearl River while simultaneously merging into a physically continuous landmass. In the process, it has become a patchwork of distinct urban conditions: the baroque axes and plazas of the Portuguese influence in the city, the labyrinthine alleys and patios of the Chinese neighbourhoods, the parallel strips of the waterfront warehouses and factories, the gridded and colonnaded high-rise commercial districts, the concentric podium-and-tower luxury housing projects, and the hermetic mega blocks of the integrated resorts. As growth rings on a tree trunk, these neighbourhoods may be physically contiguous, but they reflect environmental shifts and

discontinuities during the city's growth. The streets of Macao are consequently less a visual cacophony of scales, styles, functions, and periods than they are a set of relatively coherent neighbourhoods separated by abrupt, almost cinematic transitions: jump cuts, zooms, pans, split-screen juxtapositions, and multiple exposures.

Whether ambitious policies to regain economic superiority over Hong Kong, schemes to enrich rival developers and satisfy the egos of rival architects, sincere attempts to relieve congestion in Macao's old residential neighbourhoods and keep pace with immigration-fuelled population growth, or quixotic, visionary projects to create new worlds, invariably the original intentions of these land reclamation projects have compromised or negated by the exigencies of politics and economics. This is not necessarily a bad thing. The endless struggle between creative inspiration and commercial pressure is what gives vitality to any metropolis, and results will always balance economic success against civic amenities and environmental quality.

With a gambling industry that is many times more profitable than that of Las Vegas, and greater financial reserves than Switzerland, Macao today has the ability and freedom to speculate on (and realise) new types of urban life. However, the speed of development is causing recent history — which includes the unbuilt as well as the built — to be forgotten or overlooked. Macao still has the potential to become an urban paradigm for the region, if not the world, but conjectures on its possible futures can and should learn from its possible pasts. **RC**

## ACKNOWLEDGEMENTS

The author wishes to thank M+ and the Design Trust for the financial and institutional support that made this research possible, and is also grateful to the librarians at the University of Saint Joseph, the University of Lisbon, the University of Porto, the Colonial Archive

## ARCHITECTURE

in Lisbon, the Archives of Macao, and Arata Isozaki Atelier. Many others generously shared their time and knowledge: João Afonso, Carlotta Bruni, António Bruno Soares, Miguel Campina Ferreira, Carlos Couto, Eduardo Flores, Manuel Graça Dias, Arata Isozaki, Rui Leão, Rita

Machado, António Madureira, Ana Neiva, Mário Neves, Pedro Ravara, Nuno Rocha, João Santa-Rita, Álvaro Siza Vieira, Nuno Soares, Eduardo Tavares da Silva, Adalberto Tenreiro, Filomena Vicente, Lourenço Vicente, and Francisco Vizeu Pinheiro.

## NOTES

- 1 See Adolpho Loureiro, *O Porto de Macau: Ante-Projecto para o Seu Melhoramento* (Macao: Imprensa da Universidade, 1884).
- 2 See Hugo de Lacerda, *Macau e Seu Futuro Porto* (Macao: N. T. Fernandes e Filhos, 1922) and *Apontamentos Gerais sobre as Obras dos Portos de Macau* (Macao: Direcção das Obras dos Portos, 1927).
- 3 Hugo de Lacerda, “A Valorização do Nôvo Porto de Macau como Base de Maior Ressurgimento da Colónia,” Congresso Colonial Nacional, Lisbon, 9 April 1930.
- 4 See Manuel Teixeira, *Marinheiros Ilustres Relacionados com Macau* (Macao: Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988).
- 5 See Geoffrey C. Gunn, ed., *Wartime Macau: Under the Japanese Shadow* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2016).
- 6 Leopoldo de Almeida, “Notas de Uma Viagem a Macau,” *Revista Arquitectura*, vol. 3, no. 84 (November 1964): 131–138.
- 7 See Raquel Ochoa, *Manuel Vicente: A Desmontagem do Desconhecido* (Macao: Instituto Internacional de Macau, 2017).
- 8 Maria Calado, Maria Clara Mendes, and Michel Toussaint, “Macau: Memorial City on the Estuary of the Pearl River,” *Review of Culture* (English Edition), no. 36–37 (1998): 111–197.
- 9 See Jon Prescott, *Macaensis Momentum: A Fragment of Architecture. A Moment in the History of the Development of Macau* (Macao: Hewell Publications, 1993).
- 10 Mário Neves, “Entrevista com Jon Prescott,” *Arquitectura: Revista da Associação dos Arquitectos de Macau*, no. 4 (July/August 1992): 30–35.
- 11 Angelillo António, “Plano de Urbanização de Macau: Descrição de Álvaro Siza e Fernando Távora,” *Architècti*, no. 5 (July 1990): 22–29.
- 12 See Dora P. Crouch, Daniel J. Garr, and Axel I. Mundigo, *Spanish City Planning in North America* (Cambridge, MA: The MIT Press, 1982).
- 13 Peter Testa and Peter Brinckhert, “Il Piano di Macao: Progetti di Álvaro Siza Viera,” *Casabella*, vol. 53, no. 559 (July/August 1989): 4–26.
- 14 Governo de Macau, *Boletim Oficial de Macau 2.º Suplemento* (18 April 1991).
- 15 See Gabinete para o Apoio ao Desenvolvimento dos Aterros Taipa-Coloane, *COTAI, a Nova Cidade no Território de Macau: Futuros Aterros Inter-Ilhas Taipa-Coloane—Plano de Urbanização, Ligações Rodo e Ferroviárias à RPC* (Macao: GADA, 1999).
- 16 See Gabinete para o Desenvolvimento de Infra-estruturas, *Reformulação do Plano Director de COTAI* (Macao: GDI, 2001).
- 17 Oscar Wilde, “The Soul of Man Under Socialism,” *Fortnightly Review*, no. 290 (February 1891): 292–319.
- 18 Akira Asada and Arata Isozaki, “Haishi Jimua,” in *Anywise*, ed. Cynthia Davidson (Cambridge, MA: The MIT Press, 1996), 24–31.
- 19 See Lam Iok Fong, ed., *21世紀澳門城市規劃綱要研究 21<sup>st</sup> Century Macau City Planning Guideline Study* (Macao: Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau, 1999).
- 20 Manuel Vicente, “Os Olhos de Manuel Vicente,” *Revista NU*, no. 16 (2004): 18.

## BIBLIOGRAPHY

- Almeida, Leopoldo de. “Notas de Uma Viagem a Macau.” *Revista Arquitectura*, vol. 3, no. 84 (November 1964): 131–138.
- António, Angelillo. “Plano de Urbanização de Macau: Descrição de Álvaro Siza e Fernando Távora.” *Architècti*, no. 5 (July 1990): 22–29.

## ARQUITECTURA

- Asada, Akira, and Arata Isozaki. "Haishi Jimua." In *Anywise*, edited by Cynthia Davidson, 24–31. Cambridge, MA: The MIT Press, 1996.
- Calado, Maria, Maria Clara Mendes, and Michel Toussaint. "Macau: Memorial City on the Estuary of the Pearl River." *Review of Culture* (English Edition), no. 36–37 (1998): 111–197.
- Crouch, Dora P., Daniel J. Garr, and Axel I. Mundigo. *Spanish City Planning in North America*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1982.
- Gabinete para o Apoio ao Desenvolvimento dos Aterros Taipá-Coloane (GADA). *COTAI, a Nova Cidade no Território de Macau: Futuros Aterros Inter-Ilhas Taipá-Coloane – Plano de Urbanização, Ligações Rodo e Ferroviárias à RPC*. Macao: GADA, 1999.
- Gabinete para o Desenvolvimento de Infra-estruturas. *Reformulação do Plano Director de COTAI*. Macao: GDI, 2001.
- Governo de Macau. *Boletim Oficial de Macau 2.º Suplemento* (18 April 1991).
- Gunn, Geoffrey C., ed. *Wartime Macau: Under the Japanese Shadow*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2016.
- Lacerda, Hugo de. *Apontamentos Gerais sobre as Obras dos Portos de Macau*. Macao: Direcção das Obras dos Portos, 1927.
- \_\_\_\_\_. *Macau e Seu Futuro Porto*. Macao: N. T. Fernandes e Filhos, 1922.
- \_\_\_\_\_. "A Valorização do Nôvo Porto de Macau como Base de Maior Ressurgimento da Colónia." Congresso Colonial Nacional, Lisbon, 9 April 1930.
- Lam, Lok Fong, ed. *21世紀澳門城市規劃綱要研究 21<sup>st</sup> Century Macau City Planning Guideline Study*. Macao: Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau, 1999.
- Loureiro, Adolpho. *O Porto de Macau: Ante-Projecto para o Seu Melhoramento*. Macao: Imprensa da Universidade, 1884.
- Neves, Mário. "Entrevista com Jon Prescott." *Arquitectura: Revista da Associação dos Arquitectos de Macau*, no. 4 (July/August 1992): 30–35.
- Ochoa, Raquel. *Manuel Vicente: A Desmontagem do Desconhecido*. Macao: Instituto Internacional de Macau, 2017.
- Prescott, Jon. *Macaensis Momentum: A Fragment of Architecture. A Moment in the History of the Development of Macau*. Macao: Hewell Publications, 1993.
- Teixeira, Manuel. *Marinheiros Ilustres Relacionados com Macau*. Macao: Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988.
- Testa, Peter, and Peter Brinckhert. "Il Piano di Macao: Progetti di Álvaro Siza Vieira." *Casabella*, vol. 53, no. 559 (July/August 1989): 4–26.
- Vicente, Manuel. "Os Olhos de Manuel Vicente." *Revista NU*, no. 16 (2004): 18.
- Wilde, Oscar. "The Soul of Man Under Socialism." *Fortnightly Review*, no. 290 (February 1891): 292–319.





*Kina, Kinesisk hamnbild föreställande antingen Macao; Praia Grande, bukten på Macaohalvöns östra sida eller Whampua/Pazhou. Tusch på rispapper under glas, sent 1700-tal. Sjöhistoriska museets, S6093.*



## *Contos de Ou Mun* de António Correia

JORGE BRUXO\*, LURDES ESCALEIRA\*\*

RESUMO: Esta reflexão permite-nos concluir que António Correia registou, em forma de contos breves, cenas da sociedade de Macau em que, por vezes, participa como autor-narrador, podendo esta obra ser considerada uma radiografia datada da sociedade de Macau com apontamentos autobiográficos, na medida em que ao expor as nuances sociais, também, frequentemente, se coloca a si próprio como personagem interveniente no desenrolar dos acontecimentos e, não raras vezes, dá a sua opinião e interpretação particular dos acontecimentos e comportamentos das personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Macaense; *Contos de Ou Mun*; Tradução.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é um breve estudo da obra *Contos de Ou Mun*<sup>1</sup> de António Correia, editada pela primeira vez em 1996, assentando na segunda edição, publicada em versão bilingue português–chinês no ano de 2020, na qual foram incluídos mais cinco contos: ‘Alvorada Intemporal’, ‘Tufão e Bonança’, ‘A Oferenda’, ‘Corrupção Revolucionária’ e ‘Carne de Cão’.

Saiu do prelo pela vez primeira no ano de 1996, sob a chancela de Livros do Oriente, com prefácio de Orlando Neves, recolhendo as narrativas, em forma de conto, da autoria de António Correia, anteriormente publicadas na *Revista Macau*.<sup>2</sup> Mas a primeira edição não incluiu todos os contos, tendo deixado de fora ‘Alvorada Intemporal’, ‘Tufão e Bonança’, ‘A Oferenda’, ‘Corrupção Revolucionária’

e ‘Carne de Cão’, publicados na referida revista, em Janeiro, Abril, Maio, Setembro e Outubro de 1995.

A segunda edição,<sup>3</sup> contém todo o acervo das vinte peças literárias, bem como uma aprimorada tradução em língua sínica, abrindo-se assim às comunidades chinesas e ao vasto mundo de culturas lusas, tendo um novo e artístico grafismo de grande beleza, que torna a obra duplamente aprazível ao leitor. Obra comentada por alguns estudiosos, como Orlando Neves e José Carlos Seabra Pereira,<sup>4</sup> *Contos de Ou Mun* foi merecedora de reedição melhorada e ampliada, ressaltando-se que a escrita pode qualificar-se de literariamente excelente, baseando-se o presente artigo na segunda edição.

Sendo esta uma versão bilingue importa indagar sobre o processo de tradução e as estratégias usadas para transmitir, de forma o

\* Jorge Bruxo é mestre em Língua e Cultura Portuguesa pela Universidade de Macau. Actualmente, é professor aposentado da Universidade Politécnica de Macau.

\*\* Lurdes Escalera é doutorada em Didáctica de Línguas pela Universidade do Porto. Actualmente, é professora na Universidade Politécnica de Macau.

Jorge Bruxo received his M.A. in Portuguese Language and Culture from the University of Macau. Currently he is a retired professor in the Macao Polytechnic University.

Lurdes Escalera holds a Ph.D. in Didactics of Languages from the University of Porto. She is currently a professor in the Macao Polytechnic University.

mais fiel possível, as especificidades da escrita em português e a sua versão para a língua chinesa (chinês tradicional), sendo este binómio linguístico de um completo distanciamento tanto em termos fonéticos como gramaticais. Tratando-se de uma tradução literária, o desafio assume contornos mais exigentes com destaque para a necessidade de o tradutor compreender o contexto histórico, geográfico e cultural para que remete a obra. Neste caso, a tradutora de *Contos de Ou Mun* é detentora de características especiais, bilingue e bicultural, reflectindo-se numa tradução de elevada qualidade e fiel ao espírito do original.

Esta colectânea de vinte peças literárias com diferentes personagens, algumas delas aparecendo em mais de um conto, alcança uma unidade em que a figura maior é a própria cidade de Macau, personagem colectiva central, omnipresente e retratada em perspectivas várias de que são inseparáveis o autor-narrador e as suas circunstâncias, numa visão autodiegética e simultaneamente de crítica não negativista, por vezes um pouco mordaz e eivada de fina ironia. São retratadas situações, lugares e pessoas com vidas sofridas em que se enxergam muitos tipos de reacções e resiliências individuais e sociais nesse pequeno microcosmo que era a Macau dessa época, o último quartel do século XX.

Em *Contos de Ou Mun*, '[o] título sugere o que depois efectivamente se depara no livro: breves narrativas realistas de espaço e de costumes, onde uma personagem telúrica e colectiva avulta por detrás ou em torno das demais personagens individuais e grupais — a cidade de Macau [...]'.<sup>5</sup> Orlando Neves acrescenta que '*Contos de Ou-Mun* não são uma obra local. Participam, exemplarmente, de uma reflexão universal'.<sup>6</sup>

Estas narrativas pictóricas romanceando traços individuais e sociais de evidente realismo, por diversas vezes eivado de poesia, retratando Macau num determinado tempo histórico com

personagens chinesas, portuguesas, macaenses e outras como russas ou vietnamitas, para além do seu valor literário, constituem um contributo assinalável para a compreensão da história social dessa época no minúsculo território chinês, então sob administração portuguesa.

### OS CONTOS, CONTO A CONTO — 'ALVORADA INTEMPORAL'

'Alvorada Intemporal' debruça-se sobre a viagem inaugural do autor-narrador na travessia nocturna entre os portos de Hong Kong e de Macau. Neste ambiente de negrume e luz coada o autor segue caminhos sobretudo introspectivos.

Gemendo sua velhice, o *ferry* termina a fluvial travessia atracando no Porto Exterior, onde o narrador desembarca num tosco barracão de madeira, similar ao da cidade de partida e os dois dignos dos melhores cenários do *Far West* americano.

Durante a interminável viagem António Correia evoca, no seu íntimo, a memória dos portugueses de antanho, como Jorge Álvares e Tomé Pires, que o antecederam nas aventuras ultramarinas e fica roído pela saudade da família deixada em Lisboa. É nesse ambiente que conhece Zé Salvado, um velho colono que se dá a conhecer, lhe relata a sua aventura de vida e, de imediato, o convida para almoçar em sua casa, circunstância que vai originar matéria para o conto 'O Arroz Está Caro'. Aliás este personagem surge em vários contos, embora em alguns apenas de raspão. O auto-retrato exibido por Zé Salvado, além de realismo no traço, tem outrossim o mérito de nele se poderem rever vários outros 'zés-salvados', presos entre as amarras das pessoas e locais dos seus passados juvenis e as âncoras lançadas na terra macaense aonde seus fados os conduziram.

De referir que Salvado se apresenta como pai de quinze filhos, alguns já casados e com descendência, mas três deles 'ainda pequenos... até uma pequenita



## RECENSÃO

que é um encanto e tem seis meses'.<sup>7</sup> E é por causa dessas amarras familiares que parece nunca mais querer voltar a Portugal.

### 'TRÊS DÓLARES'

'Três Dólares' retrata episódios característicos da chegada, pela vez primeira, de um português europeu a Macau nos idos da segunda metade do século passado, recordando que o nosso escritor aportou à terra da Deusa A-Má no ano de 1980, já depois da inauguração da Ponte Nobre de Carvalho (Outubro de 1974) e dos efeitos da realidade política vivida em Portugal e em Macau em consequência do 25 de Abril de 1974.

Os diálogos em busca de um hotel são travados, numa mistura de português, cantonense e inglês, entre o narrador e o condutor de um riquexó. O equívoco das palavras, especialmente da palavra dólar, que em Macau significa tanto a moeda americana como a local pataca ou o vizinho dólar de Hong Kong, conduzia a situações equívocas e, por vezes, burlescas, como a descrita neste conto.

O ambiente matutino descrito a partir de uma janela do Hotel Sintra é emoldurado de formas poéticas, como aquelas de um amanhecer com 'uma estrada de luz'.<sup>8</sup>

O autor pinta-nos quadros paisagísticos dos tempos da sua primeira chegada, onde se vislumbram traços poéticos do poeta que Correia nunca deixa de ser, mesmo quando se socorre da prosa para construir a sua obra. Nesses quadros podemos ver, nomeadamente, o exótico Hotel Lisboa, os palácios do governo e das repartições, o Hotel Bela Vista, tudo encimando a Penha com a sua capela desventrando o céu.

Tal como Jaime do Inso, Camilo Pessanha e outros, também Correia se sente imediatamente seduzido e dominado por este Oriente. Para além do autor-narrador que intervém em diálogos directos, do condutor de riquexó e do administrador da

empresa que contratara o primeiro, também já surge Macau como personagem colectiva evidente que, perpassando em todas as peças do livro, vai ser afinal a personagem mais retratada e dominante do primeiro ao último conto desta obra literária.

### 'O ARROZ ESTÁ CARO'

'O Arroz Está Caro' descreve cenas da recepção franca e calorosa de portugueses radicados em Macau ao autor, abrindo os braços aos que se atrevem a imitá-los, aventurando-se nessas terras a que o destino os conduziu e a que se apegaram porventura para sempre.

Zé Salvado é, em linguagem ainda dessa época, um velho colono, que à sua humilde casa, qual velho palacete brasonado em terras lusitanas, leva o recém-chegado a quem oferece um lauto almoço com a presença de outros convidados, igualmente portugueses radicados que assim atestam o relevante *status* social desta picaresca personagem. Apresenta uma ementa com pratos da tradicional culinária portuguesa, mas que são já resultado da mestiçagem cultural com os sabores do Oriente. Os demais convidados, com convivialidade crescente em consonância com o esvaziamento dos garrafões, eram: Comissário Xico Pereira, ainda no activo da Polícia Marítima, Carlos Mouraria, também com vasta prole e Filipe Mendes, pesado e calvo. Tudo personagens que viviam à sombra da administração pública e geralmente pertenciam à classe média-baixa do funcionalismo público.

Salvado recorda a sua vivência do 'Um, Dois, Três', um evento histórico relacionado com o movimento dos guardas vermelhos na China e que por pouco não colocou nessa altura um ponto final à presença da secular administração portuguesa desse minúsculo território chinês. Nesta evocação, culpa por igual chineses e portugueses e dentro destes os comissionistas, isto é, aqueles que apenas ficavam em Macau os dois ou três anos de uma comissão

## BOOK REVIEW

Fig. 1: Capa do livro *Contos de Ou Mun*.

de serviço, ou seja, aparentemente aqueles que aí foram só movidos por outros interesses e nunca se apaixonaram por Macau. O autor-narrador lembra-se dos tempos vividos em Angola, especificamente em N'Riquinha no Cuando Cubango, onde o capitão da sua companhia militar lhe falara dos episódios por ele vividos em Macau, no 'Um, Dois, Três', em 1966 e 1967.

Na casa de Zé Salvado, em Coloane, este vive com a filharada, com A-Chan com quem é casado e com A-Mei, sua segunda mulher. Pretendia ele que uma terceira, Mui-Mui, se juntasse ao seu harém, mas A-Chan não permitia porque 'o arroz está muito caro!'.<sup>9</sup>

### 'TUFÃO E BONANÇA'

'Tufão e Bonança' descreve os avisos e sinais de

tufão, uns emanados da mãe natureza e outros obra do homem, como os programas da Rádio Macau que incitavam vivamente os ouvintes a recolherem-se a casa e a prepararem-se para a iminente chegada de ventos em fúria diabólica e chuvadas a potes. O narrador, inexperiente nas coisas de Macau, desvalorizou a tragédia anunciada e na avidez de perscrutar os segredos da terra ousou meter-se no seu automóvel e passear-se pelas ilhas. Ao atravessar a Ponte Nobre de Carvalho, o portageiro, além de lhe cobrar a taxa devida, bem o avisou da iminente borrasca e do fechamento da ponte ao trânsito. Mas, ao tudo dizer em lindo cantonense, o aviso entrou-lhe por um ouvido e saiu-lhe pelo outro, situação que alguns comentam com a expressão *foi tudo música celestial*.

A violência do tufão, qual juízo final, levou-o a procurar abrigo em vários locais e, por fim na única instalação hoteleira então existente nessas pequenas ilhas: a Pousada de Coloane. Aí chegado, ou melhor, chegado à entrada do escarpado caminho conducente à porta da recepção, haveria de não poder subir a rampa no seu carro, dado que uma árvore se tinha atravessado no caminho por haver sido derrubada pela ciclópica ventania que, ainda por cima, parecia rir-se com o silvar da sua fúria dantesca. A subida a pé foi um calvário com múltiplas estações, desde a intensa chuva, à queda de mais uma árvore, desta vez em cima do tejadilho do carro acabado de estacionar. Os perigos e ameaças à vida do aventureiro, que nesse transe rezou a todos os santinhos, só cessaram quando se pôde vingar com valentes murros na porta da pousada, na ânsia de que alguém misericordiosamente lha viesse abrir. E, surpresa das surpresas, eis que do outro lado lhe surge uma chinesa já sua conhecida: A-Mei, a segunda mulher de Salvado, que sob protecção da recepcionista sua familiar se acoitara na pousada, para aí aguardar a chegada do seu primeiro marido, que tinha aproveitado o momento de falta de

## RECENSÃO

vigilância da fronteira entre Coloane e a chinesa ilha da Montanha para nadar a coberto da borrasca e imigrar ilegalmente para Macau.

O conto termina com o regresso da bonança e com a sua promessa de não revelar a ninguém, especialmente ao Zé Salvado, este encontro com A-Mei e com o seu legítimo marido.

**‘A OFERENDA’**

‘A Oferenda’ relata o convite de Salvado para a comemoração do seu aniversário natalício, a que gostaria de se escusar por causa do segredo que guardava relativamente a A-Mei, mas se vê forçado a aceitar pela insistência das duas mulheres do anfitrião, que consideravam muito importante a sua presença na cerimónia que iriam celebrar no Templo da Deusa A-Má e seguidamente no almoço de aniversário. Finalmente, o narrador acedeu ao convite e prometeu a si próprio chegar mais cedo ‘para ver bem por dentro o sítio onde Macau nasceu’<sup>10</sup> e A-Má se deificou, subindo o pitoresco monte, a sagrada colina do vento e do fogo, desapareceu nas nuvens e ascendeu ao céu.

A-Mei é descrita como ‘linda de um homem se perder, beleza rústica, olhar inocente e ausente e com sorriso enigmático de chamamento à utopia de a sentirmos misteriosamente divina’.<sup>11</sup> Ninguém poderia imaginar que um ser, a quem Zé Salvado só encontrava virtudes, pudesse ter uma vida dupla, mas o autor-narrador consegue compreender que esta mulher tenha sacrificado o seu verdadeiro amor, o jovem chinês seu legítimo marido, em busca de uma situação que lhe permitisse sobreviver e augurar melhor futuro. Esta cena é uma oportunidade para introduzir a temática da imigração clandestina para Macau, com o aproveitamento, pelos patrões, das necessidades do ‘outro’, emigrantes indocumentados que viviam na sombra e atormentados com a possibilidade de serem apanhados nas rusgas policiais e consequente recambiamento forçado para

o Interior da China.

Tendo chegado ao também denominado Templo da Barra antes da hora aprazada, admirou os edifícios aí existentes, embebecendo-se com o comportamento dos fiéis e admirando os altares, decorações e alfaias religiosas, comparando o que observava com aquilo que conhecia dos templos e da liturgia católica.

Quando mais tarde se reuniu com o seu amigo Zé Salvado, as duas mulheres deste estavam absortas nas rezas que nenhum deles percebia e em que apenas participavam como observadores. Tinha decidido manter segredo e não revelar nada sobre A-Mei, porque Belinha, a inocente bebé fruto deste relacionamento entre A-Mei e Zé Salvado, não tinha culpa de nada. Quando tudo parecia estar tranquilo e sem que nada o fizesse anunciar, após o cerimonial religioso orientado por A-Chan, A-Mei entrega Belinha ao pai e vai embora sem dar nenhuma explicação, deixando Zé Salvado atónito e, eis que, A-Chan revela que será o autor-narrador, a pedido de A-Mei, a ter de explicar o mistério da partida súbita de A-Mei. É então que realiza que tudo o que sofreu e lutou para guardar segredo e não contar ao amigo Zé Salvado é muito pouco quando comparado com o que irá sofrer ao ter de revelar o segredo e explicar os motivos que levaram a bela A-Mei a abandonar a filha, ainda bebé, e também o Zé Salvado.

Este conto remete para vários problemas sociais vividos naquela época em que Macau era procurada por chineses vindos clandestinamente da China em busca de um sonho e que aqui eram explorados por patrões sem escrúpulos e forçados a tomar decisões que iam contra os seus sentimentos, mas que lhes permitiam sobreviver, e que, por vezes, se tornavam de tal forma insuportáveis que os levavam a romper com as amarras e a enfrentar as consequências. E, por outro lado, revela-nos certas similaridades entre religiões e a sua resposta às angústias da alma humana, bem como sobre situações poligâmicas



## BOOK REVIEW

existentes em Macau e socialmente aceites apesar de não terem expresso enquadramento jurídico.

### ‘DEMASIADO TARDE’

‘Demasiado Tarde’ inicia-se no restaurante japonês Furusato com pratos japoneses acompanhados com um refrescante vinho verde e tudo servido por chinesas vestidas à japonesa. Zé Salvado, apesar de afirmar não sentir a partida de A-Mei, bebe para afogar as mágoas e confessa ao autor-narrador achar natural que A-Mei o tenha deixado, mas que não consegue entender como ela foi capaz de ‘enjeitar a criança’.<sup>12</sup> Inebriados pelo néctar dos deuses, Salvado conduziu o convidado para o Mermaid, paredes-meias com o Furusato, onde músicos filipinos punham toda a gente a dançar, criando uma atmosfera irreal. É aqui que o autor nos fala do aquário, uma verídica mostra em que jovens prostitutas ficavam horas a fio atrás de um vidro, cada uma delas ostentando um número que a *ma ma san*<sup>13</sup> chamaria quando um cliente a elegesse.

António Correia consegue captar as nuances do local e da orgia social<sup>14</sup> como que revelando o estado de alma de quantos ali se dirigiam para exorcizar ‘fantasmas que moram no subconsciente’.<sup>15</sup> Aquele era um lugar onde até as famílias iam divertir-se, mas em que não havia misturas.

Após episódios diversos em que Salvado várias vezes mudou de acompanhante e também ordenava insistentemente ao autor-narrador que fizesse a sua escolha, este respondeu que apenas aceitaria a *ma ma san*, ao que aquele ripostou que isso era impossível.

António Correia acabou por regressar ao quarto maldisposto e com a cabeça às voltas. E ainda sem ter conseguido adormecer, pelas seis da manhã, a *ma ma san*, de quem anteriormente tinham dito ser namorada do chefe e não poder atender clientes, bateu-lhe à porta toda adornada e maquilhada, desatando a despojar-se de roupas e cosméticos, transformando-se num fantasma encoberto e, foi

então que o narrador, perante o avanço desta, lhe afirma que veio ‘pelo menos trinta anos tarde de mais!’.<sup>16</sup>

Conto breve que descreve de forma intensa e vívida uma realidade social complexa, uma amálgama de seres humanos, captando a essência de cada pedacinho de tempo e de cada um dos personagens individuais e colectivos, insistindo na temática da barreira linguística.

### ‘SORRY’

‘Sorry’ gira à volta do carro estacionado em rua próxima da primeira casa do autor-narrador em Macau. Ficava para os lados da Ermida da Penha, nas vizinhanças do então Convento das Carmelitas, o que lhe dava um ar de serenidade e segurança e daí não acreditar no falatório de que havia frequentes assaltos a casas e a automóveis e que estes eram perpetrados mesmo com os residentes no seu interior. Dá-nos conta de um hábito, ainda usual nos dias de hoje, em que há grades nas janelas e uma porta de madeira e outra de ferro na entrada dos apartamentos. Chama novamente a atenção para a presença de imigrantes clandestinos os quais eram alvo de uma certa hostilidade e geralmente mencionados como culpados de muitos delitos.

O enredo gira à volta de um chinês que, pela manhã, apanhou em flagrante a tentar roubar-lhe o rádio e o leitor de cassetes do automóvel e sorridente apenas lhe dizia repetidamente ‘*Sorry! Sorry!*’. O polícia que rondava perto fez ouvidos de mercador e afastou-se. Perante isto e ao ver que ‘o homem era um lingrinhas, cara de fome, descalço e de camisa e calções sujos e rotos’<sup>17</sup> decidiu não o entregar à polícia. Mas pouco depois da meia-noite, alguém voltou a assaltar-lhe o carro e, por isso, dirigiu-se à esquadra policial, acabando por descobrir que afinal o meliante era um imigrante clandestino, entretanto já detido e que continuava a sorrir-lhe e apenas dizia ‘*Sorry! Sorry!*’.

## RECENSÃO

Relativamente à incredulidade do autor-narrador os polícias achavam natural que o chinês tivesse voltado a repetir a tentativa de furto, porque não o tinha denunciado aquando da primeira vez. E perante a questão de saber por que motivo o larápio assaltou o mesmo carro pela segunda vez, o subchefe da polícia respondeu que ele teria pensado não valer a pena correr riscos porque como para o ora queixoso era bastante dizer *sorry* e tudo ficaria solucionado.

Conto de aparente simplicidade, mas que discorre sobre temas como a segurança e os agentes policiais numa sociedade multicultural, preconceito e infelicidade dos imigrantes clandestinos e a aparente pacatez de Macau.

## ‘CARNE DE CÃO’

‘Carne de Cão’<sup>18</sup> é simultaneamente um hino à dignidade da vida animal e retrato de ancestrais práticas que hoje se reprovam e são incompatíveis com a compaixão que os homens devem votar aos animais, reduzindo ao máximo os seus sofrimentos e pondo de parte bárbaros comportamentos mantidos desde a noite dos tempos. Narrativa preme de poesia, do começo ao fim, inicia-se como um canto à vida, mesmo para um ser à beira de uma muito provável morte anunciada. É um exercício íntimo entre a consciência e a memória, confessando-se o salvador beneficiário número um do acto salvífico.

De seguida, mergulha na realidade macaense, com ruas peçadas de gente num ambiente quase fantasmagórico de *neons* vermelhos num acender e apagar etéreo. Na Rua da Felicidade, uma das vias mais exóticas, se não a mais exótica de Macau, à porta dos restaurantes chineses exibiam-se enjaulados animais com promessa de conversão em petisco, todos caros e alguns bem raros, como rãs, crustáceos, raposas, pangolins, texugos, cobras, serpentes, cães e até macacos. Todos aguardavam uma morte cruel para satisfazer a gula de convivas

que os degustavam em pantagruélicos rituais a que não era alheia a presença de Baco.

São descritas cenas como as do cobreiro escolher a cobra que vai imolar ao cliente e, após o assentimento deste, abri-la de alto a baixo, extrair-lhe a veia longitudinal e verter o sangue num copo, misturando-o com vinho de arroz, logo ali bebido de um trago. De seguida o cliente dava murros no peito para exibir a sua satisfação, pagava a conta e seguia caminho. A carne irá ser cozinhada em tradicional sopa de cobra aprimorada com pétalas de crisântemo.

Lamentando-se recorda outras bárbaras e bizarras práticas, como esfolar animais vivos, referindo ter visto perdizes e rãs nessa situação. Mas pior do que isso é o desumano petiscar miolos de macaco ainda vivo, amarrado numa mesa circular com um buraco ao centro, sendo-lhe cortado o crânio e deixados os miolos à vista. Sobre estes era deitado óleo fervente, após o que os bárbaros comensais punham em acção seus *faichis*.<sup>19</sup> Petisco para ricos, pois ficava pelos olhos da cara! Esta descrição não foi vivida pelo narrador. É por ele imaginada, muito embora ainda real naquele tempo!

O cerne do conto é a sentida compaixão que o narrador nutre pelo cão, cujo único pecado era o de ter língua preta, amarrado à porta do restaurante, verdadeiro corredor para a morte. Esta compaixão e o subsequente amor pelos animais surgem nesta e noutras obras do autor.

Ao assistir à pretensão de um freguês ofertando duas mil patacas para saborear a carne desse cão, o narrador sobe o lanço em mais mil patacas e assim libertou do carniceiro um dos mais fiéis amigos do homem desde os brumosos tempos do neolítico.

Ao leitor se pede atenção para a beleza e profundidade de muitas frases, verdadeiras jóias literárias, como por exemplo: ‘o amor não tem relógio para marcar o tempo’<sup>20</sup> e ‘cordas violadas por *pei-pa-chais* misteriosas e invisíveis’.<sup>21</sup>

## BOOK REVIEW

**‘PENA MAIOR’**

‘Pena Maior’ é o conto onde explicitamente assume a sua faceta de advogado, não podendo a sua escrita ser considerada uma completa efabulação, mas antes uma pintura do real adornada com alguns enfeites literários de características romanescas. No exercício do seu múnus profissional, desloca-se ao estabelecimento prisional de Macau para, na qualidade de defensor oficioso, inquirir um prisioneiro e assim obter elementos que ajudassem à sua defesa. O preso é um jovem chinês de cerca de vinte anos e, através de intérprete, respondeu assertivamente que era culpado, ao que o advogado aconselhou que então ‘nesse caso o melhor é confessar os factos e mostrar arrependimento’.<sup>22</sup>

Enfatiza-se a dificuldade de comunicação em Macau, onde o português era a única língua oficial e a maioria da população apenas falava cantonense. Destaca-se, ainda, o papel do intérprete, nomeadamente na administração da justiça, figura indispensável para estabelecer a comunicação entre administradores e administrados e tornar possível que Macau funcionasse com normalidade.

Sublinha-se a descrição do tempo calmo vivido nessa época em Macau. Tempo com tempo para se sorver o ambiente. ‘Só o Palácio das Repartições, especado ali, na curva da baía, nos quebrava o idílio e nos marcava o compasso das horas e da vida, porque nele moravam as Finanças, a Economia e a Justiça e era sobretudo esta que nos prendia ao calendário’.<sup>23</sup>

Mas, foi nesta aparentemente pacata cidade de Macau, que aquele ‘rapaz com cara de anjo e alma de demónio’<sup>24</sup> atacou uma jovem e a violentou com rudeza e violência. No julgamento continuavam as dificuldades de comunicação com o intérprete a ficar em silêncio perante a aparente impossibilidade de traduzir a lengalenga que o réu repetia e que depois do juiz insistir, lá foi dizendo que o réu só repetia que era culpado de tudo, que não estava arrependido de nada, que se tivesse oportunidade ainda faria

pior e que queria uma pena grande. Perante esta confissão e com a vítima e a única testemunha em consonância na sua descrição dos factos, o jovem com aparente alma de demónio foi condenado a cinco anos de prisão, levando-o a desatar num choro agonizante porque dizia querer uma pena maior. Não percebendo nada, mas constatando não existirem indícios de que sofresse de qualquer distúrbio mental, o autor-narrador, na qualidade de advogado, acedeu conversar com o rapaz, sem a presença do intérprete oficial, mas tendo um familiar que falava inglês como intermediário, ficando a saber que o réu não tinha documentos e, logo que cumprida a pena, iria ser recambiado para o Interior da China onde pairava sobre ele a iminência de lhe ser aplicada a pena de morte e, por isso, apesar de não ter cometido nenhum crime em Macau, queria ter uma pena o maior possível, porque não queria morrer tão jovem. É aí, que se fica a saber que vítima e testemunha estavam a simular e a arriscar ser presos por falso testemunho em juízo, apenas para ajudar o seu amigo. Então, o rapaz com cara de anjo e aparente alma de demónio, aos olhos dos ouvintes transformou-se num jovem com rosto e alma de anjo, e ‘até a baía virou triste, embrulhada no nevoeiro denso que veio afugentar as gaivotas’.<sup>25</sup>

**‘SERVIÇO GRATUITO’**

‘Serviço Gratuito’ tem como personagem central uma bonita e jovem senhora chinesa que após ser posta na prisão é, mais tarde, julgada em tribunal. E porquê? Porque servindo-se dos seus belos atractivos facilmente convenceu o ofendido a segui-la até ao seu apartamento, onde foi barbaramente espancado e aí retido até os seus familiares pagarem o resgate pedido pelos agiotas dos empréstimos em que ele se afundara. Esta era a versão motivadora da prisão e do subsequente julgamento.

Nem a indumentária prisional nem a abstinência de jóias e perfumes impediam a evidência



## RECENSÃO

da esbelta beleza da prisioneira. ‘A cara era linda, de deusa ou fada, mas as suas mãos, de tão finas e esbeltas, pareciam mesmo divinas e seguramente incapazes de provocar dano ou dor’.<sup>26</sup>

Na audiência, sem a presença do ofendido ausente de Macau, a defesa apresentou uma diferente versão dos factos, escorada em prova testemunhal suficiente para o veredicto do tribunal ser a absolvição. Esta consistia em a ré e o ofendido serem amantes e esta sofrer de maus-tratos do marido.

As testemunhas declararam compreender este caso amoroso e terem prestado auxílio ao ofendido quando este se atirou do apartamento da ré, no quinto andar do prédio, porque inesperadamente o marido que estava ausente na China apareceu, dando sinal pelo barulho na fechadura da porta.

Absolvida a ré, o marido desta, com aspecto de comerciante chinês bem-sucedido, compareceu no escritório do advogado para agradecer os serviços prestados. Referiu que a nova versão dos factos era da sua autoria, mas queria pagar o excelente trabalho forense, porque o advogado tinha convencido o tribunal que esta era a verdade. Perante a recusa do advogado que argumentava nada ter a receber, porque tinha agido como defensor oficioso, o marido da ré respondeu: ‘Eu não queria ofender, senhor advogado... mas fica aqui com um amigo. Se algum dia precisar de mandar matar alguém, é só dizer... serviço gratuito também!’<sup>27</sup>

## ‘A FUNCIONÁRIA PÚBLICA’

‘A Funcionária Pública’ retrata uma certa Macau envolta em ignorância quase oficial, à volta de prostíbulos e casinos, lugares de prazer e perdição, com actividades na área cinzenta da semi-clandestinidade. Conta a história de uma velhota destroçada, mas pueril, uma sem-abrigo poeticamente descrita, um farrapo humano no seu mundo fantasiado, sobrevivendo uma pretensão de ainda querer continuar a ser bonita, fazendo vénias

e sorrindo. ‘Qual o segredo daquele sorriso?’<sup>28</sup> inquiriu o autor-narrador, descobrindo que a velhota foi em tempos uma serva da gleba nos arrozais do Sul da China, vendida e revendida para cantadeira de uma ‘casa de flores’ da Rua da Felicidade por muitos frequentada, nomeadamente por soldados lusos e nipónicos, estes últimos durante a chamada Guerra do Pacífico.

Apesar de espoliada pelas *ma ma sans*, chegou a ter algum dinheiro e até uma casa, mas agora esmola e, abrindo a alma ao narrador, suplica-lhe que peça ao governo que lhe conceda uma pensão de aposentação como funcionária pública, que ela considera ter sido, servindo e consolando muitos soldados portugueses e pagando impostos, o que comprova com a caderneta, como ela velha, sebenta e amarrotada, emitida pelo Leal Senado, autorizando-a a exercer a mais velha profissão do mundo.

## ‘CORRUPÇÃO REVOLUCIONÁRIA’

‘Corrupção Revolucionária’ caracteriza o ambiente à beira da anarquia vivido em Portugal nos anos de 1974 e 1975. Tempo em que alguns visionários encheram ruas com gritos, como ‘nem mais um soldado para as colónias’,<sup>29</sup> enquanto nas antigas terras africanas de Portugal emergia uma eruptiva sociedade de ódios e tribalismos renascidos. Quim, o personagem central desta estória, completou vinte e sete primaveras no ano da revolução. Com automóvel, dinheiro do papá e sangue na guelra, o nosso jovem, como muitos ‘meninos-bem’, engrossou as hostes da extrema-esquerda, e sem frequência às aulas lá foi fazendo passagens administrativas. Após o 11 de Novembro, ele, tal como muitos outros, virou a casaca e inscreveu-se em partidos que antes apodava de anti-revolucionários, burgueses e até fascistas. E reiniciou o carreirismo político voluntarista. Isso lhe valeu um lugar de assessor de certo ministro do governo e um convite para uma comissão sita em

## BOOK REVIEW

Macau, que aceitou na mira de mais uma etapa que o catapultasse a lugares mais altos.

Em Macau, começou a namorar uma chinesa e rapidamente esqueceu a militância de esquerda, começando a adaptar-se à vida nestas paragens. Certo dia, numa tasca chinesa, ouviu a conversa de um ex-funcionário público que se gabava de ter conseguido enriquecer apenas porque aceitava tudo que lhe davam, porque ele trabalhava devagar para dar azo a que lhe enchessem os bolsos com o objectivo de fazer o favor de acelerar os processos. Quim ficou chocado e prometia a si mesmo denunciar o caso, mas a namorada tentou explicar-lhe que tudo isso era norma em Macau e ainda lhe sugeriu que fizesse o mesmo para arranjar dinheiro e se casarem. Quim ficou aborrecido e envolveram-se em troca de argumentos em que a namorada o acusa de ele já ter vendido a alma quando abdicou dos ideais proletários e assumiu uma carreira política ao serviço da burguesia. No final, Quim decidiu catequizar a namorada e como ela passou a dizer a tudo que sim, convenceu-se que a namorada tinha mudado de mentalidade.

Quim foi posto à prova quando perante queixa de dois importantes empresários chineses ele conseguiu resolver tudo com uns telefonemas. Por isso, os interessados agradeceram-lhe e entre sorrisos e elogios entregaram-lhe um envelope vermelho (*lai-si*) cheio de dinheiro que ele prontamente recusou dizendo que não poderia aceitar tal oferta. Mas, os cidadãos não aceitaram a recusa e, através da namorada, que servia como intérprete não oficial, disseram que era ofensivo recusar.

Quim ficou perturbado e foi contar ao governador que o aconselhou a devolver o dinheiro, mas ele sugere que seria melhor depositá-lo na Fazenda Pública. O governador rejeitou por se tratar de dinheiro sujo e decidiram que o Quim iria chamar os dois empresários e devolver-lhes o dinheiro. Mas, Quim exibiu selos fiscais no valor

da oferta e incinerou-os à frente do governador e dos dois empresários e, com esse acto, ficou com a consciência tranquila, pois de certa forma devolveu a maquia ao erário público. Após esta cena o governador continuou perorando sobre honestidade, os empresários pediram desculpa, e Quim fez as pazes com a sua consciência, mas a namorada não conseguiu entender esta atitude de Quim e descartou-se dele.

### ‘PEQUENA FLOR VERMELHA’

‘Pequena Flor Vermelha’ desenrola-se em Macau e Lisboa, sendo uma das narrativas mais poéticas de toda a compilação, que o livro é. É o discreto perfume vermelho das acácias rubras que motiva a eleição das palavras ‘Siu Hong Fa’ (Pequena Flor Vermelha) para nome da menina chinesa, que vai para Lisboa estudar português e aí descobre o seu príncipe encantado, Quim, boémio estudante de Arquitectura, atraído e rendido à beleza e graça do Oriente.

Após este ter concluído o curso de Arquitectura, o casal regressa a Macau já com uma filha nos braços, mas o pai de Fa expulsa-a de casa sem sequer aceder a ver a neta. Em silenciosa anuência, a mãe aprova a decisão do marido e a Pequena Flor Vermelha compreendeu que a condenação dos pais era pior do que ter casado em segredo e ter gerado uma vida.

O casal iniciou a sua vida em Macau e, sempre com o apoio da esposa, Quim tornou-se um homem trabalhador e dedicado à família, e pouco tempo depois abandonou o funcionalismo público e abriu o seu próprio escritório de arquitectura.

Apesar do sucesso, ela não estava totalmente feliz e confessa ao marido que gostava de casar. Quim entende que o casamento pelo civil e perante o padre, celebrado em Portugal, pouco valiam na China e, por isso, aceitou submeter-se aos rituais do casamento chinês, apenas por amor e para que a esposa fizesse as pazes com a sua gente.

## RECENSÃO

A elegância e a musicalidade da escrita transportam-nos para o encontro entre as culturas portuguesa e chinesa, recorrendo a expressões densas e breves, mas que encerram um profundo significado e trazem à tona as diferenças, mas também os espaços de encontro entre o Oriente e o Ocidente, como no caso em que o pai de Fa, em segredo, consegue trazer os pais de Quim para o casamento e perante estes faz as pazes com a filha e pede para conhecer a neta.

Estas histórias de casamentos mistos não consentidos pelos progenitores eram frequentes em Macau e nem sempre com um final feliz.

**‘MY CLUB’**

‘*My Club*’ tem um núcleo central resultante de um equívoco linguístico entre um português, Xico Serra, e uma chinesa, A-Chan.

Xico é um mulherengo, folião e aventureiro, que deambulou alguns anos na tropa em Moçambique, onde deixou alguns filhos de várias mães pretas, e na Índia onde constituiu família e foi promovido a segundo-sargento. Expulso de Goa e do exército, veio parar a Macau, onde acabou por viver com uma imigrante ilegal vinda dos arrozais vizinhos à procura do *el-dorado* e aqui passou a viver reclusa na casa de Xico, como mulher para todo o serviço, que ele tratava bem e chamava de sua secretária, não deixando de se perder por outras mulheres. Como benfiquista ferrenho, para ele a prioridade máxima era o Benfica.

Na década de setenta do século passado começaram a ser feitas emissões televisivas de Portugal para Macau, transmitindo, por vezes, jogos de futebol em directo, que Xico procurava sempre visionar, de preferência na companhia de amigos. Raramente perdia um jogo, fosse ele transmitido à meia-noite ou às cinco da manhã, em resultado da diferença horária. E nunca perdia o espectáculo futebolístico se jogasse o seu glorioso Benfica.

A partir de certa altura esses serões com amigos ocorriam no vigésimo quinto andar do seu prédio, onde morava um solteirão seu amigo.

Ele, o Xico, não sabia chinês e de inglês apenas umas poucas palavras. Ela, A-Chan, não sabia português e lá foi aprendendo umas palavritas de inglês, mal pronunciadas, escutadas da televisão de Hong Kong. O gesto era o desenrascanço e supria as lacunas da expressão verbal, embora ambos tentassem comunicar com o pouco inglês que sabiam, por vezes embrulhado em chinês, mas sempre pequenas frases, tais como as que A-Chan lhe sussurrava em busca de momentos de intimidade e as que ele lhe retorquia para se desculpar e fugir às carícias e aos apelos dela. É neste ambiente de pedidos, promessas adiadas e fugas que Xico se despede de A-Chan com um ‘tonight I come back for my club’.<sup>30</sup> A expressão ‘*my club*’ é entendida por A-Chan como ‘*my love*’ e por isso ela se banha e desnuda esperando o seu homem que chega, perto das quatro da manhã, com os companheiros de futebol e da sueca.

O resto é o desenlace desta equívoca situação através da qual o autor destaca as dificuldades de comunicação entre pessoas de diferentes culturas que vivem juntas durante anos a fio.

**‘A MIELAS’**

‘A Mielas’, que neste conto significa a meias, abre com o Lok-Un, o improvisado *Moulin Rouge* da Macau da década de sessenta e seguintes. Um *cabaret* implantado na Taipa e muito semelhante ao descrito em ‘Demasiado Tarde’: músicos filipinos, aquário e todo o tipo de pessoas.

Casimiro (Miro), solteirão militante, acaba por ir aí buscar a fonte da sua desgraça. À custa de ostentação da riqueza que não tinha, conquista Dina, a bela cançonetista, que vai viver com ele e abandona a vida de cantora de *cabaret* e o músico que com ela vivia.



## BOOK REVIEW

Os constantes pedidos de jóias, perfumes e vestidos lançam Casimiro na miséria e no descrédito, tudo lhe levando inclusive o recheio de casa e o crédito também lhe passa a ser negado. A má-língua de Macau não o poupa. Até o emprego fica por um fio, só o conservando devido à bonomia e complacência do chefe, senhor Ventura.

Miro pensa expulsá-la de casa, agora despida de móveis e do amor que ela parecia prometer-lhe para sempre. Mas Dina antecipa-se, lamenta a situação e implora que lhe arranje um trabalho, e convence-o a pedir ajuda ao seu bondoso chefe. No entanto, é ela que controla a situação e seduz o chefe de Miro, prestando-lhe especiais favores que ele generosamente vai pagando, dinheiro que ela divide a medias com Miro até este se livrar das dívidas. Nessa altura, entendendo que já tinha as contas saldadas, Dina informa-o que vai regressar às Filipinas. Ele fica aliviado e passa a ser um funcionário exemplar, mas sente remorsos por ter resolvido a sua situação à custa da exploração do seu chefe e, após ter conseguido algumas economias, decide ir pedir-lhe desculpa e devolver o dinheiro que Dina lhe tinha dado.

O que vem a seguir é a conclusão trivial de algumas das estórias peculiares de uma Macau de múltiplas faces, onde nem tudo o que parece é, já que Casimiro acabou por ser informado pelo chefe que Dina nunca tinha saído de Macau e era empregada doméstica em sua casa. E disse ainda que também tudo sabia acerca dos pagamentos feitos a Dina para ajudar Miro e da vida amorosa que esta repartida entre eles os dois.

### ‘TRIQUEXÓ DESTROÇADO’

‘Triquexó Destroçado’ é de uma grande beleza, e com recurso a uma linguagem cuidada, prosa com laivos de poesia, em que o autor descreve, de forma realista e bela, espaços degradados, habitados por seres humanos andrajosos, escravos do seu destino de ter que viver fundido com o seu riquexó, ganha-

-pão, abrigo e no final até quase caixão. Também é bem notório o poder maléfico das seitas e dos seus ‘padrinhos’.

Lui, o personagem principal, filho de cule, começa a trabalhar com o pai e quando a família consegue comprar um riquexó é como se tivessem adquirido um novo estatuto social. A morte do pai vai marcá-lo e não consegue perdoar à bonita Hong, concubina de um chefe das seitas, o facto de ela não ter prestado assistência ao pai quando este sucumbiu enquanto pedalava o riquexó que a transportava. Assustada, Hong caiu e ficou com a cara arranhada e são esses arranhões que vão nublar o futuro que Lui sonhava risonho: primeiro teve que trabalhar duro durante dois anos para pagar a indemnização, depois sem se aperceber acaba por adquirir um triquexó novo, que era o seu orgulho mas também foi a sua desgraça, já que não era um presente do senhor Kwan, ou do poderoso e incógnito patrão deste, mas algo que teria de pagar até ao último avo e com volumosos juros. A vida miserável, o consumo de droga, a falta de preparação para gerir o seu próprio negócio acabam por, mesmo tendo sido bafejado pela sorte numa noite de jogo num casino, empurrá-lo para uma vida de pedalar constante, como que em osmose com o seu triquexó, que inexoravelmente passa sem que ele se dê conta das mudanças que iam acontecendo na cidade e nele próprio.

O clímax acontece numa noite de tufão em que sai do seu triquexó para ajudar uma mulher caída no chão e com ferimentos e esta lhe diz para a abandonar porque é a Hong. Lui fica louco de raiva, desprende o triquexó e saem ambos numa corrida desenfreada que só termina quando ‘uma árvore se compadeceu de ambos e desceu piedosa sobre o homem e a máquina fundindo-os num só corpo amalgamado’.<sup>31</sup>

### ‘A SENTENÇA’

‘A Sentença’ retrata acontecimentos reais

## RECENSÃO

de Macau em que chineses da vizinha província de Guangdong vinham para Macau em busca do *el-dorado* e após imensas dificuldades alguns conseguiam enriquecer, mas tudo perdiam nos casinos e eram arrastados para a miséria, ficando submetidos aos braços tentaculares das seitas.

As personagens principais são dois jovens chineses: A-Yiu e Sam. A primeira é natural de Fukien e numa fabriqueta de vestuário prega botões todos os dias do ano, excepto no dia de descanso mensal e nos cinco dias de férias do Ano Novo Chinês. Por seu lado Sam, formado em Farmácia em Jinan, é o encarregado dessa fábrica.

O autor revela uma Macau onde uns vivem na miséria enquanto outros exibem luxos e, sobretudo, um espaço onde tudo pode mudar de um dia para o outro e os escravizados podem virar senhores. O jogo e a atracção que ele exerce desenrola-se num crescendo, acabando por levar à desgraça os que caem nas teias dos agiotas. De forma magistral o conto leva-nos para questões reais e sérias, como poder das seitas, exploração laboral, agiotagem e prostituição.

Mais um exemplo de uma abordagem de temas sensíveis de uma forma delicada, por vezes poética, como se o narrador tivesse o condão de entrar na alma das personagens para dar ao leitor uma visão da profundidade dos sentimentos, do peso da tradição e da realidade dos que lutam pelos sonhos e acabam perdidos e vencidos pela vida. Sublinhe-se ainda o vigor da doutrina confuciana no respeitante à solidariedade e autoridade dentro da família.

## ‘EQUILÍBRIO’

‘Equilíbrio’ desenrola-se em torno do senhor Leong, no período que vai desde os seus trinta anos, no início da Guerra do Pacífico, até aos noventa e tal em pleno período do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau pela República Popular da China. Apesar de ser nonagenário

mantem-se rijo de corpo e forte de espírito. Sempre fora e continuava a ser pragmático, ‘pouco dado à poesia e a explicações metafísicas’, procurando ‘estar de bem com deuses e demónios’ e a nunca ‘fechar portas’.<sup>32</sup>

No Natal de 1941, Leong, comerciante de arroz, encontrava-se em Hong Kong onde assiste à invasão japonesa desta cidade. De certo modo consegue bandear-se com os ocupantes nipónicos e regressar a Macau onde os seus negócios prosperam a troco de algumas informações aos japoneses.

Quando a guerra terminou em 1945, os japoneses bateram em retirada, deixando Leong com muitos sacos cheios de notas bancárias emitidas pelos invasores nipónicos e, embora não perdendo a esperança de um dia as poder trocar por ouro, passou a fornecer as tropas portuguesas, a comer bacalhau e a beber vinho, sem nunca deixar de gostar da comida chinesa, mas enaltecendo a amizade com os portugueses e aprendendo a falar um pouco de português.

Depois, Leong viveu o difícil período do ‘Um, Dois, Três’, fazendo juras e mais juras de amor à China sem nunca deixar de fornecer os portugueses, mas aumentando o preço dos produtos.

Com duas mulheres em casa, oito filhos e uns quantos netos, Leong apaixonou-se por uma jovem mulher que lhe levou tudo, deixando-o apenas com a casa velha e desesperado, para não perder a face mas antes exigir, embora em vão, amor filial que lhe valesse naquele momento de aflicção. É então que contacta um advogado, filho de um ex-cliente que, desde há longos anos, lhe ficou a dever uma pequena quantia, e começa por lhe exigir o pagamento da dívida com os muitos juros acumulados. Mas fruto da conversa havida descobre que o terreno onde a sua casa está implantada, devido ao *boom* de construção civil, vale pelo menos cinco milhões de patacas. Em consequência o senhor Leong entregou ao advogado o papel da antiga dívida do pai deste

## BOOK REVIEW

afirmando que doravante nada lhe devia e que estava apenas pagando a consulta.

A personagem principal, o Leong, faz-nos reflectir sobre a velhice, a luta contra as adversidades, algum começo de disrupção da moral confuciana e as normas sociais valorizadas pela sociedade chinesa, ao mesmo tempo que mostra aspectos fulcrais da história social de Macau.

**‘VIDAS’**

‘Vidas’ fala-nos de um rapaz e depois homem de quem se poderia dizer ‘tal pai tal filho’ ou ‘filho de peixe sabe nadar’. Filho de mãe incógnita e de pai trapaceiro que tudo lhe dá menos educação e amor, o rapaz logo se independentizou ao alcançar os seus quinze anos. ‘Profissão? Todas e nenhuma, porque o importante era fazer negócios sem ficha fiscal’,<sup>33</sup> de tudo vendendo e traficando influências com bons resultados económicos. Mas se esse congénito jeito para facilmente fazer dinheiro era herança paterna também a esta se devia o vício pelo jogo de fortuna e azar ao bilhar ou em salas de casino. Trilhando este duplo caminho o dinheiro rapidamente se evaporou e os objectos valiosos celeremente voaram para o prego. De nada lhe valeram preces nos templos chineses e consultas aos mais afamados geomantes com o fim de afastar o mau *fong soi* (feng shui), que segundo ele era determinante da evidente falta de sorte nos jogos de fortuna e azar.

Afogado em dívidas e atizado pelos cobradores, passou a ser correio da droga proveniente da Tailândia. O constante viajar lançou no seu encalço a Polícia de Macau, que ele conseguiu ir torneando graças a ‘amizades’ de alguns agentes policiais que o alertavam e permitiam que se fosse safando. Mas a polícia pediu a intervenção da sua congénere de Hong Kong, já que por aí transitava o viajante e a ‘mercadoria’. Posteriormente, a polícia da vizinha cidade recebeu uma informação anónima de que em determinado voo chegaria o nosso personagem com

‘um pote de barro cheio de droga dura’.<sup>34</sup>

Detido, o próprio inspector-chefe da Polícia de Hong Kong partiu o pote à martelada e verificando que continha um pó branco logo o algemaram. Porém o preso continuou a reclamar a sua inocência e a presença de um advogado para o defender, como era seu direito. Após análise laboratorial do pó concluiu-se que era simplesmente farinha, pelo que além de libertar o meliante este foi indemnizado com trinta mil dólares de Hong Kong. Mas a Polícia de Macau montou-lhe uma armadilha em que foram apreendidos documentos comprometedores e tão grande quantidade de droga que determinaram a sua prisão imediata e efectiva.

**‘DESENCANTOS’**

‘Desencantos’ é uma narrativa dominada pelo personagem Zé Salvado, septuagenário, aposentado da Polícia Marítima. Roído de saudades e motivado pelas incertezas do momento decide regressar à sua Lisboa. Aí chegado instala-se numa pensão do Rossio e ruma ao pitoresco Bairro da Graça para relembrar os locais, tempos, amigos e primeiros amores da sua juventude. Mas, meio século depois, tudo é desilusão. O seu bairro, o bairro da sua memória, já não existe. E para cúmulo é assaltado em plena via pública. Regressa à pensão e telefona à irmã, que vive na outra margem do Tejo, no Fogueteiro. Espantada por este ter aparecido sem aviso prévio, não resiste ao impulso de um encontro imediato e de o convidar para se instalar em sua casa. A irmã, velha, viúva, enlutada e com netos é uma surpresa que vai absorvendo a pouco e pouco. Conhece também os sobrinhos, filhos dos irmãos entretanto já falecidos.

Depois Salvado pensa comprar uma quintinha próximo da sua terra natal, mas é levado a comprar um terreno em Coima, perto de Sesimbra. Enganado por lhe terem vendido um terreno não urbanizado e por um preço muito superior ao real valor e



## RECENSÃO

ludibriado por um construtor civil que lhe ficou com dinheiro e nada construiu, resolveu deitar mãos à obra e edificar uma casinha por administração directa, mas aí intervêm as autoridades que lhe destroem a construção clandestina.

Aborrecido com os desaires, vendo que o seu país natal já não é a terra dos seus sonhos e, além disso, moído de saudades pelo *chau min*, pelos netos e por um estilo de vida a que estava habituado e estes anos fora ainda acerbaram, resolveu vender o terreno ainda que ao desbarato e regressar à sua terra adoptiva. Uma vez retornado fica de boca-aberta perante as extraordinárias mudanças de Macau, com aeroporto quase concluído, uma segunda ponte entre a cidade e as ilhas, prédios novos, uma Macau bem diferente daquela que deixou há bem poucos anos. Mas há coisas que permanecem, nomeadamente o ‘Solmar, teimoso sobrevivente do malinguar macaense’,<sup>35</sup> onde ele desabafa com o autor-narrador, queixando-se das mudanças e manifestando saudades da sua antiga casinha em Coloane. Este encontro termina de forma patética, porque, ao salientarem que há cada vez mais turistas, Salvado fica animado ao ver uma mulher que ele diz ser ‘material russo e do bom’ e vai ao seu encalço, mas ela tinha ‘a mão mais ágil do que o seu tamanho’<sup>36</sup> e deu-lhe um estalo, evidenciando este comportamento que Salvado se mostra também desorientado, porque a Macau que encontrou já difere muito daquela que deixou aquando da sua partida para Lisboa.

Um breve conto em que de forma magistral se descrevem encantos e desencantos de um personagem, encarnando um grupo social bem expressivo quando se fala dos portugueses, que se sente dividido entre a sua terra natal e a terra que o acolheu e que passou a amar, não se sentindo pertencer plenamente a nenhum destes espaços afectivos, como que perdido entre duas terras que os mares separam.

NOTAS SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO<sup>37</sup>

A tradutora foi Iok Lan Fu Barreto, natural de Macau, licenciada nos cursos de Tradução Português–Chinês, de Literatura Inglesa, e de Administração Pública, e doutorada em História, com especialização em Museologia, tendo sido directora do Museu de Macau, e actualmente é investigadora, com vários trabalhos de investigação e de tradução literária já publicados. E assim tanto pelo nível académico como pela sua experiência de vida, simultaneamente submergida nas culturas de língua chinesa e de língua portuguesa, revela naturalmente excelente capacidade em tradução português–chinês.

Torna-se importante ressaltar que se registou um lapso de tempo, de mais de 20 anos, entre a tradução da obra, na sua primeira edição, e os cinco contos que foram incluídos na versão bilingue, tendo todos eles sido traduzidos pela mesma tradutora, Iok Lan Fu Barreto. Tanto na primeira fase de tradução, como na segunda (traduções dos referidos cinco contos e revisão dos restantes quinze), esta foi feita num contexto de amizade, sem fins lucrativos e sem prazos, tendo a tradutora acesso directo ao autor António Correia, o que lhe permitiu tirar dúvidas e ter a visão do próprio sobre a interpretação autêntica da sua escrita.

É de destacar que a tradutora conhece bem o contexto de Macau e se movimenta facilmente nas duas culturas das línguas de partida (português) e de chegada (chinês).

Para além desta obra, a mesma tradutora é também responsável pela tradução da obra poética *Fragments* da autoria do mesmo António Correia, tendo o professor Ngai Iek Kin (危亦健), poeta e prosador chinês de Macau, em artigo publicado no *Macao Daily* (de 10 de Maio de 1995), sob o pseudónimo Tou Lei (陶里), afirmado que esta tradutora ‘ao traduzir poemas estrangeiros mantém o sentido original e o sabor da poesia chinesa, sem trazer nenhum tom de “tradutês” [...] penso que a

## BOOK REVIEW

tradução desta colecção de poesia mostra realmente os talentos literários bilingues (ou multilingues) da tradutora’.

A tradução foi feita para chinês tradicional, usualmente utilizado em Macau, e teve em conta as características linguísticas de Macau, o que por um lado permitiu transmitir de forma mais precisa a realidade de Macau, mas, por outro lado, torna difícil a sua disseminação junto do público chinês (no Interior da China) que na sua maioria usa o chinês simplificado.

As barreiras linguísticas existentes entre vários das personagens levaram a situações caricaturas, como em ‘Três Dólares’ e ‘My Club’, sendo este um desafio já que a tradução tem que reflectir essa intrincada e arrevesada comunicação linguística, por vezes realizada com recurso ao inglês, para não correr o risco de a mensagem original se tornar incompreensível e de forma a produzir o efeito de suspense presente no texto de partida.

Segundo a tradutora o seu principal objectivo consistiu em transmitir a mensagem do autor e imprimir ao texto de chegada o sabor de Macau, tendo para tal realizado um minucioso trabalho de pesquisa sobre as realidades focadas nos *Contos*, como no caso dos nomes dos lugares, ruas, lojas, etc., visto que em muitos casos estes já não existem e, por vezes, apresentam nomes totalmente diferentes em português e chinês.

As questões culturais foram um dos aspectos sensíveis tidos em conta no processo tradutório, revelando a tradução uma elegância e respeito pelo original e uma sensibilidade face aos aspectos que poderiam causar choques culturais.

Para a tradutora os *Contos* estão escritos numa linguagem simples, clara, onde não há ambiguidade, pelo que na revisão se concentrou em melhorar alguns aspectos linguísticos e não a essência da mensagem porque ‘a interpretação/o significado continua o mesmo’. Considera ainda que neste texto

‘o rigor histórico não é tão importante’ visto tratar-se de ‘memórias’ pessoais, sendo necessário garantir ‘o respeito pelo autor, pela mensagem e pelo leitor da tradução’, recorrendo-se, quando necessário, ‘a notas explicativas para melhor explicitar o que o autor quer transmitir’.

Mais do que uma técnica a tradução é uma arte, porque o tradutor ao servir de ponte entre dois diferentes sistemas linguísticos não busca apenas encontrar palavras que possam materialmente equivaler-se, mas termos com conceitos tão equivalentes quanto possível, entendendo-se por termo a palavra ou conjunto de palavras que expressam um conceito com exactidão. Cada palavra transporta um mundo cultural, podendo na língua segunda esse mundo ser mais alargado ou pelo contrário ser mais exíguo. Por isso para bem exercer o seu múnus, o tradutor deve, tanto quanto possível, ter iguais competências culturais nas duas línguas de trabalho, vivenciando-as em paridade qualitativa. E essas competências são sobretudo um saber de experiência feito.

## SÍNTESE CONCLUSIVA

Estas narrativas são prosa e são poesia. São conto e, simultaneamente, quase crónica. São realismo, mas também ficção. Revelam alguma influência do estilo de Miguel Torga.

A maioria das personagens pertencem aos estratos mais baixos da sociedade, mas há também alguns da classe média e até superior. Descrevem-se ambientes de miséria moral, social e económica, mas também muitos dos dilemas e sentimentos de quantos vieram para Macau, um tanto de todo o mundo, mas especialmente da Europa e da Ásia, e acabaram divididos entre a sua terra de origem e a terra adoptiva.

Saudade, miscigenação, dificuldades linguísticas com lugar a equívocos, porto de abrigo e centro de espionagem, migração, jogo, agiotagem,

## RECENSÃO

prostituição, entre outras chagas sociais, tudo é pintado com realismo e sempre com subtil crítica, fina ironia ou sarcasmo.

Em certo sentido poderemos classificar a ideologia decorrente das cenas e locais visitados como expressão de um certo neo-orientalismo português porque a realidade é, em parte, vista pela óptica dos valores do Ocidente, embora não com a vincada marca da superioridade que caracterizava o orientalismo, mas numa perspectiva de irmandade com ‘outro’, acertando o passo com o momento de transição que então se vivia.

Verifica-se um constante cruzamento entre a crónica e a arte de escrever contos totalmente imaginados, respirando-se respeito e compreensão pelos diferentes valores em contrastação, tratando-se de contos exemplares imbuídos de uma certa moralidade que pretendem despertar o leitor para uma Macau que tanto pode ser a ‘desgraça’ como a ‘salvação’ das diferentes personagens.

Cada conto é uma unidade independente porque tem um conteúdo e efeito autónomos,

inteligíveis e completos, mas no seu conjunto formam uma unidade identitária em que subjacentemente surge como personagem colectiva diferente e autónoma: Macau. Têm situações e personagens que se continuam em diferentes contos e cujas acções surgem numa lógica de ligação e desenvolvimento a anteriores. Anote-se que para a unidade da obra relevam tanto elementos textuais como paratextuais. Constata-se a concretização da moderna teoria dos contos ao referir como sua característica a existência simultânea na narrativa de personagens aparentes ou evidentes e personagens escondidas ou subjacentes.

Esta obra versa temas tratados na escrita de Macau por outros autores, dos quais destacamos Deolinda da Conceição e Henrique de Senna Fernandes, revelando uma capacidade de captar a alma de Macau e das suas gentes em contos breves, mas densamente povoados de espaços, pessoas, sentimentos e situações vividas num tempo e num lugar perfeitamente definidos: Macau no último quartel do século XX. **RC**

## NOTAS

- 1 *Ou Mun* é o nome chinês de Macau em cantonense, dialecto falado local.
- 2 A *Revista Macau* é uma publicação noticiosa e cultural do Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, estando disponível em <https://www.revistamacau.com.mo/>.
- 3 A 2.<sup>a</sup> edição foi publicada pela LITS — uma empresa de Macau com presença nas áreas da cultura e da tradução.
- 4 José Carlos Seabra Pereira, *O Delta Literário de Macau* (Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2015), 392–399.
- 5 Pereira, *O Delta Literário*, 392.
- 6 Orlando Neves, prefácio a *Contos de Ou Mun*, de António Correia (Macau: LITS, 2020), 13.
- 7 Correia, *Contos de Ou Mun*, 19.
- 8 Correia, *Contos de Ou Mun*, 26.
- 9 Correia, *Contos de Ou Mun*, 42.
- 10 Correia, *Contos de Ou Mun*, 61.

- 11 Correia, *Contos de Ou Mun*, 61.
- 12 Correia, *Contos de Ou Mun*, 72.
- 13 *Ma ma san* ou *mamasan* refere-se geralmente a uma mulher em posição de poder, especialmente as responsáveis pelas casas de *geishas*, bares ou clubes nocturnos.
- 14 Correia, *Contos de Ou Mun*, 73.
- 15 Correia, *Contos de Ou Mun*, 73.
- 16 Correia, *Contos de Ou Mun*, 76.
- 17 Correia, *Contos de Ou Mun*, 85.
- 18 António Correia é autor dos livros *Amor Felino* (2009) e *Amor Canino* (2016).
- 19 Nome dado aos pauzinhos usados pelos chineses para comer.
- 20 Correia, *Contos de Ou Mun*, 96.
- 21 Correia, *Contos de Ou Mun*, 97.
- 22 Correia, *Contos de Ou Mun*, 105.
- 23 Correia, *Contos de Ou Mun*, 105.



BOOK REVIEW

- |    |                                         |    |                                                                                                                                                                     |
|----|-----------------------------------------|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 24 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 106. | 32 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 210.                                                                                                                             |
| 25 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 108. | 33 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 221.                                                                                                                             |
| 26 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 115. | 34 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 223.                                                                                                                             |
| 27 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 118. | 35 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 237–238.                                                                                                                         |
| 28 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 123. | 36 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 239.                                                                                                                             |
| 29 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 133. | 37 | Sobre o processo tradutório desta obra estivemos à conversa com a tradutora, em Setembro de 2023, decorridas mais de duas décadas após a primeira fase de tradução. |
| 30 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 158. |    |                                                                                                                                                                     |
| 31 | Correia, <i>Contos de Ou Mun</i> , 189. |    |                                                                                                                                                                     |

BIBLIOGRAFIA

Correia, António. *Contos de Ou Mun* 澳門故事. Traduzido por Iok Lan Fu Barreto 傅玉蘭. Macau: LITS, 2020.

Neves, Orlando. Prefácio a *Contos de Ou Mun*, de António Correia. Macau: LITS, 2020.

Pereira, José Carlos Seabra. *O Delta Literário de Macau*. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2015.



**Sobrevidas da Epopeia Camoniana**

A epopeia camoniana revela um poder de atracção, quer centrípeto quer centrífugo, sem igual dentro da literatura portuguesa. Para ela convergem inúmeras experiências literárias, nomeadamente subsequentes à sua publicação, em 1572, sendo notável a sua capacidade de ser objecto de reapropriações, reescritas, e mesmo paródias. Este artigo ocupa-se de algumas instâncias dessa sobrevida histórica e simbólica do poema épico camoniano, dentro da literatura portuguesa, caracterizando-o como um caso único no quadro de uma longa história da literatura.

(Helena Carvalhão Buescu, pp. 6–16)

**Descrições e Iconografia do Jardim e Gruta de Camões no Século XVIII**

Neste artigo proponho mostrar como a notoriedade da obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões está na origem do surgimento em Macau do primeiro local de homenagem ao poeta português através dos relatos dos viajantes estrangeiros que rumaram à China no século XVIII com objectivos comerciais ou diplomáticos. Quando a publicação de livros era ainda diminuta e as limitações técnicas apenas permitiam a inserção de poucas ilustrações, no entanto, a descrição e iconografia da Gruta de Camões são presença

constante nestas publicações e tornam-se o primeiro símbolo de Macau além-fronteiras.

(João F. O. Botas, pp. 18–35)

**Revisitar a Oficina de Fundição de Canhões de Bocarro em Macau**

Não obstante não ter surgido qualquer outro documento de prova cabal, o presente ensaio visa visitar alguma da literatura antiga sobre a oficina de fundição de canhões estabelecida em Macau (c. 1627–1650) por Manuel Tavares Bocarro para expor lacunas no nosso conhecimento, bem como para encorajar mais investigações nesta área. Em sintonia com a historiografia recente, este ensaio reconhece o intercâmbio tecnológico de armamento na Eurásia, em contraste com uma prioridade europeia absoluta do século XVI. Como se verá, isto é amplamente demonstrado pelo intercâmbio tecnológico entre Portugal e a China Ming contratado em Macau. Como igualmente demonstrado, o intercâmbio não se limitou à China, mas estendeu-se também ao Japão e ao Vietname, a pedido da dinastia Nguyễn do Sul.

(Geoffrey C. Gunn, pp. 36–57)

**‘Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao’: Um Falso Príncipe de Macau na França do Século XVIII**

A 24 de Setembro de 1749,

foi apanhado um ‘negro excelente’, bem vestido, falando e escrevendo francês com surpreendente desenvoltura, no porto de Morlaix, em Finisterra, frequentado muitas vezes por corsários bretões. Preso depois de uma briga numa taberna da cidade, foi identificado pela polícia de Morlaix como sendo procurado em diversos portos da Bretanha por ter muitas contas por pagar e distribuído notas e letras de câmbio falsas. Durante o interrogatório policial, o réu identificou-se surpreendentemente como o ‘Príncipe de Macau’ e o filho primogénito do Rei ‘Grande Senhor de Macau’. Para espanto dos funcionários, ele assinou com elegância as suas declarações como ‘Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao’. Este ensaio visa investigar este caso criminal bem documentado e tentar compreender os contextos e razões desta falsificação estranha de um suposto ‘Príncipe de Macau’ na França do século XVIII.

(Ivo Carneiro de Sousa, pp. 58–71)

**Jaime Correa do Inso, Português, Militar, Viajante e Orientalista, nos Inícios do Séc. XX**

Jaime Correa do Inso foi um oficial da Marinha Portuguesa, que viveu entre 1880 e 1967. Com larguíssima experiência em destacamentos além-mar, antes

e depois da queda da monarquia e consequente implantação da República em Portugal, distinguiram-se por alguns escritos sobre o Oriente, nomeadamente Macau. Numa época onde se procurava saber mais das diferentes geografias lusas pelo mundo, a singeleza da prosa, aliada ao rigor descritivo do que observava, traduziu impressões elucidativas, enquanto português desconhecedor de hábitos e culturas orientais. Habilmente descritas, as suas análises conferem um testemunho primordial sobre a vida da então colónia lusa. Testemunho esse muito interessante, dado ser alguém exterior da realidade luso-chinesa, que observava, reflectia e concluía sobre aspectos culturais muito diferentes dos seus.

(Anabela Nunes Monteiro, pp. 72–90)

**Perto da Área da Grande Baía: O Wuzhuyang 烏豬洋 e a Wuzhuzhou 烏豬洲 (Pulau Babi) em Fontes Chinesas e Portuguesas (c. 1400–1600)**

Na era da navegação à vela, Wuzhudao (烏豬島), a leste da Ilha de Sanchoão (上川島), era um ponto de orientação importante para os navios que navegavam entre o Sudeste Asiático e vários locais ao longo da costa do centro de Guangdong. Não existia nenhuma povoação permanente em Wuzhu, mas a ilha fornecia água e os navegadores chineses

associavam-na a uma divindade protectora. Uma parte do mar da área circundante de Wuzhu era designada por Wuzhuyang (烏豬洋). Todavia, a sua extensão e limites precisos permaneciam desconhecidos. Um terceiro topónimo, Wuzhumen (烏豬門), leva-nos a outras questões. O presente ensaio discute referências seleccionadas nos mapas, textos náuticos e outros textos do período Ming que se relacionam com estes locais com várias ilhas próximas. Considera também outros lugares mencionados em conjunto com o Wuzhuyang. Entretanto, também foram estudadas as fontes portuguesas, em que a Wuzhudao aparece com um nome malaio: Pulau Babi. A análise destes materiais confirma a impressão dada pelos textos e mapas chineses, nomeadamente que Wuzhu/Pulau Babi era um marco importante em contextos náuticos.

(Roderich Ptak, pp. 92–124)

**Macau por Construir — Uma Breve História das Propostas de Planeamento Urbanístico não Realizadas de Macau**

Mais de metade do território de Macau é constituído por terras recuperadas ao mar. A maioria deste aumento teve lugar durante o século XX, mas, ainda hoje, Macau continua a expandir-se progressivamente para as águas

circundantes. Na verdade, cada aterro é uma *tabula rasa* — uma ‘ardósia em branco’ sem edifícios ou infraestruturas existentes — que permite reimaginar o que uma cidade contemporânea pode ser. Isto engloba decisões quantificáveis sobre a organização das ruas, volumes de construção, e ligações infraestruturais, implica também a consideração de efeitos qualitativos: graus de liberdade, restrição, coerência, complexidade, legibilidade, permeabilidade, interioridade, intimidade e mistério, as relações sinérgicas entre diferentes áreas, e os tipos de estilos de vida desse modo permitidos e engendrados. O resultado cumulativo é um *patchwork* de contíguos mas descontínuos fragmentos urbanos, sendo cada um uma manifestação das ideias contemporâneas sobre o desenho da cidade desejável. E por cada projecto construído, houve muitas mais propostas por executar. Colectivamente, é delineada uma história alternativa, ou histórias alternativas de Macau: um conjunto de Macau-fantasma que mostram o que poderia ter sido e sugerem o que ainda pode ser possível.

(Thomas Daniell, pp. 126–142)

**Contos de Ou Mun de António Correia**

Esta reflexão permite-nos concluir que António Correia



## RESUMOS

registou, em forma de contos breves, cenas da sociedade de Macau em que, por vezes, participa como autor-narrador, podendo esta obra ser considerada uma radiografia datada da sociedade

de Macau com apontamentos autobiográficos, na medida em que ao expor as nuances sociais, também, frequentemente, se coloca a si próprio como personagem interveniente no desenrolar dos

acontecimentos e, não raras vezes, dá a sua opinião e interpretação particular dos acontecimentos e comportamentos das personagens. (Jorge Bruxo, Lurdes Escaleira, pp. 144–161)

## ABSTRACTS

---

### **Vitalities of the Camonian Epic**

Camões' epic reveals a power of attraction, both centripetal and centrifugal, unrivalled in Portuguese literature. Numerous literary experiences converge on it, particularly after its publication in 1572, and its ability to be reappropriated, rewritten and even parodied is remarkable. This article deals with some instances of the historical and symbolic survival of Camões' epic poem within Portuguese literature, characterising it as a unique case in the long history of literature. (Helena Carvalhão Buescu, pp. 6–16)

### **Descriptions and Iconography of the Camões Garden and Grotto in the 18<sup>th</sup> Century**

Through the records of the eighteenth-century foreign travellers who visited China for commercial or diplomatic purposes, this article analyses the legend surrounding Luís de Camões' epic *Os Lusíadas* and the origin of the first place in Macao to honour the Portuguese

poet. Due to the limited number of books published at the time, technical constraints only allowed for the insertion of a few illustrations, yet descriptions and images of the Camões Grotto appeared frequently in these publications and became a prominent border-crossing symbol of Macao.

(João F. O. Botas, pp. 18–35)

### **Revisiting the Bocarro Cannon Foundry in Macao**

Allowing that no additional 'smoking gun' document has come to light, this article seeks to revisit some of the early literature on the cannon foundry established in Macao (c. 1627–1650) by Manuel Tavares Bocarro to expose gaps in our understanding as well as to encourage further research in this area. In line with recent historiography, the article acknowledges technological exchange in weaponry across Eurasia as opposed to an absolute European priority from the

sixteenth century. As argued, this is amply demonstrated by the Portuguese–Ming China technology exchange such as contracted in Macao. As also demonstrated, the exchange was not confined to China but extended also to Japan and Vietnam under the southern Nguyễn dynasty at their request.

(Geoffrey C. Gunn, pp. 36–57)

### **'Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao': A Faked Prince of Macao in 18<sup>th</sup>-Century France**

On September 24, 1749, a 'superb black man', well dressed, speaking and writing French with surprising resourcefulness, was arrested in the port of Morlaix in Finisterre, often frequented by Breton corsairs. Arrested after a fight in a tavern in the city, the person was identified by the Morlaix police as someone wanted in several ports of Brittany for having left many unpaid bills and distributing counterfeit bills of debt and exchange. During the

police interrogation, the defendant surprisingly identified himself as the 'Prince of Macao' and the elder son of its king, the 'Grand Lord of Macao'. To the astonishment of the officials, he signed his statements with elegance as 'Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao'. This article investigates this well-documented criminal case and then tries to understand the contexts and reasons for this strange falsification of a supposed 'Prince of Macao' in mid-18<sup>th</sup>-century France.

(Ivo Carneiro de Sousa, pp. 58–71)

# **Jaime Correa do Inso, Portuguese Military Officer, Traveller and Observer of Macao at the Beginning of the 20<sup>th</sup> Century**

Jaime Correa do Inso was a Portuguese naval officer who lived between 1880 and 1967. With extensive experience in overseas postings, both before and after the fall of the monarchy and the subsequent establishment of the Republic in Portugal, he distinguished himself by writing about the Orient, particularly Macao. At a time when people were trying to find out more about the different Portuguese geographies around the world, the simplicity of his prose, coupled with the descriptive rigour of what he observed, conveyed enlightening impressions. His skilful analyses provide a primordial testimony

about life in Macao at the period. This testimony is interesting, given that he was an outsider to the Luso-Chinese reality who observed, reflected and concluded on cultural aspects that were very different from his own.

(Anabela Nunes Monteiro, pp. 72–90)

# **Near the Greater Bay Area: The Wuzhu Sea 烏豬洋 and Wuzhu Island 烏豬洲 (Pulau Babi) in Chinese and Portuguese Sources (c. 1400–1600)**

In the age of sail, Wuzhu Island (烏豬島), to the east of Shangchuan (上川島), was a major point of orientation for ships proceeding back and forth between Southeast Asia and various locations along the shores of central Guangdong. There was no permanent settlement on Wuzhu, but the island provided water and Chinese sailors associated it with a protective deity. One part of the sea in the area around Wuzhu was called Wuzhuyang (烏豬洋). However, its precise extension and limits remain unknown. A third toponym, Wuzhumen (烏豬門), leads to further questions. The article discusses selected references to these places and various nearby islands recorded on maps and in nautical and other texts of the Ming period. It also considers additional spaces mentioned together with the Wuzhuyang. A further focus is on Portuguese sources. In these

works, Wuzhu Island appears under a Malay name: Pulau Babi. The analysis of this material confirms the impression provided by Chinese texts and maps, namely that Wuzhu/Pulau Babi was an important landmark in nautical contexts.

(Roderich Ptak, pp. 92–124)

# **Unbuilt Macao — A Brief History of Unrealised Urban Planning Proposals for Macao**

More than half of the territory of Macao is land reclaimed from the sea. The majority of this growth took place during the twentieth century, but even now Macao continues to expand incrementally into the surrounding waters. Each reclamation is effectively a *tabula rasa* — a 'blank slate' with no existing buildings or infrastructure — that allows the reimagining of what a contemporary city might be. This includes quantifiable decisions about street organisation, building volumes, and infrastructural links, but also entails consideration of qualitative effects: degrees of freedom, constraint, coherence, complexity, legibility, permeability, interiority, intimacy, and mystery, the synergistic relationships between different areas, and the types of urban lifestyles thereby enabled and engendered. The cumulative result is a patchwork

## RESUMOS

of contiguous yet discontinuous urban fragments, each one a manifestation of contemporaneous ideas about desirable city design. And for every project built, there have been many more unbuilt proposals. Collectively, these delineate an alternative history, or histories, of Macao: an array of phantom Macao that show what might have been and suggest what

might still be possible.  
(Thomas Daniell, pp. 126–142)

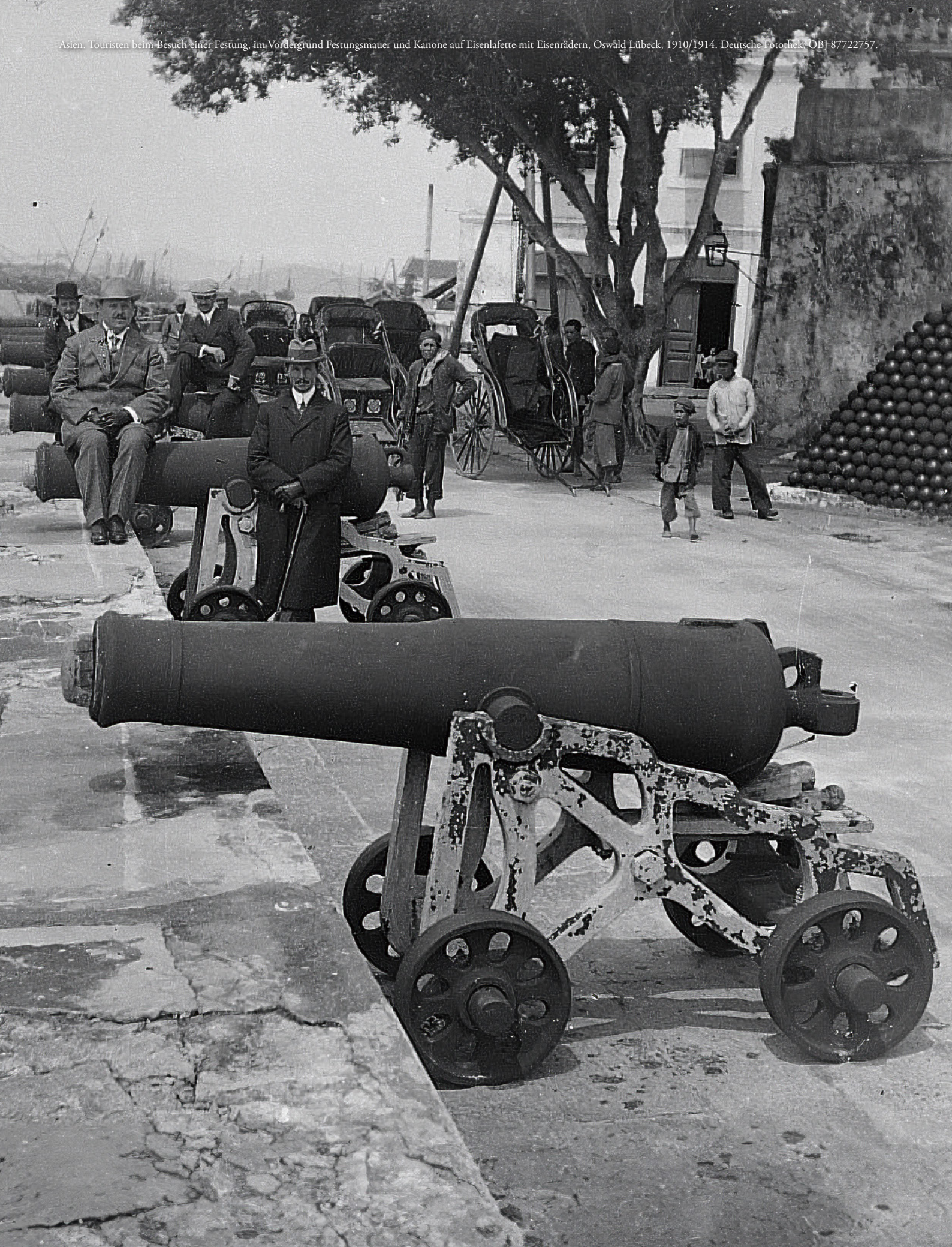
### ***Contos de Ou Mun* by António Correia**

António Correia has captured, in the form of short stories, some particular moments from Macao society in which he occasionally participates as an author-narrator. This work can be considered as

a radiography of Macao society with autobiographical notes. When exposing social nuances, the author also places himself as a character involved in the unfolding of events and, simultaneously gives his own opinions and personal interpretation of the events and behaviours of the characters.  
(Jorge Bruxo, Lurdes Escaleira, pp. 144–161)









# Convite à Submissão de Artigos

A *Revista de Cultura* implementou em 2022, primeiramente em modo experimental, a avaliação pelos pares de todos os artigos submetidos e publicados e adoptou este método a partir de 2023. Aceitam-se artigos escritos em inglês ou português.

## Categorias

1. Artigos de investigação: Incluindo artigos académicos e artigos técnicos abordando temas como os Estudos de Macau, História e Cultura de Macau, Estudos sobre o Património Cultural de Macau, Intercâmbios Históricos Religioso e Cultural de Macau ou Interior da China, Arte, Música, Literatura, bem como todas as áreas relacionadas com Macau e a região circundante. Os artigos devem:
  - ter de 5000 a 10.000 palavras
  - possuir métodos de investigação, argumentação e conclusão da investigação
  - incluir um resumo, em inglês e português, entre 150 a 250 palavras cada e um máximo de cinco palavras-chave
  - entregar as notas e referências bibliográficas (em documento isolado).
2. Notas de Pesquisa: Textos breves e concisos que descrevam e reportem novos dados, relacionados com a História e Cultura de Macau, como também tradução e compilação de fontes históricas de relevo.
3. Críticas literárias e artísticas: Avaliação e análise curta relativa a Literatura e Arte de Macau, que deve:
  - incluir um resumo, em inglês e português, entre 150 a 250 palavras cada e com um máximo de cinco palavras-chave
  - incluir as notas e referências bibliográficas (em documento isolado).
4. Recensões de livros: Descrição e avaliação de obras relacionadas com Macau ou escritas por autores locais. Deverá conter entre 1000 a 1500 palavras.

## Submissão

1. Os artigos devem ser submetidos em anexo e enviados para **cms.rc@um.edu.mo**. No correio deve constar o/s nome/s do/s autor/es, o endereço para correspondência, o telefone de contacto e o endereço de email. O/s nome/s do/s autor/es serão publicados seguindo a ordem contida no ficheiro entregue.
2. Solicitam-se as biografias de todos os autores em inglês e português no máximo de 20 palavras cada.
3. As biografias dos autores, os resumos, as palavras-chave, as legendas das imagens, as notas e a bibliografia devem ser submetidas em documentos isolados, em anexo ao correio electrónico referido.
4. Caso o trabalho tenha sido objecto de financiamento, essa informação deve constar nas observações do texto. A RC pode solicitar documentos comprovativos, caso necessário.
5. O Guia de Estilo para Autores pode ser consultado em: **www.icm.gov.mo/rc/4**
6. Antes da submissão, o autor deve obter consentimento por escrito do/s proprietário/s do/s direito/s de autor que reproduzir, incluindo, mas não se limitando às imagens, figuras, ilustrações, tabelas e texto do proprietário. Ao enviar um artigo à RC, o autor está a assumir a responsabilidade por qualquer violação de direitos e garantias. Se houver qualquer violação de direito de autor, o autor indemniza o publicador e o editor pela violação de tal garantia ou restrições de direitos de autor.

## Outras Regras

1. A RC não devolve os artigos submetidos e informa que os mesmos serão avaliados pelos pares, membros da comunidade científica. Caso não receba a confirmação de que o artigo vai ser publicado no espaço de quatro meses, o autor poderá presumir que o seu artigo foi rejeitado.
2. A equipa editorial da RC poderá rever, modificar e retirar partes do texto. Assim que o artigo for publicado, serão enviadas duas cópias da *Revista* e a respectiva remuneração ao autor.
3. O material publicado na RC poderá ser reproduzido, reimprimido, traduzido, publicado como parte de uma compilação, apresentado para acesso livre nas páginas electrónicas do Instituto Cultural do Governo da R.A.E de Macau e dos seus parceiros ou adjudicatários, bem como vendido na página electrónica em forma de livro electrónico (número completo). No que concerne a esta matéria, o autor não receberá qualquer remuneração adicional.
4. O artigo submetido deve ser original. O autor assumirá a responsabilidade por qualquer violação de direitos de autor.
5. A RC não aceita envios em simultâneo para várias publicações. O autor é obrigado a notificar a RC por escrito caso seja necessário retirar o artigo submetido, ou se o artigo for submetido a outra publicação, tiver sido aceite ou publicado por outras publicações, assim que receba a notificação oficial para publicação. O autor assumirá a responsabilidade por qualquer consequências causada devido a envios simultâneos para várias publicações.

The *Review of Culture* introduces a trial run of peer review in 2022 and implements the process from 2023. All manuscripts submitted are reviewed by expert referees in the field. Articles written in English or Portuguese are all welcome.

# Call for Papers

## Types of Article

1. Research Article: on the topics of Macao Studies, history and culture of Macao, cultural heritage of Macao, religious and cultural interchange between Macao and the Chinese mainland in the fields of history, art, music, literature and all fields within the broader humanities relating to Macao and its wider region. It should:
  - be between 5,000 and 10,000 words
  - be written with methods, discussion and conclusion sections
  - contain abstracts in English and Portuguese between 150 and 250 words each and a maximum of five key words
  - contain endnotes and bibliography (in individual email attachments)
2. Research Note: novel academic findings in the fields of history and culture of Macao, concise writing of new perspectives and reflections, translation and collation of important historical materials.
3. Review Article: short review and analysis of Macao literature and art. It should:
  - contain abstracts in English and Portuguese between 150 and 250 words each and a maximum of five key words
  - contain endnotes and bibliography (in individual email attachments)
4. Book Review: insight and opinion on works about Macao or on writings by local author. It should be between 1,000 and 1,500 words.

## Submission Guidelines

1. Manuscript should be submitted by email to [cms.rc@um.edu.mo](mailto:cms.rc@um.edu.mo), with author's name, mailing address, contact number and email address. Author names shall be published in the order as they appear in the manuscript.
2. Biographies in English and Portuguese not exceeding 20 words each for all authors on a submission are required.
3. Author biographies, abstracts and keywords, image captions, notes, and bibliography should be submitted in individual email attachments.
4. Funding details, if any, should be presented in a remark at the end of the manuscript. *RC* may require grant award document if necessary.
5. Please refer to the Style Guide for Authors at [www.icm.gov.mo/rc/4](http://www.icm.gov.mo/rc/4) for style and formatting details.
6. Prior to submission, the author must obtain written permission from the copyright holder to reproduce third-party material in the article, including but not limited to image, figure, illustration, table and proprietary text. By submission of a manuscript, the author indemnifies the publisher and editors against any breach of such warranty and copyright restrictions.

## Other Rules

1. *RC* does not return manuscripts. After submission, the manuscript shall undergo the peer review process. The author may assume the manuscript is rejected if no notification of formal acceptance is received within four months after submission.
2. The editorial team may revise, modify and remove any part of the manuscript. After the manuscript is published with *RC*, the author shall receive a remuneration and two complimentary copies of the full issue in which the article appears.
3. Articles published in *RC* may be reprinted, reproduced, republished, translated, published as part of a compilation, uploaded for free access to the webpage of the Cultural Affairs Bureau of the Macao SAR Government and its partners and contractors, and for sale on the Cultural Affairs Bureau website in the form of ebook of the full issue. The author shall not receive additional remuneration for these matters.
4. The manuscript must be original. The author shall be liable for any copyright infringement.
5. *RC* does not accept simultaneous submission. The author must notify *RC* in writing if they need to withdraw a submitted manuscript, or if the submitted manuscript is under consideration, accepted or has been published by other publishers by the time the author receives the notification of formal acceptance of the manuscript. In case of simultaneous submission, the author shall be liable for all consequences that may arise.





# Grandes Compras Grandes Descontos Bulk purchase offer

A Revista de Cultura tem os seus descontos específicos e não está incluída nesta oferta.

The Review of Culture follows the original discounts and is excluded from this offer.

Desconto de **20%** na compra de 5 ou mais livros  
discount on the purchase of 5 or more books

Desconto de **15%** na compra de 3 ou 4 livros  
discount on the purchase of 3-4 books

Desconto de **10%** na compra de 2 livros  
discount on the purchase of 2 books

[www.icm.gov.mo/bookshop](http://www.icm.gov.mo/bookshop)



RC  
文化雜誌  
澳門國際文化研究中心

RC  
文化雜誌  
澳門國際文化研究中心

RC  
文化雜誌  
澳門國際文化研究中心

RC  
文化雜誌  
澳門國際文化研究中心

RC

Revista de Cultura  
Review of Culture

Oferta Especial  
da Livraria Online

Até **50** % de desconto  
Up to **50** % off

Online Book Shop  
Special Offer

As encomendas para o exterior  
serão enviadas pelo Serviço  
de Correio Expresso (EMS)  
Os leitores de Macau podem  
levantar os livros em qualquer  
uma das 13 bibliotecas  
públicas do Instituto Cultural

Fast delivery by EMS to  
overseas recipients  
Self pickup arrangement for  
local recipients at any of the  
13 public libraries under the  
Cultural Affairs Bureau

[www.icm.gov.mo/bookshop](http://www.icm.gov.mo/bookshop)













國立歷史博物館

ISSN 1682-1106



9 771682 110004

eISSN 3006-4880(PDF)